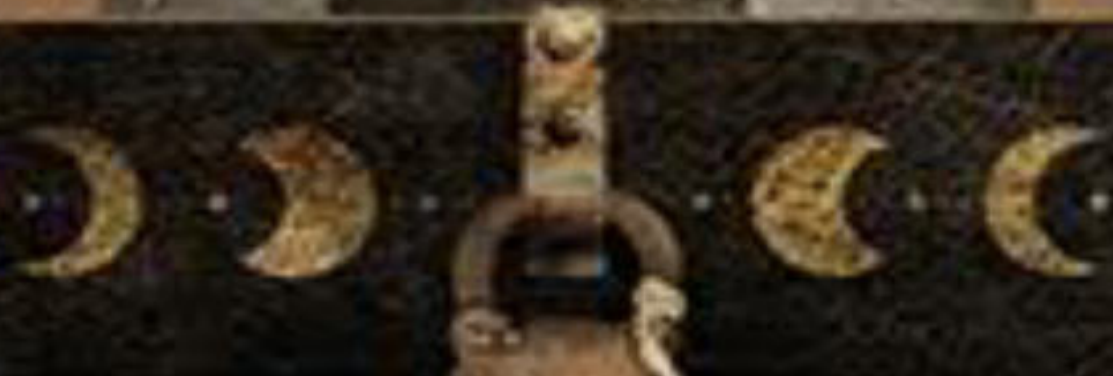


ALEXIS HENDERSON



O ANO DAS BRUXAS

BARBOUR

CONTEÚDO

A fera

Sangue

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove

Praga

Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove

Escuridão

Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete

Abate

Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Epílogo

Agradecimentos
Sobre o autor

Para minha mãe, a quem devo tudo.



A FERA

ELA NASCEU de culatra, na calada da noite. A parteira, Martha, teve que agarrá-la pelos tornozelos e tirá-la do útero. Ela saiu facilmente, caiu mole nos braços de Martha e ficou imóvel como uma pedra.

A filha da parteira deu um gemido baixo que borbulhou de sua barriga. Ela agarrou as dobras de sua camisola, a bainha encharcada de sangue, mas não fez nenhum movimento para alcançar seu filho. Em vez disso, ela virou a cabeça, bochecha pressionada contra a mesa, e olhou através da cozinha para a janela acima da pia, olhando para a floresta.

“O nome dela,” ela exigiu, olhos afiados com o luar. “Dê-me o nome dela.”

A parteira pegou o bebê, cortou seu cordão e a envolveu em um pedaço de estopa. A criança estava fria contra seu peito, e ela teria pensado que ela estava morta se não fosse pelo nome que chacoalhava no fundo de sua garganta, seu sabor amargo como bile, e ainda doce como vinho. O gosto do nome que o Pai escolhera para ela. Mas ela não queria dizer isso – não em voz alta.

Com suas últimas forças, a garota se virou para encará-la. “O nome. Eu quero o nome dela.”

“Immanuelle,” ela finalmente falou como uma maldição. “Ela se chamará Emanuelle.”

Com isso, a garota na mesa sorriu, os lábios azuis se esticando. Então ela riu, um som feio de gargarejo que ecoou pela cozinha, derramando-se para a sala, onde o resto da família estava sentado esperando, ouvindo.

“Uma maldição,” ela sussurrou, ainda sorrindo para si mesma. “Uma pequena maldição, assim como ela disse. Assim como ela me disse.”

A parteira segurou a criança perto, fechando os dedos para acalmar seu tremor. Ela olhou para a filha, deitada mole na mesa, uma poça escura de sangue entre as coxas. "Assim como quem te disse?"

“A mulher na floresta,” a garota moribunda sussurrou, mal respirando. "A bruxa. A fera."

PARTE I



Sangue



CAPÍTULO UM

Da luz veio o Pai. Da escuridão, a Mãe. Isso é tanto o começo quanto o fim.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

IMMANUELLE MOORE AJOELHOU -SE aos pés do altar, as palmas das mãos juntas em oração, a boca aberta. Acima dela, o Profeta assomava vestes de veludo preto, a cabeça raspada, as mãos estendidas ensanguentadas.

Ela olhou para ele – traçando o caminho da longa e irregular cicatriz que esculpiu o lado de seu pescoço – e pensou em sua mãe.

Em um movimento fluido, o Profeta se virou para ela, as vestes farfalhando enquanto ele olhava para o altar, onde um cordeiro estava eviscerado. Ele colocou a mão em sua cabeça, então deslizou os dedos profundamente na ferida. Quando ele se virou para encarar Immanuelle novamente, o sangue escorreu por seu pulso e desapareceu nas sombras de sua manga, algumas das gotas caindo no piso manchado aos seus pés. Ele a pintou com o sangue, seus dedos quentes e firmes enquanto percorriam o lábio superior até o queixo. Ele se deteve por um momento, como se quisesse recuperar o fôlego, e quando falou sua voz estava entrecortada. “Sangue do rebanho.”

Immanuelle o lambeu, sentindo o gosto de salmoura e ferro enquanto se levantava. “Para a glória do Pai”.

No caminho de volta para seu banco, ela teve o cuidado de não dar uma olhada no cordeiro. Uma oferenda do rebanho de seu avô, ela a trouxe como um tributo na noite anterior, quando a catedral estava vazia e escura. Ela não havia testemunhado o massacre; ela se desculpou e recuou para fora muito antes dos apóstolos levantarem suas lâminas. Mas ela ouviu, as orações e murmúrios abafados pelos gritos do cordeiro, como os de um bebê recém-nascido.

Immanuelle observou enquanto o resto de sua família se movia pela procissão, cada um deles recebendo o sangue por sua vez. Sua irmã Glory foi a primeira, ajoelhando-se e atendendo o Profeta com um sorriso. A mãe de Glory, Anna, a mais nova das duas esposas de Moore, recebeu a bênção às pressas, conduzindo sua outra filha, Honor, que lambeu o sangue de seus lábios como se fosse mel. Por fim, Martha, a primeira esposa e avó de Emanuelle, aceitou a bênção do Profeta

com os braços levantados, os dedos trêmulos, o corpo tomado pelo poder da luz do Pai.

Immanuelle desejou poder sentir como sua avó sentia, mas sentada ali no banco, tudo o que sentiu foi o calor residual do sangue do cordeiro em seus lábios e o zumbido incessante de seu batimento cardíaco.

Nenhum anjo empoleirado em seus ombros. Nenhum espírito ou deus se moveu nela.

Quando o último da congregação estava sentado, o Profeta ergueu os braços para as vigas e começou a orar. “Pai, viemos a Ti como servos e seguidores ansiosos para fazer o Teu trabalho.”

Immanuelle rapidamente abaixou a cabeça e fechou os olhos com força.

“Pode haver entre nós aqueles que estão distantes da fé de nossos ancestrais, insensíveis ao toque do Pai e surdos à Sua voz. Em nome deles, eu oro por Sua misericórdia. Peço que encontrem consolo não na escuridão da Mãe, mas na luz do Pai”.

Com isso, Immanuelle abriu um olho e, por um momento, ela poderia jurar que o olhar do Profeta estava sobre ela. Seus olhos estavam bem abertos no auge de sua oração, olhando para ela nas lacunas entre as cabeças curvadas e os ombros trêmulos. Seus olhos se encontraram, e os dele se afastaram. “Que o reino do Pai reine.”

O rebanho do Profeta falou como um só: **“Agora e para sempre”**.



IMMANUELLE DEitou -se à beira do rio com sua amiga Leah, ombro a ombro, ambas bêbadas do calor do sol do meio-dia.

A alguns metros de distância, o resto da congregação se reuniu em comunhão. Para a maioria, a sombra da matança do sábado já havia se desvanecido para uma memória distante. Tudo estava em paz e a congregação estava satisfeita em permanecer nisso.

Ao lado de Immanuelle, Leah se deitou de costas, olhando para o espessos bancos de nuvens que assomavam acima. Ela era uma visão, vestida de chiffon azul-celeste, suas saias ondulando suavemente com a brisa. “É um bom dia”, disse ela, sorrindo enquanto o vento arrebatava seu cabelo.

Nas Escrituras e nas histórias, nos vitrais de na catedral ou nas pinturas que pendiam de suas paredes de pedra, os anjos sempre se pareciam com Leah: cabelos dourados e olhos azuis, vestidos com sedas e cetins finos, com bochechas carnudas e pele pálida como pérolas de rio.

Quanto às garotas como Immanuelle – as da periferia, com pele escura e cachos pretos, maçãs do rosto tão afiadas quanto pedra lapidada – bem, as Escrituras nunca as mencionavam. Não havia estátuas ou pinturas à sua imagem, nem poemas ou histórias escritas em sua homenagem. Eles não foram mencionados, não foram vistos.

Immanuelle tentou afastar esses pensamentos de sua mente. Ela não queria ter ciúmes de sua amiga. Se havia alguém no mundo que merecia ser amado e admirado, era Leah. Leah com sua paciência e virtude. Leah, que, quando todas as outras crianças da escola desprezaram Immanuelle como uma filha do pecado, marchou pelo pátio, pegou-a firmemente pela mão e enxugou suas lágrimas com a manga.

Lia, sua amiga. O único que ela tinha.

E Leah estava certa: **foi** um bom dia. Teria sido um dia quase perfeito, não fosse o fato de ser um dos últimos de seu tipo, um dos últimos sábados que teriam juntos.

Durante anos, todos os sábados, os dois se encontravam após o término do culto. Nos meses de inverno, eles se amontoavam em um banco vazio nos fundos da catedral e fofocavam para passar o tempo. Mas nas estações quentes, Leah trazia uma grande cesta de piquenique recheada com doces da padaria de sua família no vilarejo. Nos dias bons, havia uma variedade de biscoitos e pães doces, scones e biscoitos, e nos melhores dias, um pouco de favo de mel ou geléia para acompanhar. Juntos, eles encontravam um lugar perto do riacho e comiam, fofocavam e davam risadinhas até que suas famílias os chamassem para casa. Era esse o seu costume, como se naquelas longas tardes na campina o mundo começasse e terminasse ali à beira do rio. Mas, como a maioria das coisas boas que Immanuelle conhecia, seu costume não foi feito para durar. Dentro de duas semanas, Leah se casaria com o Profeta. Nesse dia, uma vez que ela fosse cortada, ela não seria mais a companheira de Emanuelle, mas sua.

“Vou sentir falta de dias como este,” disse Leah, quebrando o silêncio. “Vou sentir falta dos doces e do sábado e de estar aqui com você.”

Immanuelle deu de ombros, arrancando folhas de grama. Seu olhar seguiu o caminho do rio pelas planícies inclinadas e pelos juncos, até se derramar na floresta distante e desaparecer, devorado pelas sombras. Havia algo na maneira como a água escorria pelas árvores que a fazia querer se levantar e segui-la. “As coisas boas acabam.”

“Nada está acabando,” Leah a corrigiu. “Tudo está apenas começando. Estamos crescendo”.

“Crescendo?” Emanuelle zombou. “Ainda nem sangrei.”

Era verdade. Ela tinha quase dezessete anos e nunca teve seu fluxo. Todas as outras garotas de sua idade haviam sangrado anos atrás, mas não Immanuelle. Nunca Emanuelle. Martha quase a declarara estéril meses atrás. Ela não deveria sangrar ou ser esposa ou ter filhos. Ela permaneceria como estava agora, e todos os outros cresceriam, passariam por ela e a deixariam para trás, como Leah faria em poucas semanas. Era apenas uma questão de tempo.

“Você vai sangrar um dia”, disse Leah com firmeza, como se declarando ela poderia fazê-lo assim. “Apenas dê um tempo. A doença vai passar.”

“Não é doença”, disse Immanuelle, saboreando o cheiro de cordeiro sangue em seus lábios. “É pecado.”

Que pecado especificamente, Immanuelle não podia ter certeza. Ela havia se desviado muitas vezes – lendo em segredo, violando o Protocolo Sagrado, ou esquecendo de fazer suas orações noturnas e adormecer sem ser abençoada. Talvez ela tivesse passado muitas manhãs sonhando acordada nos pastos quando deveria estar pastoreando suas ovelhas. Ou talvez ela não tenha demonstrado um espírito de gratidão ao ser servida com uma tigela de mingau frio. Mas Immanuelle sabia disso: ela tinha pecados demais para contar. Não era de admirar que ela não tivesse recebido a bênção de sangue do Pai.

Se Leah estava ciente das muitas transgressões de Immanuelle, ela não fez menção a elas. Em vez disso, ela acenou para ela com um floreio de mão. “Os pecados podem ser perdoados. Quando o Bom Pai achar conveniente, você vai sangrar. E depois que você sangrar, um homem vai te aceitar, então você será dele e ele será seu, e tudo será como deveria ser.”

Para isso, Immanuelle não disse nada. Ela estreitou os olhos contra o sol e olhou através do campo para onde o Profeta estava entre suas esposas, oferecendo suas bênçãos e conselhos aos fiéis reunidos. Todas as suas esposas usavam vestidos amarelos foscos idênticos, da cor de pétalas de narcisos, e todas traziam o selo sagrado, uma estrela de oito pontas cortada entre as sobrancelhas com a qual todas as mulheres de Betel eram marcadas no dia do casamento.

“Prefiro cuidar das minhas ovelhas”, disse Immanuelle.

“E quando você for velho?” Lia exigiu. “E então?”

“Então serei uma velha pastora,” Immanuelle declarou. “Eu serei uma velha bruxa de ovelha.”

Leah riu, um som alto e bonito que atraiu olhares. Ela tinha um jeito de fazer isso. “E se um homem oferecer sua mão?”

Emanuelle sorriu. “Nenhum homem bom com bom senso quer nada comigo”.

“Bobagem.”

O olhar de Immanuelle se deslocou para um grupo de rapazes e moças da idade dela, talvez um pouco mais velhos. Ela observou enquanto eles riam e flertavam, fazendo espetáculos de si mesmos. Os meninos estufavam o peito, enquanto as meninas brincavam nas águas rasas do riacho, levantando as saias acima dos joelhos na correnteza, tomando cuidado para não ir muito longe por medo dos demônios que espreitavam nas profundezas da água.

“Você sabe que eu ainda vou visitá-lo”, disse Leah, como se sentindo Os medos de Emanuelle. “Você vai me ver no sábado, e depois do meu confinamento eu vou até você no pasto, toda semana se eu puder.”

Immanuelle voltou sua atenção para a comida na frente deles. Ela pegou um pedaço de pão da cesta de piquenique e o cobriu com manteiga fresca e uma mancha sangrenta de geléia de framboesa. Ela deu uma grande mordida, falando com a boca cheia. “Os Solos Sagrados estão muito longe das Clareiras.”

“Eu vou encontrar uma maneira.”

“Não será a mesma coisa,” disse Immanuelle, com um tom petulante em sua voz que a fez se odiar.

Leah abaixou a cabeça, parecendo magoada. Ela torceu o anel da mão direita com o polegar, um tique nervoso que adotara nos dias seguintes ao noivado. Era uma coisa bonita, um anel de ouro com uma pequena pérola de rio, provavelmente alguma herança passada das esposas dos profetas do passado.

“Será o suficiente”, disse Leah ocamente. Depois, com mais firmeza, como se tentasse convencer a si mesma: “Terá de ser suficiente. Mesmo que eu seja forçado a andar pelas estradas no cavalo do próprio Profeta, encontrarei uma maneira de vê-lo. Não vou deixar as coisas mudarem. Juro.”

Immanuelle queria acreditar nela, mas ela era muito boa em detectar mentiras, e ela podia dizer que havia alguma falsidade na voz de Leah. Ainda assim, ela não fez menção a isso. De qualquer forma, nada de bom resultaria disso: Leah estava ligada ao Profeta, e estava desde o dia em que ele a viu pela primeira vez, dois verões antes. O anel que ela usava era apenas um

placeholder, uma promessa forjada em ouro. No devido tempo, essa promessa tomaria a forma da semente que ele plantaria nela. Leah daria à luz um filho, e o Profeta plantaria sua semente de novo e de novo, como fez com todas as suas esposas enquanto ainda eram jovens o suficiente para dar seus frutos.

“Lia!”

Immanuelle olhou para cima para ver que o grupo que estava tocando nas águas rasas do rio estava agora se aproximando, acenando à medida que se aproximavam. Havia quatro deles. Duas garotas, uma linda loira que Immanuelle conhecia apenas de passagem das aulas na escola, e Judith Chambers, a mais nova noiva do Profeta. Então havia os meninos. Pedro, um lavrador corpulento, de ombros grossos como um boi, e quase tão inteligente, filho do primeiro apóstolo. Ao lado dele, com os olhos semicerrados contra o sol, estava Ezra, filho do Profeta e sucessor.

Ezra era alto e de cabelos escuros, com olhos negros como tinta. Ele também era bonito, quase perversamente, atraindo os olhares até das esposas e filhas mais piedosas. Embora tivesse pouco mais de dezenove anos, ele usava uma das doze adagas de ouro do apóstolo em uma corrente em volta do pescoço, uma honra que a maioria dos homens de Betel, apesar de seus melhores esforços, passou a vida inteira sem alcançar.

A garota loira, Hope, que ligou para Leah, falou primeiro. "Você dois parecem que você está aproveitando ao máximo o seu dia."

Leah levou a mão à testa para proteger os olhos do sol, sorrindo enquanto olhava para eles. "Você se juntará a nós?"

Immanuelle amaldiçoou silenciosamente enquanto os quatro se sentavam na grama ao lado deles. O menino boi, Peter, começou a vasculhar o conteúdo da cesta de piquenique, servindo-se de uma generosa porção de pão e geléia. Hope se enfiou entre Immanuelle e Leah e imediatamente começou a tagarelar sobre as últimas fofocas da cidade, que em grande parte giravam em torno de uma garota pobre que havia sido enviada ao mercado por tentar um fazendeiro local ao adultério. Ezra reivindicou o lugar em frente a Immanuelle, e Judith o flanqueou, sentando-se tão perto que seus ombros se tocaram.

À medida que a conversa avançava, Immanuelle fez o possível para se tornar pequena e despretensiosa, desejando ser invisível. Ao contrário de Leah, ela não tinha estômago para sociabilidades. Em comparação com a graça e o charme de Hope, Leah e Judith, ela suspeitava que parecia tão sem graça quanto uma das bonecas de palha de milho de sua irmã.

Do outro lado da cesta de piquenique, Ezra também estava sentado em silêncio, sua adaga cerimonial brilhando ao sol. Ele parecia distraído, quase entediado, nem mesmo se preocupando em concordar com a conversa enquanto seu olhar percorria as planícies distantes, de leste a oeste, depois de volta. Ele observou o horizonte como se estivesse procurando por algo, e Immanuelle não pôde deixar de se perguntar o quê. Ezra ainda não teve sua Primeira Visão e não teria até que a vida de seu pai estivesse chegando ao fim. Esse era o caminho da sucessão — a ascensão de um jovem profeta ao poder sempre significava a morte de seu superior.

Ao lado de Ezra, Judith chupou um pouco de manteiga das pontas dos dedos, apertando os olhos para Immanuelle através da franja grossa de seus cílios. Ela usava um vestido amarelo como o resto das esposas do Profeta, mas o ajuste era um pouco justo demais para ser modesto. Suas saias se enrolavam em suas pernas, e seu corpete estava apertado, beliscando sua cintura e acentuando a curva de seus quadris sob as dobras de sua anágua. O selo entre as sobrancelhas ainda estava rosa, e um pouco inchado, mas cicatrizando bem o suficiente.

Immanuelle se lembrou do dia em que Judith conseguiu seu primeiro sangue. As três, Leah, Immanuelle e Judith, estavam juntas no pátio da escola, colhendo cogumelos de um canteiro de fadas, quando Judith começou a chorar. Ela levantou as saias bem acima dos joelhos, revelando um único fio de sangue escorrendo pela perna direita e desaparecendo na sombra de sua bota. A professora foi rápida em levá-la embora, mas não antes de Immanuelle ouvi-la sussurrar no ouvido de Judith: “Você é uma mulher. Você é uma mulher agora.”

E assim ela era.

Judith foi rápida em abandonar sua infância. Ela desamarrou as tranças e empilhou o cabelo no alto da cabeça, trocou batas e avental por espartilhos e corpetes, e adotou todas as graças e elegância da feminilidade de uma forma que fazia parecer que ela tinha nascido para eles.

Judith lambeu o resto da manteiga da ponta dos dedos e se inclinou mais perto de Immanuelle, tão perto que ela sentiu o doce bálsamo de seu perfume. “É verdade o que dizem sobre você?”

A pergunta pegou Immanuelle de surpresa, embora não devesse. Era o mesmo que ela viu nos lábios de todos os reveladores de língua solta em Betel. Todos eles estavam dizendo a mesma coisa desde a noite em que sua mãe virou a lâmina do Profeta contra ele, quase cortando sua garganta antes de fugir para o Darkwood. Eles seguraram o nome dela em suas bocas como uma coisa suja que foi apreciada mesmo assim.

"Isso depende", disse Immanuelle, fingindo ignorância. "O que eles dizem?"

Judith deu de ombros, sorrindo. "Bem, suponho que se você não sabe já, não deve ser verdade."

"Acho que não", ela resmungou com os dentes cerrados.

Judith inclinou a cabeça para o lado. "Então, você não tem um Dom?"
Emanuelle balançou a cabeça.

Houve um tempo em que Presentes não eram uma raridade. Há muito tempo, no Era da Luz, o Pai abençoou multidões com o poder de realizar maravilhas e operar milagres. Mas desde a Guerra Santa e as eras negras que se seguiram, os Dons tornaram-se escassos. A cada ano que passava, havia menos deles, pois os santos de outrora iam para seus túmulos e levavam seus poderes com eles. Agora, Marta era uma das poucas parteiras em Betel com o dom de dar nome, e apenas os profetas possuíam o dom da visão. Até mesmo os apóstolos estavam limitados a uns poucos selecionados com o poder do Discernimento – um Dom que permitia distinguir a verdade da falsidade – ou o Toque de Cura. Na geração de Immanuelle, Dons foram concedidos a apenas um punhado dos mais favorecidos do Pai – e como bastarda de nascimento, ela era tudo menos isso.

"Pena," disse Judith, nivelando seu olhar. "Eu esperava que houvesse **algo** notável em você. Considerando."

Emmanuelle endureceu. "Considerando o quê?"

Judith arqueou uma sobrancelha perfeita e um sorriso cruel brincou em seus lábios. "Bem, sua mãe, é claro."

Immanuelle sabia que a menção de sua mãe estava chegando. Sempre foi. Mas algo na maneira como Judith disse isso agora dobrou o insulto, fazendo-o doer mais do que o normal.

Por um longo momento houve silêncio, exceto pelo balbuciar do rio e o zumbido das vespas à espreita entre as flores silvestres.

Até a tagarelice distante dos outros frequentadores da igreja parecia silenciar, perdida na rajada de vento na floresta. Então . . .

"Você sabe," disse Emanuelle. "Agora que eu considero isso. . . Eu **tenho** um talento especial para dançar nu na floresta – com as feras e demônios, é claro. É difícil encontrar tempo, com todas as ovelhas que pastoreio, mas quando a lua cheia nasce, faço o que posso." Ela sorriu brilhantemente para Judith. "Tal mãe, tal filha, suponho."

Houve uma pausa, o silvo da respiração puxada. Leah estremeceu quando o grupo caiu mais uma vez em completo e absoluto silêncio.

Pela primeira vez desde que se sentara, o filho do Profeta, Ezra, desviou sua atenção do horizonte. Seus olhos se fixaram em Immanuelle.

Ela soube então que tinha cometido um erro. Um erro pecaminoso e tolo cometido no calor da raiva. Um erro que ela sem dúvida pagaria com uma bronca ou chicotadas, ou talvez até mesmo um dia nas ações do mercado.

Mas então, para sua surpresa, os lábios de Ezra se curvaram em um sorriso torto e ele começou a rir. Não era uma risada maldosa, mas do tipo ruidoso que vem do fundo da barriga. Seus ombros tremeram, e seu cabelo preto caiu sobre seus olhos. Depois de um momento, Peter se juntou a ele, com um berro latindo que atravessou o adro da igreja e atraiu os olhares dos parentes que estavam à sombra da catedral. Isso, por sua vez, fez Ezra rir ainda mais. Em questão de segundos, Leah e Hope se juntaram, e então, finalmente, até Immanuelle abriu um pequeno sorriso. Antes que ela percebesse, todos eles estavam cacarejando juntos como um bando de velhos amigos.

Todos, exceto Judith, que fez pouco mais do que engasgar com uma tosse escandalizada enquanto se levantava. Ela puxou Ezra com ela, puxando seu braço, mas quando ele se levantou, ele ofereceu a Immanuelle aquele sorriso torto dele novamente.

“Até o próximo sábado,” ele gritou por cima do ombro enquanto Judith o conduzia de volta para a catedral, de volta para seu pai, o Profeta, e para longe de Emanuelle. Mas quando ele entrou nas ondas de grama alta balançando, ele fez uma pausa, virando-se para olhar para ela. Algo cintilou em seus olhos, e naquele momento, ela poderia jurar que ele viu a verdade dela.



CAPÍTULO DOIS

Pois o Pai é bom, e sua bondade é eterna. Ele sorri dos céus para conceder bênçãos a Seu rebanho, para que possam encontrar contentamento em Sua luz.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Naquela noite, os Moores se reuniram para o habitual jantar de sábado. Martha cuidava de um caldeirão borbulhante de ensopado de frango pendurado em um gancho de ferro acima do fogo crepitante, enxugando o suor da testa com as costas da mão. Enquanto estava debruçada sobre a lareira, Anna misturava pão com as duas mãos, dobrando punhados de sementes de linhaça e nozes trituradas, cantando hinos enquanto trabalhava. Immanuelle se agachou entre os dois, assumindo tarefas diferentes e tentando o seu melhor para ajudar. Ela era desajeitada na cozinha, mas fez o que pôde para ajudá-los.

Anna, sempre alegre, foi a primeira a quebrar o silêncio. “Foi um bom culto esta manhã, não foi?”

Immanuelle colocou um prato de estanho na cabeceira da mesa, diante da cadeira vazia de seu avô. “Isso foi.”

Marta não disse nada.

Anna mergulhou os punhos na massa de pão novamente. “Quando o Profeta falou, senti como se o ar tivesse sido sugado para fora de mim. Ele é um verdadeiro homem do Pai, aquele. Mais do que outros profetas, até. Temos sorte de tê-lo.”

Immanuelle colocou uma colher ao lado do prato de Martha e outra ao lado da tigela de Honor, uma coisinha de madeira que ela havia esculpido e polido cerca de três verões atrás, quando a criança não era maior que um peixinho no ventre de Anna. Para a mais velha de Anna, Glory, ela reservou a colher de latão que ela mais gostava, uma antiguidade que Martha comprara de um vendedor ambulante anos atrás.

Glory, como sua mãe, tinha apetite por coisas bonitas: fitas e rendas e doces e outras delícias que os Moores não podiam pagar. Mas quando podia, Immanuelle fazia o possível para agradar a garota com pequenas fichas. Havia tão poucas coisas bonitas na casa. A maioria de seus tesouros e bugigangas foram vendidos durante o inverno, na tentativa de compensar a colheita ruim e todo o gado.

eles perderam para a doença no verão passado. Mas se Immanuelle tivesse algo a dizer sobre isso, Glory teria sua colher, um pequeno sinal para compensar seu mundo de carência.

Quando a refeição foi preparada, Martha carregou o tonel de ensopado para a mesa e colocou-o na mesa com um baque alto que se espalhou pela casa. Ao som, Honor e Glory correram para a sala de jantar, ansiosos para ocupar seus lugares e comer. As esposas sentaram-se em seguida, a avó de Immanuelle, Martha, reivindicando seu lugar na extremidade oposta da mesa, como era costume, e Anna, segunda esposa do avô de Immanuelle, reivindicando o assento ao lado da cadeira vazia do marido.

Depois de alguns longos momentos, ouviu-se o gemido das dobradiças, o som de uma porta se abrindo, então o barulho dolorido e arrastado de Abram descendo as escadas. Seu avô estava tendo um dia ruim; Immanuelle podia dizer pelo som de seu andar, a maneira como seu pé rígido se arrastava pelas tábuas do assoalho gemendo enquanto ele se movia em direção à mesa. Ele havia faltado à igreja novamente naquela manhã, tornando-se o terceiro sábado que ele havia perdido em um mês.

Uma vez, há muito tempo, Abrão tinha sido um apóstolo - e um poderoso também. Ele tinha sido o braço direito de Simon Chambers, o profeta que serviu antes que o profeta atual, Grant Chambers, fosse escolhido e ordenado. Como tal, Abrão já possuía uma das sete propriedades nos sagrados Solos Sagrados, e ele havia exercido o Dom do Discernimento do Pai. Aos dezenove anos, casou-se com Martha.

Os dois estavam bem unidos, tanto em idade quanto em status, mas, apesar disso, o Pai não os abençoou com filhos por muito tempo. De fato, após anos de tentativas, Abrão e Marta só conseguiram conceber Miriam, e seu nascimento foi sucedido por uma série de natimortos, todos filhos. Muitos mais tarde afirmaram que o nascimento de Miriam amaldiçoou as crianças que nasceram depois dela, disseram que sua própria existência era uma praga para o bom nome de Moore.

Por causa dos crimes de Miriã, Abrão foi destituído de seu título de apóstolo e de todas as terras que o acompanhavam. A propriedade de Moore, que já foi uma área de rolamento tão grande que rivalizava com a do Profeta, foi dividida entre os outros apóstolos e fazendeiros próximos, que a separaram como os abutres fazem uma carcaça. Abram ficou com um pequeno fragmento da terra que ele já possuía, sombreado pela mesma floresta desordenada para a qual ele havia perdido sua filha. Tal era a vida que ele vivia agora, no ridículo e na miséria, juntando uma existência

da escassa colheita de pastagens e campos de milho arruinados que eram sua única reivindicação.

Não foi nada menos que um milagre que Anna concordou em seguir Abram ao altar dezoito anos atrás, apesar da vergonha da queda de Miriam em desgraça. Immanuelle suspeitava que sua lealdade derivava do fato de Abram ter usado seu Toque de Cura para salvá-la quando ela estava morrendo de febre quando jovem. Era como se ela lhe devesse uma espécie de dívida vitalícia e fosse firme em sua determinação de cumpri-la. Talvez por isso seu amor por Abrão parecesse mais com a forma como os apóstolos reverenciavam o Santo Padre do que com as afeições comuns entre marido e mulher.

Quando Abram entrou na sala de jantar, Anna abriu um largo sorriso, do jeito que ela sempre fez. Mas Abram não prestou atenção nela enquanto mancava pela soleira. Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego, apoiando as mãos nas costas de uma cadeira quebrada. O lado direito de seu corpo estava contraído, os dedos torcidos em ângulos quase de quebrar os ossos, o braço dobrado e puxado para o peito como se estivesse preso por uma tipoia invisível. Ele mancava com a perna esquerda jogada para o lado e teve que se apoiar na parede para não cair enquanto se arrastava pela sala de jantar até seu assento na cabeceira da mesa.

Ele se acomodou bruscamente em sua cadeira, então começou a oração, lutando com as palavras. Quando acabou, Abrão levantou o garfo com a mão boa e colocou a comida. O resto deles seguiu o exemplo, as crianças ansiosamente comendo o ensopado, como se temesse que ele desaparecesse antes que tivessem a chance de terminá-lo. A triste verdade era que era menos um ensopado de frango e mais um caldo de osso aguado com um pouco de pastinaga, algumas folhas de repolho perdidas e os pedaços horríveis do frango. Mesmo assim, Immanuelle se esforçou para comer devagar, saboreando cada mordida.

Anna deu outra facada na conversa, mas suas tentativas foram fúteis. Martha manteve os olhos no ensopado e as meninas foram espertas o suficiente para ficarem caladas, temendo a ira do pai.

Por sua vez, Abrão não falou muito. Ele raramente fazia isso em seus dias ruins. Immanuelle podia dizer que doía para ele ter sido a voz do Profeta e agora, nos anos desde a morte de sua mãe, ser reduzido a pouco mais do que o pária da aldeia, amaldiçoado pelo Pai por sua clemência. Ou assim foram os rumores.

Realmente, Immanuelle sabia pouco do que havia acontecido com Abrão depois que sua mãe morreu. Tudo o que ela sabia eram os poucos pedaços que

Martha ofereceu a ela, os fragmentos de uma história muito vil para ser contada na íntegra.

Dezessete anos atrás, sua mãe, Miriam, recém-casada com o Profeta, havia assumido relações ilícitas com um menino de fazenda da periferia. Meses depois, depois que o caso deles foi descoberto, o mesmo menino da fazenda morreu na pira como punição por seus crimes contra o Profeta e a Igreja.

Mas Miriã foi poupada, demonstrada misericórdia pelo Profeta por causa de seu noivado.

Então, na noite anterior ao seu casamento, Miriam — louca de luto e desesperada para vingar a morte de seu amante — entrou no quarto do Profeta enquanto ele dormia e tentou cortar sua garganta com sua própria adaga sagrada. Mas o Profeta acordou e lutou contra ela, frustrando o ataque.

Antes que a Guarda do Profeta tivesse a chance de prendê-la, Miriam fugiu para a proibida Darkwood – a casa de Lilith e seu clã de bruxas – onde ela desapareceu sem deixar rastro.

Miriam alegou que passou aqueles meses brutais de inverno sozinha em uma cabana no coração do deserto. Mas dada a violência daquele inverno e o fato de que a cabana nunca foi encontrada, ninguém em Betel acreditou nela.

Meses se passaram sem nenhum sinal de Miriam. Então, uma noite, no meio de uma violenta tempestade de neve, ela emergiu de Darkwood, pesada com a criança – o problema pecaminoso de seu amante, que havia morrido na pira. Poucos dias após seu retorno, Miriam deu à luz Emanuelle.

Enquanto sua filha gritava no meio do trabalho de parto, Abrão foi atingido por um golpe tão violento que o refez, torcendo seus membros e deformando seus ossos e músculos, despojando-o de sua força e estatura, bem como do poder de seus Santos Dons. E enquanto Miriam lutava e trabalhava e escorregava para a vida após a morte, ele quase o fez. Foi apenas um milagre do Pai que o salvou, arrastando-o de volta à beira da morte.

Mas Abrão sofreu pelos pecados de Miriã, e ele continuaria sofrer por eles até o dia de sua morte. Talvez ele tivesse sofrido menos se tivesse a força para evitar Immanuelle pelos pecados de sua mãe. Ou se ele tivesse simplesmente evitado Miriam depois que ela voltou grávida da floresta, ele pode ter encontrado o favor do Profeta mais uma vez.

Mas ele não tinha. E por isso, Immanuelle estava grata.

"Você irá . . . ao mercado . . . pela manhã", disse Abram do outro lado da mesa, rangendo as palavras entre os dentes enquanto falava, cada sílaba uma luta. "Venda o filhote preto."

"Farei o meu melhor", disse Immanuelle com um aceno de cabeça. Se ele pretendia vender o filhote de um ano, sua necessidade deve ser terrível. Tinha sido um mês ruim, um mês ruim no final de uma série de meses terríveis. Eles precisavam desesperadamente do dinheiro. A doença de Abram piorou no inverno depois de um forte surto de febre, e os altos custos de seus remédios levaram a família à beira da ruína. Era vital que Immanuelle fizesse sua parte para aliviar o fardo, como todos fizeram.

Todos na casa dos Moore tinham algum emprego ou ofício. Marta era uma parteira abençoada com a Língua do Pai e através dela o poder de invocar Nomes dos céus. Anna era uma costureira com uma mão tão gentil e um olho tão aguçado que ela podia remendar até mesmo as rendas mais finas. Abram, que já foi carpinteiro, nos anos após o derrame, passou a esculpir pequenas figuras toscas que às vezes vendiam no mercado. Mesmo Glory, uma artista talentosa, apesar de mal ter doze anos, pintava pequenos retratos em xilogravuras que depois vendia para seus amigos na escola. Honor, que era muito jovem para assumir um ofício, ajudava na fazenda o melhor que podia.

E então havia Immanuelle, a pastora, que cuidava de um rebanho de ovelhas com a ajuda de um menino de fazenda contratado. Todas as manhãs, exceto no sábado ou nas raras ocasiões em que Martha a chamava para um parto particularmente arriscado, Immanuelle ia aos pastos para cuidar de suas ovelhas. Cajado na mão, ela os levaria para a cordilheira ocidental, onde o rebanho passaria o dia pastando nas sombras da Floresta Negra.

Immanuelle sempre sentira uma estranha afinidade com o Darkwood, uma espécie de agitação sempre que se aproximava dele. Era quase como se o bosque proibido cantasse uma canção que só ela podia ouvir, como se a desafiasse a se aproximar.

Mas, apesar da tentação, Immanuelle nunca o fez.

Nos dias de feira, Immanuelle levava uma seleção de seus produtos — fosse lã, carne ou carneiro — para vender no mercado da cidade. Lá, ela passava o dia inteiro na praça, pechinchando e vendendo suas mercadorias. Se tivesse sorte, voltaria para casa depois do pôr-do-sol com moedas de cobre suficientes para cobrir seus dízimos semanais. Se não fosse, a família passaria fome, e seus dízimos e dívidas com os curandeiros de Abrão não seriam pagos.

Abram forçou outro bocado de guisado, engolindo com algum esforço. “Venda ele. . . por um bom bocado. Não se contente com menos do que ele vale.”

Emanuelle assentiu. “Eu vou cedo. Se eu pegar o caminho que corta a Floresta Negra, chegarei ao mercado antes dos outros mercadores.

A conversa morreu no barulho de garfos e facas batendo pratos. Até Honor, jovem como era, sabia cuidar da língua. Fez-se silêncio, salvo pelo gotejamento rítmico, **gotejamento, gotejamento** do vazamento no canto da cozinha.

As bochechas de Martha perderam a cor e seus lábios estavam sem sangue. “Você nunca entra naquela floresta, ouviu? Há maldade neles.”

Emanuelle franziu a testa. Do jeito que ela viu, o pecado não era uma praga você poderia pegar se você se aventurasse muito perto. E ela não tinha certeza se acreditava em todas as lendas sobre os males no ventre da Darkwood. Na verdade, Immanuelle não tinha certeza do que ela acreditava, mas ela tinha certeza que um breve atalho pela floresta não seria sua ruína.

Ainda assim, nada de bom viria de uma discussão, e ela sabia que em uma batalha de vontades, ela não poderia vencer. Martha tinha um coração de ferro e o tipo de fé inabalável que poderia fazer as pedras tremerem. Era inútil provocá-la.

E assim, Emanuelle mordeu a língua, baixou a cabeça e se resignou a obedecer.



NAQUELA NOITE, IMMANUELLE sonhou com feras: uma menina de boca escancarada e dentes amarelados de coioite; uma mulher com asas de mariposa que uivava para a lua nascente. Ela acordou de manhã cedo com o eco daquele grito, o som batendo para frente e para trás entre as paredes de seu crânio.

Com os olhos turvos e bêbada de exaustão, Immanuelle vestiu-se desajeitadamente, tentando afastar as imagens distorcidas dos ghouls da floresta de sua mente enquanto se atrapalhava em seu vestido de botão e se preparava para um dia no mercado.

Saindo da casa adormecida, Immanuelle caminhou em direção aos pastos distantes. Ela começou quase todas as manhãs assim - tendendo a

as ovelhas à luz da aurora. Nas raras ocasiões em que ela não podia – como na semana em que pegou coqueluche alguns verões antes – um lavrador contratado pelo nome de Josiah Clark interveio para preencher seu papel.

Immanuelle encontrou seu rebanho amontoado nas pastagens do leste, logo além da sombra da floresta. Corvos empoleiravam-se nos galhos dos carvalhos e bétulas na floresta próxima, embora não cantassem nenhuma canção. O silêncio era tão espesso quanto a neblina da manhã, e foi quebrado apenas pelo som da canção de ninar de Immanuelle, que ecoou pelos contrafortes e campos distantes como uma núpcia.

Não era uma canção de ninar normal, como as canções folclóricas ou canções de ninar que as mães cantam para seus filhos, mas sim uma versão de um antigo hino de luto que ela ouvira uma vez em um funeral. Sua canção se espalhou pelos pastos e, ao som do som, seu rebanho se moveu para o leste, varrendo como uma maré pelas colinas ondulantes. Eles estavam sobre ela em instantes, balindo e trotando alegremente, pressionando contra suas saias. Mas o carneiro de um ano, Judas, ficou para trás do resto, seus cascos firmemente plantados e sua cabeça baixa. Apesar de sua idade, ele era uma coisa grande e temível com um casaco preto desgrenhado e dois conjuntos de chifres: o primeiro conjunto projetando-se como punhais da coroa de seu crânio, o segundo enrolando atrás de suas orelhas e perfurando ao longo do corte áspero de sua cabeça. mandíbula.

“Judas,” Immanuelle chamou acima do silvo do vento na grama alta.
“Venha agora, é hora de ir ao mercado.”

O carneiro atingiu a terra com seus cascos, seus olhos semicerrados. Como ele deu um passo à frente, as ovelhas se mexeram e se separaram, os cordeirinhos tropeçando nos cascos para abrir caminho para ele. Ele parou a poucos metros de Immanuelle, sua cabeça ligeiramente virada para o lado para que pudesse olhar para ela através da curva retorcida de seu chifre.

“Vamos ao mercado”. Ela levantou a corda principal para ele ver, a folga pendurada acima do chão. “Eu vou precisar amarrar você.”

O carneiro não se moveu.

Ajoelhando-se, Immanuelle desfez o laço do nó seus chifres, puxando a corda esticada para apertá-la. O carneiro lutou contra ela, chutando e resistindo e jogando a cabeça, atingindo a terra com seus cascos. Mas ela segurou firme, apoiando suas pernas e apertando seu aperto, a corda roçando em suas palmas enquanto Judas empinava e lutava.

"Calma", disse ela, nunca levantando a voz acima de um murmúrio. "Calma aí."

O carneiro jogou a cabeça uma última vez e bufou com força, uma nuvem de vapor saindo de suas narinas, espessa como fumaça de cachimbo no ar frio da manhã.

— Vamos, seu velho rabugento. Ela o incitou junto com outro puxão na corda principal. "Temos que levá-lo ao mercado."

A caminhada pelas Clareiras foi longa, e apesar do frio inicial da manhã, o sol estava quente. Rastros de suor escorriam pela espinha de Immanuelle enquanto ela se arrastava ao longo do caminho sinuoso para a cidade. Se ela tivesse pegado o atalho pela floresta – em vez do longo caminho ao redor da borda da floresta – ela já estaria na cidade. Mas ela prometeu a Martha que ficaria longe da floresta e estava determinada a manter sua palavra.

Então Immanuelle seguiu em frente, sua mochila pesando nos ombros enquanto ela caminhava. Seus pés doíam em suas botas, que eram um tamanho e meio muito pequenas e beliscavam tanto seus calcanhares que formavam bolhas. Muitas vezes parecia que tudo o que ela possuía era muito grande ou muito pequeno, como se ela não fosse adequada para o mundo em que nasceu.

A meio caminho do mercado, Immanuelle parou para tomar o café da manhã. Ela encontrou um lugar fresco na sombra debaixo de uma bétula e vasculhou o conteúdo de sua mochila em busca da fatia de queijo e pão integral que Anna havia assado na noite anterior. Ela comeu rapidamente, jogou as cascas de pão para Judas, que as agarrou e empurrou a cabeça, puxando a corda com tanta força que ela teve que agarrá-lo pelos chifres para evitar que ele fugisse.

Ao longe, o Darkwood se mexeu. Quase parecia chamá-la enquanto o vento soprava através dos galhos, como uma língua secreta e sibilante.

De acordo com as lendas e as Sagradas Escrituras, o Darkwood, como todas as coisas amaldiçoadas e miseráveis do mundo, foi gerado pela Mãe Negra, deusa dos infernos. Enquanto o Bom Pai forjava o mundo com luz e chama, soprando vida no pó, Ela convocou Seus males das sombras, dando à luz legiões de bestas e demônios, criaturas mutiladas e coisas rastejantes que espreitavam no meio mundo purulento entre os vivos e o morto.

E foi desse meio mundo, dos corredores da floresta amaldiçoada, que as primeiras bruxas – Lilith, Delilah e os dois Amantes, Jael e Mercy – surgiram pela primeira vez. Os Quatro Profanos (como eles foram mais tarde

chamados) encontraram um lugar entre os primeiros colonos de Betel, que os aceitaram como refugiados e lhes ofereceram refúgio. As mulheres tomaram maridos e geraram filhos, viveram entre o rebanho do Pai como aliados e amigos. Mas enquanto as quatro bruxas usavam a pele de mulheres humanas, suas almas eram feitas à imagem de sua Mãe e, como Ela, procuravam destruir as criações do Bom Pai, sufocando Sua luz com suas trevas e sombras.

As quatro bruxas plantaram sementes de discórdia nos corações dos bons homens betelianos, tentando-os e desviando suas almas. As raízes de seu engano eram profundas, e não demorou muito para que o domínio da terra passasse para suas mãos. Foi somente pela graça do Pai que um jovem chamado David Ford - o primeiro profeta - reuniu um bravo exército de santos cruzados para derrubar as quatro bruxas com fogo e purgar em uma rebelião sangrenta, banindo suas almas para os amaldiçoados. bosques de onde vieram.

Mas o poder das bruxas e da deusa sombria que serviam permaneceu muito tempo depois que a Guerra Santa terminou. Mesmo agora, seus fantasmas ainda assombravam a Floresta Negra, famintos pelas almas daqueles que ousaram entrar em seu reino.

Ou assim diziam as histórias.

Uma vez que Immanuelle terminou seu café da manhã, ela se levantou para continuar sua jornada pelas Clareiras. A estrada principal serpenteava mais perto do Darkwood agora, e ela podia ver os memoriais pontilhando a linha de árvores distante. Havia coroas de flores silvestres, fichas e homenagens, até mesmo um pequeno par de sapatos de criança pendurados em um poste pelos cadarços — como se alguém acreditasse que a criança a quem pertencia poderia um dia emergir das árvores para reivindicá-los. Essas relíquias eram tudo o que restava daqueles que foram perdidos para a Floresta Negra. Pois o que a floresta levava raramente voltava.

Immanuelle e sua mãe eram exceções a isso - milagres, alguns disseram. Mas em seus momentos mais fracos, quando o vento agitava os pinheiros e os corvos cantavam suas canções, Immanuelle sentiu como se o Darkwood ainda a dominasse, como se estivesse chamando-a de volta para casa.

Com um arrepio, Immanuelle continuou andando, passando pelos barracos e cabanas e campos de milho ondulantes, fazendo seu caminho ao longo da borda da floresta, seguindo o caminho do riacho. Acima, o sol mudou, e o ar ficou espesso e pesado. O extenso pasto das Clareiras deu lugar às ruas pavimentadas de pedra de Amas - a aldeia no coração de

Betel. Aqui, celeiros e residências foram substituídos por uma confusão de casas de paralelepípedos e casas com telhado de ardósia, edifícios de pedra com vitrais que brilhavam à luz do sol do meio-dia. Ao longe, pairando acima dos telhados, estava uma das estruturas mais altas de toda Betel, superada apenas pelo campanário da catedral. Chamava-se Porta Sagrada, e era uma maravilha de ferro forjado construída pelo primeiro profeta, David Ford.

Atrás do portão havia uma larga estrada de paralelepípedos ladeada por postes de iluminação sempre em chamas, chamada Caminho do Peregrino. Se Betel era uma ilha no vasto mar da floresta, aquela estrada era uma ponte para os territórios estrangeiros muito além de suas fronteiras. Mas até onde Immanuelle sabia, apenas a Guarda do Profeta, os apóstolos e uma seleção de estimados evangelistas tinham permissão para deixar Betel, e apenas em raras ocasiões. E nunca — em todos os dezesseis anos de Immanuelle — um único estrangeiro entrou pelo portão.

Às vezes, Immanuelle se perguntava se as cidades além dos territórios betelianos não passavam de mitos. Ou talvez a floresta sempre invasora os tivesse devorado inteiramente, do jeito que poderia ter Betel se a luz do Pai não tivesse forçado sua escuridão de volta. Mas Immanuelle sabia que essas ponderações estavam muito acima de sua posição. As complexidades do mundo além do Portão Sagrado foram deixadas para os apóstolos e Profetas, que tinham o conhecimento e discernimento para analisá-las.

Apertando a corda de Judas, Immanuelle abriu caminho entre as multidões cada vez mais densas do mercado. Como sempre, a praça estava repleta de barracas. Havia suportes de velas e um açougueiro com carnes infestadas de moscas em placas de gelo derretendo. Ao lado do açougue, uma grande barraca que vendia tecidos a fio, exibindo uma variedade de brocados e veludos, sarjas e sedas macias. Ao passar pela tenda do perfumista, Immanuelle sentiu o cheiro de óleo fino, preparado com flores e almíscar de mirra.

O relojoeiro tinha uma barraca do lado de fora de sua casa. Em um longo carvalho mesa, ele vendia seus relógios e relógios para os homens finos que se vestiam como se pudessem comprá-los. A poucos passos disso, uma sapataria oferecia botas de couro com fivelas mais finas do que qualquer coisa que Immanuelle já possuía. Mais fino do que qualquer coisa que ela provavelmente jamais **possuiria**.

Mas ela não insistiu nisso. Ela fez questão de manter a cabeça erguida, nunca se desviando da estrada principal ou mesmo

seu ritmo para examinar as mercadorias. Judas trotou ao lado dela, seus cascos pretos deslizando pelas pedras. Suas orelhas se curvaram para um lado e para o outro, narinas dilatadas enquanto ele captava as vistas e os sons do mercado. Às vezes ele vagava, mas Immanuelle mantinha a corda curta para que ele nunca ficasse a mais de um passo do quadril dela.

A intervalos ao longo da estrada, agachados nos cantos de paralelepípedos com tigelas e copos de moedas, havia mendigos da periferia. Muitos deles andavam descalços, levantando-se para recolher moedas dos transeuntes que tiveram a gentileza de oferecê-las. Mas a maioria dos frequentadores do mercado ignorou inteiramente os mendigos. Afinal, os Outskirters eram exilados, rejeitados como os filhos inferiores e menos favorecidos do Pai. Alguns dos membros mais radicais do bando sugeriram que sua própria aparência era um castigo, alegaram que o rico ébano de sua pele era um sinal externo de sua lealdade interior à Mãe Negra, que carregava sua semelhança.

Havia muitas histórias sobre como os Outskirters chegaram pela primeira vez Betel, mas o entendimento geral era que eles eram descendentes de refugiados que fugiram para lá nos tempos antigos. Havia muitos rumores sobre o que eles estavam fugindo. Alguns disseram que foi uma seca que transformou a terra em cinzas. Outros contavam histórias de um céu que chorava fogo e enxofre. Outros ainda alegaram que um mar faminto havia inundado sua terra natal, a maré subindo tão alto que afogou montanhas e os forçou a fugir para a selva.

Um santo chamado Abdiah governava a Igreja naquela época. Ele disse que o Pai havia punido esses refugiados por sua fidelidade à Mãe. Alegou que as pragas que os expulsaram de sua casa eram uma forma de retribuição divina. Ele determinou que era a vontade do Pai conduzir os da periferia a Betel, para que pudessem continuar o processo de sua santificação através do serviço à Igreja. E assim, por ordem de Abdias, pela primeira vez em sua história secular, Betel abriu seu portão para forasteiros.

Para evitar o que Abdiah chamou de propagação de falácias, os Outskirters estavam contidos em um assentamento na cúspide sul de Betel. Lá, os servos da Igreja ministraram a eles – espalhando a palavra do Pai, transformando-se de pagão em crente, uma alma de cada vez, no que mais tarde foi chamado de Grande Evangelismo. Com o passar das décadas, os da periferia assimilaram os caminhos de Betel. Eles adotaram sua fé e língua comum, continuaram seu processo

de contrição pelo serviço à Igreja. Gradualmente, com o passar das gerações, os da periferia viraram as costas para sua história, até se tornarem mais betelianos do que não. Mas estava claro para Immanuelle que eles não eram tratados como tal. **Ela** não foi tratada como tal.

Não importa o fato de que a maioria dos forasteiros modernos carregasse o sangue dos colonos de Bethelan ou que lutassem contra os exércitos de Lilith na Guerra Santa. Compartilhado ou derramado, parecia que o sangue não importava tanto quanto a aparência. E assim, não importa quantos séculos se passaram, não importa o que eles prestassem a serviço da melhoria de Betel, parecia que os Periféricos sempre seriam relegados à margem.

Naquele dia, havia cerca de uma dúzia de mendigos na estrada principal. Quando Immanuelle se aproximou deles, eles se viraram para ela como sempre faziam, embora nenhum estendesse suas tigelas ou xícaras, ou mesmo a cumprimentasse com mais do que um olhar frio. Em vez disso, eles pareciam estudá-la, suas expressões ela descreveria como uma mistura de curiosidade e desprezo. Ela não os culpava.

Enquanto do lado de fora ela compartilhava suas características – a pele escura, o nariz firme, os grandes olhos negros – ela não era **deles**, não realmente. Ela nunca conheceu a pobreza de uma vida além das Clareiras ou caminhou pelas estradas através dos Subúrbios, nem conheceu os parentes que provavelmente tinha lá. Pelo que Immanuelle sabia, aqueles que espreitavam nas estradas podiam muito bem ser do sangue dela — parentes de seu pai, tios ou primos talvez — mas ela não os reivindicou como tal, e eles, por sua vez, também não a reivindicaram.

Immanuelle andou um pouco mais rápido, olhando para seus sapatos, tentando ignorar os olhares persistentes dos Periféricos enquanto se dirigia para o setor de gado. Ela estava quase lá quando viu a melhor loja de todas: a livraria do mascate.

Em comparação com as outras lojas, com seus letreiros pintados e vitrines elaboradas, não era muito. Sua tenda era pequena, apenas uma folha de estopa esticada em três estacas de madeira. Abaixo dela havia cinco fileiras de prateleiras, todas mais altas que Immanuelle e cheias de livros — livros de verdade — não como os volumes decorativos e hinários que ficavam acima da lareira da casa dos Moore, intocados e não lidos.

Eram livros de botânica e medicina, livros de poesia e folclore, atlas e histórias de Betel e dos assentamentos além dele, até mesmo

pequenos panfletos que ensinavam coisas como gramática e aritmética. Era uma maravilha que eles tivessem sido aprovados pela Guarda do Profeta.

Depois de amarrar Judas a um poste próximo, Immanuelle deslizou em direção à barraca. Apesar de saber que deveria estar a caminho do distrito pecuário, ela se demorou entre as prateleiras, abrindo os livros para sentir o cheiro almiscarado de suas encadernações e passar os dedos pelas páginas. Embora ela tivesse parado sua educação formal aos doze anos, como todas as meninas em Betel faziam para observar o Protocolo Sagrado do Profeta, Emanuelle era uma leitora forte. Na verdade, ler era uma das poucas coisas em que ela se sentia realmente boa, uma das poucas coisas das quais se orgulhava. Ela às vezes pensava que se ela tinha algum Dom, era esse. Os livros eram para ela o que a fé era para Marta; ela nunca se sentiu mais próxima do Pai do que naqueles momentos sob a sombra da barraca de livros, lendo as histórias de um estranho que ela nunca conheceu.

O primeiro livro que ela escolheu era grosso e encadernado em tecido cinza claro. Não havia título, apenas a palavra ***Elegia*** estampada na lombada com tinta dourada. Immanuelle abriu e leu as primeiras linhas de um poema sobre uma tempestade que varria o oceano. Ela nunca tinha visto o oceano antes, ou conhecido alguém que o tivesse visto, mas enquanto lia os versos em voz alta, ela podia ouvir o barulho das ondas, sentir o gosto da salmoura das águas e sentir o vento arrebatando seus cachos.

“De volta, eu vejo.” Immanuelle olhou para cima para encontrar o lojista, Tobis, observando-a. Ao lado dele, para sua surpresa, estava Ezra, o filho do Profeta, que se sentara com ela e Leah à beira do rio no dia anterior.

Ele estava vestido à paisana, igual aos fazendeiros que vieram recém-chegado dos campos, exceto pela adaga sagrada do apóstolo, que ainda pendia da corrente em seu pescoço. Ele estava segurando dois livros em uma mão. A primeira era uma cópia grossa das Sagradas Escrituras encadernada em couro marrom; o segundo era magro, encadernado em tecido e sem título. Ele sorriu para ela em saudação, e ela abaixou a cabeça em resposta, deslizando o livro de volta em seu lugar na prateleira. Ela não podia pagar de qualquer maneira. Os Moore mal tinham o suficiente para colocar comida na mesa e pagar o dízimo ao Profeta e sua Igreja; não havia dinheiro para gastar em coisas frívolas como histórias, papel e poesia. Tais privilégios eram reservados para apóstolos e homens que tinham dinheiro de sobra. Homens como Esdras.

“Não se apresse,” disse Tobis, aproximando-se, o aroma condimentado de a fumaça do cachimbo flutuando pelas prateleiras. “Não nos deixe incomodá-lo.”

“Você não está me incomodando”, Immanuelle murmurou, em direção à rua. Ela apontou para Judas, que estava sob a sombra de um poste de luz, batendo nas pedras com os cascos. “Eu estava indo embora. Não estou aqui para fazer compras, apenas para mascate.”

“Bobagem”, o lojista falou ao redor da haste de seu cachimbo. “Há um livro para todos. Deve haver algo que chame sua atenção.”

O olhar de Immanuelle foi para Ezra – para seu casaco de lã fino e botas polidas, para os livros encadernados em couro debaixo do braço, tão bem feitos que ela imaginou que o preço de um seria suficiente para cobrir os remédios de Abram nas próximas semanas. Ela corou. “Não tenho dinheiro.”

O lojista sorriu, seus dentes crivados de aço e cobre. “Então que tal uma pechincha? Eu troco um livro com você pelo carneiro.”

Por um momento, ela hesitou.

Alguma parte tola dela estava disposta a fazer isso, disposta a vender Judas por alguns pedaços de poesia. Mas então ela pensou em Honor com chumaços de pano enfiados na ponta de seus sapatos para preencher os buracos e impedir que a umidade se infiltrasse, em Glory em seu vestido de segunda mão, pendurado em seus ombros como um velho saco de grãos. Ela pensou em Abram e sua tosse, pensou em todos os remédios que ele precisaria para curá-la. Ela engoliu em seco, então balançou a cabeça. “Eu não posso.”

“Que tal?” O lojista apontou o polegar para o colar de sua mãe – a pedra polida do rio amarrada em um cordão de couro. Era um símbolo grosseiro, nada parecido com as pérolas e joias que algumas das meninas bethelan usavam, mas era uma das únicas coisas que Immanuelle herdara dela e ela o estimava mais do que tudo.

“Essa pedra fica lindamente no seu peito.”

Immanuelle ergueu a mão em um impulso. “EU-”

“Ela disse não,” Ezra cortou duramente, surpreendendo-a. “Ela não quer o livro. Deixe-a em paz.”

O lojista teve o bom senso de cuidar dele. Ele balançou seu cabeça como uma galinha quando ele recuou. “Como você diz, senhor, como você diz.”

Ezra observou o mascate retornar aos seus livros, boca fechada, olhos semicerrados. Algo em seu olhar lembrou Immanuelle da maneira

ele olhou para ela no sábado, do jeito que vacilou, como se tivesse visto algo nela que não pretendia. Agora ele se virou para ela. "Você lê?"

Immanuelle corou apesar de si mesma, mais do que um pouco orgulhosa por ele ter notado. Muitos de seus colegas — Leah e Judith e os outros — mal sabiam ler, sabendo apenas seus próprios nomes e alguns dos versículos mais importantes das Escrituras. Se não fosse pela insistência de Abram para que Immanuelle aprendesse a ler e administrar a fazenda Moore em seu lugar, ela poderia ter acabado como a maioria das outras garotas que ela conhecia, mal conseguindo assinar o próprio nome, sem conhecer um livro de histórias de uma coletânea de poesias. "Eu leio bem o suficiente."

Ezra ergueu uma sobrancelha. "E você está aqui sozinho? Você não tem um acompanhante?"

"Eu não preciso de um acompanhante," ela disse, sabendo que era uma violação do Protocolo na melhor das hipóteses e uma violação na pior, mas ela não levou Ezra para um delator. Ela libertou Judas do poste e o levou para a rua. "Conheço as estradas bem o suficiente para fazer a viagem sozinho."

Para sua surpresa, Ezra seguiu ao seu lado, a multidão se separando ele andou. "É um longo caminho para viajar sozinho. A terra de Moore é o quê? A nove milhas de distância?"

"Dez." Immanuelle ficou surpresa por ele conhecer a terra deles. A maioria não. "E não é problema nenhum. Eu saio depois do nascer do sol e estou aqui antes do meio-dia."

"E você não se importa?" ele perguntou.

Immanuelle balançou a cabeça, apertando a corda como eles cruzaram para o setor pecuário. Mesmo se ela o fizesse, não importaria. Suas queixas e aborrecimentos não colocariam comida em sua barriga; eles não pagariam o dízimo ou cobririam o telhado ou cobririam as dívidas vencidas no outono. Apenas os ricos tinham o luxo de cuidar das coisas; o resto simplesmente abaixou a cabeça, mordeu a língua e fez o que precisava ser feito. Ezra obviamente caiu na primeira categoria, e ela na segunda.

Na verdade, foi uma surpresa encontrá-lo no mercado. Enquanto o Sucessor do Profeta, ela imaginou que ele teria responsabilidades mais importantes do que comprar e trocar. Tarefas como essa estavam muito abaixo dele. E, no entanto, lá estava ele, andando com ela como se estivesse dando um passeio de sábado, carregando livros como o Profeta o enviara a serviço de um servo.

Ezra a pegou olhando e estendeu um de seus livros, o maior dos dois, com as palavras **As Sagradas Escrituras** gravadas em ouro na capa. "Aqui. Dar uma olhada."

Immanuelle balançou a cabeça, puxando Judas para longe de uma caneta de galinhas. "Temos nosso próprio exemplar das Escrituras em casa."

Ezra abriu um meio sorriso e olhou por cima do ombro, escorregando a corda de Judas de sua mão. "Isto não são escrituras."

Immanuelle pegou o livro com cautela. Do lado de fora, parecia apenas como as Escrituras, mas quando ela abriu, não havia versos ou salmos, mas sim imagens, esboços e impressões em tinta prensada de animais estranhos e árvores imponentes, montanhas, pássaros e insetos como ela nunca tinha visto antes. Algumas das páginas foram gravadas com desenhos de grandes reinos e templos, cidades pagãs em reinos muito além do portão de Betel.

Nesse momento, uma zombaria alta soou acima do barulho do mercado. Immanuelle ergueu os olhos para uma brecha na multidão e vislumbrou os açoites. Ali, amarrada, amordaçada e balançando nos pés, estava uma jovem loura, a mesma de quem Judith e sua amiga haviam fofocado no sábado — a pobre garota que atraiu um fazendeiro local para o pecado com sedução e prostituição.

Ao vê-la, Immanuelle fechou o livro de Ezra tão rápido e com tanta força que ela quase o deixou cair na lama da rua. Ela o empurrou contra o peito dele. "Levá-lo de volta. Por favor."

Ezra revirou os olhos, entregando a corda de Judas para ela. "E aqui eu pensei que uma garota com a ousadia de dançar com demônios não se assustaria com essas coisas."

"Eu não estou com medo", ela mentiu, os ouvidos zumbindo com os gritos do multidão. "Mas esse livro, é—"

"Uma enciclopédia", disse ele. "Um livro de conhecimento."

Immanuelle sabia muito bem que havia apenas um livro de conhecimento, e não tinha fotos. "É proibido. Como em."

Ezra a estudou silenciosamente por um momento; então seu olhar percorreu o mercado até a garota no tronco, chorando e lutando contra suas correntes. "Não é estranho como ler um livro é pecado, mas prender uma menina no tronco e deixá-la aos cães é mais um dia de trabalho do Bom Padre?"

Immanuelle olhou para ele, assustada. "O que?" Ela nunca teria pensado que o próprio filho do Profeta - e o herdeiro da Igreja, não

menos - diria tal coisa, mesmo que fosse verdade.

Ezra mostrou aquele sorriso torto dele, mas seu olhar estava escuro. "Eu vou vejo você no sábado", disse ele, e então, sem sequer um aceno de cabeça, ele se despediu.



CAPÍTULO TRÊS

Os mortos andam entre os vivos. Esta é a primeira verdade, e a mais importante.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

EU IMMANUELLE NÃO vendi o novilho naquele dia. Ela negociou, regateou, chamou os moradores da cidade que passavam e fez tudo o que podia para livrar do carneiro, mas ninguém o queria. Não haveria vestido novo para Glória, nem sapatos para Honra ou dízimos para pagar o Profeta.

Ela falhou.

A estrada principal estava quase vazia quando Immanuelle abandonou seu posto de mercado e começou a longa jornada de volta às Clareiras. Enquanto caminhava, seus pensamentos foram para aquela prostituta no tronco. A memória da menina - algemada e de joelhos fracos e tão jovem, murmurando súplicas através de seu focinho - a assombrava, mesmo enquanto ela tentava forçá-la de sua mente e se concentrar em sua jornada para casa.

Ela andou. O sol desceu no horizonte e uma tempestade negra varreu as planícies. A chuva caía das nuvens e o vento uivava sobre ela como algo vivo.

Immanuelle acelerou o passo, puxando a alça de sua mochila mais alto e puxando Judas junto. Ele lutou com ela a cada passo, cascos pretos tropeçando nos paralelepípedos, olhos revirando. Ela tentou falar com ele acima do trovão, mas ele não lhe deu atenção.

Quando eles cruzaram da estrada principal para o caminho de terra que cortava as Clareiras, um relâmpago cortou as nuvens. Judas empinou com tanta força que Immanuelle perdeu o equilíbrio e escorregou nas pedras escorregadias da chuva. Uma pontada de dor que atingiu os ossos se dividiu entre suas costelas e chutou o ar de seus pulmões. Ela engasgou, agachada na lama enquanto Judas balançava a cabeça freneticamente.

"Calma", ela ofegou, lutando para voltar a ficar de pé. "Calma aí."

O carneiro empinou novamente, os cascos cravando-se profundamente no solo enquanto ele aterrissava do outro lado da estrada. Ele se virou para olhar Immanuelle nos olhos; então ele abaixou a cabeça e atacou ela.

Immanuelle saltou para a direita. Judas virou para a esquerda, a ponta de seu chifre cortando a borda de sua boca, dividindo seu lábio inferior. Ela acertou o

chão em seus joelhos novamente, raspando-os em carne viva.

O aríete enfurecido deu outro puxão forte, e a corda de chumbo se partiu em duas. Liberto, Judas corcoveou mais uma vez, então disparou em direção à floresta, desaparecendo entre as árvores.

Immanuelle respirou fundo e gritou: “**Judas!**”

Ela se levantou, cambaleando até o meio-fio, onde metade da estrada divergiram em direção à floresta distante. O caminho através da floresta era léguas mais curto do que o caminho mais longo, e se Immanuelle o fizesse, ela tinha certeza de que chegaria em casa mais cedo.

Mas o aviso de Martha passou por sua mente: **Há maldade na floresta.**

Mas então ela pensou nos dízimos vindouros e seu teto vazando e os buracos nos sapatos de Glory. Ela pensou em colheitas ruins, ceias de mingau e estoques de inverno em declínio. Ela pensou em tudo que eles precisavam, e tudo que eles não tinham, e ela deu um passo em direção à linha das árvores. Então outro.

Na orla da floresta, estava mais calmo, o vento diminuindo. Immanuelle chamou Judas mais uma vez, as mãos em concha em volta da boca, olhando para as sombras entre as árvores. Mas não havia nada, apenas o sussurro do vento passando pelos pinheiros e fervendo pela grama alta. **Venha cá, venha cá**, parecia dizer.

Immanuelle sentiu algo se mexer na boca da barriga. Ela sentiu seu coração acelerar, batendo tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Ela olhou de volta para a estrada, para a cidade. O sol ainda estava parcialmente obscurecido pelas nuvens de tempestade, mas pelo jeito que estava no céu ela sabia que tinha quase uma hora antes de se pôr completamente. Uma hora para procurar Judas, então. Uma hora para corrigir seus erros.

Ela poderia fazê-lo, se ela se apressasse. Ela sabia que poderia consertar seu erro ainda, sem ninguém - nem mesmo Martha - mais sábia.

Immanuelle deu um passo vacilante entre as árvores, e depois outro, as pernas subitamente pesadas, os pés dormentes nas botas.

O vento fluía pelos galhos das árvores, acenando para ela: **Venha aqui. Venha aqui.**

De repente, ela estava correndo, quebrando entre os olmos e os carvalhos. O ar cheirava a chuva e seiva, barro e a doce decomposição da podridão da floresta. O trovão soou e o vento aumentou novamente. Brambles agarrou seu vestido e prendeu nas alças de sua mochila enquanto ela corria pela floresta.

"Judas!" ela gritou, atravessando a vegetação rasteira, tropeçando em raízes de árvores e nós de espinheiro emaranhado. Ela continuou, correndo pela floresta o mais rápido que suas pernas podiam levá-la.

Mas o carneiro se foi.

E o sol estava se pondo.

E Immanuelle logo percebeu que estava perdida.

Apertando os olhos pela chuva, ela se virou, tentando refazer seus passos. Mas o Darkwood parecia mudar enquanto ela se movia, e ela não conseguia encontrar o caminho novamente. Ela estava com frio e sozinha e com fome. Seus joelhos estavam fracos e sua mochila parecia pesada, como se estivesse cheia de pedras. Com tristeza, ela percebeu que Martha estava certa ao avisá-la contra a floresta, e ela tinha sido tola em desobedecer.

Olhando para as copas das árvores, Immanuelle viu que as últimas nuvens de tempestade estavam diminuindo. O vento ainda sacudia os galhos, mas a chuva torrencial havia se reduzido a uma garoa, e o brilho opaco do sol poente se infiltrava nos pinheiros. Ela seguiu sua luz, indo para o oeste, correndo o mais rápido que seus pés dormentes podiam levá-la. Mas as sombras eram ainda mais rápidas, e a noite caiu rápida ao seu redor.

Quando os últimos raios de sol morreram na escuridão, os joelhos de Immanuelle se dobraram sob ela. Ela cambaleou, caindo em um recanto lamacento entre as raízes de um carvalho. Lá, encolhida na lama, ela puxou os joelhos contra o peito e tentou recuperar o fôlego. Enquanto o vento uivava entre as árvores, ela agarrou o pingente de sua mãe para dar sorte.

Mas ela não orou. Ela não teve coragem de fazer isso.

Acima, a última tempestade morreu, deixando apenas uma dispersão de estrelas e uma lua gibosa que pairava, pendurada, no céu noturno. Enquanto Immanuelle olhava para os céus distantes, uma calma caiu sobre ela como as dobras macias de um cobertor, e ela começou a se sentir menos sozinha, com menos medo. Havia algo gentil na maneira como o luar lambia as folhas e o vento se movia pelas copas das árvores. Era como se o Darkwood estivesse cantando uma canção de ninar para ela, uma que ela já ouvira antes: ***Venha cá, Immanuelle. Venha aqui.***

Enquanto a voz do vento penetrava pelas árvores, as sombras borravam diante de seus olhos, luar e escuridão se misturando como tinta. Uma espécie de alerta tomou conta dela, e ela sentiu gosto de metal no fundo da garganta. Mas de alguma forma, ela não sentiu medo. Tinha sido arrancado dela, como se ela tivesse se tornado um pouco menos do que inteira, uma meia menina existindo entre o que é e o que não é.

Ela não era apenas Immanuelle agora. Ela era mais. E ela era menos. Ela estava no Darkwood. E o Darkwood estava nela também.

Apoiando a mão no tronco do carvalho, ela se levantou, os joelhos ainda fracos, os pés ainda dormentes. O sussurro do vento ficou mais alto, e ela tropeçou cegamente na escuridão atrás dele, esperando que isso pudesse levá-la à beira da floresta.

Gradualmente, as árvores foram diminuindo e, por um momento, Immanuelle pensou que tinha encontrado o fim. Mas sua esperança se desvaneceu quando ela atravessou uma pequena clareira, um círculo cortado no meio da floresta todo iluminado com a luz da lua. Em torno de seu perímetro crescia um grande anel de fadas de cogumelos morel, o maior que Immanuelle já tinha visto.

E bem no centro desse anel, duas mulheres estavam entrelaçadas e nuas, suas pernas nuas entrelaçadas, os lábios separados. A maior das duas, uma mulher de cabelos pretos com a constituição de uma aranha, estava deitada em cima da outra, a coluna contorcida, os ombros tão tensos que Immanuelle podia ver os músculos tensos e espasmos sob sua pele, que era tão fina e cinza como o de um cadáver. A segunda mulher se contorceu sob seu amante, movendo a boca para o pescoço.

A mochila de Immanuelle escorregou de seu ombro e caiu no chão.

As mulheres pararam, agarraram-se e desembaraçaram-se umas das outras, erguendo-se do chão. Um deles arranhou algo nas sombras da grama alta, um objeto escuro que Immanuelle não conseguia ver de onde estava. Eles se viraram para encará-la em uníssono.

De pé, as mulheres eram trinta centímetros mais altas que ela. Ambos tinham a mesma expressão frouxa: bocas abertas, lábios vermelhos e escorregadios, como as abas de uma ferida aberta. Entre as sobancelhas havia o que parecia ser um selo de noiva, só que a estrela no meio era um pouco diferente, talvez menos elaborada. Embora as mulheres permanecessem imóveis, seus ossos pareciam se mexer e se mover, como se seus esqueletos estivessem lutando para se livrar deles. Seus olhos eram de um branco morto, da cor de osso branqueado pelo sol. Sem pupilas, sem íris, e ainda assim, de alguma forma, seus olhares estavam fixos em Immanuelle.



CAPÍTULO QUATRO

É um amor ímpar entre o Pai e a Mãe, entre a luz e as trevas. Nenhum pode existir sem o outro. E, no entanto, eles nunca podem ser um.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

A LOURA deu um passo à frente primeiro, sua mão deslizando livre do aperto de seu amante. Ela cruzou a clareira em alguns passos largos e parou perto de onde Immanuelle estava. De perto, ela podia ver que as feições da mulher estavam mutiladas — seu nariz estava gravemente quebrado, o osso da ponte se projetando em uma articulação afiada. Seus lábios estavam cheios, embora um pouco inchados, e Immanuelle viu que o de baixo estava partido ao meio. Seus seios pendiam pesados e nus, e sua cabeça pendia para um lado, como se seu pescoço não tivesse força para manter seu crânio ereto.

A mulher de cabelos pretos avançou atrás dela, atravessando a grama e as samambaias. Ela era a mais alta e mais bonita das duas e andava com a graça hesitante de uma corça. Ela parou bem perto de seu amante e deslizou a mão em volta da cintura, como se a puxasse de volta. Mas a mulher a ignorou e deu um passo à frente mesmo assim, estendendo lentamente a mão para Immanuelle, como se estivesse cumprimentando. Seus dedos estavam pálidos e tortos — tão mutilados quanto os de Abram — e estavam dobrados em torno de algo pequeno e preto.

Um livro encadernado em couro.

A mulher pálida pressionou o tomo no peito de Immanuelle e ela cambaleou para trás, caindo no tronco de um pinheiro próximo. A boca da mulher se contorceu em algo como um sorriso.

Pegue. As palavras estavam no vento, fervendo pelos galhos das árvores. Os joelhos de Immanuelle fraquejaram com o som.

É seu.

Suas mãos tremiam ao aceitar o presente da mulher. O livro era pesado e estranhamente quente ao toque, como se sangue fluísse através de sua encadernação. Ao agarrá-lo, Immanuelle não sentiu medo da presença das mulheres, nem vergonha de sua nudez. A sensação mais estranha caiu sobre ela. Foi uma espécie de desamarração, como se sua alma não estivesse mais ligada ao corpo.

Um grito estrangulado atravessou a floresta, quebrando seu transe.

Judas.

Immanuelle chamou a atenção e voltou-se para as árvores. Ela conseguiu cambalear alguns passos para frente, pegar sua mochila do chão e enfiar o livro no bolso da frente antes de sair correndo.

Ramos agarraram seu vestido e chicotearam suas bochechas. Ela não sabia dizer se era o vento gemendo em seus ouvidos, ou as mulheres a chamando de volta para a clareira. Mas a cada passo, a cada investida, a floresta parecia engoli-la. A escova engrossou; as copas das árvores eram mais baixas; as sombras se agitavam como tinta agitada.

Ela não se importou. Ela correu.

A bota de Immanuelle pegou o gancho de uma raiz de árvore e ela caiu, batendo na terra com um **baque**. Ela se levantou do chão, ofegante, e viu um rosto familiar olhando para ela das sombras: Judas.

Mas não era **tudo** de Judas – apenas sua cabeça, decepada, sangrando, empoleirada no topo de um toco de árvore próximo.

Ela levou a mão à boca ao vê-lo, mordendo um grito e a bile que arranhou sua garganta. Ela começou a tremer, grandes estremecimentos que a atormentaram tão violentamente que ela mal conseguia ficar de pé.

Ela começou a correr de novo, ainda mais rápido desta vez, cortando o mato e entre os pinheiros, desesperada para escapar. E, pela graça do Pai, ela o fez.

As árvores começaram a diminuir e as sombras recuaram, e gradualmente a floresta deu lugar às planícies de Bethelan, e ela finalmente pôde ver o caminho sinuoso que a levaria de volta para casa. Ela caiu ali na beira da floresta, rastejando das sombras das árvores em suas mãos e joelhos enquanto lutava para recuperar o fôlego.

Ela conseguiu se forçar a ficar de pé, com os joelhos fracos e arfando enquanto mancava o resto do caminho de volta para o Glades, cambaleando pelo caminho como se tivesse pesos acorrentados aos tornozelos. Ao se aproximar da terra dos Moore, ela viu Martha, Anna e Glory andando pelos pastos altos e pelos campos de milho mortos, todas segurando lanternas e chamando seu nome.

Immanuelle gritou para eles e eles se viraram. Glory avançou primeiro, a bainha de sua camisola amarrando em torno de seus tornozelos.

ela correu. Ela pegou Immanuelle pela cintura em um abraço feroz.

Anna veio em seguida, louvando aos céus enquanto levava a mão ao rosto de Immanuelle para passar os dedos pelos arranhões sangrentos onde as silvas a haviam cortado, seu lábio partido e queixo machucado. "O que aconteceu?"

Immanuelle abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Ela ergueu o olhar para Martha, que estava alguns metros atrás, a lanterna abaixada, os olhos semicerrados. Sem dizer uma palavra, ela abaixou a cabeça, gesticulando para os três de volta para a casa da fazenda. Glory afrouxou o aperto na cintura de Immanuelle e Anna recuou, e as quatro atravessaram os pastos em silêncio absoluto.

Depois que eles entraram na casa, Anna conduziu Glory escada acima, parando apenas para desejar boa noite aos dois. Foi só depois que eles desapareceram em seus respectivos quartos que Martha se virou para Immanuelle e falou: "Siga-me".

Martha a conduziu pela sala até a cozinha, que estava escuro, exceto pelo brilho quente da lareira. Ela tirou um atizador de ferro do gancho e atizou o fogo. Então ela encostou a maçaneta na lateral da lareira, apoiada nos tijolos de modo que a ponta de ferro permanecesse no meio das chamas. "Você vendeu o carneiro?"

Emanuelle balançou a cabeça.

"Então onde ele está?"

Immanuelle fechou os olhos e ainda podia ver a cabeça de Judas empoleirado em cima daquele toco. "Eu perdi ele. Eu o perdi na floresta."

"Você entrou no Darkwood? À **noite?**"

"Eu não queria," Immanuelle disse suavemente, seu lábio partido latejando enquanto ela falava. "Judas se libertou de sua corda e correu para as árvores. Achei que poderia encontrá-lo, mas houve uma tempestade e me perdi, e então a noite caiu. Eu sinto muito. Era perigoso e tolo. Eu deveria saber melhor. Eu deveria ter ouvido você."

Martha levou a mão à testa. Ela parecia velha naquele momento, murcha, como se os acontecimentos da noite tivessem drenado a pouca juventude que lhe restava. Abrão não foi o único que desperdiçou ao longo dos anos. Immanuelle também tinha visto Martha sofrer. Ela sabia que sua avó se apegava às suas doutrinas e escrituras não por fé, mas por medo. Pois embora Martha nunca tenha murmurado o nome da filha, Immanuelle sabia que vivia à sombra de Miriam. Tudo que Martha fez - de suas orações

para sua caridade - foi apenas uma tentativa fútil de escapar da maldição da morte de sua filha.

"Eu vi alguma coisa", disse Immanuelle, e sua própria voz soou distante e estrangeira, como se algum estranho estivesse falando de outro sala.

"O que?" Uma luz terrível veio aos olhos de Martha. "O que você viu?"

"Mulheres. Duas mulheres na floresta, sozinhas. Immanuelle cruzou os dedos ao redor da alça de sua mochila. O livro estranho parecia tão pesado quanto uma pedra no fundo. Ela sabia que deveria entregá-la a Martha. Mas ela não o fez; ela não podia. As palavras das mulheres ao vento traçaram em sua mente: **É seu**. Immanuelle nunca teve muita coisa. Às vezes, ela sentia que mal pertencia a si mesma. A ideia de se separar de uma das poucas coisas no mundo que era dela para reivindicar era quase insuportável, pior que uma chicotada. Não, ela não podia desistir.

"E o que essas mulheres estavam fazendo na floresta?"

Immanuelle engoliu em seco. Por um momento, ela se lembrou de como se sentira em sua primeira confissão: sentada na beirada de sua cadeira nas sombras da cozinha, o apóstolo Amós sentado à sua frente, as Escrituras na mão, franzindo a testa. Ele perguntou se ela já havia se entregado aos pecados da carne, ou se, à noite, suas mãos vagaram para onde não deveriam ir.

Martha bufou, e Immanuelle voltou ao presente. "Eles estavam juntos, de mãos dadas. E seus olhos eram estranhos, vidrados, todos brancos. Eles pareciam doentes. Quase, bem. . . morto."

Os lábios de Martha se contraíram, depois se torceram com tanta violência que, no brilho opaco da lareira, ela quase favoreceu Abram. Sua mão tremia quando ela pegou o atizador novamente, agarrando seu cabo de ferro enquanto o tirava das brasas, quente, vermelho e fumegante. "Estenda a mão."

Immanuelle deu meio passo para trás. Por mais que tentasse, ela não conseguia abrir os dedos. Suas unhas cravaram profundamente na maciez de suas palmas.

O olhar de Martha escureceu. "É sua mão ou sua bochecha. Escolher."

Apertando os dentes, Immanuelle ergueu o braço e estendeu mão no brilho sangrento da luz do fogo.

Por sua vez, Marta proferiu a oração do pecador. "Ocupe-se do desejo do seu olho e do seu coração. Cala a tua língua e tapa o teu ouvido. Atenda ao chamado do teu

O sussurro do pai. Não fique com demônios por perto. Desvie seu coração da tentação do pecado e, quando sua alma se desviar, busque consolo através da verdadeira confissão, em expiação encontre seu caminho”.

O aperto de Martha apertou o punho do atizador e ela abaixou seu ponto brilhante para a palma da mão de Emanuelle. “Para a glória do Pai”.

A dor abrasadora da queimadura deixou Immanuelle de joelhos. Ela soltou um grito por entre os dentes cerrados e desmoronou, chorando, apertando a mão contra o peito.

Sua visão desapareceu por um momento, e quando seus olhos focaram novamente, ela se viu encostada nos armários da cozinha, Martha no chão ao lado dela. O leve cheiro de carne carbonizada pairava no ar.

“O mal é a doença, e a doença é a dor”, disse Martha, parecendo prestes a chorar, como se o ato de aplicar o castigo fosse tão ruim quanto o próprio castigo. “Você está me ouvindo, criança?”

Immanuelle balançou a cabeça, sufocando um soluço. Com a mão boa, ela puxou a mochila para perto, temendo que sua avó a procurasse e encontrasse o livro dentro.

“Diga-me que você entende. Promete-me.”

Immanuelle arrastou as palavras da boca da barriga. O A mentira tinha um gosto amargo quando deslizou por sua língua. “Eu prometo.”



CAPÍTULO CINCO

O Pai ama aqueles que O servem fielmente. Mas aqueles que se desviam do caminho da justiça – o pagão e a bruxa, o lascivo e o herege – sentirão o calor de Suas chamas celestiais.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

Naquela noite, depois que Anna enfaixou sua mão e o resto dos Moore estava dormindo em suas camas, Immanuelle tirou o livro proibido de sua mochila e o ergueu até a luz das velas. Era bem feito, ela percebeu após uma inspeção mais próxima. A capa e a contracapa eram cortadas de pedaços de couro, macios como o focinho de um bezerro recém-nascido. Um marcador de seda se destacava entre suas páginas, tão leve que esvoaçava um pouco quando Immanuelle respirava.

Ela abriu a capa, a lombada rachando com o movimento, e pegou o perfume misturado de papel envelhecido e cola de cavalo. Havia uma assinatura rabiscada na parte inferior da primeira página: ***Miriam Elizabeth Moore.***

As mãos de Immanuelle tremiam tão violentamente que ela quase deixou cair o livro. Esse era o nome e a assinatura de sua mãe. O livro tinha pertencido a ela. Mas por que aquelas mulheres da Darkwood teriam um livro que já foi de sua mãe? Que negócios eles tinham com ela?

Abaixo da assinatura, para surpresa de Immanuelle, havia um pequeno esboço a tinta. Suas bordas estavam irregulares como se tivessem sido arrancadas de algum outro livro e coladas nas páginas deste, mas os detalhes eram tão bem representados que Immanuelle imediatamente reconheceu as feições de sua mãe pelas pinturas penduradas na sala. No esboço, Miriam era jovem, talvez dezessete ou dezoito anos, pouco mais velha que a própria Immanuelle. Ela usava um vestido longo, sem cor no desenho, mas Immanuelle sabia que era vinho tinto, pois era o mesmo que estava dobrado no fundo de seu baú de esperança. No retrato, a floresta estava atrás dela, e ela estava sorrindo.

Na página seguinte, uma ilustração de um jovem que favoreceu Immanuelle. Seu cabelo era uma touca apertada de cachos em forma de saca-rolhas, e alguns dos cachos mais soltos caíam sobre sua testa. Ele tinha uma mandíbula cortada e olhos escuros com cílios grossos, e sua pele era apenas alguns tons mais profundos

que o de Emanuelle. Sua expressão era bastante severa, mas seus olhos não eram indelicados. Não havia data sob aquele retrato, apenas seu nome, a primeira vez que apareceu nas páginas do livro: **Daniel Lewis Ward**. O retrato foi acompanhado por uma série de escritos que pareciam poemas de amor: **Às vezes acho que compartilhamos uma alma. Sua dor se tornou minha.**

E o meu dele.

Algumas páginas depois. . .

Eu amo-o. Ele me ensinou como. Acho que não sabia escolher amar até conhecê-lo.

As entradas seguintes eram mais curtas, a caligrafia um pouco mais descuidada do que antes, como se as palavras tivessem sido escritas com grande pressa. A maioria deles detalhava encontros breves que Miriam teve com Daniel na calada da noite ou momentos roubados depois da igreja nos dias de sábado. Em todas essas entradas, das quais havia dezenas, Miriam nunca mencionou o Profeta. Ainda assim, Immanuelle podia sentir sua presença nas páginas, uma sombra nas margens, uma mancha atrás das palavras. E enquanto Immanuelle sabia que esta história só poderia terminar em tragédia, ela se viu esperando em vão por um resultado diferente. As entradas de Miriam passaram da alegria à esperança, à trepidação e ao desespero total. . . e depois do desespero veio uma espécie de desamparo.

Havia um intervalo de meses entre as entradas e Immanuelle só podia supor que isso explicava o tempo que Miriam ficou detida no Refúgio do Profeta. Então: **Eles o tiraram de mim. Eles o colocaram na pira. As chamas queimavam alto. Eles me fizeram ver o fogo levá-lo.**

Immanuelle tentou conter as lágrimas, mas algumas caíram mesmo assim. Ela se forçou a virar a página. A próxima entrada foi datada de **Verão no Ano de Ômega**. Dizia: **Estou grávida.**

As lágrimas escorriam livremente então, e Immanuelle parou para enxugá-las na manga de sua camisola. A entrada seguinte foi datada **de Winter of Omega** – oito meses completos após a que a precedeu. Dizia: **Eu vi os males deste mundo e os amei.**

As entradas que se seguiram foram progressivamente mais estranhas. Em vez de a caligrafia arrebatadora que Immanuelle veio a conhecer como a mão de sua mãe, essas entradas eram desleixadas, como se ela as tivesse escrito no escuro. Os desenhos também eram diferentes. Os retratos e

as paisagens haviam se tornado rabiscos frenéticos, abstrações manchadas de tinta tão mutiladas que Immanuelle mal conseguia decifrá-las. Uma mostrava uma mulher dobrada, parecendo vomitar galhos de árvores. Outra era um auto-retrato de Miriam nua, um braço dobrado em volta dos seios, o cabelo solto pelas costas. Sua barriga de grávida estava inchada e pintada com um símbolo grosseiro que lembrava a Immanuelle os selos que as noivas usavam cortados entre as sobancelhas, só que essa marca era muito maior.

Na página oposta, uma imagem de duas figuras retorcidas. Eles eram nus como as outras mulheres, e suas mãos estavam unidas. Ambos tinham o que Immanuelle inicialmente confundiu com o selo do Profeta entre suas sobancelhas. Mas após uma inspeção mais detalhada, ela notou que a estrela no meio do selo tinha apenas sete pontas, em vez das oito habituais. Gravado no canto do desenho havia um título e uma data: ***Os Amantes, Inverno no Ano Ômega***. Eram as mulheres que Immanuelle tinha visto na floresta. As mulheres que lhe deram o diário. E não eram mulheres ***quaisquer***. Eles eram os Amantes, Jael e Mercy, bruxas e servas da Mãe Negra que morreram nos incêndios da Guerra Santa, expurgados por causa de seus pecados e luxúria.

De alguma forma, desafiando toda a lógica, eles estavam vivos na Darkwood e sua mãe os ***conhecia***. Morou com eles talvez. Por que mais as bruxas teriam dado o livro a Immanuelle? Por que mais o livro teria esboços das bruxas? Será que os Amantes se consideraram cumprir as ordens de Miriam quando a entregaram a Immanuelle? Isso era para ser uma espécie de herança? O cumprimento de uma promessa que fizeram a Miriam há muito tempo?

Abalada, Immanuelle continuou lendo. As entradas tornaram-se mais curtas, em menor número e mais distantes entre si. Apenas esboços grosseiros, pontuados aqui e ali pela estranha entrada ilegível. Um esboço mostrava dois carvalhos, seus troncos esculpido com estranhos símbolos bifurcados. Logo atrás das árvores, uma pequena cabana idílica, de pé em um pequeno vale no meio da floresta. Levou um momento para ela perceber o que ela estava olhando. Aquela cabana era o lugar onde Miriam afirmava ter passado os meses de inverno depois de fugir para a Floresta Negra.

Immanuelle continuou folheando esses estranhos escritos — parecia estranho chamá-los de entradas, dado o quão incoerentes eles se tornaram. Mas um desenho chamou sua atenção. Em primeiro plano, havia um rosto - uma linha tracejada para uma boca, dois olhos estreitos, lábios carnudos,

e um nariz grosso e comprido que parecia quebrado. No fundo, espreitando acima de seu ombro, estava o contorno retorcido da forma nua de uma mulher. Montada em seu pescoço não havia uma cabeça, mas algo que Immanuelle só poderia descrever como um crânio de gamo, coroado com uma enorme fileira de galhadas.

Lilith.

O nome surgiu na mente de Immanuelle espontaneamente, o fragmento de uma história contada apenas em volta de fogueiras ou sussurrada por trás das mãos em concha. Lilith, filha da Mãe Negra. A Senhora dos Pecados. Rainha das Bruxas da Floresta. Immanuelle a teria conhecido em qualquer lugar.

Na página seguinte, um esboço de uma mulher emergindo do que parecia ser um lago. Como os Amantes, ela estava nua, e seus longos cabelos negros caíam frouxos sobre os ombros. A imagem foi intitulada ***Delilah, a Bruxa da Água.*** Ao lado do desenho, um bilhete: ***tornei a ver a Fera e suas donzelas. Eu ouço seus gritos na floresta à noite. Eles me chamam, e eu os chamo. Não existe amor tão puro quanto esse.***

Uma semente amarga se formou na boca da barriga de Emanuelle. As mãos dela tremeu enquanto virava as últimas páginas do diário. De tudo que ela tinha visto até agora, esses desenhos rabiscados eram os mais problemáticos. As palavras que as acompanhavam estavam tão emaranhadas que era quase impossível decifrá-las. Mas Immanuelle foi capaz de analisar uma frase que aparecia e reaparecia repetidamente nos fundos dos desenhos, esmagada nas margens das entradas rabiscadas: ***Seu sangue gera sangue. Seu sangue gera sangue. Seu sangue gera sangue.***

Immanuelle continuou lendo e, à medida que o fazia, os desenhos tornaram-se progressivamente mais abstratos. Algumas páginas estavam apenas salpicadas de tinta, outras com uma série de traços infligidos com tanta violência que as marcas rasgaram as páginas em pedaços. Dessas ilustrações finais, se você pudesse chamá-las assim, havia apenas uma que Immanuelle conseguia distinguir. Não, ela — porque, por alguma razão insondável, Immanuelle tinha certeza de que era ela — era um turbilhão. Uma massa de dentes e olhos e carne derretida. As dobras de tulipa do que poderia ter sido a virilha da criatura ou talvez uma boca aberta. Dedos quebrados e olhos sem corpo com fendas para pupilas. Inexplicavelmente, a tinta ainda parecia molhada, e ondulou em direção às bordas do papel como se ameaçasse derramar sobre a cama, encharcando os lençóis de preto.

A entrada final do diário era diferente de todas as anteriores. Cada centímetro dessas duas páginas estava coberto com as mesmas quatro palavras: **Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Sangue. Praga. Escuridão. Abate. . .**

É assim foi.

Logo abaixo da tempestade dessas palavras, uma nota de rodapé rabiscada na parte inferior da última página do diário: **Pai, ajude-os. Pai ajuda a todos nós.**



CAPÍTULO SEIS

Eu te vi pela primeira vez na beira do rio. Havia sol em suas bochechas e vento em seus cachos, e você sentou com os pés na água, sorrindo para mim. Eu não acho que senti medo real até aquele momento, mas Pai como minha testemunha, eu temia você.

— DAS CARTAS FINAIS DE DANIEL WARD

OITO DIAS se passaram sem evento. Pela manhã, Emanuelle mandava as ovelhas para pastar. Às vezes ela levava as crianças para a escola. Ela vendia sua lã no mercado e evitava as tentações da barraca de livros e da floresta. No sábado, ela foi à catedral e colocou seus pecados aos pés do Profeta. Ela fechou os olhos em oração e não os abriu. Ela cantou seus hinos com tanto vigor que ficou rouca no meio do culto e teve que sussurrar durante as horas restantes de adoração. Em casa, ela não desobedeceu a Martha nem brigou com Glory.

Ela manteve os credos e mandamentos.

Mas à noite, depois que o resto dos Moores se retirou para seus quartos e as crianças estavam dormindo, Immanuelle tirou o diário de sua mãe de debaixo do travesseiro e o leu com reverência, da mesma forma que Martha se debruçava sobre as páginas das Sagradas Escrituras do Profeta.

Em seus sonhos, ela viu as mulheres da floresta. Suas pernas emaranhadas e dedos ávidos. Os olhares mortos que olhavam, sem ver, para a escuridão dos corredores da floresta, seus lábios separados como se tivessem sido pegos no meio de um beijo. E de manhã, quando Immanuelle acordou daqueles sonhos miseráveis – suando frio, suas pernas emaranhadas em seus lençóis – ela pensou apenas no Darkwood e em seu desejo crescente de retornar a ele mais uma vez.



Na manhã do corte de Leah e sua ligação ao Profeta, Immanuelle acordou com o diário de sua mãe sob a bochecha. Ela se sentou com um sobressalto, alisando as páginas antes de fechá-la e enfiá-la debaixo do colchão.

Depois de enfiar os pés nas botas de lama, ela desceu as escadas e saiu pela porta dos fundos, atravessando o curral e desceu para o cercado para deixar as ovelhas pastarem. Então, em preparação para o passeio de buggy até a catedral, ela pegou a velha mula de seu barraco e o escovou, depois o alimentou e o refreou.

Do outro lado dos campos e pastagens estava o preto da floresta, as árvores ensombradas pela luz do sol nascente. Immanuelle se viu procurando por rostos entre os galhos, os Amantes que vira na floresta naquela noite, as figuras esboçadas no diário de sua mãe.

Mas ela não viu nada. Os bosques distantes estavam quietos.

Quando Immanuelle voltou para a casa da fazenda, as filhas Moore estavam tomando café da manhã na sala de jantar. Honor estava sentada à mesa, comendo o resto de seu mingau, e Glory estudou seu reflexo no fundo de uma panela polida, puxando suas tranças e franzindo a testa.

Anna vestiu sua melhor roupa de sábado. Seu cabelo estava amontoado em cima de sua cabeça e adornado com flores silvestres. Ela estava radiante; ela sempre sorria nos dias de corte.

“E pensar que foi Leah quem chamou a atenção do Profeta,” ela disse, quase cantando as palavras.

Martha dobrou a esquina da cozinha, trazendo Abram com dela. Ele se inclinou pesadamente em seu ombro, seu pé mutilado deslizando pelas tábuas do assoalho. Martha olhou para Immanuelle incisivamente, uma carranca vincando o selo entre suas sobrancelhas. “Isso fala de sua virtude.”

As bochechas de Immanuelle queimaram de vergonha com o sutil desdém. “Isso faz.”

Com isso, ela se dirigiu ao banheiro, tropeçando na batinha de sua camisola enquanto ia. Ela começou a tarefa de se preparar. Havia pouco que ela pudesse fazer além de lavar a sujeira de suas mãos e molhar seus cachos em uma triste tentativa de domá-los. Ela tentou colocar o cabelo no alto da cabeça como Anna fazia, mas seus cachos se emaranhavam, devorando alfinetes e prendendo os dentes de seu pente.

Então ela deixou seu cabelo cair longo, os cachos grossos varrendo a base de seu pescoço. Ela beliscou as bochechas para dar cor, mordeu os lábios e os molhou.

Ela franziu a testa para seu reflexo no espelho acima da pia. Quanto mais ela olhava em seus próprios olhos, mais seu rosto se deformava e

mudado. Sua pele empalideceu. Seus olhos se arregalaram. Sua boca se torceu em um sorriso de escárnio.

De repente, não era o rosto dela no espelho, mas o de um dos Amantes. O mesmo ghoul que lhe dera o diário. Seus lábios se separaram. Uma voz estranha e trêmula ecoou em sua mente: **“Sangue. Praga. Escuridão. Abate.”**

Immanuelle cambaleou para trás da pia tão rápido que colidiu a banheira e caiu no chão. Ao se levantar, ela fugiu do banheiro e escalou as escadas de ferro até seu quarto no sótão, chutando a porta atrás dela.

Ela respirou fundo algumas vezes em uma tentativa de acalmar seu coração acelerado. Suas mãos tremiam quando ela as pressionou contra o rosto, apertando os olhos como se a escuridão fosse suficiente para manter suas memórias afastadas. Mas não havia como esquecer as mulheres da floresta. E pior ainda, Immanuelle não tinha certeza se queria esquecer. Certamente, se o fizesse, ela teria abandonado seu pecado e entregado o diário. Ou melhor ainda, jogue-o no fogo da lareira para queimar. Mas ela não tinha. Ela não podia. Preferiria levar um ferro em brasa na bochecha do que ver o pouco que restava de sua mãe se transformar em cinzas.

Mas as bruxas que lhe deram o diário, e o mal que elas fizeram, eram uma questão completamente diferente. Ela se recusou a ser vítima de seus tormentos como sua mãe. Ela não abandonaria sua fé tão rapidamente. Ela resolveu manter o diário, mesmo que apenas como um lembrete do que o pecado poderia fazer com alguém fraco o suficiente para sucumbir a ele.

Abaixando as mãos, Immanuelle encontrou o vestido que usara para O corte de Judith se estendia ao pé de sua cama. Era uma cor de zibelina desbotada com uma saia fina, mangas compridas bufantes e uma fileira de botões de cobre enferrujados que paravam bem perto do peito. Um vestido de criança, mais adequado para uma menina da idade de Glória do que o de Emanuelle.

Ela suspirou. Não havia ajuda para isso. Ela certamente não poderia usar seu traje de sábado. Era informal demais para uma ocasião tão importante. Mas então ela se lembrou do desenho de sua mãe que encontrara no verso do diário alguns dias antes. O esboço dela em pé na frente da floresta proibida.

Immanuelle caiu de joelhos na frente do baú de esperança e vasculhou seus pertences. A maioria eram apenas lembranças, colchas e pedaços de fita, buquês secos e outros tokens que ela colecionava ao longo dos anos. Nada tão importante quanto o diário, nada

proibido. Mas no fundo do baú, embrulhado em papel manteiga, estava o vestido da mãe, o mesmo que ela usara no retrato.

Não era nada especial como o vestido que Leah usaria para cortar, mas era um vestido de sábado bem costurado, vinho tinto com botões de cobre na garganta. Nas raras ocasiões em que Immanuelle o usava — em seu quarto no sótão, quando todos os outros haviam adormecido —, ela se sentia perfeitamente apresentável, bonita mesmo, como as garotas que via com frequência vagando pelas lojas do mercado com suas luvas e xales de seda.

Ela tirou a camisola e vestiu o vestido. Isto não era um ajuste perfeito, a cintura era cortada muito larga e os quadris eram talvez um pouco mais apertados do que Martha consideraria saudável, mas era um ajuste melhor do que as roupas de segunda mão de Anna e muito mais fino. Além disso, sua bainha caía até o chão para cobrir facilmente o topo de suas botas, que estavam muito gastas para serem adequadas para qualquer ocasião mais formal do que uma travessia pelos pastos.

Uma vez vestida, Immanuelle tirou uma coroa de flores silvestres do alto do guarda-roupa. As flores secaram bem na semana depois que ela as colheu com Leah, e a faixa da coroa — uma teia retorcida de caules trançados — segurou firme. Cuidadosamente, ela o colocou em cima da cabeça, prendeu-o no lugar e se virou para olhar seu reflexo na janela do quarto.

Ela não podia chamar a si mesma de visão; seu lábio ainda estava rachado e machucado pela briga com Judas dias antes. Mas ela pensou que, ao lado de Judith e Leah e o resto das garotas que iriam assistir ao corte, ela não pareceria tão deslocada. A cor do vestido complementava o rico bronzeado de sua pele e tirava a cor de seus olhos, e com as flores em seu cabelo, seus cachos pareciam bastante bonitos.

Immanuelle deslizou para o corredor, suas saias farfalhando em torno de seus tornozelos. Ela subiu as escadas devagar e entrou na cozinha. Honor estava vestida com uma bata cor de anoitecer, seus pés roliços enfiados em minúsculas botas de couro. Ela foi a primeira a avistar Immanuelle e gritou de alegria ao vê-la.

“Deixe-me usar a coroa!” ela implorou, rindo e arranhando o ar. Com um sorriso irônico, Immanuelle a obedeceu, equilibrando a guirlanda sobre os cachos ruivos da criança.

“Esse é o vestido de Miriam.” Martha estava na soleira, segurando um pano de prato úmido.

Immanuelle não conseguia se lembrar da última vez que Martha havia dito nome da filha. Parecia estranho em sua boca, estranho.

Immanuelle tirou a guirlanda da cabeça de Honor e colocou-a novamente, ajustando rapidamente os alfinetes. "Encontrei no fundo do meu baú de esperança. Achei que poderia usá-lo no corte, se você achar que combina.

"Apropriado?" Os lábios de Martha se torceram. "Sim, é isso."

Immanuelle parou, sem saber o que dizer e se perguntando se deveria voltar para o quarto e colocar o vestido que Anna havia preparado para ela. Mas ela não conseguia se mexer.

Para sua surpresa, o olhar de Martha se suavizou, não com afeto, mas com o que Immanuelle só poderia descrever como resignação. "Você usa como sua mãe", disse ela.



A NINHADA MOORE levou a charrete para a catedral, a mula arrastando todos eles pelas planícies. Foi um dia brilhante. O sol era um beijo quente na nuca de Immanuelle e o ar cheirava a verão, todo suor, mel e flores de macieira.

Enquanto cavalgavam, ela teve o cuidado de manter os olhos longe de Darkwood. Martha a observava desde a noite em que voltara da floresta. Seu olhar estava aguçado, e Immanuelle sabia que a punição seria rápida e dolorosa se ela fosse pega vagando pela floresta novamente. Então ela manteve o olhar fixo no chão da carroça, com as mãos cruzadas no colo.

Quando chegaram à catedral, a maioria da congregação já estava reunido em comunhão em seu gramado. Immanuelle saltou da charrete e examinou a multidão em busca de Leah, mas em vez disso seu olhar encontrou Ezra, que estava com alguns meninos de sua idade e um bando de meninas, incluindo Hope, Judith e algumas outras esposas do Profeta.

Ao ver Immanuelle, ele acenou com a cabeça como forma de saudação. Ela acenou por sua vez, consciente da forma como Judith e o resto das meninas a estudaram enquanto ela o fazia, e escapou para as sombras da catedral. Lá ela encontrou Leah ajoelhada ao pé do altar em oração. Ao eco dos passos de Immanuelle, ela abriu os olhos e se virou para ela.

Leah era uma visão, envolta em branco, seu cabelo tão comprido que tocava a base de suas costas. Ela abriu um sorriso e correu

pelo corredor, pegando Immanuelle em um abraço feroz.

Eles se abraçaram em silêncio por um longo tempo.

Este seria o fim deles, o fim do que eles compartilharam na infância. Em algum lugar no meio dos anos, Leah havia se tornado uma mulher e Immanuelle não, e agora as duas estariam separadas.

"Você parece a noiva de um profeta", disse Immanuelle, tentando não soar tão triste quanto se sentia.

Leah sorriu e deu um pequeno giro, as saias pálidas de seu corte vestido esvoaçante, leve como neblina. Ela os costurava à mão em chiffon meses antes de seu casamento, trabalhando a noite toda à luz de velas, costurando os versículos das Escrituras do Profeta em suas anáguas, como era costume para jovens noivas. Seus pés estavam descalços e limpos, seu cabelo repartido ao meio. Em volta do pescoço havia uma nova adaga sagrada dourada muito parecida com as que os apóstolos usavam, embora sua lâmina fosse cega e muito mais curta. Ela brincou um pouco com isso enquanto falava.

"Eu pensei que você nunca viria. Eu estava preocupado."

"Nossa mula demorou", disse Immanuelle.

"Bem, estou feliz que você esteja aqui agora. Eu preciso de você. Pela força."

"Você me tem. Sempre."

Leah estendeu a mão para agarrar a mão de Immanuelle, seus dedos frios. Ela estudou as bandagens. — Você vai me contar o que aconteceu?

"Eu não estava planejando."

"Bem, eu quero saber e você não pode me recusar porque é meu dia de corte. Fora com isso."

Immanuelle olhou para suas botas. "Fui queimado como punição."

— Foi obra de Martha, não foi?

Immanuelle assentiu, sem olhar para ela.

"Ela é muito dura com você. Sempre foi."

"Desta vez, a punição foi justificada. Acredite em mim."

Lia franziu o cenho. "O que você fez?"

Immanuelle parou, meio envergonhada, meio com medo de contar a ela. "Eu entrei na Darkwood. Meu carneiro se libertou de sua corda, fugiu para as árvores. Tentei segui-lo, mas a noite caiu rápido e me perdi. Eu ia desistir, esperar até de manhã para encontrar meu caminho de volta para casa. . . mas então ouvi vozes."

"E o que as vozes disseram?"

Emanuelle vacilou. “Eles não estavam dizendo nada que eu pudesse entender.”

“Então eles eram. . . **estrangeiros?**”

“Não. Acho que não. É só que os sons que eles estavam fazendo, não eram palavras. Eram apenas gemidos e gemidos.”

Leah parecia muito pálida e muito doente. “Como eles se pareciam?”

“Eles eram altos, muito magros. Muito fino. E eles estavam deitados juntos em um vale na floresta, abraçando como marido e mulher fariam.”

Os olhos de Leah se arregalaram. “O que eles fizeram quando viram você?”

Immanuelle abriu a boca para contar sobre o diário de sua mãe, mas parou. Era melhor para os dois se ela mordesse a língua. Ela temia que já tivesse falado demais. Afinal, em pouco tempo Leah seria a esposa do Profeta, vinculada a ele pelo selo sagrado. Immanuelle sabia que havia poder em uma promessa como essa, e embora confiasse em Leah como sua amiga, como noiva de um profeta ela não pertenceria mais a si mesma. “Eles não fizeram nada.

Eles apenas ficaram lá. Eu corri antes que eles tivessem a chance de se aproximar.”

Leah ficou quieta por um longo tempo, como se tentasse decidir se acreditava ou não nela. Então: “O que diabos você estava pensando? A floresta é perigosa. Há uma razão pela qual somos ensinados a ficar longe deles.”

Uma chama de raiva lambeu a nuca de Immanuelle. “Você acha que eu não sei disso?”

Leah a pegou pelo ombro, segurando com tanta força que ela estremeceu. “Saber não é suficiente, Immanuelle. Você tem que me prometer que nunca mais entrará em Darkwood novamente.

“Eu não vou.”

“Bom”, disse Leah, e seu aperto afrouxou. “Espero que essas mulheres você viu voltar para o inferno de onde eles vieram. Não há lugar para eles aqui.”

“Mas eles não estavam aqui,” disse Immanuelle calmamente. “Eles estavam na Darkwood.”

“E o Pai também não tem poder sobre as matas?”

Immanuelle pensou no diário de sua mãe, as quatro palavras no final de sua entrada final: **Sangue. Praga. Escuridão. Abate.** “Talvez o Pai tenha dado as costas para a floresta,” ela disse, tomando cuidado para manter a voz baixa. “Ele tem o reino Dele, e a Mãe Negra tem o dela.”

“Ainda assim, você passou ileso pelos corredores do Darkwood. Isso tem que significar alguma coisa.”

Antes que Immanuelle tivesse a chance de responder, o sino da igreja tocou e as portas da frente se abriram. O Profeta entrou em um raio de sol. Ele usava roupas simples, sem mantos ou estolas, como fazia nos dias de sábado. De alguma forma, sua roupa comum o tornava ainda mais intimidante. Immanuelle não pôde deixar de notar como ele parecia pálido. Seus olhos estavam sombreados com bolsas escuras e ela poderia jurar que havia sangue formando crostas nos cantos de seus lábios.

O olhar do Profeta foi primeiro para Immanuelle, caindo em seu vestido, e algo como reconhecimento agitou-se em seus olhos. Ele parecia olhar através dela, para um tempo perdido quando Miriam ainda estava viva. Ela nunca tinha entendido completamente o que o Profeta tinha visto em sua mãe. Alguns diziam que era amor, outros luxúria, mas a maioria acreditava que Miriam havia seduzido o Profeta com sua feitiçaria. Havia tantas histórias e segredos, fios emaranhados e pontas soltas, mas Immanuelle se perguntou se a verdade estava em algum lugar nas interseções entre todos eles.

Depois de um longo tempo, o Profeta se virou e acenou para Leah, como se tivesse acabado de lembrar que ela estava lá. Ele caminhou até o altar em silêncio, parando apenas para tossir na manga. O resto da congregação veio atrás dele, enfileirando-se nos bancos. Os apóstolos caminharam ao redor do perímetro da sala, Ezra entre eles.

Immanuelle fez o possível para não olhar para ele.

Por sua vez, o olhar de Leah caiu para o Profeta. "Está na hora."

Immanuelle assentiu, dando um aperto final na mão de Leah antes de deslizar em direção ao altar. Quando Immanuelle foi encontrar seu lugar nos bancos, os apóstolos levantaram uma invocação e Leah subiu no altar, cuidando para juntar as saias de forma que seus joelhos não aparecessem. E lá estava ela, imóvel, à espera da lâmina.

O Profeta colocou a mão na barriga dela. “Eu os abençoo com a semente do Pai.” Sua mão se moveu para o peito dela. “O coração do cordeiro.”

Leah deu um sorriso trêmulo. Lágrimas escorreram por suas bochechas.

O Profeta ergueu a corrente de sua adaga e a deslizou sobre sua cabeça. “Que o poder do Pai se mova através de você, desde agora e para sempre.”

O rebanho falou em uníssono. **“Bênçãos para sempre.”**

Com isso, ele baixou a lâmina na testa de Leah e a cortou, esculpindo a primeira linha do selo sagrado. Ela não gritou ou lutou, mesmo quando o sangue escorreu por suas têmporas e se acumulou nas cavidades de suas orelhas.

O rebanho assistiu em silêncio. Immanuelle agarrou o banco com os nós dos dedos brancos para evitar fugir enquanto o ritual de corte se arrastava.
sobre.

O que pareceu horas depois, o Profeta colocou a mão no topo da cabeça de Leah e a acariciou, gentilmente, seus dedos demorando nas mechas de seu cabelo, bagunçando seus cachos.

Ao seu toque, Leah sentou-se lentamente, um fio de sangue escorrendo pela inclinação de seu nariz e lambendo seus lábios. Com um sorriso vacilante e olhos cheios de lágrimas, ela se virou para a congregação e lambeu o sangue.



CAPÍTULO SETE

*Lilith com sua coroa de osso
É mãe das feras
Delilah com seu sorriso terno
Nada em águas profundas*

*Jael e Mercy cantam suas músicas
para a lua e as estrelas acima*

*Contando histórias de pecado mortal
E seu amor profano*

*Mas aqueles que se aventuram na
floresta depois que o sol se põe
Nunca verá a luz da manhã*

Ou viver para aprender e crescer

— RIMA DE CRIANÇA DE BETHÉLAN

Um banquete seguiu -se ao corte, um dos maiores desde a colheita do outono. Havia nove mesas para acomodar os convidados de Leah e do Profeta, cada uma tão comprida que se estendia de uma extremidade do cemitério à outra. Cada um estava lotado com uma variedade de travessas e pratos. Havia carne e batatas assadas, milho assado e uma variedade de pães e queijos. Para beber, cidra de maçã e vinho de cevada, que os homens bebiam em grandes canecas de madeira, as barbas bordadas de espuma. Para a sobremesa, ameixas escalfadas com creme e açúcar.

Acima, a lua estava redonda e cheia e o céu estava salpicado de estrelas. Os convidados participaram em abundância, jantando, conversando e rindo, embriagados com o poder do corte. As famílias se reuniam em comunhão e as esposas do Profeta moviam-se entre as mesas, atendendo os convidados e aproveitando o tempo para cumprimentar cada pessoa.

À frente de tudo isso - em uma pequena mesa posta para dois - estavam Leah e seu marido, o Profeta. Ela estava sorrindo apesar da dor de seu novo ferimento, que já havia sido limpo e enfaixado. Quando ela viu Immanuelle, sentada com os Moore no fundo do cemitério, o sorriso de Leah se alargou ainda mais. Seus olhos estavam em chamas com a luz das fogueiras, suas bochechas coradas pelo calor e talvez por alguns goles demais de vinho de cevada. Ao lado dela estava o Profeta, os cotovelos apoiados na mesa, os dedos entrelaçados. Ele

seguiu o olhar de sua nova esposa para Immanuelle, e ela teve a nítida impressão de que ele a estava estudando.

Um calafrio cortou a espinha de Immanuelle com o pensamento, mas antes que ela teve a chance de desviar o olhar, o Profeta se levantou e, imediatamente, seu rebanho ficou em silêncio. Seu olhar se desviou dela quando ele contornou a mesa para se dirigir à congregação. "Esta noite é uma ocasião alegre", disse ele, sua voz um pouco rouca. "Eu me uni em santa união com uma verdadeira filha do Pai, e por isso sou grato."

O rebanho aplaudiu.

"O Pai, em Sua divina providência, achou por bem oferecer-me muitas esposas que encarnam as virtudes de nossa fé. Por isso, gostaria de honrar nosso Pai em celebração por Sua infinita graça e generosidade". Ele fez uma pausa para tossir na dobra da manga da camisa, então se recuperou com um sorriso. "Chame as bruxas."

A congregação aplaudiu. Homens ergueram suas xícaras e esposas bateram seus pratos contra o tampo da mesa; as crianças batiam nos joelhos e na barriga. Ao som da fanfarra, os apóstolos saíram da catedral, trazendo espantalhos em forma de mulher. Cada uma das figuras foi montada em uma cruz de ferro de modo que seus braços de madeira estivessem estendidos, seu pescoço e corpo amarrados.

Ao chegarem, a congregação irrompeu em aplausos. Os homens ergueram os punhos, gritando maldições ao vento.

O primeiro apóstolo deu um passo à frente com a primeira bruxa, uma pequena figura de vime pouco maior que Honra.

"Isso é Misericórdia", disse Anna, tendo tempo para ensinar suas filhas nos detalhes da fé.

O próximo apóstolo segurou sua bruxa bem acima de sua cabeça, de modo que sua camisola balançava e esvoaçava ao vento. Quando sua saia subiu, expondo o que seria sua modéstia, alguns dos homens mais ousados zombaram.

"Prostituta! Prostituta!"

"E quem ela pode ser?" Anna apontou enquanto o apóstolo carregava o figura em direção às chamas rugindo.

"Esse é Jael," disse Immanuelle, e ela estremeceu quando disse o nome, lembrando-se da criatura miserável que ela encontrou em Darkwood dias antes. "O segundo Amante."

"Sim," disse Anna, e seu lábio se curvou em desgosto. "É ela. E ela é má também. Perversa e astuta como a própria Mãe Sombria." Ela estendeu a mão para fazer cócegas na barriga de Honor. A garota

gritou e riu, chutando as pernas por baixo da mesa, os pratos e copos saltando um pouco quando sua bota atingiu sua perna.

A terceira bruxa o seguiu. Ela usava um vestido não muito diferente do de Immanuelle, só que seu corpete estava cheio de palha para imitar o volume da barriga de uma mulher grávida.

“Delilah”, disse Marta. “Bruxa da Água. A própria prostituta do inferno.

Foi Ezra quem carregou a última bruxa, carregando-a em uma cruz de ferro. A figura era duas vezes maior do que as outras, e ela estava nua, seu corpo uma colméia de galhos de bétula. Os braços de uma muda se retorciam de ambos os lados de sua cabeça, formando um conjunto de galhadas.

Anna não disse seu nome em voz alta, embora tenha aplaudido quando Ezra a carregou para perto. Mas Glória e Honra ficaram em silêncio em seu rastro, encolhendo-se um pouco quando a sombra da última bruxa passou por eles.

Seu nome emergiu das profundezas da mente de Immanuelle: Lilith. Primeira filha da Mãe Negra. Rainha das Bruxas da Floresta que reinou em ira, matando todos e quaisquer que se opusessem a ela.

Cada um dos apóstolos ergueu sua bruxa sobre sua cabeça e a enterrou profundamente no solo, de modo que as figuras ficaram de pé em suas cruzes de ferro. O Profeta ergueu sua tocha, um galho flamejante quase do tamanho de Immanuelle. Então ele a moveu para as bruxas, acendendo cada uma delas. Os Amantes, Jael e Mercy, primeiro, depois a Bruxa da Água, Dalila.

Immanuelle sentiu um gosto amargo no fundo da garganta e seu estômago revirou. O som do sangue pulsando em seus ouvidos abafou brevemente a multidão zombadora.

Lilith foi a última bruxa a queimar naquela noite, e o Profeta aproveitou ao máximo o momento. Ele ergueu seu galho em chamas bem acima de sua cabeça e o enfiou entre os chifres dela, do jeito que alguém empunha uma espada. Seus olhos seguravam o brilho da chama da tocha, as brasas parecendo faiscar nas profundezas de suas pupilas.

Em silêncio, Immanuelle observou Lilith queimar, viu as chamas devorá-la e engoli-la, mesmo enquanto o resto dos convidados voltava para sua comida e conversa. Ela observou as bruxas queimarem até que o fogo se extinguisse e os ossos enegrecidos de Lilith fossem a única coisa que restasse, fumegando nos braços da cruz de ferro.



IMMANUELLE fugiu do banquete, a barriga aquecida pelo vinho de cevada, a cabeça grossa. Ela passou por crianças correndo anéis ao redor dos restos carbonizados das piras das bruxas, gritando hinos acima da música do violinista. Ela passou por Leah e o Profeta e a multidão de suas outras esposas. Ela passou pelos Moores sem ser vista.

Immanuelle cambaleou pela catedral até o cemitério atrás dela. Lá, ela caiu de joelhos e vomitou, vomitando vinho de cevada na moita. Ela se pôs de pé, tonta, deu alguns passos à frente e levantou novamente. Sua doença respingou em uma lápide próxima e se infiltrou, fedendo, na sujeira.

Tremendo apesar do calor do verão, Immanuelle respirou fundo para se equilibrar e limpou a boca na manga.

Ela tinha sido tola ao pensar que poderia banir a memória das bruxas. O que ela tinha visto na floresta naquele dia era real. Os Amantes não eram invenções passageiras. Eles eram de carne e osso, tão reais quanto ela. O diário, as cartas, a floresta proibida — nada disso a deixaria, e ela não podia deixá-la. Nenhuma quantidade de oração ou penitência o baniria.

O que ela tinha visto na floresta se tornou parte dela. . . e isso era uma parte dela que ela sabia que precisava matar, e rapidamente.

Levantando-se do chão, Immanuelle vagou pelo cemitério, ziguezagueando entre as lápides, lendo epitáfios na tentativa de clarear a cabeça. Alguns deles pertenciam a profetas e apóstolos de eras passadas, mas a maioria marcava os locais de descanso dos soldados cruzados que morreram na guerra civil para derrubar as bruxas.

Algumas eram valas comuns, e as pedras que as marcavam simplesmente diziam: ***Em memória dos Homens do Pai e da escuridão que eles expurgaram.*** Quanto às bruxas, não havia monumentos para marcar seus túmulos. Seus ossos e memórias estavam dentro da Darkwood.

No centro do cemitério havia uma grossa laje de mármore, com quase dois andares de altura, esculpida em um pináculo que se projetava do solo como um osso semienterrado. Immanuelle ajoelhou-se para ler a inscrição ao pé do monumento, embora não precisasse. Como quase todos em Betel, ela sabia de cor.

Dizia: ***Aqui jaz o primeiro profeta do Pai, David Ford, Primavera no Ano da Chama ao Inverno no Ano do Despertar.*** Abaixo disso, palavras gravadas profundamente na pedra diziam: ***Sangue por sangue.***

Emanuelle estremeceu. Enterrados sob seus pés estavam os ossos do Assassino das Bruxas, o profeta que purgou, queimou e limpou

Betel do mal. Pois foi David Ford quem ordenou que Lilith e o resto de seu clã fossem para a pira, que ateou o fogo e atçou as chamas. Cada expurgo começou com ele e a guerra que ele travou durante os Dias Sombrios.

Immanuelle saiu do chão e se levantou. Ao fazê-lo, ela ouviu um grito suave no vento. Deslizando entre as lápides, ela caminhou até a beira do cemitério, que parou perto da floresta. Uma cerca de ferro corria ao longo da borda do cemitério, separando-o da floresta invasora logo além do Solo Sagrado. E foi lá que ela os viu, Ezra e Judith juntos na escuridão a apenas alguns passos do memorial atrás do qual ela se encolhia.

Eles estavam perto um do outro, e Judith o segurava pela camisa, o pano enrolado em ambos os punhos.

“Chega,” disse Ezra, e ele puxou os dedos dela, tentando abri-los.

Judith apenas o apertou com mais força. “Você não pode me fazer querer ele.”

“Você fez um voto,” Ezra retrucou. “Você foi cortada da mesma forma que Leah, e faria bem em se lembrar disso.”

Ele começou a empurrá-la para longe dele, e foi quando Judith correu para frente, forçando seus lábios nos dele. Ela encaixou as mãos sob a camisa dele, movendo os quadris contra ele. “Por favor.” Ela murmurou em sua boca, seu pescoço. “Por favor, Esdras.”

Ele a agarrou pelos ombros, empurrando-a para trás. “Eu disse não.”

Lágrimas encheram os olhos de Judith. Ela se esticou para frente novamente, pegando-o pelo punho de sua adaga, e puxou-a com tanta força que a corrente que a segurava quebrou. Elos de corrente de prata deslizaram na escuridão, alguns voando tão longe que atingiram o chão aos pés de Immanuelle.

Seu coração tropeçou, então pulou uma batida. Ela se virou para sair, tropeçando nas saias do vestido de sua mãe enquanto ia, desesperada para fugir, quando uma das crianças que brincava perto do fogo gritou.

Ezra chamou a atenção, avistando Immanuelle enquanto virava a cabeça. Ele chamou seu nome e ela fugiu, correndo tão rápido pelo cemitério quanto ela tinha feito na floresta na noite da tempestade.



CAPÍTULO OITO

Pai ajudá-los. Pai ajuda a todos nós.

—MIRIAM MOORE

Naquela noite, IMMANUELLE sonhou com a floresta. No sono, ela conjurou visões da Mãe Sombria vagando pelos corredores da floresta, embalando um cordeiro abatido em Seus braços, Seu véu negro arrastando-se pelo mato. Ela sonhou com bruxas espantelhos queimando como tochas na noite, membros emaranhados e beijos roubados. Em seus pesadelos, ela viu os Amantes labutando na terra, agarrando um ao outro, dentes à mostra, olhos pálidos afiados com o luar.

Quando ela acordou, ela estava suando frio, a parte de trás de sua camisola úmido, grudado em seus ombros como uma segunda pele. Ela se sentou, tonta, seu coração batendo em um ritmo agudo contra suas costelas. Seus ouvidos zumbiam com um balido lamentoso.

A princípio, ela pensou que fosse o eco de um sonho. Mas quando soou novamente, sua mente foi para seu rebanho, as sombras de seus pesadelos desaparecendo quando ela se levantou e tirou a capa do gancho na porta. Ela enfiou os pés nas botas de lama, pegou o abajur da mesa de cabeceira e desceu as escadas do sótão e entrou no corredor.

A casa da fazenda estava silenciosa, exceto pelo chiado dos roncos de Abrão. Ela sabia que ele tinha tomado a cama de Anna por causa de quão perto ele parecia.

Ele ficava na cama de Anna com frequência naqueles dias, raramente, ou nunca, assombrando a de Martha.

Emanuelle ficou feliz com isso. Nas noites em que Abram ia para Martha, ela não dormia, e muitas vezes Immanuelle a ouvia andando pelos corredores. Uma vez, anos atrás, perto da meia-noite, Immanuelle pegou sua avó na cozinha com uma caneca cheia de uísque de Abram, olhando para a escuridão da floresta enquanto o marido dormia em sua cama.

Outro grito cortou o silêncio, e os pensamentos de Immanuelle voltaram para seu rebanho. Ela desceu as escadas o mais silenciosamente que pôde. Sua lâmpada balançou enquanto ela se apressava, lançando luz e sombra. Os lamentos continuaram, um som oco e agudo que parecia deslizar pelos ossos da casa. Quando Immanuelle cruzou para o pasto dos fundos, ela

percebeu — com um frio na barriga — que vinha do Darkwood.

Saindo da varanda dos fundos, Immanuelle atravessou os pastos, o brilho de sua lamparina a óleo um ponto de calor na maré negra da noite.

Outro grito, este mais agudo que o anterior, e mais alto.

Immanuelle partiu em direção aos pastos a toda velocidade, apenas para encontrar seu rebanho agarrado contra o frio da meia-noite, imóvel, silencioso e totalmente ileso. Ela fez uma contagem rápida. Vinte e sete no total, cada cordeiro e ovelha contabilizados. Mas o choro continuou, agora mais um uivo do que um lamento.

Então, outra coisa: um grito, arrancado direto da garganta de uma mulher.

Ao som, uma dor aguda atravessou Immanuelle. Ela dobrou mais, a lâmpada escorregando de sua mão. Ela o pegou do chão antes que o óleo pudesse derramar e a grama pegasse fogo, seus dentes cerrados contra a dor em seu estômago.

Os gritos ficaram mais frenéticos, até que Immanuelle percebeu que não eram gritos, mas uma espécie de canção. Ela sabia que deveria voltar para casa, voltar para sua cama onde era seguro e deixar a floresta com seus próprios males. Mas ela não o fez.

Era como se alguém tivesse amarrado um fio ao redor de seu esterno e puxado, puxando-a para mais perto. Como se algo, ou alguém, a estivesse levando para Darkwood. Talvez ela pudesse lutar contra isso se realmente tentasse. Ela podia ouvir todos os instintos que a incitavam a dar meia-volta e voltar para a casa da fazenda. Ela poderia cumprir suas promessas.

Mas ela não fez nenhuma dessas coisas.

Em vez disso, ela deu um passo em direção à linha das árvores, atravessando a grama balançando do pasto, escalando a cerca que o cercava, atraída pelos gritos da floresta. Lâmpada na mão, Immanuelle vasculhou o cerrado da vegetação rasteira, seguindo o chamado da floresta por entre as árvores. Ela não sabia por onde andava ou para onde andava, mas sabia — sem realmente saber — que não estava perdida.

E assim ela foi. Brambles agarrou sua camisola, e o frio soprou em sua nuca. Os gritos pareciam deslizar entre as árvores, embora fossem mais suaves, morrendo em suspiros e sussurros que se perdiam no vento sibilante. Ela podia ouvir seu nome agora no refrão: **Immanuelle. Emanuelle.**

Mas ela não sentiu medo. Ela não sentiu nada além de tonta e leve, como se não estivesse andando tanto quanto deslizasse entre as árvores, tão leve quanto as próprias sombras.

Um galho se partiu. Sua mão apertou o cabo da lanterna, e ela estremeceu um pouco, sua mão queimada esfregando sob as bandagens.

Ela sentiu o cheiro de algo molhado e inebriante no ar, e quando os gritos se aquietaram, ela ouviu o bater suave da água em movimento.

Por instinto, ela seguiu o som, levantando sua lâmpada bem alto para iluminar as árvores. Passando pelos arbustos, ela entrou em uma pequena clareira. No centro havia um lago, sua água negra como óleo. Como um espelho, refletia a face da lua de volta para si mesma. Ela parou na beira da água, sua mão apertando o cabo de sua lanterna.

"Olá?" ela gritou na noite, mas a floresta engoliu o som. Apesar do silêncio, não havia eco. Os gritos morreram. As árvores estavam imóveis.

Immanuelle soube então que deveria ter corrido, refeito seus passos e fugido de volta para a casa da fazenda. Mas em vez disso, ela endireitou os ombros e apoiou os pés, encontrando um pedaço de força para se agarrar. "Se houver alguém aqui, mostrem-se. Eu sei que sua espécie se esconde na Darkwood. Eu sei que você conhecia minha mãe, e você me chama como você ligou para ela. Qualquer que fosse o mal que procurassem com ela, Immanuelle precisava saber agora e acabar com isso.

Um grande anel ondulante se formou no centro da lagoa. As ondas lambiam a costa e a lanterna de Immanuelle crepitava como se o óleo estivesse acabando.

Na luz bruxuleante, uma mulher emergiu das águas rasas. Immanuelle cambaleou meio passo para trás e ergueu a lanterna. "Quem está aí?"

A mulher não respondeu. Ela deslizou pelas águas rasas como um peixinho, seus membros emaranhados nos juncos. Ao se aproximar, Immanuelle viu que ela era linda, com o tipo de rosto que poderia virar a cabeça de um profeta ou arrancar o coração de um homem por trás de suas costelas. E então Immanuelle a reconheceu das páginas do diário de sua mãe. Ela tinha a mesma boca áspera de uma das mulheres nos desenhos, que teria sido quase comicamente larga se seus lábios não fossem tão cheios e bonitos. Seu cabelo era escuro e liso, da mesma cor da espuma do lago que se agarrava às rochas nas águas rasas. Sua pele era tão pálida quanto a de um cadáver, igual à pele de

os Amantes e, como eles, trazia uma marca entre as sobrancelhas, uma estrela de sete pontas no meio de um círculo.

Immanuelle soube então: Esta era Dalila, a Bruxa da Água.

A mulher deslizou a barriga pela encosta da margem e arrastou ela mesma de pé. A lama negra cobria seus seios nus e modéstia, mas no calor da luz do lampião, Immanuelle podia distinguir cada corte e contorno. À medida que a bruxa se aproximava, ela percebeu que não era uma mulher, mas sim uma garota de sua idade, não mais que dezesseis ou dezessete, dezoito no máximo.

Delilah chegou tão perto que Immanuelle podia sentir o cheiro dela. Ela cheirava a coisas mortas, tudo líquen e folhas e podridão do lago. Foi então — à luz do luar — que Immanuelle viu seus hematomas, manchas pretas tão escuras quanto manchas de tinta manchando suas bochechas. Seu olho direito estava levemente inchado e ambos os lábios estavam rachados.

A bruxa estendeu a mão, os dedos dobrando ao redor do pulso de Immanuelle. Em um movimento rápido, ela rasgou as bandagens, expondo a queimadura de Immanuelle ao ar frio da noite. Apesar de todas as pomadas e cuidados de Anna, não havia curado bem. Era um pus vermelho, raivoso e choroso, que provavelmente deixaria uma cicatriz feia quando as crostas se desfizeram.

Cuidadosamente, como uma mãe segura uma criança, a mulher levou a palma de Immanuelle à boca e a lambeu. Seus lábios irradiavam um frio entorpecente.

Então Delilah a beijou: primeiro a palma da mão, depois o pulso, os lábios da bruxa se arrastando ao longo de seus tendões até as pontas de seus dedos. Ela manteve os olhos escuros nos de Immanuelle enquanto fazia isso, sem desviar o olhar.

O medo inundou o peito de Immanuelle e sua visão ficou turva. Ela pegou pedaços das páginas do diário de sua mãe transpostos com o rosto da mulher — seu rosto magro, pálido e morto. A lanterna escorregou de suas mãos e atingiu a terra com um **baque surdo**.

Delilah puxou sua mão. Immanuelle deu meio passo à frente, depois outra, tirando as botas enquanto caminhava. Ela entrou na água descalça. Ela sentiu as ondas subirem ao seu redor, até seus tornozelos, suas panturrilhas, suas coxas, lambendo a curva de sua virilha, o volume de seus seios, até que seus pés roçaram o fundo e a água beijou seu queixo.

Delilah a conduziu, cada vez mais fundo, vadeando para trás de modo que ela podia olhar para ela. Aqueles olhos mortos e inchados fixos em

da Emanuela.

E então eles estavam embaixo, perdidos para o preto e o frio e o sombra. O aperto da bruxa afrouxou, seus dedos escorregando do pulso de Immanuelle enquanto ela deslizava para as profundezas escuras do lago.

Immanuelle tentou segui-la, mas suas pernas estavam mortas embaixo dela, tão pesadas que ela teve que lutar a cada passo. O frio subia das profundezas da lagoa, e ela estava afundando como se tivesse tijolos acorrentados aos tornozelos. Seu peito apertou quando ela deslizou para a escuridão.

Ela viu rostos, fantasias passageiras, na escuridão fria: o lampejo do sorriso de sua mãe, os retratos pálidos da lua dos Amantes, o cadáver de vime de uma bruxa queimando em uma cruz, uma menina, uma mulher com o cabelo curta como a de um menino.

Immanuelle estendeu a mão para eles e tentou gritar, sua voz gorjeio, perdido para as águas.

E então – assim que ela estava se rendendo à escuridão – ela subiu novamente, rompendo a superfície com um suspiro. Do outro lado das águas do lago, a linha distante das árvores se confundiu e dobrou. A bruxa se foi. Ela estava sozinha.

Em Betel, era pecado nadar. Não era modesto nem prudente entrar na água, pois era considerado domínio dos demônios. Mas Leah ensinou Immanuelle em segredo em um verão, quando ambos eram jovens e ousados. Os dois haviam subido e descido na parte rasa do riacho, tapando o nariz e remando até Immanuelle aprender a respirar entre as braçadas.

E era em Leah que Immanuelle pensava agora, enquanto remava e chutava, seguindo o brilho de sua lanterna de volta à margem do lago. Uma corrente profunda puxou seus tornozelos, e cada golpe era uma luta. Quando ela finalmente voltou para a parte rasa, ela rastejou até a margem em suas mãos e joelhos e desmoronou, vomitando lodo na praia.

Seu pecado a salvou.

Enquanto pressionava a barriga, os braços tremendo, ela vislumbrou dois pés descalços caminhando pelas sombras da vegetação rasteira e entrando no pálido halo da luz do lampião. Empurrando os cachos molhados de seus olhos, ela olhou para cima para ver uma forma que era feminina – ainda que bestial – pairando sobre ela.

Ela - pois Immanuelle tinha certeza de que era uma "ela" - tinha uma forma alta e grosseira. Suas pernas eram longas e esbeltas, seus braços caídos, as pontas dos dedos roçando seus joelhos. E ela estava nua, tanto que nem um

pele de modéstia cobria sua virilha. Mas não foi sua nudez que atraiu tanto a atenção de Immanuelle, mas o crânio de veado empoleirado em cima de seu pescoço fino e pálido. Uma coroa de osso.

Seu nome subiu aos lábios de Immanuelle como uma maldição. “Lilith.”

A Besta bufou com força. O vapor agitou as rachaduras dela crânio, enrolando-se em torno de seus chifres.

Immanuelle agachou-se na lama. Mesmo em seu terror, ela teve o bom senso de reconhecer uma rainha quando via uma. Ela baixou o olhar, seu coração batendo tão forte dentro do peito que doía. E lá estava ela, prostrada na lama e na sombra, sua respiração engasgada, suas lágrimas cortando rastros na sujeira e lodo de lagoa em suas bochechas.

Ela ia morrer ali; ela tinha certeza disso. Ela ia morrer como os outros que foram tolos o suficiente para atravessar a floresta à noite. Ela não tinha fé de que alcançaria os céus – não depois de todos os seus pecados e tolices – mas orou mesmo assim.

Os pés da Besta se moveram. Seus dedos dos pés descalços agarraram a lama enquanto ela se agachava. Immanuelle arriscou um olhar para cima. Aquela grande cabeça de caveira inclinada para o lado, um movimento tão humano, até mesmo feminino, que por um momento fugaz, Immanuelle se lembrou de Glória.

A Besta levantou uma mão que parecia apenas vagamente humana. Com dedos que eram longos e impossivelmente finos, ela deslizou ao longo da ponte do nariz de Immanuelle, então desceu até o arco de seu cupido.

Paralisada, Immanuelle procurou os olhos de Lilith, encarando as órbitas negras e vazias da temível caveira. Mas ela não encontrou nada dentro deles além de vapor e sombras rodopiantes.

Seus joelhos ficaram fracos sob ela.

Lilith envolveu uma mão gigante e fria ao redor de seu pulso e a arrastou para ficar de pé. O vento estremeceu pela floresta, e as árvores pareciam se curvar e tremer em seu rastro. As águas do lago se agitaram e subiram, e a neblina inundou a clareira, girando em torno de seus tornozelos. Quando a criatura levantou a mão para colocar um cacho atrás da orelha de Immanuelle, algo como um soluço saiu de seus lábios.

Então a dor perfurou seu estômago mais uma vez, e Immanuelle se dobrou, mal ficando de pé. Mais uma vez, ela implorou por salvação - desta vez em voz alta - chamando o Pai, então

para a Mãe e, finalmente, para a própria Lilith, quaisquer deuses que se dignassem a ouvir.

Mas não houve resposta, nada. Nada além da dor ardente em sua barriga.

E quando os joelhos de Immanuelle enfraqueceram sob ela, um rastro de sangue escorregou por sua perna, percorrendo a inclinação de sua panturrilha e escorregando até o tornozelo, onde desapareceu na água que se acumulava a seus pés.

De repente, a lagoa se acalmou.

O vento se acalmou e as árvores pararam de se debater.

Lilith recuou lentamente para as sombras, mergulhando o crânio evite pegar os galhos com seus chifres. Ao fazer isso, Immanuelle poderia jurar que viu algo piscar brevemente no preto de suas órbitas. E então a bruxa se foi.



IMMANUELLE RAN. MAS a cada passo, cada investida que ela dava através de arbustos e samambaias, a dor em seu estômago ficava mais aguda, e a escuridão ficava mais densa, e a floresta parecia engoli-la, arrastando-a três metros para trás a cada cinco que corria. Acima, os galhos se arqueavam em um estranho caleidoscópio, o luar se estilhaçando, as sombras se espalhando, as estrelas piscando no escuro.

Mas ela correu para frente, mesmo quando a escuridão se arrastava em seus tornozelos, puxando-a de volta para o coração da floresta. Ela viu uma luz distante na escuridão. O brilho opaco das janelas aquecidas por velas. A casa de fazenda dos Moore espiava pelas frestas entre as árvores.

A dor esculpiu em sua barriga e um grande rugido encheu seus ouvidos quando as sombras se ergueram ao redor dela. A última coisa que Immanuelle viu, antes que a noite a engolissem, foi o olho brilhante da lua, piscando por entre as árvores.



CAPÍTULO NOVE

***Com a sangria vem o poder dos céus e infernos.
Pois uma oferta de ferro compra expiação, em
todas as suas muitas formas.***

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

IMMANUELLE acordou esparramada no chão. Ela levou alguns segundos para perceber que ela não estava nas profundezas do Darkwood, mas em sua própria casa, em sua própria cozinha, deitada de bruços ao pé da pia. Do outro lado da sala, sua capa molhada e enlameada estava amontoada ao lado da porta dos fundos, que estava entreaberta.

De repente, as memórias da noite voltaram a ela. Lá estava Delilah deslizando pelos juncos e baixios, Lilith deslizando de volta para as sombras do Darkwood tão silenciosamente quanto ela chegou, os galhos se fechando ao redor dela, a escuridão caindo. Ela se lembrava de correr pela floresta, da dor na barriga, do sangramento, do colapso na beira da floresta, do rosto da lua olhando para ela através das brechas entre as árvores.

Ela poderia ter pensado que era tudo um sonho, se não fosse o lodo preto endurecido sob suas unhas, seu cabelo molhado e a camisola enlameada.

Não, tinha acontecido. **Tudo** isso aconteceu.

Pela luz azul que entrava pela janela da cozinha, ela sabia que o sol estava se aproximando, embora, pelo que ela pudesse dizer, o resto da casa ainda não tinha acordado. Ela estava grata por isso. Ela só podia imaginar a surra que Martha infligiria se soubesse que Immanuelle estava na floresta novamente.

Immanuelle afastou o pensamento de sua mente, sentindo o gosto de bile no parte de trás de sua garganta. Uma dor surda atravessou sua barriga novamente e ela estremeceu. Apertando os olhos, ela olhou para baixo entre as pernas para ver que havia uma pequena poça fria de sangue embaixo dela. Ela estava fluindo livremente, a umidade vermelha escorrendo por suas anáguas e manchando as tábuas do assoalho.

Seu primeiro sangramento.



IMMANUELLE MELHOU PARA limpar a cozinha, encharcando o sangue com um pano de prato velho, limpando a lama. Quando o chão foi limpo, ela se esgueirou escada acima até o banheiro, pegou um punhado de trapos da cesta ao lado da pia e lutou para encaixá-los em suas calças, sentindo-se menos como uma mulher e mais como uma criança tentando trocar de roupa. panos de sujidade. Seu sangramento deveria ter sido um momento de celebração, alívio – contra todas as probabilidades, ela finalmente era uma mulher – mas tudo o que ela sentiu foi pequena, ferida e um pouco doente.

Immanuelle compartilhou a notícia primeiro com Anna, depois com Martha dela. Houve uma onda de excitação, alguém a sentou em uma cadeira da sala de jantar, forneceu-lhe uma xícara fumegante de chá de folhas de framboesa e um prato de ovos e bolo frito, que ela se sentiu muito mal para comer. Mas, apesar da insistência de Anna para que ela permanecesse na cama, ao nascer do sol Immanuelle estava a caminho dos pastos, cado na mão. Pastorear o rebanho era uma tarefa difícil. Ela estava lenta e cansada de sua noite na floresta, e sua barriga doía com as dores do sangramento. O rebanho pareceu sentir sua inquietação. Os carneiros estavam inquietos, as ovelhas nervosas. Os cordeiros baliavam a cada brisa que passava, como se temesse que o vento arrancasse a carne de seus ossos. Levou tudo que Immanuelle tinha para conduzi-los aos pastos a oeste, e quando a ação finalmente foi feita, ela desabou na grama alta, exausta, com o estômago doendo.

Logo além da borda do pasto, a Floresta Negra assomava, a floresta sombra arranhando as planícies enquanto o sol mudava. Alguns abutres circulavam os pinheiros, cavalgando o vento, mas não havia sinal das bruxas. Nenhuma mulher da floresta. Sem Amantes se contorcendo. Delilah não se escondeu entre as árvores e não viu nenhum sinal de Lilith.

A floresta estava silenciosa.

À medida que a luz do sol nascente mudava entre as árvores, os pensamentos de Immanuelle foram para a última entrada no diário de Miriam:

Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Pai ajudá-los.

O que Miriam viu na floresta que inspirou esses escritos?
O que ela sabia que Immanuelle não sabia? E talvez o mais importante, qual foi o desejo carnal que obrigou Immanuelle a voltar para a floresta de novo e de novo, apesar do perigo?

Por que o Darkwood ligou para ela?

Immanuelle poderia ter ficado lá o dia todo, olhando para as árvores e lutando com a verdade, se ela não tivesse se distraído pelo som de alguém chamando seu nome.

Ela se virou, apertando os olhos contra a luz do sol nascente, e viu Ezra vindo em sua direção, um pacote na mão. "Bom dia", disse ele.

Com uma pontada, Immanuelle se lembrou de tê-lo visto na noite, à beira da floresta, envolta no abraço de Judith.

Immanuelle voltou o olhar para suas ovelhas. Ao longe, seu lavrador, Josiah, conduziu o rebanho para longe de Darkwood.

"Que o Pai assim o queira."

Ezra parou bem perto dela, mas a brisa carregava o cheiro dele – feno recém-cortado e cedro. Uma batida de silêncio. Ele enfiou as mãos nos bolsos. "Estou aqui para pedir desculpas."

Immanuelle hesitou, sem saber o que dizer. Os oficiais da Igreja raramente ofereciam desculpas, devido ao fato de que raramente pecavam.

"Pedir desculpas pelo quê?"

Ezra sentou-se na grama ao lado dela, tão perto que seus ombros quase se tocaram. Ele observou o pasto em silêncio, então se virou para ela. "Pelo que você viu ontem à noite, depois do banquete. Eu não me comportei de uma maneira que fosse digna do meu nome. Foi baixo da minha parte, e também foi egoísta deixar você a par dos meus pecados."

Seus pecados não eram da conta dela. O olhar de Immanuelle se moveu para a árvore linha. Ela abraçou os joelhos contra o peito e ficou em silêncio. Sem esperar por sua resposta, Ezra empurrou o pacote que estava carregando em suas mãos.

Immanuelle estava disposta a recusar seu presente, até sentir o peso e a forma dele. Era um livro.

"É o que você estava lendo no mercado," ele disse enquanto ela rasgava o papel. Um pouco de cor veio às suas bochechas e ele quase parecia envergonhado, embora ela soubesse que isso não era possível. Não havia como alguém como ela provocar essa reação de gente como ele. "O mesmo, quase."

Immanuelle folheou o livro até encontrar o poema que havia lido naquele dia. Ele estava certo, era o mesmo, embora a encadernação do lado de fora fosse diferente, e quase todas as páginas estavam marcadas com o selo da Igreja. Ele deve ter procurado na biblioteca particular do Profeta, ela percebeu com um sobressalto. Teria sido um gesto gentil, não fosse o fato de ser um suborno.

"Eu não preciso de um livro para ficar quieto." Ela fechou o livro e o estendeu para ele. "Seu negócio é seu. Eu não vou contar a ninguém.

Você não precisa se preocupar."

"Eu não estou preocupado. EU . . . apenas me sinto culpado por pedir que você guarde meus segredos."

"Então não pergunte", disse Immanuelle, ainda segurando o livro para ele. "Não é problema."

"Mas é um pecado." Ezra estava certo sobre isso. Foi um pecado, e um pecado grave. O mesmo crime que colocou seu pai, Daniel, na pira. Mas à luz do que ela tinha visto na floresta na noite anterior, parecia quase banal.

"Os pecados podem ser perdoados", disse ela, ecoando as palavras de Leah de alguns sábados anteriores.

"Sim," disse Ezra. "Mas a culpa é uma coisa difícil de aliviar."

"E é por isso que você quer que eu fique com o livro? Para aliviar sua culpa?"

"Se não for pedir muito." Esdras deu de ombros. "Além disso, eu gostaria de ter alguém para conversar."

"Sobre poesia?"

Ele assentiu. "Há mais disso na biblioteca. Posso verificar as prateleiras, trazer-lhe mais livros.

"Não," disse Emanuelle. "Isso vai servir, obrigado. Mesmo se você estiver tentando comprar meu silêncio."

Ela se encolheu, ansiosa por mais uma vez ter ido longe demais e falado demais, mas Ezra apenas sorriu.

Pela primeira vez, ela notou que ele tinha uma leve camada de sardas no nariz, que estava um pouco torto, como se ele tivesse levado um soco forte em uma briga de recreio. E talvez ele tivesse. Rumores sobre Ezra se espalharam tão rápido quanto os rumores sobre ela. Ele era conhecido por ser perversamente inteligente, sempre lendo ou estudando, o tipo de pessoa que sabia fazer as perguntas certas. Ele também era forte, com a vontade teimosa de seu pai, e como ele, Ezra tinha o respeito da maioria dos homens em Betel, e se não fosse isso, então medo – medo do poder do Profeta que queimava nele como fogo sagrado, embora ele não tivesse. Ainda não testemunhei sua Primeira Visão.

"O que aconteceu com seu lábio?" A pergunta de Ezra a tirou de seus pensamentos, e ela percebeu que ele a estava observando. Ela levantou a mão para tocar o local onde Judas a havia golpeado. Embora seu lábio cortado há muito tivesse cicatrizado, a borda de sua boca ainda estava machucada e inchada. "Perdi uma luta com um carneiro furioso."

"Aquele que você tinha no mercado?"

"Sim." Ela pensou na cabeça sangrando de Judas, deixada no toco como um presente, então deixou escapar: "Ele está morto".

"Um sacrifício?" Seu olhar voltou para o pasto.

Ela começou a balançar a cabeça, mas se conteve. "Pode ser."

Ezra ficou de pé e se espreguiçou, rolando os ombros. "Contar me como você gosta desse livro. Há mais de onde isso veio. Há uma biblioteca no Haven; Eu posso conseguir o que você quer."

Immanuelle abriu a boca para responder, para lhe dizer que uma garota como ela não tinha nada a ver com os livros do Profeta, por mais que quisesse lê-los, quando um grito irrompeu pelos pastos.

Ela reconheceu a voz: Glória.

Houve um momento de pausa; então um segundo grito soou.

Immanuelle estava de pé em um instante. Ezra se inclinou na frente dela enquanto ela se movia, como se quisesse protegê-la de qualquer mal que estivesse vindo em seu caminho. Mas Immanuelle não teve tempo de agradecer seu cavalheirismo. Ela passou por ele, correndo em direção ao eco dos gritos de Glory. E enquanto corria, tudo em que conseguia pensar eram as mulheres da floresta — as bruxas de olhos mortos.

Ela encontrou Glory perto do poço no final dos pastos, a poucos metros da borda da floresta, um balde virado a seus pés.

"Você está machucado?" Immanuelle perguntou, desacelerando até parar.

Glory balançou a cabeça, boca aberta, cachos loiros grudados em seus lábios. Seu olhar vacilou para Ezra, como se ela estivesse tão chocada ao vê-lo quanto pelo que quer que a tivesse assustado. Mas o momento passou e ela voltou a si. As palavras pareciam ficar presas em sua garganta quando ela apontou para o balde com um dedo trêmulo.

Ezra se abaixou para pegá-lo. Foi então que Immanuelle sentiu o cheiro de podridão no ar, úmido e fétido. Algo preto penetrou no solo, escorregando nas paredes do balde.

Immanuelle engoliu seco, seu estômago revirando, enquanto Ezra colocava o balde em seu gancho e o baixava nas profundezas do poço novamente. Ele girou a manivela e o balde desceu, desaparecendo nas profundezas. Quando o som da água quebrando na borda do balde ecoou pelo eixo, ele começou a girar a alavanca novamente, trabalhando rápido, os ombros tensos com o esforço.

Lentamente, o balde subiu acima das pedras da parede do poço. Ezra o tirou do gancho e Glory cambaleou para trás, como se ele tivesse puxado uma víbora da água.

Ele abaixou o balde no chão e, para horror de Immanuelle, ela viu que estava cheio até a borda com um líquido espesso e escuro que espirrou sobre a borda e enegreceu o solo abaixo. Immanuelle caiu de joelhos ao lado dele e mergulhou os dedos no balde. Quando ela tirou a mão, as pontas dos dedos estavam vermelhas e escorregadias.

“Sangue,” ela sussurrou, e com essas palavras, uma espécie de terrível déjà vu caiu sobre ela, tão poderoso que parecia rasgar sua alma de seu corpo. Levou um momento para ela voltar a si mesma. “Onde está Marta?”

“Ela partiu para os Solos Sagrados com minha mãe para um parto”, disse Glory, tropeçando nas palavras. “A sexta esposa do apóstolo Isaque foi para

“E Abrão? Onde ele está?”

“E-em sua oficina.”

“Traga ele,” ela disse, e quando a garota não se moveu, ela deu a ela um pequeno empurrão na direção certa. **“Agora!”**

Ezra deu um passo à frente então, franzindo a testa para ela. “Você está bem?”

Immanuelle assentiu, tentou responder, mas ficou em silêncio enquanto olhava para a mão manchada de sangue. Ela sentiu aquele puxão novamente, a força fantasma que a arrastou de seu corpo apenas momentos antes – não muito diferente da atração da floresta.

“Eu estou . . .”

**Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Sangue. Praga. Escuridão.
Abate. Sangue.
Sangue.**

“Imanuel—”

“Obrigado pelo livro.” Com isso, Immanuelle se virou e partiu em direção à casa da fazenda, cortando os pastos a toda velocidade. Estava vazio, como Glory havia dito que estaria, e Immanuelle correu pela sala e subiu as escadas para seu quarto. Ao pé da cama, ela caiu de joelhos, deslizou a mão sob o colchão e retirou o diário. Ela o abriu no chão, manchando as páginas com sangue enquanto passava por elas até a entrada final: **Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Sangue. Praga.**

**Escuridão. Abate. Sangue. Praga. Escuridão. Abate. Sangue.
Praga. Escuridão. Abate. Sangue –
Sangue.
Claro.**

O choque se transformou em pavor, e o pavor se transformou em horror quando Immanuelle leia as palavras, percebendo seu significado pela primeira vez. O jornal. A lista. Os desenhos da floresta e suas bruxas.

As palavras de Miriam não eram divagações de uma louca. Eram avisos do que ainda estava por vir.

Quatro avisos. Quatro bruxas. Quatro pragas, e a primeira veio sobre eles.

“Immanuelle, o que...” Ezra entrou no quarto dela, agachando-se ao lado dela. Seu olhar foi dela para o diário aberto em seu colo.

“O que é isso?”

Immanuelle fechou o diário, jogou-o de volta em sua esperança peito e fechou-o. Ela se virou para oferecer a Ezra alguma desculpa passageira, mas o som dos sinos da igreja a interrompeu. Doze pedágios em rápida sucessão, uma pausa, e então mais sinos tocando em Betel enquanto outros atendiam o alarme. E assim, a primeira das pragas começou.



CAPÍTULO DEZ

O amor é um ato de lealdade.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

IMMANUELLE Sentado na carroça de mulas ao lado de Martha, olhando para as planícies moribundas enquanto eles rolavam pela estrada principal em direção ao Solo Sagrado. O ar estava pesado com o fedor de sangue, e o zumbido dos mosquitos gordos de sangue era tão alto que quase abafava o som das rodas da carroça chacoalhando.

Nos tempos antigos — quando as filhas da Mãe Sombria travaram guerra contra o rebanho do Pai — houve batalhas nas planícies. Immanuelle lembrou as histórias que seus professores contavam na escola, histórias de homens feridos e campos de batalha encharcados de sangue que se estendiam até onde a vista alcançava.

Immanuelle pensou nessas histórias enquanto cavalgavam em direção à catedral, atravessando as fazendas moribundas das Clareiras e quilômetros de campos de milho enegrecidos pelo sangue. Nas semanas que se seguiram à praga do sangue, as águas contaminadas se infiltraram no solo, infectando a terra e matando as colheitas.

O mundo inteiro ficou vermelho e podre.

A garganta de Immanuelle doeu. Ela não tinha bebido um gole desde o nascer do sol. A casa dos Moore agora racionava água — todo mundo fazia — mas ainda assim, não havia o suficiente para todos. Água limpa não podia ser encontrada em nenhum lugar dentro das fronteiras de Betel, e havia rumores de que os estoques da Igreja estavam praticamente esgotados.

Para surpresa de Immanuelle, Martha puxou as rédeas, conduzindo a mula em direção aos Subúrbios, uma extensa favela que se escondeu na sombra da floresta ao sul. A maioria dos betelianos evitava os arredores, por medo dos pecadores que moravam lá em vergonha e miséria.

“Sangue inundando os Solos Sagrados”, disse Martha, para explicar por que decidiu fazer o caminho mais longo até a catedral. “As estradas lá são intransitáveis.”

A carroça passou por uma série de barracos tão curvados e decrepitos que pareciam estar a uma boa rajada de desmoronar em um monte de gravetos. Ao se aproximarem do centro da aldeia,

Immanuelle avistou a pequena igreja em ruínas onde os da periferia se reuniam para adorar no sábado, quando o resto de Betel se reunia na catedral. O prédio tinha um campanário curto e torto e um único vitral que mostrava uma mulher de véu preto, que Immanuelle supôs ser uma santa ou anjo, embora não usasse diadema. Não foi até a carroça se aproximar que ela reconheceu a mulher por quem ela era: a Mãe Sombria.

Nos afrescos pintados nos tetos abobadados da catedral, o A Deusa sempre foi retratada como uma desgraçada, toda com membros retorcidos e dedos com garras, lábios manchados com o sangue de cruzados que ela devorou em batalha. Mas neste retrato, a Mãe Sombria parecia linda, até mesmo gentil. Sua pele era de um tom profundo de ébano, quase tão escura quanto seu véu, mas seus olhos eram pálidos e arregalados. Ela não se parecia com a maldita deusa das bruxas e dos infernos. Não, nesta representação, ela parecia mais mortal do que monstro. . . e de alguma forma, isso era pior.

O carrinho chacoalhou. Alguns garotos sem camisa corriam descalços pela sujeira das ruas. Quando Martha e Immanuelle se aproximaram, elas pararam seus jogos e congelaram, com olhos de coruja e silenciosas enquanto a carroça da mula passava roncando.

Espreitando à distância estava a sombra da Darkwood ocidental. Quanto mais fundo eles se aventuravam na vila, mais perto o Darkwood se aproximava. Enquanto as florestas das Clareiras no leste eram exuberantes e densas, elas não eram nada em comparação com as selvas que margeavam os Subúrbios. De alguma forma, os bosques do oeste pareciam mais vivos. As copas das árvores fervilhavam de vida — esquilos-raposas do tamanho de gatos corriam pelos galhos das árvores, e corvos empoleiravam-se na copa de carvalhos e cornisos, tomando sol com as asas e grasnando suas canções noturnas. Acima, um falcão de barriga branca circundava a extensa floresta e um vento forte agitava as árvores, trazendo o cheiro de barro e matança.

Ao longo da floresta havia tributos e sacrifícios - um alqueire de milho enfiado em um recanto entre as raízes das árvores, uma pele de carneiro pendurada no galho baixo de um carvalho, uma cesta de ovos no topo de um toco de árvore, coroas do que parecia estar seco alecrim, galinhas e coelhos mortos amarrados pelas pernas e pendurados nos galhos dos pinheiros.

Immanuelle ergueu-se do assento para ter uma visão melhor da estranha variedade. "O que é aquilo?"

Martha manteve os olhos na estrada. “São oferendas.”

A carroça passou roncando pelo que parecia ser uma espécie de altar - uma intrincada obra de palha de galhos e galhos sobre a qual jazia uma cabra eviscerada. “Ofertas para quem?”

“A floresta”, disse Martha, e ela pareceu cuspir as palavras. “Nessas partes, eles os adoram. O Profeta deveria lançá-los à selva por tal pecado. Se eles amam tanto a floresta, que voltem a ela.”

— Por que ele não?

“É um ato de misericórdia, suponho. Mas eu não presumo os caminhos do Profeta e você também não deveria.” Ela lançou um olhar firme para Immanuelle antes de voltar seu olhar para a estrada. “Além disso, aqueles nos arredores têm sua estação – como nós temos a nossa. Até o pecador tem um lugar neste mundo. E até o herege pode exaltar o Pai à sua maneira.”

Ao cruzarem o coração da favela, uma jovem com pele de mogno emergiu das ruínas de uma cabana em ruínas e vagou no meio da estrada. Seus pés estavam descalços e machucados, e havia um bebê berrando amarrado ao peito com uma tipoia. Ela abriu os braços quando eles se aproximaram, os lábios ressecados entreabertos, os olhos selvagens. “Água para o bebê, por favor. Poupe-nos uma gota para beber.”

Martha murmurou uma oração e sacudiu as rédeas. As rodas do carrinho rompeu uma poça, espirrando a mulher com sangue. Ela cambaleou para trás, segurando seu filho, e tropeçou na bainha de seu vestido enquanto recuava.

Immanuelle virou-se para dizer alguma coisa, mas Martha a pegou o pulso. “Deixe-a com seus pecados.”

Mas Immanuelle não conseguia tirar os olhos da mulher. Ela a observou, agachada e chorando na beira da estrada, até que ela se reduziu a nada mais do que um cisco no horizonte, e então desapareceu.

Eles viajaram. Ao virarem para o sul em direção ao Solo Sagrado, o zumbido de moscas e mosquitos ficou mais alto. A favela deu lugar a planícies abertas e prados inundados de sangue que foram afogados pelo transbordamento de águas subterrâneas contaminadas. Ao longe, as extensas fazendas que pertenciam aos apóstolos da Igreja, campos de milho e pastagens de gado tão grandes que se estendiam bem além do horizonte ocidental. Eles foram preenchidos com o apodrecimento, enxame de moscas

cadáveres de vacas, cavalos e outros animais que morreram de sede nos primeiros dias da peste.

“Miriam costumava cavalgar nessas colinas”, disse Martha, com as mãos ainda apertadas em torno das rédeas. Ela sorriu levemente, e Immanuelle vislumbrou a mulher que ela poderia ter sido antes da morte de sua filha. Alguém gentil, caloroso mesmo. “Abram comprou um pônei para ela no verão de seu décimo terceiro aniversário. Ela andava quase todos os dias, subindo e descendo esses caminhos - indo rápido como os próprios demônios - até que um dia ela correu demais. Aquela égua tropeçou em uma pedra perdida na estrada e quebrou a perna na altura do joelho. Eu assisti acontecer. Ela caiu ali mesmo.” Martha apontou para um bosque de macieiras mortas ao longo do acostamento da estrada.

“O que aconteceu com o cavalo?” Immanuelle perguntou, e quando ela falou, seus lábios rachados se abriram. Ela tentou molhá-los, mas sua língua estava seca.

“Miriam pôs de lado”, disse Martha, nesse tom monótono e morto, como se estivesse apenas comentando sobre o tempo. “Abram ia fazer isso, mas ela não o deixou. Ela mesma disparou o rifle, atirou no olho daquele pônei.

Immanuelle processou isso em silêncio, um calafrio cortando sua coluna vertebral. A carroça estremeceu pela estrada para a catedral, as sombras pressionando enquanto o sol se punha. Era só ela e Martha naquela noite. Anna tinha ficado em casa para cuidar do resto da família.

“Vão em paz,” ela disse a eles quando eles saíram, e Immanuelle pôde diga que ela estava preocupada. Qualquer um com o sentido que o Pai lhes deu era. A terra sob seus pés sangrava e, apesar de suas melhores orações e esforços, eles não conseguiam parar. Foi exatamente como Miriam havia profetizado em seu diário.

Se o Profeta e os apóstolos soubessem a causa da praga do sangue ou uma maneira de pará-lo, eles não compartilharam suas descobertas com o rebanho. Eles simplesmente exortaram o povo a orar e jejuar, na esperança de ganhar o favor do Pai. Até então, eles eram instruídos a racionar seus recursos – colher frutas e vegetais para fazer sucos, coletar água da chuva e o pouco que pudessem do orvalho todas as noites e manhãs. Mas esses escassos esforços não foram suficientes. Immanuelle já havia perdido seis de suas ovelhas por sede ou envenenamento.

Mas, apesar dessas dificuldades, havia alguma esperança. Dias após o praga de sangue, tempestades varreram Betel. E, graças aos esforços coordenados dos agricultores e da Igreja, uma boa quantidade de

água foi recolhida. Além disso, as reservas de gelo nas catacumbas do Refúgio do Profeta provaram ser úteis, assim como suas extensas adegas. Falou-se até de importar água doce de assentamentos além do Portão Sagrado. Ainda assim, apesar dessas provisões, os recursos estavam diminuindo rapidamente e, sem chuva por vários dias, o pânico estava começando a aumentar novamente. Gado e gado estavam morrendo a cada dia, e mais perdas, perdas **humanas**, eram esperadas se a praga do sangue não terminasse logo.

Depois de um longo e sinuoso passeio, eles se aproximaram da catedral para encontrá-lo cheio. Era um dia de semana, mas os fazendeiros haviam saído cedo de seus campos e todos os apóstolos estavam reunidos.

Immanuelle saltou do carrinho. A multidão mudou, o pátio cheio de homens e meninos vestidos com camisas suadas e calças manchadas de sangue, suas roupas cheirando a campos.

Ao longe, Immanuelle viu o riacho onde ela e Leah costumavam se encontrar depois da igreja, reduzido agora a pouco mais que um corte sangrento esculpido nas colinas. As rochas salientes do rio estavam manchadas de sangue. A ravina inteira parecia a cena de um massacre, e Immanuelle sentiu o fedor de podridão de onde estava.

"Por aqui." Martha insistiu com ela. Juntos, eles se abaixaram pela multidão reunida, esquivando-se de carroças e carruagens. Em comparação com a comunhão do sábado, este era um assunto solene. Todos pareciam estar falando em murmúrios baixos, como se temesse provocar o próprio Pai se falassem mais alto.

Martha e Immanuelle subiram os degraus e entraram no catedral. Dentro de casa, o ar estava espesso com o cheiro de sangue e suor. As pessoas lotavam os bancos e se espalhavam pelos corredores adjacentes. Na frente, enfileirados atrás do altar, estavam os apóstolos e outros santos de alto escalão da Igreja, mas Esdras não estava entre eles. Ele estava no chão da catedral, andando de banco em banco com um balde de leite e uma concha de ferro. Ele parou na frente de um velho e levou a concha aos lábios. Alguns momentos depois, quando uma garotinha se aproximou dele, ele abaixou o balde no chão, ajoelhou-se e sussurrou algo que a fez rir. Depois que ela bebeu o suficiente, ele secou a boca dela com a manga da camisa, pegou o balde e continuou andando.

Quando ele cruzou para o corredor central, seus olhos encontraram os de Immanuelle. Ele hesitou por um momento, como se estivesse envergonhado de ser pego na

meio de seu ministério. Mas então ele se recuperou e foi em direção a ela, atravessando a multidão ao seu lado.

Ele levou a concha aos lábios dela. "Aqui", disse ele, sua voz irregular. Ele soou como se ele mesmo pudesse tomar uma bebida.

Immanuelle se inclinou para frente, a borda fria da concha pressionada contra o lábio inferior. Ela tomou um pequeno gole. Então outro. O leite estava quente e doce. Enquanto bebia, acalmou seus lábios rachados e aliviou a queimação em sua garganta. Ela esvaziou a concha, e Ezra estava mergulhando-a no balde novamente para lhe oferecer uma segunda bebida, quando Martha chamou seu nome.

A mão da mulher se fechou ao redor do ombro de Immanuelle em um aperto forte. Seus olhos passaram de Immanuelle para Ezra, depois de volta para Immanuelle novamente. "Venha agora, devemos encontrar um lugar para sentar antes de sermos obrigados a ficar de pé."

"Ela é bem-vinda para se sentar conosco", disse Ezra, e ele acenou para um banco alguns metros de distância, cheio de amigos e meio-irmãos. Seu convite pareceu despertar o interesse deles. Como herdeiro em ascensão, Ezra era um prêmio entre os jovens solteiros de Betel e era conhecido pelas moças da corte quando lhe convinha. Mas se suas expressões chocadas eram alguma indicação, Immanuelle tinha certeza de que seus amigos nunca o viram entreter uma garota que se parecesse com ela.

Martha parecia ciente disso também, e Immanuelle podia dizer que ela desprezou a atenção. "Immanuelle permanecerá onde ela pertence, comigo."

"Muito bem," disse Ezra, talvez percebendo que seu testamento não era páreo para Martha. Cautelosamente, ele pegou a concha da mão de Immanuelle e voltou para seus amigos. Por sua vez, ela foi atrás de Martha, ciente dos olhares que a seguiam enquanto ela ia.

Pouco depois de se sentarem, o Primeiro Apóstolo, Isaac, subiu ao altar. Ele era um homem alto, pálido e gavião, com uma boca severa e um queixo duro. Immanuelle imaginou que ele poderia ter sido muito bonito em sua época, e ela sabia que ele tinha as esposas para provar isso. Sua voz tinha o rico timbre de um órgão bem afinado, e reverberou pela catedral enquanto ele falava. "Nos reunimos hoje para tratar de uma doença grave. Estou aqui em nome do Profeta, que – na esteira desse grande mal – se aposentou em seu santuário, para um período de oração e súplica."

Esta declaração foi recebida com um coro de murmúrios. No passado ano sozinho, o Profeta passou semanas trancado no Haven,

engajados em jejum e meditação. Mas havia preocupações crescentes de que seus períodos sabáticos abruptos fossem, na verdade, devido à sua saúde debilitada.

“Nossas terras foram contaminadas”, disse o apóstolo, caminhando ao pé do altar. “Um grande mal se move em nossas águas. Nossos rios correm com ele. Eu sei que vocês temem por suas famílias, colheitas e terras. Você está certo em fazê-lo. Essa praga não é obra da natureza, como a conhecemos. É mais do que casualidade. Alguém entre nós, talvez até mesmo alguém sentado nos bancos esta noite, trouxe esta maldição sobre nós.”

Suspiros ecoaram pela catedral, e os sussurros começaram, um grande assobio como o som das cigarras no verão.

O apóstolo Isaac elevou sua voz para um grito próximo. “O Profeta tem certeza de que alguém se convocou com as forças das trevas para despertar esse mal antes adormecido.”

A respiração de Immanuelle falhou. Ela pensou em Delilah caminhando pelas águas rasas do lago, nos Amantes se contorcendo na sujeira do prado, no vislumbre dos pés descalços de Lilith quando ela emergiu das sombras da Floresta Negra. Seria possível que essas breves trocas fossem o início de algo muito maior e mais horrível do que ela havia percebido na época? Seria possível que *ela* tivesse alguma parte nisso?

“Diga-me, como esse mal foi conjurado?” Uma voz ecoou na parte de trás da catedral, fina e trêmula. Uma velha deu um passo à frente, e Immanuelle imediatamente a reconheceu. Era Agar, a primeira esposa do profeta anterior e uma das últimas ainda vivas.

Apoiando-se pesadamente em sua bengala, Hagar mancou até o corredor e olhou para Isaac. “Você diz que esse pecador deve ter se reunido com forças na Floresta Negra, mas deve ter sido mais do que isso. Muitos tolos caminharam pela floresta e testemunharam seus horrores sem gerar pragas como esta. Não vimos poder como este desde os dias de David Ford. Por que um mal tão grave despertaria agora, de todos os tempos?”

“O Profeta acredita que houve algum tipo de . . . *incentivo* feito”, disse o apóstolo Isaac hesitantemente. “O Pai não é o único que recebe ofertas de sangue. Se alguém entre nós realizasse um ritual, fizesse um sacrifício de sangue à Mãe, pode ter sido o suficiente para despertar esse mal.”

A respiração de Immanuelle afrouxou um pouco com isso. Ela pode ter pecado quando ela entrou na Darkwood, testemunhou coisas que ela não deveria ter visto, mas ela não tinha se rebaixado a ponto de fazer uma oferenda à Mãe. A praga deve ter sido obra de outra pessoa.

Ainda assim, parecia que o Apóstolo Isaac falou apenas com Emanuelle quando disse: “Se algum de vocês se ofereceu às Trevas, peço que confesse seus pecados agora – para que você possa poupar sua alma do fogo da pira e do fogo. chamas sagradas de purificação.”



CAPÍTULO ONZE

Pois é no fogo da purificação que as almas dos homens encontram a fé.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

HAVIA FOGO em todas as línguas quando a reunião foi encerrada.

Queimar era a punição tradicional por feitiçaria ou heresia em Betel, mas fazia anos desde a última purgação. Alguns falavam disso como uma bênção, outros como uma emoção, lembrando as grandes piras que queimaram no topo das colinas em expurgos do passado. Embora parecesse que todos estavam muito abalados com a proclamação do apóstolo Isaac de que uma maldição havia sido lançada deliberadamente, Immanuelle não sabia o que os assustava mais: a praga do sangue ou a ameaça das chamas sagradas.

“Emanuela.” Ela se virou ao som de seu nome para descobrir que Leah escapou das garras das outras noivas do Profeta.

Era a primeira vez que Immanuelle via sua amiga desde a noite do corte. A vedação entre as sobrancelhas estava cicatrizando bem, embora as bolsas escuras de hematomas sob seus olhos tivessem se aprofundado, ainda que apenas um pouco.

“Você parece bem.” Immanuelle se permitiu essa pequena mentira enquanto se abraçavam. “Os outros são gentis com você?”

“Eles me tratam como eles querem,” Leah disse, então olhou por cima dela. ombro. A alguns metros de distância, as outras esposas do Profeta se aglomeravam, suas bocas apertadas em linhas finas enquanto estudavam a multidão. Ela pegou Immanuelle pelo cotovelo e a guiou alguns passos para longe, onde os ouvidos atentos não os ouviriam. “A maioria deles não são cruéis, mas também não são gentis. Esther – a mãe de Ezra – é a única que é realmente boa para mim.”

“E o seu marido? Ele é bom para você?”

Leah corou, mas seus olhos não esquentaram. “Ele me chama com frequência.”

Ele se deita com ela com frequência. Immanuelle se encolheu com o pensamento. “E . . . isso te agrada?”

Leah olhou para suas mãos, e Immanuelle viu que elas estavam tremendo, muito levemente. Ela agarrou seus dedos em uma tentativa de acalmá-los, apertando com tanta força que eles ficaram sem sangue. “Agrada-me fazer a vontade do Pai.”

“Não estou perguntando sobre a vontade do Pai. Estou perguntando sobre o seu.” Ela se aproximou um pouco mais de sua amiga, baixou a voz. “Ele te agrada? Você está feliz?”

“O que me agrada é estar aqui com você.”

“Lea—”

“Não”, disse ela, uma repreensão firme. “Por favor, Emanuelle. Podemos apenas falar de alguma coisa, qualquer coisa, outra coisa? Faz semanas desde a última vez que te vi. Como você tem se saído?”

“Bem o suficiente”, disse Immanuelle, relutante em mudar de assunto mas sabendo que ela não tinha escolha. “O rebanho está indo bem, considerando, embora eu tenha perdido alguns cordeiros e uma das minhas melhores ovelhas reprodutoras para a praga—”

“Mas e **você**, Emanuelle? Como você está?”

“EU . . . Nós vamos. Eu sangrei.” Algo se encaixou quando Immanuelle disse essas palavras.

Ela **sangrou**.

De alguma forma ela quase tinha esquecido. Naquela noite no Darkwood, enquanto Lilith estava sobre ela e Delilah se movia pelas sombras das profundezas, seu primeiro sangue começou. Seu fluxo estava estável quando ela acordou na manhã seguinte, no chão da cozinha, mas ela começou a sangrar naquela noite no lago com as bruxas.

As mãos de Immanuelle começaram a tremer. Seu batimento cardíaco acelerou para um ritmo rápido e brutal.

E se seu sangramento mensal fosse o sacrifício de sangue do qual o apóstolo Isaac falou? E se ela tivesse gerado todo esse mal? Seria possível que ela tivesse sido uma cúmplice desconhecida na trama de Lilith? A própria ideia a fez querer vomitar, mas ela não podia negar a crescente suspeita de que o que quer que tivesse ocorrido na Darkwood naquela noite era muito maior do que um encontro casual.

Um pensamento horrível lhe ocorreu então, a resposta para uma pergunta que ela estava se perguntando desde que entrou na floresta. E se o diário fosse uma isca? Todas aquelas semanas atrás, quando as bruxas lhe deram o presente das palavras de sua mãe, ela assumiu que seu motivo tinha sido algum tipo de parentesco ou afinidade com Miriam. Mas e se não fosse isso? E se a verdadeira razão pela qual eles lhe deram o diário fosse para garantir que ela voltaria para sangrar lá? E se o diário fosse apenas uma isca, um laço com a floresta?

As pernas de Immanuelle ficaram fracas de pavor quando toda a verdade surgiu nela. Naquela noite no Darkwood, ela tinha sido iscada e

manipulado para fazer o sacrifício de sangue que as bruxas precisavam para gerar a praga. Ela colocou algo em movimento. Abriu uma porta que ela não sabia como fechar, e agora toda Betel estava sofrendo por seu pecado e ingenuidade.

Ela tinha feito isso.

Leah pegou sua mão. “Emanuela? O que está errado?”

Emanuelle não respondeu. Seus pensamentos estavam girando tão rapidamente que era impossível formar palavras. Se ela fosse uma pessoa melhor, ela teria confessado tudo ali mesmo. Ela teria ido até o apóstolo Isaac, contado a ele o que sabia sobre a praga – como começou, onde e o fato de que ela suspeitava que havia mais por vir. Ela teria entregado o diário de sua mãe. Mas Immanuelle sabia que se ela fizesse isso, havia uma grande chance de ela ser mandada para a pira sob acusação de feitiçaria. Informar a Igreja era condenar a si mesma — ela tinha certeza disso. E a ideia de entregar o diário de Miriam à Igreja era insuportável. Poderia ter sido usado como isca para ela, mas ainda era um pedaço de sua mãe, e mais do que isso, era o locus de seu conhecimento sobre as bruxas e os bosques que vagavam. Talvez ainda pudesse ser de alguma utilidade para ela.

Algo ocorreu a ela então, uma ideia perigosa. . . E se houvesse outra maneira? Uma maneira de parar a praga do sangue sem envolver a Igreja, sem se incriminar. E se ela pudesse acabar com a praga da mesma forma que começou: com seu sangue?

Não era uma ideia tão estranha. Era lógico que, se um sacrifício desencadeasse todo esse mal sobre Betel, outro sacrifício poderia trazê-lo de volta. Talvez se ela voltasse para a floresta, ela pudesse desfazer o que foi feito. Afinal, foi o sangue dela que gerou essa praga; talvez o sangue dela pudesse acabar com isso também.

Mas se ela entrasse na floresta novamente – não, **quando** ela entrasse na floresta novamente, ela precisaria estar preparada. Não era hora para instintos e deduções; ela precisava de fatos. Ela sabia que quebrar a praga não poderia ser tão simples quanto ir para Darkwood e sangrar. Tinha que haver algo mais, algum ritual de como uma oferenda era feita. Mas não havia como ela acessar essa informação por conta própria. Immanuelle ia precisar de um cúmplice – alguém com as chaves da biblioteca do Profeta – e ela sabia exatamente a quem recorrer.

“Eu preciso falar com Ezra,” disse Immanuelle, esticando o pescoço para através das multidões de desbaste. “Você sabe onde ele está?”

Leah franziu a testa, claramente confusa. — Por que você precisa falar com ele?

“Ele me deve um favor”, disse ela, pensando na conversa deles no pasto. Ezra havia dito a ela que a biblioteca do Profeta era uma coleção extensa. Se houvesse alguma informação sobre as práticas das bruxas e como elas lançavam e quebravam suas pragas, teria que estar lá.

“Talvez devêssemos apenas sair”, disse Leah, da maneira gentil você falaria com um cavalo assustado. “Tome um pouco de ar. Parece que você está prestes a desmaiar.”

Immanuelle avistou Ezra então, de pé ao pé do altar onde o apóstolo Isaac havia proferido seu discurso apenas alguns minutos antes. Ele estava conversando com um grupo de amigos, mas para surpresa de Immanuelle não foi um desafio chamar sua atenção. Quando ela gesticulou em direção a um corredor escuro na ala leste da catedral, ele foi rápido em se despedir, passando por seus amigos com apenas uma palavra de despedida.

“Espere...” disse Leah, quase frenética em sua preocupação.

Immanuelle acenou para ela. “Eu vou ser apenas um momento.”

E com isso, ela foi atrás de Ezra, atravessando a multidão até que ela alcançou o banco vazio onde ele estava esperando.

“Achei que sua avó ia cortar minha garganta. É ela sempre tão intimidante ou . . . ?” Ele hesitou, lendo sua expressão. “O que está errado? Eu não te coloquei em nenhum problema, não é?”

“De jeito nenhum. Eu só preciso de um momento do seu tempo, se você tiver de sobra.

Os olhos de Ezra se estreitaram, mas ele assentiu e a levou para uma pequena abside fora da catedral principal. Aqui, havia dois bancos de oração lado a lado diante de uma efígie de pedra do Santo Padre. Em um altar baixo havia dezenas de velas, a maioria acesa e tremeluzente. Em uma travessa de cerâmica, o incenso queimava e a fumaça perfumada pairava no ar como fios de seda de aranha.

Ezra e Immanuelle ajoelharam-se no banco, ombro a ombro, e acenderam velas, como era costume, uma para cada um deles. Immanuelle juntou as mãos e inclinou a cabeça. “A última vez que conversamos, você mencionou a biblioteca do Profeta. Você disse que havia todos os tipos de

livros lá. Até mesmo livros de conhecimento, como aquele que você me mostrou no mercado naquele dia.”

Ele assentiu. “Se há um livro que você quer, me dê o título e eu vou buscá-lo para você.”

“É só isso, não sei exatamente o que estou procurando. Eu teria estar lá, em carne e osso, vasculhar eu mesmo os livros para encontrar o que quero, o que preciso.”

“E o que é isso, exatamente?”

“Uma maneira de parar a praga do sangue.”

Ezra piscou para ela, e com grande satisfação, ela percebeu que ela o pegou desprevenido. Sua expressão passou de contemplativa a perturbada. “Você não deveria deixar o negócio de quebrar pragas para a Igreja?”

“Por que eu deveria quando os homens da Igreja claramente não são mais informados do que eu?” Claro que não era só isso; ela havia escondido a verdade sobre seu próprio papel na praga do sangue, e a forma como as bruxas a usaram para gerá-la. Mas ela não podia confiar em Ezra com essas coisas. Ele podia ser um rebelde à sua maneira, cético em relação à própria Igreja que servia, mas ainda era o herdeiro do Profeta. “Quero ajudar, e não vejo por que não deveria poder.”

Ezra observou as velas em silêncio por um longo tempo, esfregando a nuca. “É proibido que as mulheres andem pelos corredores da biblioteca.”

"Eu sei. Eu não perguntaria se não fosse importante, mas...

"Eu fiz você engolir meu pecado, então agora você quer que eu suporte o seu?"

Immanuelle não queria que chegasse a isso, mas assentiu. "Eu ia ter algo em você, e você teria algo em mim. Estaríamos quites. Um segredo por um segredo."

Ezra considerou isso por um momento. Depois: “Quando você precisa de acesso?”

“Amanhã à tarde, de preferência, enquanto nosso lavrador pode cuidar de o rebanho.” Quando ela teria tempo para escapar despercebida.

Ele empurrou para seus pés. "Amanhã então. Eu vou te encontrar pelos portões do Porto ao meio-dia."



CAPÍTULO DOZE

Nós somos os consagrados, os escolhidos do Pai. E o que pertence a Ele é Dele, para sempre.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

O ABRIGO DO PROFETA era o edifício mais antigo de toda Betel, construído nos Dias Sombrios antes que sua fé tivesse escrituras ou uma doutrina adequada. Ficava em uma colina solitária que dava para um trecho de campos de gado ondulantes. Era uma estrutura alta e imponente, composta pelos aposentos principais — uma catedral de pedra em ruínas onde os primeiros da fé haviam adorado — e uma série de expansões, algumas delas construídas apenas um mês antes.

Toda a propriedade era cercada por uma parede de ferro forjado com cerca de três metros de altura. Foi dito que durante a Guerra Santa, as cabeças decepadas das quatro bruxas e seus aliados foram montadas em seus pregos. De acordo com essas mesmas lendas, o cadáver sem cabeça de Lilith também foi pendurado no portão da muralha e, por ordem de David Ford, coroado com um diadema de caveira de veado para zombar de seu reinado e massacre. Caminhando em direção ao portão, Immanuelle quase podia imaginá-lo: as cabeças decepadas dos pecadores olhando boquiabertos para ela, suas mandíbulas cravadas nas torres de ferro da parede; ao lado deles, o cadáver coroado de caveira da rainha das bruxas pendurado no arco, balançando com o vento. Immanuelle balançou a cabeça para limpá-la da imagem medonha e continuou pela entrada.

Ela encontrou Ezra esperando por ela logo atrás da entrada do Haven. Ele estava sentado sob os galhos de um choupo alto, com as costas pressionadas contra o tronco e as pernas cruzadas nos tornozelos, lendo um livro do tamanho da palma da mão.

Havia muitas pessoas vagando pelo pátio – principalmente servos e trabalhadores da fazenda que cuidavam das extensas pastagens do Profeta – mas Ezra ainda levantou a cabeça quando ela se aproximou, como se a conhecesse pelo som de seus passos. Ele deslizou seu livro no bolso de trás de suas calças enquanto se levantava, acenando em direção às portas do Haven. "Por aqui."



Se o Refúgio do Profeta parecia grandioso por fora, seu interior era nada menos que imaculado. O hall de entrada era quase tão grande quanto a própria catedral, com tetos arqueados no alto. Cada uma das janelas do salão tinha três metros de altura, e cada caixa estava equipada com painéis de vitrais, de modo que a luz do sol que passava por eles tingia as paredes e o chão com as cores do arco-íris. O ar cheirava a especiarias, um fedor bom e inebriante que lembrava festas de colheita e carne assada em fogueiras no inverno.

Ezra a conduziu por uma série de longos corredores, seus passos ecoando à medida que avançavam. Ele se distanciou alguns passos sempre que outros passavam por eles, mas quando estavam sozinhos, ele se deu ao trabalho de apontar pequenos detalhes sobre a casa. Entre eles estavam as pinturas penduradas nas paredes (principalmente retratos dos primeiros profetas que reinaram nos dias após a Guerra Santa), e os corredores que levavam a lugares como a cozinha do Haven ou as enfermarias de confinamento, onde as novas noivas eram alojado.

Immanuelle se perguntou, de passagem, qual corredor levava ao quarto onde sua mãe havia esfaqueado o Profeta, mas não ousou perguntar.

Eles viraram outra esquina, entrando em um corredor pequeno e iluminado. Aqui, uma série de janelas finas revestiam as paredes, cada uma a menos de meio passo uma da outra. Em frente às janelas havia uma fileira de portas, cada uma com um nome pintado nos trilhos cruzados em tinta dourada: **Hannah, Charlotte, Sarah, Charity, Naomi, Esther, Judith, Bethany, Justice, Dinah, Ruth, Tilda.** Estes eram os aposentos das esposas. Immanuelle leu cada nome por vez, procurando o de Leah.

“Ezra, é você?” Uma voz saiu de uma porta aberta no corredor. Era fino e agraciado por um leve sotaque que Immanuelle nunca ouvira na língua de nenhum nativo de Bethelan.

Ezra parou de repente, soltando uma maldição baixa. Então ele se recompôs e caminhou até a porta. "Sim, mãe?"

Immanuelle diminuiu a velocidade até parar em seus calcanhares, olhou para o quarto logo atrás dela. Lá, de pé no centro, estava a mãe de Ezra, Esther Chambers. Immanuelle só a tinha visto de relance – do outro lado da catedral ou do outro lado do adro da igreja – mas esses breves encontros foram suficientes para distingui-la como uma das mulheres mais bonitas que ela já tinha visto. Esther era alta como Ezra, embora um pouco magra. Veias pálidas se enroscaram ao longo de seu pescoço e deslizaram até suas têmporas. Seu cabelo, que era da cor negra do filho de seu filho, estava amontoado em cima de sua cabeça e preso por um único

pino dourado. Ao se aproximar, Immanuelle sentiu um cheiro de jasmim no ar.

A mulher a examinou, e um sorriso fino cruzou seus lábios e desapareceu no espaço de um instante. "Quem é seu amigo, meu filho?" ela perguntou, seu olhar voltando para Ezra.

"Esta é a senhorita Immanuelle Moore." Ele se esquivou para dar a sua mãe uma visão melhor dela. "Senhorita Moore, posso apresentar minha mãe, Esther Chambers."

"Ah," disse a mulher, e aquele sorriso cruzou sua boca novamente, um gêmeo sutil de Ezra. "A filha de Miriam."

"Sim, senhora," Immanuelle murmurou, olhando para suas botas. O mulher que estava diante dela agora era amplamente conhecida como a esposa favorita do Profeta.

"Por favor, me chame de Ester." Ela deslizou sua mão fria na de Immanuelle. "É um prazer conhecê-lo."

Immanuelle conseguiu assentir e sorrir. Ela esperava que a mulher para deslizar a mão como o Protocolo ditaria, mas ela não o fez. Ela segurou os dedos de Immanuelle, seus verdes olhos verdes deslizando sobre ela em uma avaliação fria. "E o que o traz ao Haven?"

Ezra interveio. "Ela está aqui para ver Leah."

"Acho que Leah está na ala oeste", disse Esther, falando suavemente agora. De perto, Immanuelle notou algo que ela havia perdido antes. No canto da boca de Esther havia uma contusão esmaecida pelo que parecia ser uma aplicação de pó facial pálido. "Ela está ao lado do Profeta. Ele foi. . . bastante conturbado hoje. Provavelmente seria melhor ligar para ela mais tarde.

Ezra ficou quieto por muito tempo enquanto vasculhava a casa de sua mãe. cara. "Vou dar uma palavrinha com ele."

"Você não vai fazer tal coisa," disse Esther com repentina rispidez, mas ela se recuperou antes de falar novamente, forçando aquele sorriso gentil. "Não se esqueça que você tem um convidado. Seria rude da sua parte abandoná-la. Por favor, siga seu caminho e que o Pai abençoe seus passos".

Ezra ficou quieto depois que sua mãe se retirou para sua sala, fechando e trancando a porta atrás dela. Ele se afastou em silêncio, com as mãos nos bolsos, o olhar fixo nas botas, perdido em uma espécie de taciturno que Immanuelle não sabia como romper, embora achasse que deveria.

Ela não entendeu completamente o que aconteceu com Esther no corredor, mas ela suspeitou que tinha algo a ver com o Profeta e

o hematoma no canto da boca de Esther. O pensamento de Leah estar com o Profeta no meio de seu humor sombrio revirou o estômago de Immanuelle. Os profetas eram meramente homens e os homens eram criaturas falíveis, propensas às paixões da carne, tentadas à violência, mesmo quando sua ira transbordava.

Afinal, um profeta nada mais era do que um vaso do Pai, e o Pai nem sempre era o deus benevolente da luz. Ele também era ira e fogo, enxofre e tempestade, e muitas vezes usava Seu poder onipotente para ferir tanto a bruxa quanto os pagãos.

Immanuelle só podia imaginar o quão perigoso um homem poderia se tornar quando cheio de uma ira sagrada como aquela.

Depois de uma curta caminhada por uma série de corredores escuros e iluminados por lâmpadas, eles chegaram sobre uma ampla galeria. Em sua extremidade havia um par de portas duplas pretas quase duas vezes mais altas que Immanuelle. Isso tinha que ser parte da estrutura original do Haven, ela percebeu, onde os primeiros da fé tinham adorado.

Ezra tirou uma chave do bolso de trás e a encaixou na porta. trancar. Houve um clique suave quando o parafuso saiu do lugar. Ambas as portas se abriram e eles entraram na biblioteca.

Immanuelle nunca tinha visto tantos livros em um lugar ao mesmo tempo, e tinha certeza de que nunca mais veria. Este não era um escritório de um cômodo escondido nos fundos de uma escola. Era uma catedral cheia, mas no lugar dos bancos havia estantes, filas e filas delas, do altar até a soleira onde ela estava. Na parede da direita havia uma escada em espiral que subia até o que deveria ser o deck do órgão, mas em vez de um órgão, havia apenas alguns canos enferrujados com prateleiras tortas encravadas entre eles. A metade da frente do convés estava cercada por um portão de ferro forjado, um gêmeo daquele que cercava o próprio Haven.

"É isso," disse Ezra com um aceno de sua mão. "A biblioteca do Profeta."

"É enorme."

"Eu suponho que sim," disse Ezra, como se ele não tivesse considerado isso muito antes. E talvez ele não tivesse. Afinal, a grandeza do Haven era tudo o que ele conhecia. Ele fez sinal para Immanuelle segui-lo pelas prateleiras até a escada que descia do deck do órgão. Recolhendo suas saias, Immanuelle subiu atrás dele, e Ezra, sempre o cavalheiro, ofereceu-lhe a mão.

"Esta é a seção restrita", disse ele enquanto subiam. "Todos os textos relacionados à nave escura são mantidos aqui. Se você está procurando informações sobre as pragas, é aqui que você as encontrará."

Immanuelle arriscou um olhar para o andar térreo, bem abaixo. A queda foi tão longe que foi quase vertiginosa. "Acho que nunca estive tão alto."

"Um dia terei que levá-lo até a torre do sino da catedral. que vista é muito melhor do que esta." Ezra escalou a última escada, parou em frente ao portão e o destrancou com uma pequena chave enferrujada que tirou do bolso. Ele segurou-a aberta para ela e a conduziu com um passe de mão.

Immanuelle passou por ele na saliência. Era maior do que ela esperava, mas a maior parte do espaço era ocupada por uma série de nove prateleiras altas que se estendiam da escada até a parede oposta. Quase todos os livros ali guardados estavam acorrentados às prateleiras em que estavam.

Ezra imediatamente começou a vasculhar a coleção. Nuvens de poeira, grossa como fumaça, floresceu no ar quando ele deslizou livros das prateleiras, suas correntes enferrujadas chacoalhando.

"Você costuma vir aqui para ler?" Immanuelle perguntou, seguindo-o pelos corredores.

"Não," disse Ezra. "A última vez que estive aqui, eu tinha nove anos. Eu não tinha minha adaga então, então escalei o portão para entrar. Quebrei meu cotovelo quando aterrissei do outro lado, mas ainda consegui folhear alguns livros antes de ser encontrada.

"Eles valeram a pena a dor?"

Ezra sorriu com tristeza e balançou a cabeça. "Não, mas a expressão no rosto do meu pai quando ele percebeu que eu tinha conseguido invadir com sucesso um dos lugares mais restritos de toda Betel certamente estava.

Immanuelle tentou esconder o sorriso virando-se para a estante mais próximo dela. Muitos dos livros guardados ali eram tão velhos que Immanuelle temia que eles desmoronassem em uma pilha de pó se ela os tocasse. Alguns eram pouco mais do que algumas folhas de papel em ruínas amarradas com pedaços de barbante. Outros eram apenas diários como o de sua mãe, escritos por profetas do passado.

Foram essas coleções que Immanuelle e Ezra começaram a vasculhar, procurando referências às pragas. Era um trabalho lento e às vezes meticuloso, mas Immanuelle descobriu que não se importava com isso. No

primeiro, foi bastante emocionante ler as palavras de homens que morreram há tanto tempo. Mas seu entusiasmo diminuiu quando ela percebeu a imensidão da tarefa que estava diante dela. Havia centenas de livros apenas na saliência, e milhares mais abaixo. Levaria anos para classificar todos eles.

Por horas eles vasculharam a coleção, com pouco para mostrar, e Immanuelle estava perto de desistir de sua busca quando viu um livro solitário em uma prateleira vazia no canto mais distante do deck do órgão. Embalando o tomo em seus braços, Immanuelle raspou uma camada de poeira com um passar dos dedos e abriu a capa.

A página de título dizia: ***Os Quatro Profanos: Um Compêndio*** e foi datado como o ***Ano do Harrow***. Nenhum autor foi citado.

O que se seguiu foi uma história das bruxas e seus crimes – desde o início da rebelião do coven até sua derrota nas mãos de David Ford sete anos depois. A princípio, Immanuelle assumiu que o livro se limitava aos eventos da Guerra Santa, mas ao folhear suas páginas percebeu que mergulhava profundamente na prática da bruxaria e no poder pagão que o clã de Lilith exercia contra os exércitos de Bethelan. Entre esses relatos, uma prática, especificamente, chamou a atenção de Emanuelle – a ***alimentação da Mãe***.

Descreveu, em linhas gerais, uma oferenda ritualística que ocorreu em um lago no coração da mata, conhecido apenas como Barriga da Mãe. Embora o livro tivesse muitas redações – páginas que foram arrancadas ou pintadas com tinta preta para bloquear as palavras – Immanuelle conseguiu reunir a essência da prática. O livro afirmava que aqueles que faziam oferendas de sangue à Mãe neste lugar profano eram frequentemente recompensados com poder sombrio.

De acordo com o relato, havia rumores de que Lilith e sua laia faziam sacrifícios na Barriga da Mãe para ganhar poder e favor. Houve relatos de bruxas que cortaram seus pulsos no meio do lago, deixando seu sangue fluir na água para saciar a fome da Mãe. Alguns alegaram que Lilith jogou as cabeças decepadas de prisioneiros de guerra cruzados nas profundezas da água. Uma passagem descrevia bruxas que se agachavam nas águas rasas com as saias levantadas até os joelhos, permitindo que seu sangramento mensal fluísse para a água. O livro também observou que, na esteira da guerra – quando Lilith e seu clã foram derrotados – David Ford e seu exército de cruzados executaram bruxas na lagoa, afogando-as por seus pecados contra a Igreja.

A passagem a seguir observou que todas essas ofertas foram precedidas por uma espécie de oração ou chamada que o Darkwood atendeu. As bruxas cantaram um encantamento que parecia o silvo e o silêncio do vento nas árvores da floresta. Outros entraram nas profundezas do lago, sussurrando seus desejos mais sinceros para a floresta enquanto caminhavam. Mas era evidente para Immanuelle que o Darkwood exigia uma oração antes que uma oferenda fosse feita, e ela teve a impressão de que não era tanto o que se dizia, mas sim o ato de dizê-lo que mais importava. O sangramento não foi suficiente. A Darkwood queria que as almas que viessem em busca de seu poder implorassem por ele primeiro.

Abaixo desses relatos horríveis havia uma ilustração detalhada de um lago no meio da floresta. As mãos de Immanuelle começaram a tremer violentamente, tremendo na página. Era uma representação quase perfeita do lago onde ela encontrou Lilith e Delilah pela primeira vez. Cada detalhe daquele desenho alinhado com sua memória.

Essa era toda a confirmação de que Immanuelle precisava. Aquela lagoa, onde ela encontrou Lilith pela primeira vez, foi o altar da Mãe Negra, e o primeiro sangue de Immanuelle foi o sacrifício. Ficou claro para ela que, se quisesse acabar com a praga, teria que voltar para aquele lago e fazer uma segunda oferenda para reverter a primeira.

Mas havia um problema com seu plano: Immanuelle não tinha a menor ideia de como voltar para a lagoa. A floresta era vasta e desorientadora. Levaria dias, se não semanas, para localizar o lago, se fosse capaz de localizá-lo.

Immanuelle fechou o livro, ficou de pé e foi até Esdras. "Preciso ver um mapa de Betel. Você pode encontrar um para mim?"

Ezra ergueu uma sobancelha, mas para imenso alívio de Immanuelle, ele não a questionou. Ele apenas acenou com a cabeça em direção à escada como se dissesse: **Depois de você**. Ao descer, ele desapareceu por um longo corredor de estantes. Depois de alguns longos momentos, ele voltou com um volume enorme, a capa da frente tão larga quanto os ombros de Immanuelle eram largos.

"Por aqui." Ele acenou para a frente da capela. Immanuelle o seguiu até uma laje de pedra rachada com uma única cadeira de madeira encostada nela. Levou um momento para ela perceber que era um altar, onde os primeiros da fé devem ter feito seus sacrifícios.

Atrás dela havia um vitral que se estendia do chão da catedral até o teto abobadado, cerca de seis metros acima. No lado esquerdo do painel havia representações de santos cruzados em

a cavalo, avançando pelas planícies, suas espadas ardendo com o fogo do Pai. E após uma inspeção mais próxima, Emanuelle viu Seu rosto no grande olho do sol, observando enquanto Seus filhos avançavam para a batalha.

Do outro lado da vidraça havia um turbilhão dos infernos, uma legião de feras e bruxas fugindo das chamas do Pai. Assomando acima de sua prole em um véu da noite estava a Mãe Negra. Ela usava a lua como uma coroa, e ela estava chorando lágrimas de sangue.

Uma placa de ferro embaixo da janela dizia: **A Guerra Santa.**

“É alguma coisa, não é?” disse Ezra, olhando para as vidraças vitrais, suas bochechas lavadas de vermelho pela luz do sol lançando através das chamas do fogo. “Uma legião inteira se transformou em cinzas, tudo por capricho.”

Immanuelle olhou para ele, atordoada e quieta. Suas palavras chegaram perto de blasfêmia, um pecado que poderia provocar uma chicotada pública se Ezra fosse algo menos que o sucessor do Profeta. Seu olhar foi para o canto esquerdo da janela, onde um menino pequeno e de pele escura se encolheu enquanto as chamas do Pai devoravam uma mulher que poderia ter sido sua mãe.

“Mas não foi um capricho,” ela disse finalmente, encontrando sua voz. “Os cruzados pediram ao Bom Padre que os livrasse das bruxas, e Ele respondeu às suas orações com fogo sagrado. Ele os salvou da ruína, da condenação nas mãos da Mãe Sombria.

Aquelas chamas eram Sua bênção.”

Os olhos de Ezra se estreitaram e ele olhou para aquela janela com desprezo óbvio. “Assim dizem as Escrituras.”

“Você não acredita neles?”

“Tudo o que estou dizendo é que se eu fosse um deus todo-poderoso que pudesse fazer Gostei, teria encontrado outra maneira de acabar com a guerra.” Ele olhou de volta para Emanuelle. “Você não faria?”

“Eu não sou um deus, então não posso dizer. Não posso presumir conhecer a vontade do Pai. E se eu soubesse, tenho certeza de que não haveria motivo para dúvidas ou perguntas.”

“Falou como um verdadeiro crente”, disse Ezra, mas fez parecer um insulto.

Após alguns momentos de busca, ele encontrou a página certa e acenou para ele com um passe de mão. Ali, tatuado no que parecia ser pergaminho, havia um mapa. Delineava os limites de Betel: o muro ocidental, a vila e a praça do mercado, o

extensos Solos Sagrados, e os pastos ondulantes das Clareiras além deles. No canto esquerdo do mapa, reduzido a pouco mais que um rabisco, ficavam os Arredores. E circundando tudo havia grandes faixas de sombra, marcadas com uma simples nota de rodapé: **A Floresta Negra**.

"Encontrou o que procurava?" A voz de Ezra ecoou no silêncio.

Emanuelle balançou a cabeça. A lagoa onde ela encontrou Lilith não estava marcada em lugar nenhum. "A biblioteca teria algo mais específico? Como um mapa da Darkwood?"

Ezra franziu a testa. Mais uma vez, ela se perguntou se ela tinha ido longe demais, ou confiava nele com muita facilidade. "Até onde eu sei, não há mapa da floresta", disse ele, e fechou o livro. — Mas talvez eu possa ajudá-lo. Eu costumava jogar em Darkwood quando era mais jovem, e ainda conheço bem a área. Há uma boa chance de que, se você souber para onde quer ir, eu possa levá-lo até lá."

Emmanuelle ficou boquiaberta. "Você foi para a floresta como . . . **uma criança?**"

"Às vezes, quando eu encontrava uma maneira de fugir do Haven." Ezra deu de ombros como se não fosse nada, mas parecia um pouco orgulhoso. "Claro, eu nunca fiquei depois do pôr do sol. Eu não estava muito interessada na ideia das bruxas da floresta arrancando a carne dos meus ossos."

Immanuelle estremeceu, pensando nas bruxas, com seus olhos famintos e dedos em forma de gancho. "Você teria sorte se isso fosse tudo o que eles fizessem."

Ele zombou, como se fosse uma piada, como se todas as lendas da Darkwood fossem meramente forragem para contos de esposas.

"Você não acredita nas histórias?" ela perguntou, incrédula. "Você não acredita que as bruxas são reais?"

"Não é uma questão de crença."

"Então, o que é?"

Ele tomou seu tempo para pensar sobre sua resposta. Por fim, ele disse: "É uma questão de quem está sendo criativo com a verdade".

Immanuelle não tinha certeza do que ele queria dizer com isso, mas parecia perto de uma blasfêmia. "Verdades criativas não explicam séculos de desaparecimentos na floresta."

"As pessoas não desaparecem na floresta. Eles escapam. É por isso que nunca voltam: porque não querem."

Immanuelle não conseguia imaginar alguém deixando Betel intencionalmente. Afinal, para onde iriam? Para as cidades ímpias e pagãs no

Oeste? Para as ruínas sem vida no leste? Ninguém buscaria consolo em lugares como aqueles. Além de Betel, não havia nada. Não havia outro lugar para ir. “E todas as crianças desaparecidas? O que aconteceu com todos eles?”

Esdras deu de ombros. “O Darkwood é um lugar perigoso. Predadores tem que comer, e lá fora uma criança indefesa é apenas comida para os lobos.”

“Então onde estão todos os corpos? Os ossos?”

“A natureza tem um jeito de limpar suas bagunças. Meu palpite é que os animais chegam aos cadáveres antes que qualquer outra pessoa tenha a chance.”

“E a praga do sangue?”

“E quanto a isso?”

“Bem, se não veio da floresta, então qual é a fonte disso? Tudo? É realmente tão difícil para você acreditar que pode haver algo na Darkwood que merece o seu devido? Que as lendas são verdadeiras, e as bruxas que morreram nunca foram embora, e agora elas querem. . .” Ela passou os dedos pelos entalhes do altar, reconhecendo as palavras da lápide de David Ford: **Sangue por sangue**. “Vingança.”

Ezra começou a responder, mas antes que ele tivesse a chance de falar, houve o tilintar de chaves e o **clique** agudo de uma fechadura saindo do lugar. Ele se virou para encará-la, sua expressão em pânico. “Há uma porta nos fundos da biblioteca, atrás das prateleiras da seção médica. Ele leva a um lance de escadas que alimenta as adegas. Desça o corredor, pelas portas no final. Encontro você no portão da frente.” As portas se abriram com um gemido retumbante. **“Vá agora!”**

Immanuelle partiu para as duas prateleiras mais próximas, agachando-se atrás delas quando um homem solitário cruzou o corredor central. “De volta à biblioteca de novo?”

Embora a voz fosse rouca, Immanuelle imediatamente a reconheceu de sábados e festas anteriores.

Pertencia ao Profeta.

“Pensei em fazer alguma pesquisa”, disse Ezra.

O Profeta acenou com a cabeça, recuando para trás para ficar ao lado de uma prateleira que estava a apenas alguns metros de Immanuelle. Ela recuou, tentando o seu melhor para pisar levemente nas pedras.

O Profeta permaneceu, nada além de alguns livros entre eles. De perto, Immanuelle tinha certeza de que não confundiu o desprezo mal disfarçado em sua expressão quando ele olhou para Ezra. Seu lábio superior se curvou um pouco quando ele falou. “Pesquisa sobre o quê?”

Os olhos de Ezra foram para Immanuelle. **Vá**, seu olhar parecia dizer. Mas ela se agachou, congelada, atrás da prateleira, com medo de ser pega pelo Profeta se ela se movesse um centímetro.

Ezra voltou sua atenção para seu pai, sua expressão ilegível. “A mãe está sofrendo com ela. . . **aflição contundente** mais uma vez. Eu estava procurando uma maneira de aliviar sua dor, mas estou começando a pensar que não encontrarei uma cura atrás dessas paredes.

O Profeta estremeceu com a ameaça velada, sua compostura falhando por um momento. Mas ele se recuperou rapidamente, deslizou um livro da prateleira mais próxima a ele, um tomo grosso sem título, e folheou lentamente as páginas. “Se sua mãe está doente, faça com que ela procure um médico. Tenho um trabalho mais importante para você.

Ezra ficou muito quieto, como se temesse dizer algo de que se arrependeria. Quando ele falou, sua voz estava tensa. “O que gostaria que eu fizesse?”

O Profeta se virou para colocar seu livro de volta na prateleira, e Immanuelle se abaixou em um corredor adjacente para evitar ser vista. Lá, ela encontrou a porta. Era pequeno, meio metro mais baixo que ela, como se tivesse sido feito para uma criança. Ela estava pegando a maçaneta quando ouviu o Profeta dizer: “Preciso dos relatórios do censo de todas as mulheres em Betel”.

Um calafrio percorreu a espinha de Immanuelle. Apressadamente, ela deslizou pela porta e começou a fechá-la atrás de si. O ranger das dobradiças ecoou pela biblioteca.

“Você ouviu isso?” A voz do Profeta era afiada.

Immanuelle congelou, a mão ainda no trinco. Ela espiou através a rachadura entre a porta e sua moldura. Ela sabia que deveria recuar pelo corredor conforme as instruções, mas não conseguia tirar os olhos da cena que se desenrolava diante dela.

O Profeta tossiu, asperamente, na dobra do cotovelo. Quando ele falou de novo, sua voz era apenas uma áspera fina. “Eu poderia jurar que ouvi alguma coisa.”

Ezra empurrou o altar e caminhou pelo corredor central. “Somente as pedras se assentando, muito provavelmente. O Haven tem ossos velhos.

“Isso faz.” A voz do Profeta ecoou enquanto ele se movia pelo corredor onde Immanuelle havia se escondido momentos antes. Ela poderia jurar que ele estava mancando um pouco, mas talvez só parecesse assim por causa de seu estranho ponto de vista.

Ela prendeu a respiração quando o Profeta se aproximou ainda mais, e ela se encolheu atrás da porta agora, sabendo que deveria sair. Mas ela precisava saber sobre os nomes das mulheres de Betel. O que o Profeta queria com eles? E se ele tivesse visto algo em uma visão, ou suspeitasse que um deles estava por trás da praga? E se ele suspeitasse **dela?**

Os passos pesados do Profeta estavam a meros passos da porta agora.

“Pai, os nomes,” Ezra chamou, desviando sua atenção.

“Se eu for puxar os registros de todas as mulheres em Betel, isso deve ser pelo menos oito ou nove mil.”

“Provavelmente mais do que isso.” O Profeta passou pela porta, para grande alívio de Immanuelle. Ela arriscou outra espiada pela fresta. “Faça as seleções do censo e envie os registros para meus aposentos. Quero todas as contas na minha mesa até o final da semana.

Peça aos escribas para ajudá-lo, se necessário. Eu não me importo se eles têm que trabalhar durante a noite para ver isso. Eu quero isso feito. Estou entendido?”

Ezra abaixou a cabeça. "Isso é tudo o que você exige de mim?"

O Profeta refletiu sobre isso, olhando para Ezra com algo parecido com desgosto. Era um fato conhecido que o filho escolhido do Profeta nem sempre era seu favorito. Immanuelle imaginou que não era fácil para um homem encarar sua própria ruína. As Sagradas Escrituras estavam cheias de histórias de profetas que tentaram matar seus herdeiros para prolongar suas próprias vidas e reinados. Por sua vez, vários herdeiros tentaram matar seus antecessores para acelerar sua ascensão ao poder.

Observando o Profeta e Ezra então, Immanuelle se lembrou daquelas histórias horríveis – de violência contra filho e pai, mestre e aprendiz, cismas que ameaçavam destruir a Igreja.

A tensão entre os dois era tão sinistra quanto palpável. Naquele momento, Ezra e o Profeta eram inimigos antes de serem parentes. Um a ruína do outro. Immanuelle não pôde deixar de pensar que era uma coisa horrível de se ver, independentemente de o Pai ter ordenado isso.

"Tem mais uma coisa." O Profeta moveu-se para ficar diante de seu filho. Ele tirou algo do bolso de trás de sua calça.

Apertando os olhos, Immanuelle pôde ver que era uma adaga.

Adaga de Ezra .

A corrente estava quebrada, o trinco muito dobrado, como se tivesse sido arrancado do pescoço de Ezra – e Immanuelle percebeu, com um sobressalto, que tinha. Era a mesma lâmina que Judith havia arrebatado no meio de sua luta com Ezra, na noite do corte de Leah.

O Profeta deixou balançar agora entre ele e seu filho, a lâmina pegando a luz do sol enquanto balançava para frente e para trás. “Encontrei isto nos aposentos de Judith. Diga-me, como foi parar na posse dela?”

Por algum milagre, Ezra manteve a compostura. “Perdi minha adaga na noite do corte de Leah.”

“Você **perdeu** ?”

“Eu estava distraído.”

“Pela minha esposa?”

“Não”, disse Ezra, e Immanuelle ficou maravilhada com a maneira como ele conseguia fazer uma mentira soar como a verdade. “Não Judite. Por algo. . . alguém. Quando voltei ao lugar, pensei que tinha deixado cair minha adaga, ela havia sumido. Judith deve tê-lo encontrado. Tenho certeza de que ela pretendia devolvê-lo para mim.

“Mas estava debaixo dos travesseiros”, disse o Profeta em um sussurro rouco. “Por que minha esposa manteria a adaga sagrada do meu filho debaixo dos travesseiros enquanto ela dormia à noite?”

Immanuelle queria mais do que tudo correr agora - fugir e deixar o Haven muito para trás — mas ela se viu incapaz de se mover; seus pés ficaram presos ao chão.

O Profeta pegou Ezra pelo pulso e pressionou a adaga profundamente no centro de sua palma, dobrando os dedos de Ezra sobre a lâmina para que ele fosse forçado a segurá-la com as mãos nuas. O homem mais velho fez uma pausa, sua mão descansando levemente sobre a de seu filho, e ele olhou em seus olhos. Então ele apertou, tão de repente e com tanta força que seus dedos estalaram.

Immanuelle assistiu com horror sem fôlego enquanto o sangue escorria pelas rachaduras entre os dedos de Ezra. Ele trabalhou sua mandíbula, mas ele não vacilou, não quebrou o olhar de seu pai, mesmo quando o sangue escorria por seu pulso e a lâmina um pouco mais fundo.

“O que você faz nas sombras sai na luz.” O profeta inclinou-se para mais perto do filho. “Eu pensei que te criei para entender isso. Talvez eu estivesse enganado.”

“Você não estava.” A expressão de Ezra permaneceu inalterada, mas havia algo frio e desafiador em seus olhos, como se seu pai fosse o único a fazer as pazes, não ele.

O Profeta o soltou abruptamente. Ele parecia assustado, quase doente, com a visão do que ele tinha feito – a adaga e suas próprias mãos, ambas manchadas com o sangue de seu filho. "A misericórdia do Pai é uma questão", disse ele enquanto tentava recuperar a compostura. "Mas o meu é outro. Você faria bem em se lembrar disso.

O Profeta se virou para partir então, mas Ezra não largou a adaga. Na verdade, Immanuelle podia ver que ele a segurava ainda mais forte, e ela engasgou quando um novo fluxo de sangue escorreu por seu pulso. Ele observou silenciosamente enquanto seu pai caminhava até as portas da biblioteca.

Sangue manchava os paralelepípedos aos pés de Ezra, mas ele ainda mantinha a mão apertou em torno da lâmina da adaga. Foi só depois que seu pai saiu do quarto que ele respondeu, sua voz suave: "Eu me lembrarei, pai".



CAPÍTULO TREZE

Tentei amá-lo, e tentei tirar você da minha mente. Mas não é fácil dar as costas a um lar, e foi isso que encontrei em você.

—DAS CARTAS DE MIRIAM MOORE

AS CAVES ABAIXO do Refúgio do Profeta lembravam a Immanuelle estranhamente os corredores da Floresta Negra. As sombras eram espessas e úmidas, e pareciam grudar em suas roupas enquanto ela caminhava pelos corredores. O ar cheirava a ferro e podridão, e à luz das tochas bruxuleantes ela podia ver que as paredes de pedra estavam chorando sangue.

Ela vagou, desorientada e fria, uma mão deslizando ao longo do parede escorregadia para guiá-la. Sozinha, não havia nada que a impedisse de repetir a cena na biblioteca em sua cabeça: a paranóia do Profeta; sua malícia repentina e cruel; sangue respingando nas pedras; e o olhar vazio de Ezra. A cada passo, os corredores se fechavam ao redor dela, e as sombras pareciam encher seus pulmões de modo que ela tinha que ofegar e lutar por cada respiração.

Quando finalmente chegou ao primeiro andar, seu coração batia tão rápido que doía. Ela tropeçou pela porta, saindo das sombras molhadas e entrando em um corredor estreito com tetos abobadados.

Uma porta se abriu e fechou, e Immanuelle se virou para ver Judith parada a alguns passos de distância. Ela usava um vestido azul-claro e em sua mão havia um pedaço de bordado puído que ainda era muito melhor do que qualquer coisa que Immanuelle já tivesse costurado.

"O que você está fazendo aqui?" Judith exigiu, e seu olhar traçou sobre ela, percebendo cada falha — os buracos remendados no topo de suas botas, suas saias manchadas de sangue, o tumulto desganhado de seus cachos.

"Você não deveria estar nos campos com seu rebanho? . . . ou na periferia?"

Emanuelle se encolheu. Ela levantou a mão para arrumar o cabelo, mas então pensou melhor e parou. Nenhuma quantidade de arrogância satisfaria o rancor de Judith. Ela sempre encontraria alguma falha em que se fixar, ou alguma farpa cruel para fazer Immanuelle se sentir menos do que era.

"Bom dia para você, Judith."

A garota não ofereceu nenhuma saudação em troca. Seu olhar desviou de Immanuelle para a porta atrás dela. — De onde você acabou de vir?

Immanuelle deu um passo além dela. "Eu me perdi."

Judith a agarrou pelo braço, com força suficiente para deixar hematomas para trás, mas quando ela falou sua voz ainda era fina e doce. "Você cheira a sangue. Você estava vagando pelas catacumbas?"

"Não. Estou aqui a negócios — disse Immanuelle, mantendo a voz firme.

"Cujo?"

"Essa é a minha preocupação."

Judith inclinou a cabeça para o lado. Um sorriso brincou em seus lábios, mas não havia bondade nele. Sua mão escorregou. "Eu sei que você nos viu naquela noite."

Isso deveria ter sido o fim de tudo, mas Immanuelle parou uma batida, demorando-se no centro do salão.

"Você se acha tão inteligente, não é? Segurando pequenas ameaças acima da minha cabeça."

"Eu não sei do que você está falando."

"Não insulte minha inteligência. Eu sei que você nos viu naquela noite. Você estava bisbilhotando então como está agora, enfiando o nariz onde não pertence.

"Não estou aqui para bisbilhotar."

Judith zombou, então riu abertamente, e de alguma forma ela parecia mais cruel sorrindo do que carrancuda. "Você usa uma mentira tão bem quanto uma criança usa um espantalho", disse Judith, e ela puxou uma das cordas de seu próprio corpete. "Enganar não combina com você, e tudo bem se você está embolsando caramelos no mercado ou mentindo para seu pai sobre um garoto que você beijou atrás da escola. Mas eu não acho que esses são os tipos de segredos que você está guardando. Acho que os pecados que você está escondendo podem te mandar para a pira se você não tomar cuidado.

Judith não devia saber, percebeu Immanuelle, do perigo que corria, que o Profeta estava ciente de seu flerte com Ezra. De jeito nenhum Judith perderia tempo no corredor com ela se soubesse em quantos problemas ela estava. A garota mimada estava tão acostumada a sempre fazer o que queria que não podia imaginar um dia em que não pudesse.

A ideia de que ela seria pega era tão pequena, tão inconcebível, que ela nem parou para pensar. "Você é um tolo se acha que sou eu quem está em perigo."

Pela primeira vez na memória recente - ou talvez em todos os dezesseis anos anos que Immanuelle a conhecia — Judith parecia devidamente surpresa. Uma série de emoções passou por seu rosto, como uma série de sombras em rápida sucessão, variando de raiva a medo e dúvida. Ela abriu os lábios para responder ao aviso de Immanuelle, ou talvez exigir uma explicação, quando uma porta se abriu no corredor. As duas garotas se viraram imediatamente e viram um homem alto e pálido passar pela soleira. Ele era um servo, se suas botas sujas e blusa eram alguma indicação. Pendurado no laço de seu cinto estava uma adaga sagrada, bem como um pequeno martelo de ferro um pouco maior que a mão de Immanuelle. A única marca de sua posição era o símbolo da Guarda do Profeta, bordado no canto direito de seu avental.

O homem sorriu para eles, mas o gesto não tinha qualquer pretensão de cordialidade. "Perdoe-me, senhora. Seu marido quer uma palavra.

Os olhos de Judith foram do homem para Immanuelle, depois de volta para o homem novamente.

"Por aqui." Ele parecia impaciente agora.

Os olhos de Judith se encheram de lágrimas de repente e ela começou a tremer. Por um momento absurdo, Immanuelle pensou em alcançá-la, como se houvesse algo que ela pudesse fazer para impedir qualquer destino que a esperasse na forma daquele homem estranho e zombeteiro no final do corredor.

Mas então Judith começou a avançar, cada passo lento e pesado, suas saias de veludo arrastando atrás dela enquanto ela andava. Immanuelle viu o terror em seus olhos quando ela passou pela soleira até o homem que estava esperando por ela, virou uma esquina e desapareceu.



CAPÍTULO QUATORZE

Nós nos quebramos para estarmos juntos. Os fragmentos de mim se encaixam nos fragmentos de você, e nossos remanescentes se tornaram maiores do que a soma de quem costumávamos ser.

—DAS CARTAS DE DANIEL WARD

eu IMMANUELLE ENCONTROU EZRA do lado de fora do portão da frente nos pastos do leste, de pé ao lado do mesmo choupo que ele estava lendo.

sob quando ela chegou pela primeira vez. Em sua mão boa, as rédeas de um corcel preto alto. No seu ruim, um trapo manchado ele segurou para estancar o sangramento. "Por que demorou tanto?" Ele demandou.

Immanuelle se forçou a não olhar para a mão dele. "Seu amável amante me pegou nos corredores. Ela queria conversar."

"Judite?"

"Sim, Judith," Immanuelle retrucou, de repente furiosa. "O que, você tem problemas para se lembrar de todos eles?"

Ezra franziu a testa. Ele forçou sua mão boa em direção a ela e acenou para o carrinho. "Escalar. Vou te levar para casa."

Emanuelle não se mexeu. "O que há entre vocês dois?"

"O que?"

"Você e Judith. O que há entre vocês?"

"Não há nada entre nós."

Immanuelle lutou contra a vontade de cruzar os braços sobre o peito. "EU vi ela te beijar, e não parecia que era sua primeira vez."

A mão de Ezra apertou o trapo, e ele trabalhou sua mandíbula. "Não, não era. Mas foi o último."

Immanuelle soube então que deveria morder a língua, deixar Ezra com seus pecados. Mas então ela pensou naquele homem estranho e desdenhoso no corredor e no olhar de terror que passou pelo rosto de Judith quando ela caminhou para encontrá-lo. Sua raiva borbulhou, e as palavras saíram antes que ela tivesse a chance de morder de volta. "Por que você começou em primeiro lugar? Garotas queimaram na pira por menos do que os pecados que vocês cometeram juntos. Meu próprio pai foi queimado por crimes menores.

Ezra pelo menos teve a decência de parecer envergonhado. "Emanuelle—"
"Você sabia do perigo. Você deve ter."

"Eu fiz. Nós dois fizemos."

"Então por que?" ela exigiu, apontando para a mão dele. "Por que arriscar tudo?"

"Você não entenderia."

Os pensamentos de Immanuelle foram para seu pai. Ela o imaginou com sua mãe, encontrando-se em segredo como Ezra teve com Judith. Ela pensou em tudo que eles arriscaram um pelo outro: sua felicidade, sua fé, qualquer chance que eles tivessem de um futuro. "Você está certo," disse Immanuelle firmemente. "Eu nunca vou entender por que as pessoas escolhem ferir aqueles que dizem amar."

"Eu não amo Judith, e ela não me ama. Não é desse jeito. Nunca foi."

"Não parecia assim na outra noite."

"Bem, nem sempre tudo é como parece", disse ele, frustrado. "Olha, Immanuelle, se você quer uma história sobre amor, perda e desgosto, você deveria ter pegado um livro da biblioteca.

O que Judith e eu tínhamos não era nada disso."

"Então por que se preocupar com isso em primeiro lugar?"

"Nós terminamos de discutir isso." Ele acenou com a cabeça em direção ao carrinho. "Agora, vamos."

"Eu andarei."

"Não, você não vai," disse Ezra, virando-se para atrelar seu cavalo à carroça. Ele lutou um pouco com as fivelas, estremeando toda vez que era forçado a usar sua mão ruim. "Olha, eu respondi todas as suas perguntas com o melhor de meu conhecimento. Menti para meu pai para que você entrasse na biblioteca, quebrando pelo menos metade dos códigos do Protocolo Bethelan no processo. Então, se você fizer a gentileza de me permitir escoltá-la para casa, eu agradeceria muito. Isso é agradável o suficiente para você ou você preferiria que eu rastejasse?"

Ela passou por ele. "Prefiro caminhar."

"Porra, Emanuelle."

Ela se virou para ele então, tão rápido que seu calcanhar cravou fundo na terra. "Uma língua tão imunda para o filho de um profeta."

"É um mundo imundo," ele retrucou. "É exatamente por isso que eu prefiro se você me deixar acompanhá-la para casa.

Um vento fraco soprava pela grama alta.

Immanuelle olhou novamente para a mão de Ezra. O trapo que ele era agarrar estava completamente encharcado, e embora ele mantivesse sua expressão estóica, ela podia dizer que ele estava com dor. Ele tinha que ser, com um

ferida assim. E depois havia a questão das dores mais profundas — as invisíveis que não podiam ser tratadas com bandagens ou unguentos.

"Isso é sobre o seu pai?" ela perguntou baixinho.

Ezra não olhou para ela, mas seu aperto no trapo aumentou. "Escalar. O sol está se pondo rápido."

"Você não respondeu minha pergunta sobre você e Judith."

"E eu não pretendo." Ele deu um tapinha no banco do carrinho. "Acima. Agora."

"Dê-me uma resposta e eu considerarei."

Ezra apertou o maxilar novamente, e por um momento Immanuelle teve certeza de que ambos ficariam ali, enraizados no lugar, até que a noite derretesse em amanhecer e suas pernas ficassem fracas sob eles. Mas para sua surpresa, Ezra quebrou primeiro.

"As pessoas fazem coisas tolas e imprudentes quando estão desesperadas para encontrar maneiras de escapar de si mesmas." Ele suspirou e abaixou a cabeça. "Por mais feio que seja, às vezes a verdade não é nada mais do que isso."

Immanuelle o estudou por um momento. Então ela subiu no carrinho.

Por um tempo, os dois cavalgaram em silêncio, o pôr do sol morrendo escuridão, sombras se estendendo entre as árvores enquanto atravessavam os Solos Sagrados. Ao se aproximarem das Clareiras, Immanuelle tirou um rolo de bandagens do bolso de sua mochila. Com alguma persuasão, Ezra deixou que ela pegasse sua mão e tirasse o pano de seu ferimento. Era um corte feio, profundo o suficiente para precisar de pontos, mas Immanuelle fez o melhor que pôde para apertar bem as bandagens e estancar o sangramento. Enquanto cuidava dele, ela pensou na ironia de tudo isso. Apenas algumas semanas atrás, ela cuidou de uma ferida semelhante. Talvez ela e Ezra tivessem mais em comum do que ela pensava. Era essa a fonte do parentesco que ela sentia entre eles? Dor compartilhada?

Um vento frio e amargo desceu do norte e atingiu as copas das árvores. O corcel se assustou, esquivando-se, então Ezra teve que puxar as rédeas e levantar a voz acima do rugido para acalmá-lo.

Immanuelle estremeceu e agarrou seu assento. Ezra, olhos ainda fixos na escuridão distante, tirou uma mão das rédeas e enfiou a mão na traseira da carroça, tirando um cobertor. "Aqui."

"Obrigada", disse ela, colocando a colcha em volta dos ombros.

"Não é nada."

"Mesmo assim."

O caminho torcia para o leste em direção às Clareiras, cortando o Terra do coração. Mas quando eles se aproximaram da borda do Darkwood mais uma vez, sua escuridão ficou mais forte. Immanuelle se perguntou então se o poder do Pai chamava Ezra da mesma forma que a floresta fazia com ela. Se ele estava tão atraído pela luz quanto ela pela sombra.

Ezra olhou para ela de sua periferia. "O que é isso?"

Ela corou, envergonhada por ser pega olhando. "É só isso . . . bem, eu me perguntei se—"

Ele sorriu, claramente divertido por ela gaguejar. "Fora com isso."

"Você sempre se sentiu chamado para a missão profética?"

Ezra balançou a cabeça. "Eu nunca quis ser herdeiro. Eu queria viajar, ir além do muro."

"Por que você iria querer fazer isso?"

"Porque há mais no mundo além de Betel. Os selvagens não vão para sempre. Há vida além deles. Tem que haver."

"Você quer dizer as cidades pagãs?"

"Esse é um nome para eles. Mas antes de Ford construir o muro, aquelas cidades pagãs eram aliadas de Betel."

"Mas isso foi séculos atrás."

"Eu sei," disse Ezra, seus olhos no horizonte. "É por isso que eu queria ir - para descobrir o que aconteceu, para saber se estamos sozinhos aqui."

Ela franziu a testa, confusa. Como herdeiro, Esdras era uma das únicas pessoas em Betel que tinha jurisdição para abrir o Portão Sagrado e conceder passagem por ele. Parecia a Immanuelle que, se ele realmente quisesse deixar Betel, já teria ido embora. — Por que você simplesmente não vai?

Ezra tirou a adaga do bolso como resposta. Ele tinha ainda precisava limpá-la, percebeu Immanuelle, e a lâmina ainda estava coberta de crostas de sangue. "Disseram-me que meu lugar é aqui."

Eles ficaram quietos mais uma vez. As rodas da carroça chacoalhavam através de buracos e poças de sangue quando eles entraram nas Clareiras. Enquanto a escuridão era densa demais para ser vista, Immanuelle podia ouvir o suave **silêncio** do vento nos galhos da floresta a oeste.

"Devemos subir ao campanário da catedral amanhã," disse Ezra, quebrando o silêncio entre eles. "Estarei em sessão com os apóstolos à tarde, mas estou livre pela manhã."

A proposta dele a surpreendeu, tanto pela ousadia quanto pelo fato de que ele sugeriu isso. Quando ele mencionou levá-la ao sino

torre, ela nunca - nem por um momento - esperou que ele cumprisse essa promessa. Mas mesmo que uma parte dela estivesse animada com a perspectiva, ela balançou a cabeça. "Eu não posso."

"Você tem outros planos?" Ezra perguntou, e Immanuelle teve a estranha suspeita de que havia algo mais, algo mais por trás da pergunta, embora ela não pudesse dizer exatamente o quê.

"Eu estou indo para o Darkwood." No momento em que a verdade estava livre de ela, ela se perguntou por que ela tinha oferecido isso. Ela supôs que uma parte pequena e fraca de si mesma queria impressioná-lo. . . e ela se odiava por isso.

Mas para sua surpresa, Ezra parecia relativamente imperturbável por ela. confissão. — Achei que você tivesse medo da floresta.

"Eu sou. Qualquer um com o bom senso com que nasceu seria", disse Immanuelle. E enquanto isso era verdade, ela percebeu que o medo não era uma desculpa razoável para não fazer o que precisava ser feito. Era uma noção estranha, já que Immanuelle nunca foi particularmente corajosa. Mas nos dias que se seguiram ao início da praga do sangue, ela começou a crescer em seu próprio tipo de coragem. E ela gostou da sensação disso. "Algumas coisas precisam ser feitas, quer me assustem ou não."

Ezra se aproximou, inclinando a cabeça na direção dela, e ela podia dizer que ele estava lutando para lê-la, analisar a verdade. "O que uma garota como você precisa fazer no bosque das bruxas?"

Ela não via sentido em mentir para ele. "Eu quero parar o sangramento", disse ela simplesmente. "E eu acho que sei como fazer isso."

Immanuelle esperou por sua risada, por seu ridículo, mas não veio. "Eu vou encontrá-lo no poço ao amanhecer."

Foi a vez dela ficar chocada. "Você não pode vir comigo."

"Eu posso e vou", disse Ezra, como se o assunto tivesse sido discutido e já decidiu. "De jeito nenhum eu vou deixar você entrar em Darkwood sozinho."

"Mas é perigoso para os homens andarem pela floresta", disse Immanuelle, lembrando-se das histórias que Martha lhe contava quando criança, para avisá-la sobre a floresta e seus males. Ela frequentemente afirmava que durante os Dias Sombrios, os homens que ousavam entrar na floresta frequentemente voltavam raivosos, enlouquecidos pelo clã da floresta.

Ezra acenou para ela. "Isso é superstição."

Immanuelle já havia pensado o mesmo, mas isso foi antes de testemunhar as bruxas da floresta. Agora ela conhecia os perigos do

Darkwood eram reais, e enquanto ela estava disposta a arriscar sua própria vida para parar a praga que ela começou, ela não arriscaria a de Ezra também. "É muito perigoso. Acredite em mim. Especialmente porque você é um homem santo, a floresta é hostil a pessoas como você.

Ele revirou os olhos. "Isso é uma mentira que os pagãos inventaram na antiga vezes para impedir que os soldados betelianos cruzassem suas fronteiras".

"Isso não é verdade. Só porque você não viu os horrores do Darkwood em primeira mão não significa que eles não são reais. A floresta é perigosa e, se você quer viver, deve ficar bem longe dela."

Ezra abriu a boca para responder quando o cavalo deu um grito alto. A carroça estava tão inclinada à direita que Immanuelle teria caído de cabeça se Ezra não a tivesse agarrado pela cintura.

À frente do cavalo, no centro da estrada, estava um cão de caça. Era uma criatura enorme e sarnenta, e estava rosnando, seus olhos refletindo a luz das lanternas balançando da carroça. Ele estalou os cascos do cavalo, sua boca escorregadia de sangue e espumando.

Ezra passou as rédeas para Immanuelle. "Segure isso e fique aqui."

"Mas sua mão..."

"Estou bem." Ele torceu para a parte de trás do carrinho, onde, de uma pilha de feno, ele produziu um rifle longo.

"Você não vai—"

"É raivoso", disse ele enquanto saltava do carrinho. Arma levantada, ele caminhou em direção ao cão. Ele rosnou à sua aproximação, pressionando-se contra o chão.

O cavalo corcoveou, e Immanuelle puxou as rédeas com tanta força que as palmas das mãos ficaram irritadas.

Ezra ergueu o rifle até o ombro.

O cão saltou.

O estalo da bala saindo do cano dividiu a escuridão.

O cão cambaleou, tropeçando nas próprias patas, e caiu morto no pó.

A bile subiu na garganta de Immanuelle, e ela sufocou o enjoo quando Ezra voltou para seu assento, inclinando o rifle contra o banco. Ele pegou as rédeas de suas mãos trêmulas e as estalou duas vezes, impelindo o cavalo a passar pelo cadáver ensanguentado do cão. Nem ele nem Immanuelle disseram uma palavra.

Depois de mais alguns minutos, a carroça fez uma curva e começou a descer a longa e irregular estrada que levava à terra dos Moore. A luz de

a casa da fazenda apareceu ao longe, brilhando através das ondas de grama de trigo.

Ao se aproximarem, Ezra disse: "De manhã, então? Ao raiar do dia?"

Immanuelle murmurou algo menos que sagrado baixinho, mas cedeu, sabendo que era inútil discutir. "Sim, e traga esse seu rifle. Você pode muito bem precisar dele."

Ele estalou as rédeas, parecendo um pouco presunçoso. "Eu te encontro no poço."

Emanuelle assentiu. Então algo lhe ocorreu. "Porque o Profeta quer esses nomes?"

"O que?"

"No Haven, seu pai pediu que você compilasse todos os nomes das mulheres e meninas em Betel. Por que?"

A resposta de Ezra foi hesitante. "Dizem que uma maldição só pode vir da boca de uma mulher. Da boca de uma bruxa."

Uma maldição. Aí estava, então. A verdade a céu aberto. "Isso é o que ele pensa que é isso?"

"Bem, certamente não é uma bênção," disse Ezra. "O que mais você poderia chamá-lo?"

Immanuelle pensou na catedral, no vitral que mostrava as legiões da Mãe sendo queimadas e mortas.

Ela pensou na garota amordaçada, acorrentada às ações do mercado. Ela pensou em multidões zombando e piras flamejantes. Ela pensou em Leah deitada de bruços no altar, sangue acumulando nas cavidades de suas orelhas, uma lâmina em sua testa. Ela pensou em meninas casadas com homens com idade suficiente para serem seus avós. Ela pensou em mendigos famintos da periferia agachados à beira da estrada com seus copos de moedas. Ela pensou no olhar do Profeta e na maneira como ele se moveu sobre ela, demorando-se onde não deveria.

Immanuelle respondeu à pergunta de Ezra em um sussurro rouco: "Um castigo".



CAPÍTULO QUINZE

Quando a floresta estiver com fome, alimente-a.

— DOS QUATRO ÍDOLOS : UM COMPÊNDIO

NA MANHÃ SEGUINTE, Immanuelle acordou antes do nascer do sol e foi até a oficina vazia de Abram para buscar suprimentos. Ela vasculhou as ferramentas antes de fazer suas escolhas: um rolo grosso de corda longo o suficiente para percorrer toda a extensão da casa da fazenda com folga de sobra, um rolo limpo de gaze e a faca de talhar mais afiada de Abram. A corda era pesada o suficiente para desequilibrá-la, mas Immanuelle conseguiu pendurá-la por cima do ombro enquanto atravessava os campos de pousio até o cercado fechado onde as ovelhas passavam as noites.

Apressadamente, ela os deixou no pasto, onde permaneceriam sob o olhar atento do lavrador, Josiah, enquanto ela estivesse na floresta.

Com o rebanho atendido, Immanuelle foi em direção ao poço na borda leste dos pastos, onde esperou a chegada de Ezra.

Para passar o tempo, ela folheou as páginas do diário de sua mãe, revisitando os esboços das bruxas em preparação para o que estava prestes a fazer. Se tudo corresse conforme o planejado, ela localizaria o lago, entraria na água e faria seu sacrifício, e quando ela saísse da Floresta Negra novamente, a praga de sangue estaria terminada. Ela apenas rezou para que a luz do dia fosse suficiente para manter o clã de Lilith afastado.

Vários metros adiante, subindo uma colina e cruzando para o pasto, veio Ezra. Ele usava roupas de trabalho e sua mão estava recentemente enfaixada com algumas tiras de gaze branca limpa. Em uma alça de couro pendurada no ombro, seu rifle.

Immanuelle franziu a testa, olhando para o sol. Já havia subido acima do horizonte. "Você está atrasado."

As ovelhas se dispersaram enquanto Esdras se movia pelo rebanho. ele parou pouco dela. De perto, ele parecia bastante cansado, talvez de uma noite passada analisando o censo. "E você está lendo literatura proibida."

Immanuelle fechou o diário e rapidamente o enfiou na mochila. "Como você sabe que é proibido?"

“Você parece culpado. Ninguém parece culpado lendo um livro que o Protocolo permite.” Ele acenou para o rolo de corda ao lado dela. “Para que é isso?”

“Pesca”, disse ela, limpando a sujeira de suas saias enquanto se levantava. “Devemos?”

Ezra começou a avançar primeiro, atravessando as ondas de grama alta até a beira da floresta. Ela o seguiu pelo mato, odiando a si mesma pela forma como seu coração se acalmou no momento em que as árvores se fecharam ao redor dela. A floresta era tão bonita como ela já tinha visto. A luz do sol filtrava-se através das árvores, salpicando o caminho estreito que atravessava a moita da floresta.

Nunca a floresta pareceu tão suave e viva. Em comparação com Betel – onde tudo estava murchando e morrendo – era uma justaposição gritante. Lá, na Darkwood, quase parecia que a praga do sangue era algum pesadelo vago e distante. Se não fossem os vislumbres do rio vermelho serpenteando entre as árvores, ou os sulcos cheios de sangue no caminho, Immanuelle poderia ter acreditado que a praga do sangue havia sido contida apenas em Betel.

Mas a verdade era ainda mais surpreendente. Ao contrário de Betel, que havia sido devastada pelos horrores da praga, a floresta prosperava. Como se a floresta estivesse cheia de sangue. As árvores floresciam fora da estação, seus galhos viçosos com um novo crescimento. A moita de espinheiros era tão densa que invadia o caminho, tornando-o difícil de seguir às vezes. Quase parecia que a floresta estava se expandindo, crescendo além dos limites designados.

Era disso que se tratava essa praga de sangue? Foi algum estratagema das bruxas para dominar Betel? Lilith estava tentando reivindicar o que havia perdido para ela todos aqueles anos atrás?

Ezra olhou para Immanuelle. “Para alguém que afirma temer a Darkwood, você certamente parece à vontade.”

Ele estava certo, pelo menos em parte. Havia algo sobre o Darkwood que a fazia sentir como se ela se tornasse mais ela mesma quando entrava, e quando saía, menos. Mas talvez isso fosse apenas o truque das bruxas. “Você parece bastante tenso para alguém que não está.”

“Se você está pronto para o pior, então você não terá nada a temer em primeiro lugar.”

“É isso que você espera descobrir aqui?” Immanuelle perguntou, abaixando-se sob o galho de um carvalho. Ela sentiu uma pequena pontada de culpa por

todos os segredos que ela estava escondendo dele. "O pior?"

"Talvez", disse ele. "Posso não acreditar em bruxas e contos populares, mas sei o suficiente para perceber que poucas coisas boas vêm da Floresta Negra."

As palavras doeram, e ela levou um momento para perceber o porquê: ela era da Darkwood, pelo menos parcialmente. Era o lugar onde ela cresceu na barriga de sua mãe, sua primeira casa, quer ela quisesse admitir ou não.

Ezra se virou para olhar para ela. "Você não concorda?"

"Eu não sei," ela disse, se aproximando, reduzindo pela metade a pequena distância que havia entre eles. "Acho que estou inclinado a pensar que coisas boas podem vir de lugares inesperados."

Ezra estendeu a mão acima de sua cabeça, segurando um galho com a mão boa, apoiando-se um pouco nele. Eles estavam próximos um do outro, próximos demais para serem considerados apropriados pelo Protocolo Bethelan. Mas eles não estavam mais em Bethel, e Darkwood estava sem lei.

Foi Ezra quem quebrou o silêncio, um tom áspero em sua voz.

"Você é um pouco um quebra-cabeça, você sabe disso?"

Immanuelle inclinou o queixo para olhá-lo por completo. Os lábios de Ezra estavam separados, e a luz do sol brincava em seu rosto, pintando sombras ao longo de suas bochechas e mandíbula. Embora houvesse apenas um dedo entre eles, tudo que Immanuelle queria fazer era se aproximar. Mas ela não se atreveu a deixar-se ir. Ela não podia. "Assim me disseram."

Eles caminharam em silêncio por um tempo depois disso. Immanuelle estava muito consciente do silêncio repentino e da distância cuidadosa entre eles. Parecia que horas haviam se passado quando Ezra finalmente parou e fez sinal para uma pausa nas árvores. "Estava aqui."

Immanuelle parou na frente dele. Com certeza, eles eram.

Lá estava o lago, uma grande ferida sangrenta no meio da floresta. As árvores que o cercavam eram muito mais altas do que Immanuelle se lembrava, e suas raízes atingiam as profundezas do lago, submersas em sangue, empanturrando-se dele. O cheiro doce de decomposição era tão enjoativo e espesso que Immanuelle quase engasgou com o cheiro.

Ela se virou para Ezra, tirou o rolo de corda de seu ombro, e abaixou a mochila no chão. "Feche os olhos e vire-se."

"O que você está-"

Immanuelle levantou a barra da saia até os joelhos e olhou para ele por cima do ombro. A canção da floresta se tornou provocante. Estava dentro

o ritmo rápido de seu batimento cardíaco, no silvo do vento, no **baque surdo** das botas de Ezra na terra quando ele se aproximou um pouco.

“Olhos fechados,” ela o lembrou.

Desta vez, Ezra obedeceu, fechando os olhos e inclinando o rosto para o Copa das árvores. “Por que eu sinto que tudo o que você está fazendo é uma ideia ruim, quebra de credo?”

“Eu não sei.” Ela fez uma pausa para tirar as botas. “Talvez porque você é um herdeiro ruim, que quebra os credos, que tem um gosto por essas ideias.

Ela não estava olhando para ele, mas podia ouvir o sorriso em sua voz quando ele atendeu. “Você acha que eu sou um herdeiro ruim?”

“Eu acho que você é um desonesto.” Ela se desvencilhou do vestido, o tecido formando uma poça em seus tornozelos. Ela o dobrou rapidamente e pegou a corda, amarrando-a em volta da cintura. Quando estava seguro, ela caminhou até Ezra e colocou a calça em sua mão boa. “Segure isso e não solte.”

Ezra virou-se para encará-la completamente, e seus olhos brilharam enquanto ele traçava a corda da mão até a cintura dela. O deslize de Immanuelle de repente parecia tão fino quanto a névoa da manhã. “Eu disse para você fechar os olhos.”

O olhar de Ezra foi dela para a água, depois voltou. Ela poderia juraram que ele parecia quase . . . perturbado. “Você não vai—”

“Eu tenho que. A praga do sangue não vai acabar se eu não acabar.”

“Isso é ridículo,” disse Ezra, balançando a cabeça. Ele tinha gostado de suas travessuras até agora, mas estava claro que sua paciência havia passado muito tempo. “Se você está determinado a que alguém vá para aquele lago, que seja eu. Você segura a corda.”

Emanuelle balançou a cabeça. “Tem que ser eu.”

“Por que?” ele exigiu, exasperado. Com raiva, até. “O que esse lago tem a ver com o fim da praga do sangue? Não entendo.”

“Eu não tenho tempo para explicar isso para você, e mesmo se eu tivesse, eu não certeza que você acreditaria em mim. Mas isso não importa agora. Você está aqui porque escolheu estar, então pode me ajudar ou pode ir embora. Só peço que o que você escolher fazer, faça com rapidez e discrição. Eu guardei seus segredos, então você guarda os meus.

Ezra apertou a mandíbula, em conflito. “Esta é uma missão de um tolo.”

“Apenas segure a corda,” ela disse, abaixando-se para pegar o braço de Abram. faça de sua mochila. “Se você fizer isso, então não há com o que se preocupar.”

“Mas a água está contaminada.”

“Bem, eu não vou beber, vou? Vou fazer como um peixe e nadar. Você tem a corda. Se alguma coisa der errado — estou sob muito tempo ou começo a me debater — me puxe de volta. Sem danos causados.”

A mão de Ezra apertou a folga. “Multar. Mas no instante em que alguma coisa dá errado – você chega a jogar muito forte – e eu estou puxando você de volta para a praia.”

“É justo.”

Faca na mão, Immanuelle começou a descer a margem. A lama fria e negra como sangue escorria entre os dedos dos pés e sugava seus pés, a salmoura fazendo suas bolhas arderem. Engolindo uma onda de náusea, ela se arrastou até os tornozelos, joelhos, cintura, encolhendo-se quando o lodo frio e sangrento lambeu sua barriga e penetrou na cueca.

Parando para se fortalecer, ela continuou andando, vadeando pelo sangue. Quando seu lábio inferior mal estava acima da água, ela fechou os olhos com força e sussurrou sua oração para o Darkwood.

“Eu não vou te dizer meu nome, porque você já sabe. eu ouvi você me liga antes.” Ela fez uma pausa, ficando na ponta dos pés, esforçando-se para manter a cabeça acima da superfície. “Estou aqui em nome de Betel, para implorar. . . não, para *implorar* pelo fim das pragas que foram geradas aqui semanas atrás. Aceite este sacrifício. Por favor.”

E com isso, ela levantou a faca no antebraço e fez um corte profundo.

Quando o sangue dela se misturou com o da lagoa, um vento forte atravessou a floresta, tão forte que dobrou as mudas de pinheiro. Ondulações largas irradiavam do centro da lagoa, como se alguém tivesse derrubado uma pedra em suas profundezas. As ondas quebravam na margem do lago em rápida sucessão, e Immanuelle teve que enfiar os pés na lama para não ser arrastada.

Ezra deu dois puxões afiados na corda, e ela se virou para olhar para ele. sobre o ombro dela. Ele puxou a corda novamente, mais forte desta vez, gritou o nome dela acima do vento rugindo. Mas antes que Immanuelle tivesse a chance de responder, uma mão fria envolveu seu tornozelo e a arrastou para baixo.



CAPÍTULO DEZESSEIS

A mulher é uma criatura astuta. Feita à semelhança de sua Mãe, ela é ao mesmo tempo criadora e destruidora. Ela é gentil até ser cruel, mansa até ser impiedosa.

— DOS PRIMEIROS ESCRITOS DE DAVID FORD

A BRUXA DA Água flutuava na sombra das profundezas. Ela disparou ao redor de Immanuelle, rápida como um peixinho, enquanto ela se debateu e se debateu, tentando não se afogar. A bruxa inclinou a cabeça para o lado, se aproximou, então eles estavam quase nariz com nariz. Sua expressão se torceu em uma carranca, lábios rasgados, e quando ela gemeu, o sangue começou a borbulhar, e grandes formas negras surgiram das sombras das profundezas.

Immanuelle se debateu, tão assustada que quase respirou fundo e engasgou. As formas eram figuras, mulheres e meninas. Alguns eram da idade de Honor, outros ainda mais jovens. À medida que se aproximavam, Immanuelle podia ver que todos estavam gravemente feridos de uma forma ou de outra, pouco mais que cadáveres apanhados pelas correntes. A garganta de uma mulher foi aberta. Outra usava um laço em volta do pescoço. O rosto de uma terceira estava tão machucado e inchado que ela mal parecia humana. Uma quarta embalou a cabeça decepada contra o peito do jeito que você faria com um bebê.

Mais e mais almas surgiram das sombras das profundezas até que os mortos estivessem perto da legião.

Da escuridão veio um berro, como se um sino de catedral estivesse tocando nas profundezas. Ao som, os cadáveres ganharam vida e flutuaram de volta para a escuridão.

Então, da escuridão e sombra, um novo rosto apareceu.

O profeta?

Não, ele não.

Este era um rosto que Immanuelle reconheceu da estátua na praça do mercado, dos retratos que pendiam das paredes da Catedral do Profeta e Haven.

Ele foi o primeiro profeta. O Assassino das Bruxas, David Ford.

Os lábios de Ford se esticaram em um sorriso medonho, sua boca escancarada como se ele quisesse engoli-la inteira. Ele respirou fundo e um grito solitário ecoou pelo lago.

E então, do preto, veio o fogo.

As chamas invadiram a água e devoraram as mulheres.

Seus gritos se tornaram um coro, misturando-se com a risada profunda e estrondosa de David Ford. As mulheres choraram e se debateram, algumas implorando por suas mães, outras por misericórdia. Mas as chamas não cederam.

Immanuelle esticou-se para frente, pegando suas mãos, desesperada para ajudá-los, mas a corda em volta dela estremeceu, o nó mordendo sua barriga. Ela lutou contra isso, arranhando para frente, em direção às mulheres e meninas, enquanto o fogo se alastrava.

Outro puxão na linha tirou o fôlego dela. Ela engasgou, e o sangue correu para encher sua boca. Nas profundezas negras do lago, ela ainda podia ouvir Delilah gritando.



IMMANUELLE NÃO SE LEMBRA de romper a superfície da água ou ser puxada para a margem do lago. Em um momento ela estava nas profundezas sangrentas; no próximo ela estava deitada de costas, olhando para as copas das árvores.

Ela se sentou — rolando de joelhos — e vomitou. Sangue e bile respingaram na praia. Não foi até que a segunda onda de enjoo diminuiu que ela levantou a cabeça e apertou os olhos através das sombras do crepúsculo.

Ela podia jurar que já passava do meio-dia quando Delilah a arrastou para baixo. Quanto tempo ela havia flutuado nas profundezas?

As conjurações do lago a inundaram de volta: as figuras, as súplicas e gritos, o fogo. Aquelas mulheres e meninas não eram todas bruxas – algumas eram jovens demais para praticar qualquer fé. Eles eram vítimas, inocentes massacrados por pessoas como David Ford sob o pretexto de uma purgação sagrada. Ele os matou a sangue frio. As Sagradas Escrituras sempre fizeram esses conflitos parecerem batalhas e guerras, mas na verdade, foi apenas um massacre.

Era uma verdade horrível, mas uma Immanuelle foi forçada a empurrar para no fundo de sua mente. Ela precisava se concentrar nas maldições e bruxas e voltar para Bethel e . . . Esdras.

Esdras.

Ela levantou a cabeça para procurá-lo, os joelhos dobrando sob ela enquanto ela empurrou para seus pés. Mas ele não estava no banco onde ela o viu pela última vez. E a corda ao redor de sua cintura estava frouxa.

Immanuelle cambaleou para frente, chamando por ele, mas ele não responder.

Então, enquanto ela subia a margem, ela o viu deitado no juncos. Ela correu para ele, tropeçando na margem, e caiu ao seu lado. Ezra jazia inerte, com os olhos bem abertos, suas pupilas tão grandes que quase devoravam suas íris. O nariz e a boca dele estavam manchados de sangue, mas ela não sabia dizer se era do lago ou dele. O corte em sua mão machucada sangrava livremente, as bandagens rasgadas e os pontos abertos pela fricção da corda, que ele ainda segurava com um torno. E seus membros. . . eles estavam presos ao chão da floresta, presos por um emaranhado de espinhos e raízes de árvores.

A poucos metros de onde ele estava estava seu rifle, caído inútil nos juncos, o cano de metal torcido em um nó, como se não fosse nada mais do que um pedaço de arame.

Immanuelle lutou para arrancar os arbustos – ensanguentou suas mãos enquanto arrancava os espinheiros – mas o domínio da floresta sobre Ezra se manteve firme e, por mais que tentasse, não conseguiu libertá-lo. Desesperada, ela ergueu a faca de Abram e começou a cortar o emaranhado de espinhos e raízes de árvores, cortando meticulosamente os braços dele.

Ezra estendeu a mão para ela, sua mão pairando no ar entre eles. Ele olhou para ela com uma espécie de admiração atordoada, mas seus olhos estavam vagos e completamente desfocados, como se ele estivesse vendo algo mais do que apenas ela. Mas quanto mais ele olhava para ela, mais sua expressão mudava – admiração se transformando em confusão, confusão em pavor e pavor em horror absoluto.

Algo mudou na floresta.

O ar ficou frio. A lagoa começou a borbulhar, pequenas ondas batendo contra suas margens sangrentas. Acima, um banco de nuvens escuras se agitava e ventos de tempestade assobiavam pelas copas das árvores. Alguns corvos voaram para o céu, fugindo para o leste, e o vento começou a rugir, soprando através das árvores com tanta força que as dobrou.

Immanuelle continuou cortando as vinhas com a faca de Abram, trabalhando tão rápido quanto podia. Ela ensanguentou suas próprias mãos rasgando os arbustos ao redor de seus tornozelos. “Você vai ficar bem. Eu vou te libertar. Apenas espere um pouco mais; você está quase. . . Esdras?”

Ele olhou para ela como se ela fosse uma estranha. . . não, pior que um estranho, um inimigo. Ele parou de lutar contra as trepadeiras e galhos que o prendiam ao chão da floresta e começou a lutar contra ela, atacando e gritando, exigindo que ela ficasse longe.

Mas Immanuelle se recusou a ceder. Ela continuou cortando os galhos, trabalhando para libertá-lo das garras do Darkwood, mesmo quando ele

se debateu e lutou como se o toque dela o estivesse queimando. E quando Immanuelle cortou a última das raízes que prendiam suas pernas no chão, Ezra atacou, prendendo a mão ao redor de sua garganta tão rapidamente que ela não teve a chance de gritar.

Seus dedos – escorregadios com sangue e sangue – penetraram profundamente nas cavidades de cada lado de sua garganta, selando-a. Immanuelle tentou arrancar seus dedos, agarrando suas mãos, seus braços, sua camisa. Mas sem sucesso. O aperto de Ezra era implacável, e seu aperto sobre ela só aumentou. Sua audição foi a primeira, e sua visão começou a ir atrás dela, o preto vindo de sua periferia. Ela percebeu então que estava prestes a morrer, ali na floresta, nas mãos de um menino que ela teria chamado de amigo.

Em um último ato de desespero, Immanuelle ergueu a faca de Abram, forçou-a no peito de Ezra, e a ponta da lâmina penetrou no buraco entre suas clavículas. Por um momento eles ficaram ali, congelados no lugar — Ezra com uma mão em volta da garganta de Immanuelle e Immanuelle com uma lâmina na dele.

Assim que ela começou a perder a consciência, os olhos de Ezra focou. Houve um lampejo de reconhecimento, depois horror.

Ele 'deixou.

Immanuelle chutou para longe dele, ofegante, e levantou o lâmina entre eles, pronto para usá-la caso ele a alcançasse novamente.

Mas antes que Ezra tivesse a chance de fazer algo além de murmurar o nome dela, seus membros retorcidos em uma série de convulsões. Ele se debateu, com a cabeça estalando em seu eixo, as costas arqueadas tão severamente que Immanuelle temeu que sua coluna se partisse em duas. Mas de alguma forma, apesar dos espasmos daquelas convulsões horríveis, Ezra estava. . . falando, cuspidando orações e catecismos, salmos e provérbios, e estranhas Escrituras que Emanuelle nunca tinha ouvido antes. Foi então, e só então, que ela percebeu o que estava testemunhando — uma visão, a primeira de Ezra.

Ventos de tempestade varreram a floresta. Os pinheiros se curvaram e as copas das árvores se agitaram. Immanuelle pesou suas opções enquanto se atrapalhava em seu vestido. Seu primeiro pensamento foi egoísta: evitar o risco de um segundo ataque e deixar Ezra ali na floresta. Deixe-o encontrar sua própria saída. Mas quando ela se levantou para sair, sua própria culpa levou a melhor sobre ela. Ela se virou para Ezra, que jazia imóvel na terra, o pior de sua visão já havia passado.

Ou eles deixaram a floresta juntos, ou não saíram.

Então ela sentou Ezra, abaixou-se debaixo do braço dele e ficou de pé, sem muita luta, rangendo os dentes enquanto empurrava os dois para os pés e cambaleava em direção às árvores. Immanuelle tentou gritar por socorro acima dos ventos rugindo, rezando para que algum caçador ou camponês os atendesse, mas seus pedidos de ajuda foram perdidos no tumulto da tempestade. Ainda assim, ela continuou, lutando a cada passo, os pulmões queimando com o esforço.

A borda do Darkwood parecia recuar três passos para a cada dois ela tomava, então Immanuelle se movia mais rápido, mesmo quando as sombras subiam ao seu redor como água. Ao longe, ela podia apenas distinguir a linha brilhante da borda da floresta, onde a luz do sol se derramava através das árvores. Mas por mais estranho e distorcido que fosse – apesar de seu terror e desespero, apesar do estado terrível de Ezra – ainda havia uma parte miserável dela que queria desesperadamente ficar.

Mas Immanuelle não seria tão facilmente tentada.

Não agora, quando o destino de Ezra dependia do que ela fizesse em seguida.

Ela se forçou a seguir em frente, lutando por cada passo em direção à luz do sol. E então, com uma investida final, ela limpou a floresta e caiu de joelhos na beira da linha das árvores. Ezra caiu com ela, e eles bateram na terra juntos com um **baque contundente**.

Immanuelle ficou de quatro, rolando Ezra de costas, afastando o cabelo de seus olhos. Ela pressionou a mão no peito dele, mas ela não podia sentir seu batimento cardíaco.

Através das pastagens distantes, o lavrador, Josiah, avançou em direção a eles a toda velocidade, espalhando o rebanho enquanto se aproximava. Immanuelle embalou a cabeça de Ezra entre as mãos, limpou a sujeira de suas bochechas, implorou para que ele voltasse para ela.

Mas ele não respondeu. Ele não se mexeu.



CAPÍTULO DEZESSETE

O Pai derramará Seu espírito na carne de Seu servo; e o rebanho o chamará de profeta, pois ele verá as maravilhas dos céus e falará nas línguas dos anjos. Os segredos da terra e do sangue lhes serão revelados e ele conhecerá a voz de seu Pai.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

FOI NOVE dias antes de Immanuelle ouvir qualquer notícia de Ezra. Depois que Josiah foi até Amas em busca de ajuda, ele voltou com o que parecia ser metade da Guarda do Profeta a cavalo. Immanuelle ainda estava no pasto com Ezra, a cabeça dele aninhada no colo dela, Anna de joelhos ao lado deles, enxugando a testa dele com um pedaço de pano úmido em uma tentativa vã de aliviar o tormento de sua visão. Glory estava chorando a alguns metros de distância, ondas de grama morta e alta balançando em sua cintura. Ao longe, a Guarda do Profeta desceu pelas colinas do pasto.

O resto aconteceu muito rápido. Pelo menos, parecia assim para Immanuelle.

Em um momento, a cabeça de Ezra estava embalada em seu colo, sua mão agarrando a dela enquanto ele lutava contra sua segunda convulsão. No próximo, ele se foi, arrebatado por alguns membros sem rosto da Guarda do Profeta. Alguns dos guardas ficaram para trás para interrogar Immanuelle, ali no pasto. Por sua vez, ela lhes forneceu algumas mentiras e meias verdades. Apenas o suficiente para colocar suas suspeitas para descansar sem se incriminar ou revelar o verdadeiro horror do que realmente aconteceu na Darkwood naquele dia.

Immanuelle só podia esperar que se Ezra acordasse – não, **quando** Ezra acordasse, ele não exporia suas mentiras. Mas ela não o culparia se o fizesse. Não depois de tudo que ele suportou na Darkwood.

Quando a notícia da condição de Ezra finalmente chegou, veio na forma de um decreto sagrado entregue em mãos por um dos mensageiros pessoais do Profeta. Enquanto a carta foi endereçada a Abrão, ele deu a Emanuelle a honra de quebrar o selo e ler o édito dentro. Suas mãos tremiam violentamente quando ela rasgou o lacre de cera em dois. A carta dizia o seguinte:

Com a maior alegria, compartilhamos a notícia de que Ezra Chambers recebeu sua Primeira Visão. Depois de oito dias morando com o Pai através do Dom da Visão, ele recuperou a consciência e agora está se recuperando no Porto, em preparação para o próximo sábado. Viva Ezra Chambers, herdeiro da Sagrada Profecia, e que o Pai abençoe seu predecessor, Grant Chambers, em seus últimos dias.

Só na luz,

A Santa Assembleia dos Apóstolos do Profeta



HOUVE uma evisceração no sábado seguinte para comemorar a Primeira Visão de Ezra. Os Moore acordaram cedo, vestindo suas melhores roupas, tendo o cuidado de passar os vincos das saias e engraxar os sapatos em homenagem à ocasião especial. Partiram ao raiar do dia e chegaram antes que o sol clareasse as copas das árvores.

A catedral estava tão cheia quanto Immanuelle jamais a vira. A poucos passos do adro, o rio corria livremente. A maior parte do sangue nas rochas havia sido lavada e a água clareou para um tom enferrujado. A mancha da praga do sangue finalmente acabou. Muitos o declararam um milagre — o primeiro de Esdras.

Immanuelle esquadrinhou a multidão no cemitério, procurando por Leah. Mas ela notou que sua amiga não estava entre as noivas do Profeta que estavam sombrias no limiar da catedral, todas vestidas com vestidos pretos idênticos. Alguns levavam lenços úmidos aos olhos inchados, lamentando abertamente o que estavam a perder — um marido, um pai, um líder. O Profeta não demoraria muito para este mundo agora que Ezra havia subido ao poder. Se os rumores de sua doença fossem acreditados, ele não viveria para ver o Ano Novo.

Ao som do badalar do sino, Immanuelle atravessou o adro da igreja e subiu as escadas da catedral. Ela se arrastou para um banco que ficava a poucos metros do altar.

Estava quente com todos amontoados nos bancos, ombro a ombro. O ar estava pesado com o cheiro de suor e incenso queimando.

As portas da catedral se fecharam. Os apóstolos moveram-se ao longo das paredes, fechando as janelas à medida que avançavam. O profeta

veio atrás deles, vestido com roupas formais, seus pés descalços arrastando-se pelo chão. Ele mancava pronunciado e parecia que lutava mais e mais a cada passo. Várias vezes ele teve que se apoiar nas costas de um banco para não cair. Enquanto ele se aproximava, Immanuelle podia ouvir sua respiração difícil, um chiado profundo que chacoalhava nas cavidades de seus pulmões. Estava claro que qualquer doença que o atormentasse — fosse gota, febre ou alguma aflição desconhecida — estava piorando rapidamente.

Ezra entrou atrás de seu pai, diminuindo os passos para não passar por ele. Eles subiram juntos ao altar e ficaram de pé, ombro a ombro, de frente para o rebanho. Houve alguns aplausos, mas o Profeta ordenou silêncio com a mão levantada.

As portas da catedral se abriram novamente. O som de cascos na pedra ecoou pela catedral quando o apóstolo Isaac trouxe o sacrifício. Era um bezerro pequeno, os botões de seus chifres perfurando sua pele, seus grandes olhos castanhos e semelhantes a corça.

Honor agarrou um punhado das saias de Immanuelle. Ela nunca tinha bem levado para os matadouros.

— Está tudo bem — sussurrou Immanuelle, passando os dedos pelo cabelo.

O apóstolo Isaque arrastou o bezerro até o altar. Deslizou um pouco a escada de pedra manchada, os cascos deslizando por baixo dela, as pernas tortas quando ela encontrou o seu pé. Isaac deslizou a mão pela lateral, recolhendo as pernas para que fosse forçado a deitar com o estômago pressionado contra a ardósia fria do altar. O bezerro obedeceu sem luta, muito jovem e muito denso para sentir o cheiro da morte no ar.

O Profeta avançou com Ezra ao seu lado, seus pés descalços raspando no chão. Ele levantou a lâmina bem acima de sua cabeça. “Para Esdras.”

O rebanho respondeu como um. ***“Por muito tempo ele pode reinar!”***



ALGUMAS HORAS após o serviço de sábado e abate, Immanuelle deixou sua família e levou a carruagem da noiva de volta para o Haven com Leah. Todos os olhos estavam em Immanuelle quando ela entrou na galeria. Apesar de seus temores iniciais, Ezra, que o Pai o abençoe, não a traiu para a Igreja. Muito pelo contrário, na verdade. Qualquer que seja a mentira que ele construiu para explicar a presença deles na Darkwood naquele dia, ela a colocou como a

herói. E agora parecia que todos queriam saber a história da infeliz pastora que salvou o sucessor do Profeta das garras da Floresta Negra. Mas Immanuelle estava cansada de histórias e mentiras. E ela fez tudo o que pôde para evitar olhares errantes enquanto se acomodava na mesa do banquete e pegava sua comida. Ela tentou acompanhar a conversa em questão, mas quando a discussão se voltou para os trabalhosos esforços do parto, sua atenção diminuiu e seu olhar vagou pela sala.

A galeria estava impecável. As mesas estavam decoradas com coroas de rosas, recém-cortadas e colhidas na estufa do próprio Profeta. Castiçais tão altos quanto Abram estavam espalhados ao longo das paredes, sua luz aquecendo os rostos dos convidados, que estavam sentados conversando sobre pratos empilhados de assado e batata. Com a praga do sangue agora terminada e a ordem de rações revogada, vinho e água fluíam em abundância.

Na frente da galeria havia uma longa mesa de carvalho onde o Profeta estava sentado. À sua esquerda estava Esther em um vestido lilás claro, e à sua direita, Ezra, seus olhos vidrados e injetados.

O Profeta se inclinou para frente em seu assento, cortando um pedaço de carne de o cabrito assado na travessa à sua frente. Enquanto ele trabalhava sua lâmina entre os ossos, seu olhar se moveu pela congregação e encontrou seu caminho para Immanuelle. Seus olhos se encontraram, e o Profeta pousou a faca e, com algum esforço, ergueu a taça para brindar a ela, um movimento que alguns de seus convidados imitaram.

Tudo que Immanuelle conseguiu em resposta ao gesto foi um breve aceno de cabeça. Ela fixou os olhos em seu prato, tentando engolir a doença que fervia no fundo de sua garganta sempre que o olhar do Profeta pousava sobre ela.

E ultimamente, isso tinha sido frequente.

Leah colocou a mão em seu ombro. "Você está bem?"

"Tudo bem", disse Immanuelle, traçando seu garfo através de uma poça de molho.

"Por que você pergunta?"

"Porque você parece pálida e assustada, como se tivesse visto o rosto da própria Mãe Negra. Você está doente?" Lia exigiu.

"Não."

"Cansado, então?"

Emanuelle assentiu. Claro que ela estava. Ela estava exausta e aborrecida, cansada de contar sempre as mesmas histórias, responder às mesmas perguntas e entreter as mesmas pessoas que, sob

circunstâncias típicas, não gostaria de ter nada a ver com ela. Ela não queria nada mais do que ir para casa e retirar-se para sua cama. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se sentiu tão terrivelmente deslocada.

Normalmente, Immanuelle nunca teria participado de uma celebração tão estimada em primeiro lugar, mas pelo fato de ter sido ela quem “resgatou” Ezra, o Profeta ofereceu-lhe um convite formal para a festa comemorativa. Ela deveria estar excitada, mas tudo o que conseguiu reunir em resposta ao convite foi um medo profundo e feio. Ela nunca foi boa com eventos sociais, e eles sempre eram mais difíceis de suportar sem a família ao seu lado.

Ela tentou todas as desculpas que pôde pensar para evitar a ocasião, mas Martha se manteve firme, forçando-a a aceitar o convite para não insultar a Igreja. Então, lá estava ela sentada. "Eu sinto Muito. Eu não sou eu mesmo hoje."

Leah esfregou o braço com simpatia. "Está tudo bem. A paciência era apenas perguntando se você poderia nos contar a história novamente."

Uma garota magra e bonita, que Immanuelle assumiu ser Patience, sorriu timidamente da mesa. Immanuelle podia dizer que ela era uma noiva recém-casada pela foga lascada entre suas sobancelhas. Se seu vestido fino e ar equilibrado fossem alguma indicação, ela se casou bem.

Immanuelle tomou um gole de vinho quente para ganhar algum tempo, a bebida tão quente que ardia em sua língua. Em poucas palavras, ela contou a mesma mentira que contou aos apóstolos: "Eu estava no pasto e encontrei Ezra na beira da floresta. Tentei acordá-lo, mas ele não se mexeu, então pedi ajuda. . . e a ajuda veio."

Hope soltou um longo suspiro, seus ombros caindo. "Parece o início de uma história de amor."

"Não seja ridículo", disse Patience, revirando os olhos. "Ezra Chambers tem coisas muito mais importantes para fazer do que brincar no Darkwood com" – seus olhos traçaram sobre Immanuelle, observando seus cachos, sua pele escura, seus lábios carnudos – "alguma garota da periferia."

Emanuelle se encolheu. Havia verdade naquelas palavras duras.

Qualquer parentesco que ela e Ezra compartilharam provavelmente morreu no dia de sua Primeira Visão. Havia certos códigos de conduta em Betel que impediam os que moravam na periferia de se aventurar no interior, e mesmo que não fossem escritos e não ditos, ela sabia que era esperado que os cumprisse.

"Além disso," Patience divagou, "entre o novo título de Ezra e o que aconteceu com Judith, ousou dizer que nosso herdeiro manterá distância.

À menção do nome de Judith, a mesa ficou quieta. Leah olhou para sua taça, aparentemente apaixonada pelas profundezas de seu vinho, e as garotas mais novas que estavam sentadas rindo na beira da mesa agora estavam quietas.

“O que aconteceu com Judith?” Immanuelle tentou manter a voz leve e uniforme, mas seu coração batia mais rápido ao pensar naquele dia no Haven, quando o homem estranho com o avental manchado apareceu no final do corredor para escoltar Judith até o Profeta.

Ninguém respondeu. Todos pareciam preocupados em beliscar a comida ou beber vinho.

Por fim, Leah disse: “Na noite após a visão de Ezra, Judith foi tirada da ala de confinamento e enviada para contrição”.

Contrição. Era um castigo reservado aos mais grosseiros infratores do Santo Protocolo do Pai. Ninguém sabia exatamente o que a contrição implicava — além da excomunhão imediata ou detenção. Alguns afirmavam que consistia em jejuns forçados para matar de fome o pecado e purificar a alma. Outros contavam histórias de longas prisões nas masmorras do Haven, onde aqueles que pagavam penitência eram submetidos a espancamentos violentos para exorcizar demônios e pecados do corpo. Mas uma coisa era certa: todos os que foram enviados à contrição retornaram. . . . mudado. Era o ato final de santificação, se a alma em questão fosse forte o suficiente para ver isso.

Immanuelle sentiu-se subitamente enjoada, como se corresse o risco de engolir cada bocado de assado que se forçou a engolir.

Ela mal conseguia pronunciar suas palavras. “Qual foi o pecado de Judith?”

“Eles não vão dizer.” Patience levou a taça aos lábios e acrescentou: — Mas se a prostituição dela teve alguma coisa a ver com isso, suponho que ela ficará presa por algum tempo.

As sobrancelhas de Leah se uniram. “Você não deveria dizer coisas tão terríveis.”

“Por que não deveria? É a verdade.” O olhar da garota deslizou de volta para Emmanuelle. “Um que eu ousou dizer que alguns de nós poderiam aprender.”

Emmanuelle endureceu. Com uma pontada, ela olhou através da galeria à mesa do Profeta. Ao lado de seu pai, Ezra estava sentado em sua cadeira, bebendo os últimos restos de seu vinho. Ele parou para limpar a boca com as costas da mão, pegou a garrafa, encheu a taça até a borda e bebeu como se estivesse tentando se afogar.

Immanuelle se perguntou se ele se sentia responsável pela punição de Judith, se foi o encontro deles que resultou em sua detenção.

Nesse caso, Immanuelle temia por ela. Ela e Judith estavam longe de

amigos, mas se os horrores da santa contrição eram tudo o que Immanuelle acreditava que fossem, então ela não podia deixar de ter pena dela. E com essa pena veio uma espécie de raiva, não de Judith ou Ezra, mas do sistema que responsabilizava uma por seus pecados enquanto a outra era elogiada.

O olhar de Ezra mudou, e ele encontrou os olhos de Immanuelle pela primeira vez naquele dia. Quando ela lhe ofereceu um sorriso, ele desviou o olhar e se afastou da mesa tão abruptamente que os talheres chacoalharam. Sem uma palavra de despedida, ele cambaleou pela galeria até as portas na extremidade oposta. Os olhares dos convidados o seguiram, mas ninguém o perseguiu. Esther tentou, mas o Profeta colocou uma mão firme em seu pulso, prendendo-o na mesa. Atrás deles, a Guarda do Profeta estava taciturna, esperando por uma ordem.

Nunca para perder uma batida, o Profeta empurrou para trás de sua cadeira e se levantou. Ele ordenou ao quarteto que tocasse um hino animado e, com um movimento de mão, convocou um barril de hidromel fresco das cozinhas do Haven. Os criados correram de mesa em mesa, enchendo canecas e taças até a borda. Em questão de momentos, a partida de Ezra foi praticamente esquecida.

Immanuelle se afastou da mesa, os pés de sua cadeira raspando no chão.

"Onde você está indo?" Lia perguntou. "Ainda não comemos sobremesa ainda! Tenho certeza de que os chefs estão servindo uma torta de maçã com creme de leite.

"Não tenho estômago para doces hoje", disse Immanuelle, olhando através da multidão para as portas pelas quais Ezra havia desaparecido. "Acho que vou tomar um ar."

Leah olhou para ela, os olhos estreitados. Então ela se afastou da mesa e agarrou a mão de Immanuelle, travando seus dedos. "Eu irei com voce."

Assim que eles saíram, cortando os corredores entre as mesas, e saíram para o corredor, Leah se virou para ela. "Você está indo atrás de Ezra, não é?"

"O que te faz pensar isso?"

"Ele está lançando olhares furtivos para você sempre que você vira as costas, e você está fazendo o mesmo com ele. Vocês dois não conseguem tirar os olhos um do outro."

Immanuelle corou, mas não diminuiu o ritmo. "Não é desse jeito."

"Então o que você não está me dizendo? Você não confia em mim?"

"Eu confio em você. Só não quero arrastá-lo para problemas indevidos.

"Dificuldade?" Leah a pegou pelo braço quando um servo passou, carregando uma bandeja de tortas de maçã. Ela baixou a voz para um sussurro.

"O que você quer dizer com problemas? Aconteceu alguma coisa na floresta naquele dia? Ezra fez algo com você?"

"Claro que não! Ezra nunca faria.

Mas mesmo enquanto falava, Immanuelle sabia que não importava se Ezra tinha feito qualquer coisa. O perigo real era estar perto dele, sob o olhar atento de Betel. Judith foi um excelente exemplo disso. E Immanuelle estava envergonhada em admitir isso, mas ela estava egoisticamente aliviada por ser Judith quem agora estava pagando o preço em contrição, pois poderia facilmente ter sido ela.

"Se não é Ezra, então o que foi? O que é tudo isso?" Leah exigiu, gesticulando para ela com um passe de mão. "Você parece assustadora, Immanuelle, toda frágil e quieta. Não é como você. Isso tem algo a ver com aquelas mulheres que você viu na noite em que entrou em Darkwood?"

Immanuelle não queria mentir para ela, mas ela sabia que à luz de coisas, uma mentira era melhor que a verdade. "Não."

Leah a estudou por um instante, tentando decidir o que ela queria acreditar. Immanuelle se preparou para mais perguntas, mas elas não vieram. Com um sorriso, Leah enganchou um braço no dela. "Boa.

Eu estava com um pouco de medo de que Ezra tivesse transformado você em uma prostituta sorridente. Immanuelle deu-lhe uma cotovelada nas costelas e Leah riu. "Claro, eu não o culparia se ele tivesse. Apesar de todos os seus dons sagrados, ele tem os olhos de um demônio – e a língua de um também. Eu não confio nele nem um pouco."

"Ele não é tão ruim quanto parece," disse Immanuelle. "Agora, quieto baixa. Esses corredores carregam ecos, e ele pode ouvi-lo.

"Bem, ele não vai ouvir nada que já não saiba. Tenho certeza de que aquele garoto está tramando desde o dia em que nos conhecemos na beira do rio. Eu vi o jeito que ele olhou para você."

"Lia!"

Leah sorriu para Immanuelle, balançando as sobrancelhas sugestivamente, e as duas se dissolveram em um ataque de risos. Quando chegaram à biblioteca, estavam rindo e cambaleando, tropeçando nos próprios sapatos, trocando piadas e histórias.

"Prudence tentou pintar o cabelo de vermelho com suco de beterraba", disse Leah entre risadinhas. "E seus cachos ficaram tão azuis quanto as pétalas de uma centáurea. Todo aquele esforço para chamar a atenção de **Joab Sidney?** Quero dizer, o homem é antigo. Se você me perguntar, ele está a dois passos da sepultura."

"Você é um desgraçado."

"**Somos** miseráveis. É por isso que nos encaixamos perfeitamente. Sempre foram."

"E será", disse Immanuelle, começando a descer o corredor em direção ao biblioteca, mas antes que ela pudesse dar mais do que alguns passos, Leah a arrastou de volta.

"Eu tenho algo para lhe dizer", disse ela, de repente grave.

"O que é isso?"

Lia hesitou. "Prometa-me que vai guardar isso para você. Não importa como você se sinta, não importa o quanto isso te deixe com raiva."

"Eu prometo que não vou contar a ninguém", disse Immanuelle. "Você tem minha palavra."

"Tudo bem", disse Leah, e seu queixo tremeu um pouco. "Me dê sua mão."

Immanuelle obedeceu sem questionar, e Leah guiou a mão pelas camadas de seu vestido, até que Immanuelle pôde sentir o formato de sua barriga, que estava inchada em uma protuberância pronunciada.

"Você está . . . você não é . . . você **não pode** ser. . . ?"

"Grávida."

A boca de Immanuelle se abriu. "Quantos meses?"

As sobrancelhas de Leah se uniram do jeito que sempre faziam quando ela era decidindo se ela queria ou não mentir. Por fim, ela sussurrou: — Seis. Dê ou tire algumas semanas."

Immanuelle ficou muito quieta e muito quieta.

"Diga alguma coisa," Leah implorou, em uma voz tão suave e tão jovem que nem soava como a dela. "Diga qualquer coisa. Grite comigo se for preciso. Prefiro isso ao seu silêncio.

"É dele?"

"Claro que é dele," ela retrucou, com uma aspereza que não combinava com ela.

"Mas como isso é possível? Você está casado há apenas um mês.

Leah olhou para seus pés, envergonhada. "Ficamos noivos logo depois."

"Logo depois **do quê?**"

Leah franziu a testa, e ela não poderia dizer se era raiva que ela leu em seu olhos ou machucados. "Ele veio até mim uma noite, antes do meu corte, enquanto eu estava fazendo penitência."

Penitência. Claro.

Muitas meninas em Betel foram convidadas a servir na Igreja como servas das esposas do Profeta ou de outros habitantes do Haven. Como bastarda de nascimento, Immanuelle nunca foi alistada, mas Leah serviu com frequência nos anos anteriores ao noivado. Perto do fim de seu serviço, parecia que ela passava mais noites no Haven do que em sua própria casa. Agora Immanuelle sabia por quê. "Quando isso começou?"

Leah parecia doente de vergonha. "Algumas semanas antes do meu primeiro sangue."
— Então você mal tinha treze anos? Immanuelle sussurrou, e foi tão horrível que, mesmo quando ela disse isso, ela mal podia acreditar que era verdade. "Leah, você estava. . . ele era . . ."

O queixo de Leah tremeu. "Todos nós pecamos."

"Mas ele é o Profeta—"

"Ele é apenas um homem, Immanuelle. Os homens cometem erros."

"Mas você era uma criança. Você era apenas uma garotinha."

Leah abaixou a cabeça, tentando conter as lágrimas.

— Por que você não me contou?

"Porque você teria feito o que está fazendo agora."

"E o que estou fazendo, Leah?"

"Descobrimo seu coração partido. Compartilhando a vergonha do meu pecado como se fosse seu fardo também." Leah estendeu a mão para ela então, pegou-a pela mão e puxou-a para perto. "Essa dor é minha. Eu não preciso que você a carregue para mim. Um dia você vai ter que aprender que não podemos compartilhar tudo. Às vezes teremos que caminhar sozinhos."

As palavras caíram como um tapa. Immanuelle abriu a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, para preencher o silêncio feio que se formou entre eles, temendo que isso durasse para sempre se ela não dissesse, mas Leah a impediu.

"Vou deixar vocês dois conversando."

"O que-"

Uma porta se fechou no corredor, e Immanuelle se virou para ver Ezra saindo da biblioteca com uma pilha de livros tão alta que ele teve que equilibrar o topo da pilha com o queixo. Quando ele se aproximou deles, alguns dos volumes maiores caíram de seus braços e atingiram o chão com um **baque retumbante**. Immanuelle deu um passo à frente para ajudá-lo a pegá-los.

Ezra murmurou algo que soou como um agradecimento e arrancou o livro da mão dela. De perto, ele cheirava a álcool - algo muito, muito mais forte do que o vinho quente que era

servido na festa. Immanuelle voltou-se para Leah, dividida entre ficar e ir. Mas quando Ezra cambaleou pelo corredor, ela o acompanhou. Pouco antes de virar a esquina, ela se virou para olhar para a amiga. Leah ficou imóvel no meio do salão como se estivesse presa no lugar. Immanuelle observou enquanto ela baixava a cabeça, envolvia os dois braços ao redor da barriga e se virava lentamente.



CAPÍTULO DEZOITO

*Às vezes me pergunto se meus segredos são
melhor engolidos do que falados. Talvez minhas verdades
tenham feito bastante mal. Talvez eu devesse levar minhas
memórias para o túmulo e deixar que os mortos julguem meus pecados.*

—MIRIAM MOORE

PRECISAMOS conversar,” disse Immanuelle, lutando para acompanhar os passos largos de Ezra.

“Se você está preocupado que eu contei a alguém o que aconteceu na floresta, não fique,” ele disse rispidamente, olhando para frente. Ele falou como se soubesse algo mais do que ela lhe disse, o que pedia a pergunta. . . que? O que ele acha que aconteceu na floresta?

“Eu sei que você não contou a ninguém”, disse Immanuelle, dando dois passos para acompanhá-lo. “Se você tivesse, eu provavelmente estaria em contrição agora

“Ou em uma pira.” Ele fez uma pausa e disse: “Venha comigo”.

Juntando as saias em uma mão, Immanuelle seguiu Ezra pelo corredor e subiu um lance de escadas sinuosas. No topo havia uma porta de ferro que Ezra abriu com um chute, quase derrubando seus livros no processo.

Ele se virou para olhar para ela. “Você vai entrar ou não?”

Immanuelle nunca havia entrado nos aposentos de um homem antes e tinha certeza de que Martha a esfolaria até os ossos se suspeitasse de uma transgressão tão grave e lasciva. Ela parou por um instante, então assentiu.

Assim que ela passou pela soleira, Ezra jogou seus livros uma mesa próxima e fechou a porta. Acima, o candelabro estremeceu, os cristais chocalhando juntos. Immanuelle notou que o teto era pintado como os céus, pontilhado de planetas e estrelas e gravado com formas de constelações, algumas tão grandes que se estendiam pela sala de uma ponta à outra. As paredes de pedra estavam cobertas de tapeçarias e retratos de santos e apóstolos de aparência austera de eras passadas. Na metade direita do quarto havia uma grande cama de ferro coberta com brocado escuro e algumas grossas peles de carneiro. Logo atrás dela, uma mesa de madeira construída no estilo rombudo de um bloco de açougueiro, sua superfície repleta de penas e papel manteiga.

Em frente à porta havia uma lareira que percorria toda a extensão da parede. Acima dele, pintado à mão sobre os tijolos, havia um mapa do mundo além dos territórios de Betel. Emanuelle viu os nomes de todas as cidades pagãs: Gall no norte estéril, Hebron no meio das terras, Sine nas montanhas, Judá na cúspide do deserto, Shoan ao sul, onde o mar revoltado lambia a terra, e a mancha negra de Valta — o domínio da Mãe Sombria — no Extremo Oriente.

Ao redor da sala, empilhados em pilhas tão altas quanto Immanuelle, estavam livros. Eles foram empurrados em prateleiras, empoleirados em cima da lareira da lareira, até mesmo amontoados debaixo da cama. Mas foi só quando Immanuelle se aproximou o suficiente para ler seus títulos que ela percebeu quase todos eles relacionados à história, estudo e prática de feitiçaria.

Seu coração apertou no peito, como se alguma mão tivesse se fechado em torno dele e apertou com força. Ela só conseguia pensar em uma razão para Ezra ter desenvolvido um gosto repentino por livros de feitiçaria, e começou com ela e terminou com o que aconteceu na Floresta Negra. “O que é isso, Esdras? Você está me assustando.”

“Algo arrastou você para baixo,” disse Ezra, e o peso de seu olhar fez sua pele arrepiar.

“O que?”

“De volta à floresta, na lagoa, algo o arrastou para baixo e o manteve lá por um longo tempo.”

Apesar do fogo ardente, um calafrio profundo a atormentou. “O que você quer dizer por muito tempo?”

“Vinte minutos. Talvez mais.”

— Isso é impossível — sussurrou Immanuelle, balançando a cabeça.

“Você deve estar enganado, eu estava mal por mais de um minuto. Eu avisei, a Darkwood tem um jeito de distorcer a mente dos homens—”

“Não seja condescendente comigo,” ele retrucou. “Eu sei o que eu vi. Você entrou na água, algo o arrastou para baixo e o manteve lá.”

Sua voz falhou na última palavra, e ele abaixou a cabeça. “Tentei mergulhar atrás de você, mas a floresta me agarrou e não consegui. Eu só tive que ficar ali indefeso, vendo você se afogar com aquela maldita corda na minha mão. Perto do fim, eu só esperava puxar seu cadáver para a praia para que seus parentes tivessem algo para enterrar.

“Esdras. . . Eu sinto Muito.”

Immanuelle nem tinha certeza de que ele a ouvira. Ele manteve os olhos fixos no fogo enquanto falava. “Quando eu era jovem, minha avó

costumava me contar histórias de garotas que flutuavam centímetros acima de suas camas enquanto dormiam à noite. Garotas que poderiam convencer um homem a tirar a própria vida ou a vida de outra pessoa. Meninas que foram executadas - jogadas em um lago com mós acorrentadas aos tornozelos - apenas para serem retiradas da água vivas uma hora depois. Garotas que riam quando queimavam na pira. Eu nunca costumava dar crédito a essas histórias, mas você. . ." Ele perdeu a linha de pensamento. Levou um momento para se recompor. "Qual era sua obsessão com a praga do sangue? Você disse que só queria acabar com isso, mas era mais do que isso, não era? Você sabe algo que o resto de nós não sabe. O que é isso?"

Então Ezra sabia a verdade, ou pelo menos o suficiente para mandá-la para a pira. Era inútil mentir, à luz disso. "Eu entrei na Darkwood, pouco antes da praga do sangue começar, e enquanto eu estava lá eu tive . . . um encontro."

"Um encontro com o quê?"

"As bruxas da floresta. Eles são reais. Eu estava com eles na noite anterior à praga do sangue. Acho que minha presença na floresta desencadeou algo terrível. Quando voltei eu estava tentando desfazê-lo. E eu teria lhe contado antes, eu queria, mas..."

"Você não podia confiar em mim."

"Você é filho e herdeiro do Profeta. Uma palavra sua poderia ter enviado me para a pira. Eu não sabia se poderia confiar em você com meus segredos. Eu ainda não."

Ezra passou por ela, atravessou a sala até sua mesa, destrancou a gaveta de cima com a lâmina de sua adaga sagrada, retirou um maço de papéis e os estendeu para ela.

Emmanuelle os levou. "O que é isso?"

"Sua entrada no censo. Eu deveria entregá-lo ao meu pai dias atrás."

"Por que você não fez?"

"Leia você mesmo e descubra." Quando ela hesitou, Ezra acenou para as cadeiras que estavam perto da lareira. Entre eles havia uma mesa que abrigava uma garrafa de vidro e uma taça. "Continue."

Immanuelle se sentou em uma das cadeiras e Ezra se acomodou em frente a ela. Ele se serviu de um pouco de vinho, observando-a por cima da borda enquanto bebia. A primeira página contava os detalhes da história pessoal de Immanuelle — seu nome completo e os nomes de seus pais, sua data de nascimento. No final do relato, uma marca estranha e confusa que Immanuelle inicialmente confundiu com uma mancha de tinta. Mas

ao examinar mais de perto, ela viu que era algum tipo de símbolo estranho: um selo de noiva, apenas as pontas da estrela eram mais longas, e havia sete delas em vez de oito. Quanto mais ela estudava aquela marca estranha, mais certa ela estava de que já a tinha visto antes.

Então a percepção a atingiu.

Essa marca era a mesma esculpida nas testas de Dalila e dos Amantes.

A mão de Immanuelle começou a tremer. Ela se inclinou para fora de seu assento, apontou para a marca no final de seu censo e estendeu a página para Ezra para esclarecimentos. "É isto-"

Ele apenas acenou com a cabeça, seu olhar no fogo. "A marca da Mãe. É o símbolo do qual o selo de corte foi derivado, anos atrás. David Ford procurou uma maneira de recuperá-lo, então ele alterou a marca e a chamou de sua."

"Então por que parece inalterado aqui?"

Ezra bebeu o resto do vinho, se pôs de pé e colocou o copo na lareira.

"Normalmente, a Igreja usa a marca da Mãe para identificar aqueles que foram acusados de feitiçaria com credibilidade. Mas às vezes, é usado para identificar os descendentes diretos de bruxas e traçar suas linhagens. Dias atrás, quando meu pai me pediu para examinar os arquivos do censo, era isso que ele estava procurando."

"Não entendo."

Ezra esfregou a nuca como se seus músculos estivessem doendo. Ele parecia tão abatido e fraco quanto no lago, dias atrás. "A marca da Mãe aparece ao lado de pelo menos um de seus ancestrais, a cada geração, do lado de seu pai. A última sendo sua avó, a mãe de seu pai, Vera Ward.

"Que significa . . ."

Ezra apenas assentiu, quieto e desanimado. Nenhum deles falou com a acusação silenciosa que pairava no ar entre eles como uma nuvem de fumaça de pira.

"Quando você descobriu isso?" sussurrou Emanuelle.

"Na noite antes de entrarmos no Darkwood. Seu censo foi um dos primeiros que li."

Suas mãos começaram a tremer. — Você contou a alguém?

"Claro que não."

"Você vai contar para alguém?"

Silêncio, então: "Eu não sou meu pai."

"E ainda aqui estou eu, sob uma inquisição."

"É isso que você acha que é isso?" Ezra exigiu, parecendo quase traído.

"O que mais você chamaria? Desde o momento em que entrei nesta sala, tudo o que você fez foi me questionar como se eu fosse algum tipo de criminoso em julgamento.

Um longo silêncio se estendeu entre eles, quebrado apenas pelo crepitar do fogo da lareira. Do lado de fora, um vento cortante fustigava as planícies e as vidraças chacoalhavam em seus invólucros. Um coro desencarnado de risos e música flutuou do andar de baixo, os sons tão distantes que pareciam quase espectrais.

Ezra virou-se para Immanuelle e estendeu a mão. "Me dê isto."

"O que?"

"Sua conta do censo. Me dê isto."

"Por que?" Immanuelle sussurrou, aflita e talvez mais aterrorizada do que nunca. "O que você vai fazer com isso?"

Ezra não perguntou novamente. Ele deu um passo à frente e pegou os papéis tão rapidamente que Immanuelle não teve a chance de pegá-los de volta.

"Ezra, por favor—"

Ele jogou os papéis no fogo, e os dois assistiram em silêncio enquanto as chamas famintas os devoravam.

"Nós vamos manter isso quieto," disse Ezra em um murmúrio abafado. "Eu não vou falar sobre o que aconteceu na Darkwood naquele dia e nem você. Ninguém precisa saber a verdade de sua herança. Quando sairmos desta sala, será como se nunca tivesse acontecido — a floresta, as bruxas, o censo, tudo isso. Nunca mais falaremos sobre isso."

"Mas a praga..."

"Acabou, Emanuelle. Você terminou no lago."

"Você não sabe disso," ela disse, lembrando do diário de sua mãe, as palavras rabiscadas nas páginas finais: **Sangue. Praga.**

Escuridão. Abate. "E se houver mais por vir?"

"Mais do que está por vir?"

"Pragas," disse Immanuelle, pisando com cuidado agora. "O que acontece se for mais do que apenas o sangue?"

"O que você quer dizer?"

"Quero dizer, e se essa praga não for a última? E se houver mais por vir?"

“Acabou com o sangue,” disse Ezra, e ele parecia tanto com seu pai que Immanuelle se encolheu.

“Só porque você quer que isso seja verdade não significa que seja assim. A Visão é formidável, sim, mas só permite que você veja vislumbres do futuro. Não lhe dá o poder de moldá-lo. Eu sei que você está com medo, Ezra. Eu também. Mas isso não nos dá o direito de fechar os olhos e fingir que o que nos assusta não existe. Se mais pragas estão vindo—”

“Pelo amor do Pai, eles não são.”

“**Se** forem, temos que estar prontos para enfrentá-los.”

Ezra voltou para o assento ao lado dela, parecendo exausto. Ele se curvou para frente, os braços apoiados nas rótulas, a cabeça baixa. “Ouça-me, Emanuelle. Ou termina aqui, com isso, ou termina com você morto. Não há meio-termo. É por isso que estou lhe dizendo, estou *implorando*, para deixar isso de lado.”

Ela vacilou com isso. Não era uma ameaça, mas a maneira como Ezra falava fazia parecer que o futuro era *imutável*, o que era, claro, impossível. A menos que . . . “Você viu isso em uma de suas visões? Você me viu?”

Ele se esquivou da pergunta. “Eu não preciso da Visão para confirmar o que eu já sabe ser verdade. Garotas como você não duram muito em Betel. É por isso que você precisa manter a cabeça baixa se quiser sobreviver a isso. Prometa-me que você vai.”

“Por que você se importa com o que eu faço, Ezra?”

Ele manteve o olhar fixo no chão, como se não pudesse para olhar para ela. “Você sabe porque.”

Emanuelle corou. Ela não sabia o que dizer sobre isso, ou se ela era para dizer qualquer coisa. “Você me faz uma promessa também.”

“Nada. O que você quiser.”

“É em relação ao seu pai.”

Esdras congelou. Uma série de expressões passou por seu rosto em rápida sucessão, tão rápido que ela não podia dizer o que ele estava sentindo. “Ele te machucou?”

Emanuelle balançou a cabeça. “Eu não. Um amigo. Ela era jovem quando aconteceu, e temo que ela não seja a única vítima do Profeta. . . **compulsões**”.

Ezra se levantou tão rápido que os pés da poltrona raspavam o chão com um grito. Ele se virou para a porta do quarto.

"Não", disse Immanuelle, estendendo a mão. "Ele está morrendo. Algum dizer que ele não vai durar o ano. Ele nunca terá outra noiva. Ele está fraco demais para levantar a mão para alguém agora.

— Então o que você quer que eu faça? Ezra exigiu, e ela viu a raiva nele então. "Nenhuma coisa?"

"Nada, exceto me prometer que quando for sua vez de usar a adaga do Profeta, você protegerá aqueles que não podem se proteger – das pragas, de seus maridos, de qualquer pessoa ou qualquer coisa que possa machucá-los. Prometa-me que vai corrigir os erros do passado."

"Eu prometo," disse Ezra, e imediatamente ela soube que ele falava sério. "Na minha vida."

Immanuelle assentiu, satisfeita por ter feito o pouco que podia. Para uma camponesa do Glades, ela certamente tinha ido longe. Parecia surreal para ela estar fazendo barganhas com o herdeiro do Profeta, acertando contas com bruxas, fazendo planos para o futuro de Betel, quando apenas algumas semanas atrás a extensão de suas responsabilidades terminava com as fronteiras da terra de Moore.

Mas o tempo para esquemas emocionantes e grandeza chegou a um fim. Por agora, e talvez para sempre, as pragas haviam acabado. Ezra seguiria o seu caminho, e ela o dela. Qualquer afinidade que eles compartilhassem morreria rapidamente. Na verdade, ela duvidava que eles voltassem a falar de maneira tão sincera. No devido tempo, Ezra se ergueria para ocupar seu lugar como Profeta, e Immanuelle recuaria para as sombras de seu passado. Ela deveria ter se contentado com isso. Mas ela não estava.

"Cuide-se," disse Ezra, e ele, como ela, parecia sentir que isso era um adeus. "Por favor."

Ela forçou um sorriso enquanto se levantava. "Você faz o mesmo."

"E se você precisar de alguma coisa—"

"Eu não vou", disse Immanuelle, caminhando para a porta. Ela parou uma batida, com a mão na maçaneta. "Mas obrigado. Por tudo isso. Você foi um amigo para mim quando eu precisava muito de um, e eu nunca vou esquecer isso."



CAPÍTULO DEZENOVE

*Da Mãe vem doença e febre, pestilência e praga.
Ela amaldiçoa a terra com podridão e doença,
pois o pecado foi conduzido de Seu ventre.*

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

TRÊS SEMANAS se passaram sem nenhum sinal das maldições. As feras de Darkwood estavam adormecidas. Nenhuma bruxa chamava Emanuelle à noite ou assombrava seus sonhos. Se ela não os tivesse visto em primeira mão – se ela não tivesse sentido os dedos frios de Lilith em volta de seu pulso – ela poderia ter acreditado que as pragas haviam acabado e sido acalentadas em complacência como o resto de Betel, convencida de que qualquer mal que descesse sobre eles havia sido expurgado pelo A luz do pai.

Mas Immanuelle **tinha** visto, e apesar de seu juramento a Ezra, não foi fácil esquecer.

Naquela noite, Glory e Honor se retiraram cedo para suas camas, doentes com uma gripe de verão. Por um tempo, Immanuelle e as esposas de Moore ficaram acordadas para cuidar deles. Mas depois que as meninas caíram no sono intermitente da febre, elas também se retiraram para seus respectivos aposentos para passar a noite.

Com todos dormindo e a casa da fazenda quieta, Immanuelle voltou às páginas do livro de sua mãe. Este tinha sido seu ritual todas as noites desde a investidura formal de Ezra como herdeiro do Profeta. Ela se voltou para seu desenho favorito no livro — o retrato de seu pai, Daniel Ward, que Miriam havia esboçado anos atrás.

Agora que a praga acabou, ela sentiu que tinha tempo para lamentar sua pai de uma maneira que ela nunca teve antes. Ela sempre conviveu com a memória de Miriam, tendo crescido na casa de sua infância, mas com Daniel foi diferente. Ele nunca tinha sido totalmente real para ela do jeito que Miriam era. . . até aquela noite, semanas atrás, quando ela leu pela primeira vez sua conta do censo no Haven e viu a marca de bruxa ao lado de seu nome, a mesma que denotava as contas de tantos Wards que vieram antes dela.

E enquanto uma parte dela queria desesperadamente manter sua promessa a Ezra e deixar o passado para trás, uma parte ainda maior dela queria entender a verdade de quem e o que ela era. Ela queria

conhecer seus parentes na periferia, e se eles sofreram as mesmas tentações que ela sofreu. Ela queria entender por que ela estava tão compelida pelo Darkwood, por que as bruxas lhe deram primeiro o diário de Miriam, por que eles escolheram usar seu sangue como uma oferenda para gerar aquela praga horrível. Talvez fosse apenas seu orgulho, mas por mais que tentasse, ela não conseguia se resignar à vida que levava antes. Ela queria respostas e sabia onde encontrá-las: na periferia, com os parentes que nunca conhecera.

A única coisa que a impedia de buscar respostas era seu juramento a Ezra. Ainda assim, ela não podia deixar de sentir que, dos dois, ela era a que mais se sacrificava. Afinal, Ezra sabia quem ele era – filho do Profeta, herdeiro da Igreja – mas o mesmo não podia ser dito sobre Immanuelle. A questão de quem e o que ela era permanecia, e a menos que ela investigasse os mistérios de seu passado, sempre o faria.

Com um suspiro, Immanuelle fechou o diário e atravessou a sala até a janela, subiu em um poleiro no parapeito e afastou as cortinas. A lua era um crescente cortado no céu noturno. Ao longe, o Darkwood estava preto e imóvel, e mesmo que não houvesse vento para sussurrar seu nome, Immanuelle ainda podia sentir seu chamado. As semanas de negação e repressão ainda não foram suficientes para silenciá-lo. Olhando para as árvores, ela se perguntou se algum dia se livraria dessa tentação. Ou se a servidão de Darkwood era tão intrínseca a ela quanto a Visão era a Ezra.

Talvez ela não tivesse escolha. Foi tolice dela pensar que ela fez?

Uma dor surda latejou em seu estômago, e Immanuelle chamou a atenção. Levou alguns longos momentos para ela perceber o que era: as dores de seu sangramento. Com certeza, quando ela levantou as saias de sua camisola e verificou suas roupas de baixo, ela as encontrou molhadas e vermelhas, manchadas.

Escorregando do parapeito da janela, Immanuelle saiu do quarto e desceu os degraus do sótão. Ela entrou no banheiro e pegou sua cesta de trapos do armário embaixo da pia. Anna mostrou a ela como cortá-los para que fossem confortáveis de usar, mas também grossos o suficiente para estancar seu fluxo.

Ela os encaixou em suas roupas íntimas, então lavou as mãos na pia. Quando ela fez isso, ela estava consciente de quão cansada ela parecia no espelho, seus olhos injetados de sangue sombreados por bolsas escuras. Ela era

voltando para seu quarto quando ela ouviu uma batida forte na porta dos fundos da casa da fazenda. Era meia-noite, tarde demais para visitantes.

Mas as batidas continuaram, seu ritmo constante como um batimento cardíaco.

Movendo a mão para a parede, ela deslizou para o corredor e desceu as escadas, entrando na sala da frente. Lá, ela encontrou Glory parada na frente da poltrona de Martha, com os olhos fechados.

Immanuelle relaxou então, já que Glory era conhecida por passear em seu dorme. A garota não era aventureira em suas horas de vigília, mas à noite não era incomum encontrá-la vagando pelos corredores em seus sonhos. Os Moore trancavam as portas todas as noites, só para evitar que ela vagasse pela floresta.

"Glória." Immanuelle colocou as mãos nos ombros da garota, tentando acordá-la. Ela podia sentir o calor da febre queimando através do tecido de sua camisola. "Você está andando em seus sonhos novamente.

Teremos que amarrar seus pulsos à cabeceira da cama para evitar que você se afaste...

Outra rachadura. Este atingiu com o som oco de um osso quebrando - e veio da cozinha.

As mãos de Immanuelle caíram dos ombros de Glory. Seguindo o som, ela passou pela sala da frente, parando para levantar um pesado suporte de livros da lareira. Ao virar a esquina e entrar na cozinha, ela a ergueu bem acima de sua cabeça, pronta para atacar qualquer estranho que encontrasse seu caminho em sua casa.

Mas não havia nenhum intruso.

Do outro lado da cozinha, de pé na sombra da soleira, estava Honor, sua testa pressionada contra a porta. Suas costas arquearam quando ela se jogou para frente, e sua cabeça bateu na madeira com um estômago revirando. O sangue escorria pela ponte de seu nariz.

Immanuelle avançou, o suporte de livros batendo no chão.

Honor bateu na porta novamente, com tanta força que as janelas chacoalharam em seus caixilhos. Então Immanuelle estava sobre ela, arrastando a criança para longe, gritando por socorro. A honra estava em seus braços, rígida e estóica, ardendo de febre, surda aos seus gritos.

E assim, a segunda maldição veio sobre eles.

PARTE II



Praga



CAPÍTULO VINTE

Um homem que conhece seu passado é um homem com o poder de escolher seu futuro.

— DAS PARÁBOLAS DO PROFETA ZACHRIAS

NOS DIAS que se seguiram, mais de duzentos adoeceram, sucumbindo primeiro à febre, depois à loucura.

Immanuelle ouviu histórias de homens adultos arrancando os olhos das órbitas, mulheres castas de fé que se despiram e fugiram, nus, para a Floresta Negra, gritando enquanto iam. Outros, principalmente crianças como Honor, sofreram de uma aflição diferente, mas talvez mais sinistra, e sucumbiram às garras de um sono tão profundo quanto a morte. Até onde Immanuelle sabia, nenhum dos curandeiros em Betel foi capaz de acordá-los.

Dos que adoeceram nos primeiros dias do contágio, sessenta morreram antes do sábado. Para evitar que a praga se espalhasse, os mortos eram queimados em piras de purga. Mas aqueles que fugiram para Darkwood em acessos de loucura nunca mais foram vistos ou ouvidos novamente.

Segundo todos os relatos, foi o pior contágio nos mil anos de história, e as pessoas a chamavam de muitas coisas — a aflição, a febre, a gripe maníaca —, mas Immanuelle só se referia a ela por um nome, aquele escrito dezenas de vezes nas últimas páginas do diário de sua mãe:

Praga.

“Mais água,” Martha exigiu, enxugando um brilho de suor de sua testa. Embora todas as janelas estivessem abertas, cada lufada de vento trazia a fumaça quente das piras que queimavam por toda a Clareira. “E traga o milefólio.” Em circunstâncias normais, queimar os corpos dos inocentes era uma grave violação do Protocolo Sagrado. Mas em uma tentativa desesperada de impedir a propagação da doença, a Igreja fez uma rara emenda à sua lei sagrada.

Immanuelle obedeceu, as saias balançando em torno de seus tornozelos enquanto se abaixava para a cozinha, pegando uma bacia de água e um maço de milefólios secos da caixa de ervas embaixo da pia. Ela correu escada acima o mais rápido que pôde sem tropeçar na barra da saia e entrou no quarto das crianças.

Lá, ela encontrou Anna apertando os nós ao redor dos pulsos de Glory, amarrando-a à cabeceira da cama para evitar que ela escapasse, como ela tentou fazer seis vezes desde a noite em que adoeceu. Anna amarrou as algemas de pano com tanta força que havia hematomas nos pulsos da filha, mas não havia como evitar. Quase metade dos afligidos pela praga se mutilaram ou até mesmo se mataram no auge de sua loucura, pulando de janelas ou batendo suas próprias cabeças, como Honor quase fez na noite em que Immanuelle a encontrou.

Ao toque de sua mãe, Glory se debateu e gritou, as pernas emaranhadas em seus lençóis, suas bochechas brilhando com febre.

Immanuelle colocou a bacia ao lado da cama, tirou o milefólio da boca e pegou a tigela na mesa de cabeceira. Ela esmagou as flores o melhor que pôde, amassando-as em uma pasta. Depois acrescentou um pouco de água — ainda levemente tingida pelos últimos vestígios da peste sanguínea — e misturou a polpa com os dedos.

Foi Martha quem administrou a poção, agarrando Glória firmemente pela base do pescoço e empurrando-a para cima, como se segura um recém-nascido aos berros. Ela forçou a tigela à boca, e Glory se debateu e cuspiu, puxando as amarras, os olhos rolando para trás em seu crânio enquanto a corrente de ar escorria entre seus lábios e descia pelo queixo.

Honor estava deitada do outro lado da sala com os olhos fechados, os cobertores dobrados sob o queixo. Immanuelle levou a mão ao rosto e estremeceu. A febre ainda se alastrava nela. A garota ficou tão quieta que Immanuelle teve que enfiar um dedo sob o nariz só para ver se ela estava respirando. Ela não se mexeu uma vez desde que a praga chegou. Naquela noite, ela caiu em um sono profundo do qual eles temiam que ela nunca acordasse.

Foi assim por horas – Glory se debatendo na cama, Honor em coma, Anna chorando em uma cadeira no canto – até Immanuelle não aguentar mais. Ela saiu da fazenda para os pastos.

Dias atrás, seu lavrador, Josiah, foi chamado de volta para sua própria casa nas distantes Clareiras para cuidar de sua esposa doente. Então, além de Immanuelle, não havia ninguém para vigiar as ovelhas pastando.

Enquanto ela cruzava os pastos, cajado na mão, ela pesava as opções disponíveis para ela. Seus medos mais sombrios se tornaram realidade. O sacrifício que ela fez na lagoa não funcionou, afinal. A praga estava sobre eles, e se não terminasse logo, Immanuelle temia que a vida de suas irmãs fosse perdida. Mas o que ela poderia fazer para impedir isso?

Sua oferta de sangue não tinha sido suficiente para quebrar a maldição, e ela não tinha ninguém a quem pedir ajuda. A Igreja parecia impotente diante de tão grande mal. Immanuelle pensou em pedir ajuda a Ezra, como já havia feito antes, mas decidiu não fazê-lo. Ele deixou claro que não queria participar de pragas ou feitiçaria, nenhuma parte dela. A última vez que ela o arrastou em seus esquemas, ele quase pagou um preço mortal. Parecia cruel chamá-lo novamente.

Mas se não fosse Ezra, a quem ela poderia recorrer? Tinha que haver alguém, alguma coisa. Uma cura ou esquema para parar isso. Ela tinha que acreditar nisso, apenas por princípio, porque se não acreditasse, isso significaria que a esperança estava perdida e suas irmãs iriam morrer.

Uma memória veio à tona no fundo de sua mente, uma imagem de seus papéis do censo, a marca de bruxa abaixo de seu nome e os nomes dos Protetores que vieram antes dela. Seria possível que as mesmas respostas que ela procurava – sobre as pragas, as bruxas e uma maneira de derrotá-las – estivessem esperando por ela na periferia, na forma da família que ela nunca conheceu? Se a marca de bruxa era alguma indicação, eles eram versados na magia da Darkwood e do coven que andava por seus corredores. Se houvesse alguma ajuda a ser encontrada em Betel, Immanuelle tinha certeza de que a encontraria com eles.

Mas como ela poderia escapar para a periferia sem ser notada, com Honra e Glória tão doentes como estavam? Não havia como desculpar sua ausência por mais de uma hora, e ela precisaria de pelo menos um dia para encontrar seus parentes na periferia.

Immanuelle franziu a testa, olhando para além do rebanho de ovelhas pastando, para as janelas da oficina de Abram brilhando à distância. Uma ideia tomou forma no fundo de sua mente.

Abrão. Claro.

Immanuelle pode não ter conseguido conquistar Martha. . . mas talvez Abrão fosse mais solidário. Ele era bondoso, mais gentil que Martha e menos piedoso que Anna. Talvez ele visse o mérito em seus desejos de alcançar seus parentes na periferia.

Encorajada por esta ideia, Immanuelle pastoreou a última das ovelhas para o curral onde pernoitavam e se dirigiam à oficina de Abrão. Era um espaço humilde. Os pisos de madeira estavam polvilhados com um tapete grosso de serragem. Como de costume, uma série de projetos semi-acabados enchiam o espaço de trabalho — um par de mesinhas laterais de tronco de árvore, um banco e uma casa de bonecas que, sem dúvida, era para ser um presente de aniversário de Honor.

Pinturas adornavam as paredes, todas de sua mãe. Havia paisagens arrebatadoras em painéis de madeira, pergaminhos pintados com tênues flores em aquarela, algumas naturezas-mortas. Havia até um autorretrato, que mostrava Miriam, sorrindo, com os cabelos soltos.

Immanuelle espiou por cima do ombro de Abram para ver no que ele estava trabalhando e parou. Ali, sobre a mesa, estava um pequeno caixão meio esculpido. Era grande o suficiente para apenas um membro da família Moore: Honor.

"Ela ainda está. . . conosco", disse Abrão sem tirar os olhos de seu trabalho. "Eu só quero estar pronto. . . se o pior vier."

Emanuelle começou a tremer. "Ela vai acordar."

"Possivelmente. Mas se ela não. . . Eu tenho que estar preparado. . . Sempre me prometi. . . que se eu precisasse. . . enterrar outra criança. . . Eu faria direitinho. Em um caixão. . . de minha autoria. Eu perdi essa chance. . . com sua mãe. eu não vou. . . que aconteça novamente. Mesmo que eu tenha que cobrar. . . seus ossos do. . . pra eu pretendo. . . para dar a ela. . . um enterro adequado. Deveria . . . venha a

Immanuelle sabia a que ele se referia. Mandato personalizado Bethelan que os inocentes fossem enterrados e os pecadores fossem queimados, na esperança de que as chamas da pira os purgassem de seus pecados e lhes permitissem a passagem para o reino do purgatório. Por causa de seus crimes, Miriam morreu em desonra e, como resultado, ela nunca teve um caixão ou sepultura adequada no cemitério onde seus ancestrais foram enterrados. "Voce sente falta dela?"

"Mais do que você sabe."

Immanuelle sentou-se no banco ao lado dele. "E você arrepende de quebrar o protocolo para escondê-la aqui, anos atrás?"

A mão de Abram apertou o cinzel, mas ele balançou a cabeça.

"Mesmo que fosse um pecado?"

"Melhor levar o pecado sobre . . . os próprios ombros. . . do que permitir ferir . . . para acontecer a outros. Às vezes uma pessoa. . . tem obrigação. . . agir no interesse do . . . bem maior."

Este era o momento dela, e Immanuelle foi rápido em aproveitá-lo.

"Durante esse tempo, minha mãe alguma vez falou do meu pai?"

Abram hesitou, então abaixou sua ferramenta. "Mais do que ela fez. . . alguém mais. Quando a loucura. . . levou ela ela usou. . . para chamá-lo. Reclamou seu fantasma. . . estava vagando pelo. . . salões. Ela diria que ele era. . . chamando-a para casa. Eu gosto de pensar . . . que ele fez no final."

A garganta de Immanuelle se apertou com tanta força que ela mal conseguia falar. "Quero ir para a periferia, pai. Quero conhecer as pessoas que o conheceram. Eu quero conhecer seus parentes. **Meus** parentes."

Abrão permaneceu inexpressivo. Ele voltou ao seu trabalho, arrastando um pouco de lixa ao longo da parede do caixão. "Porque agora?"

"Porque se eu não fizer isso agora, talvez nunca tenha a chance. Com a febre se espalhando."

"Quando você . . . quer ir?"

"Amanhã, se possível. Mas prefiro que Martha não saiba. Isso só a incomodaria."

"Então você veio pedir minha bênção?"

"Isso e sua ajuda. Talvez você possa distrair Martha."

"Você quer dizer mentira. . . para você. Enganá-la. . . em acreditar em algo que. . . não é verdade."

Immanuelle se encolheu, mas assentiu. "Como você disse, às vezes uma pessoa tem a obrigação de agir no interesse de um bem maior, mesmo que isso signifique que ela tenha que pecar para fazê-lo. E não é bom para mim conhecer meus parentes enquanto ainda tenho a chance?"

Abram ofereceu-lhe um sorriso raro. Ela poderia jurar que ele parecia quase orgulhoso dela. "Pena que você não estava. . . nasceu menino. Teria feito um. . . bom apóstolo com sua propensão. . . por falar em círculos."

"Então você vai fazer isso?" Immanuelle sussurrou, mal acreditando nela boa sorte. "Você vai me ajudar a chegar aos arredores?"

Abram parou para soprar serragem de dentro do caixão. "O que eu não vou fazer. . . para você?"



CAPÍTULO VINTE E UM

Pois os fogos da purificação são justos e o Pai se alegra com a visão de suas chamas.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

IMMANUELLE PARTIU PARA A FRENTE ao raiar do dia. A jornada passou em uma série de vislumbres desencarnados, como se ela estivesse tão sobrecarregada com a perspectiva de encontrar seus parentes que não conseguia processar o que estava vendo. Houve o lampejo de um homem com uma máscara como o rosto de um corvo, atijando as chamas de uma pira com um forçado, um corpo envolto em uma mortalha na traseira de uma carroça quicando a cada sulco na estrada. A fumaça azul irrompeu em ondas acima das copas das árvores, tão espessa que ardia em seus olhos, e o ar ressoou com os gritos da praga doente.

Havia mulheres vagando em nada mais do que seus deslizamentos. Homens descalços cambaleando pelas estradas, alguns deles tremendo, outros uivando e se coçando até sangrar. Ao passar por uma fazenda vizinha, Immanuelle viu uma garota correndo por um milharal moribundo, com os braços estendidos em direção ao Darkwood. Ela estava vestindo nada além de uma camisola longa e manchada de sangue, e suas saias emaranhadas em torno de seus tornozelos enquanto ela fugia. Um homem a perseguiu, talvez seu pai ou marido; a distância tornava difícil dizer. Ele a pegou pela cintura e a arrastou chutando e gritando para a terra a poucos metros da borda da floresta.

Immanuelle desviou os olhos. A cena parecia o tipo de indignidade que era errado testemunhar. Abalada, ela continuou andando rapidamente pela estrada principal, até que viu os Outskirts emergirem de uma névoa de fumaça de pira.

Seu coração pulou para um ritmo rápido, mesmo quando ela desacelerou até parar no meio da estrada.

Depois de todos esses anos de desejo, ela finalmente conheceria seus parentes.

Immanuelle avançou, notando que os arredores estavam estranhamente quietos. Nenhuma criança nas ruas, nenhuma fuga febril para as florestas. As estradas estavam quase vazias, exceto pelo fazendeiro ou mercador que conduzia uma carroça de mulas. As janelas das casas estavam fechadas. Os cães eram amarrados a postes de luz e cercas; alguns

eles latiram para ela quando ela passou por eles. De vez em quando, um corvo gritava ao longe, mas fora isso, o silêncio era quase completo. Por qualquer motivo - seja a pequena população, ou algum ato de misericórdia em nome das bruxas - os Outskirts foram poupados da ira total da praga.

Depois de uma longa caminhada pelas ruas sinuosas, Immanuelle encontrou o centro da aldeia, onde ficava a capela. Era uma estrutura estranha. Ao contrário da Catedral do Profeta, que foi construída com lajes de ardósia, a Igreja da Periferia era composta por uma rústica cobertura de galhos trançados e mudas. Suas janelas estavam decoradas com retratos de vitrais de estranhos santos de pele escura que Immanuelle não conhecia pelo nome. Cada um deles segurava algum tipo de talismã — uma vela acesa, um galho cortado, uma fita vermelha tecida entre os dedos, a maçaneta retorcida de um osso do dedo.

Em todos os seus dezesseis anos, Immanuelle nunca tinha visto nenhum santo ou efígies à sua própria semelhança. Nenhuma das estátuas e pinturas da Catedral do Profeta tinha qualquer semelhança com ela. Mas quando ela olhou para aqueles santos imortalizados em vitrais, uma espécie de familiaridade dolorosa tomou conta dela, como se algo que ela havia esquecido que havia perdido estivesse finalmente sendo devolvido.

A porta da frente foi cortada de uma grossa laje de carvalho e parecia pertencer às dobradiças de uma abóbada, não de uma igreja. Mesmo que estivesse ligeiramente entreaberta, Immanuelle teve que jogar seu ombro contra ela e levantar todo o seu peso no esforço de forçá-la a abri-la. A sala estava escura, lançada em uma névoa de fumaça de incenso tão densa que seus olhos começaram a arder e se encher de lágrimas. Não havia bancos ali, apenas bancos compridos e estreitos que ocupavam metade do comprimento da sala, posicionados em fileiras de cada lado do corredor. Acima, uma sacada contornava o perímetro da sala, onde várias mulheres a observavam.

No final do corredor havia uma espécie de altar. Mas ao contrário do da Catedral do Profeta, este altar tinha um lábio levantado em torno de suas bordas, criando uma espécie de bacia rasa em seu interior, onde ardia um pequeno fogo. Um homem estava de pé sobre a oferenda, seu rosto banhado de fumaça. Quando Immanuelle se aproximou, ela viu que ele usava uma adaga sagrada, embora velha e enferrujada. Ele tinha a cabeça raspada e seus olhos eram do mais pálido tom de âmbar, um forte contraste com o rico ébano de sua pele. Se ela tivesse que adivinhar, diria que ele tinha mais ou menos a idade de Abram, talvez um pouco mais jovem. Ele usava vestes simples cortadas do que parecia ser

serapilheira áspera, amarrada na cintura com um cordão de couro tão longo que as borlas roçavam o chão. Aproximando-se dele, Immanuelle sentiu uma certa seriedade que ela só havia experimentado na floresta quando Lilith emergiu pela primeira vez da linha das árvores.

"Meu nome é Immanuelle Moore—"

"Não há necessidade", disse ele e voltou-se para o fogo. Ao lado, em um pequeno pedestal de pedra, havia um grupo de galinhas jovens, amarradas pelo pescoço. O padre os pegou pela corda e os lançou nas chamas com o murmúrio de algo que poderia ter sido uma oração, mas foi tão breve que Immanuelle não conseguiu dizer. O cheiro de penas queimadas e carne tostada misturou-se com o cheiro forte do incenso. "Eu sei quem você é."

"Quão?"

O padre riu, como se ela tivesse contado uma piada particularmente espirituosa. "Há poucos de nós que não. Diga-me, o que o traz para a periferia hoje?"

"Estou aqui pela minha família."

"E por que você os procura agora?"

"Porque eu estou pronto."

O padre ergueu uma sobrancelha. Avaliou-a através do rolamento fumaça. "Você não estava antes?"

Immanuelle endireitou os ombros. "Eu estava com medo antes. Mas eu não mais. Então, eu gostaria de vê-los, se você pudesse me apontar na direção certa."

A expressão do padre mudou de fria para compassiva. "Receio que você tenha vindo ao lugar errado, Sra. Moore. Não há Wards aqui."

O vento a deixou, como se ela levasse um soco no estômago. Ela inclinou-se para a frente, apoiou-se nas costas de um banco. "Todos eles se foram? Morto?"

"Não. Nem todos eles. Pelo que sei, sua avó, Vera Ward, é a última de sua família viva. Mas ela deixou Betel poucos dias depois que seu pai foi assassinado.

Então havia esperança afinal. Talvez nem tudo estivesse perdido. "Você sabe onde ela está?"

O padre acenou para a direita. Immanuelle o seguiu por um corredor estreito entre dois bancos e em uma pequena sala fora da capela. Parecia muito com as absides e galerias adjacentes da Catedral do Profeta, só que este espaço era muito menor. Suas paredes eram

pintado com o extenso mural de Betel e os territórios além dele. Na parede oposta estavam Glades, Outskirts e Holy Grounds, com as designações apropriadas para marcos famosos como o túmulo do primeiro profeta, o Haven, a Igreja dos Outskirts e, claro, a Catedral do Profeta. Ao redor de tudo estava o Darkwood. . . só que não foi pintado dessa forma. No mural, a floresta tomava a forma de uma mulher nua, enrolada fetal em torno de Betel.

Immanuelle olhou para o afresco por um longo tempo em silêncio ofegante, traçando a forma da mulher, tentando e falhando em analisar seu significado. Eventualmente, seu olhar caiu para um pequeno verso gravado em uma placa de madeira no lado direito da parede: ***A floresta é senciente de uma forma que o homem não é. Ela vê com mil olhos e não esquece nada.***

“Isso é das Sagradas Escrituras?” ela perguntou.

O padre balançou a cabeça. “Nenhum que você encontrará em seu livro sagrado. Considere isso . . . um adendo não sancionado.”

“É para ser uma referência à Mãe ou à floresta?”

“Ambos”, disse o padre. “A Mãe é a floresta. Ela é a alma, e o Darkwood é o corpo dela. Para nós, as duas entidades são intrínsecas. Um é igual ao outro”.

Immanuelle tocou um ponto em direção à borda da floresta, traçando o caminho da linha de árvores que corria ao longo da terra de Moore. “Eu nunca ouvi isso explicado dessa maneira antes.”

“Isso é porque seu povo não é educado nos caminhos da Mãe.”

Immanuelle não gostou do jeito que ele disse “seu povo”, como se quisesse apagar o laço de sangue que a ligava aos Subúrbios e às Proteções. Mas ela não mencionou essa discrepância. Em vez disso, ela voltou sua atenção para o mural, inclinando a cabeça para estudar o mapa acima dela. O teto era alto e estava pintado com os contornos fracos dos mapas, mas as ilustrações eram muito mais abstratas do que as que retratavam Betel. Ela viu alguns nomes que reconheceu — Hebron, Gall, Valta. “As cidades pagãs?”

“Nas palavras de seu Profeta, sim.”

“É lá que vou encontrar minha avó?”

O padre balançou a cabeça e bateu em um pequeno ponto em branco na selvagens ao norte de Betel. A aldeia foi rotulada de Ismel. Para imensa surpresa de Emanuelle, não ficava longe de Betel. Julgamento

pela escala do mapa, ficava a apenas algumas léguas do Portão Sagrado. Ela adivinhou que com um bom cavalo, um batedor treinado poderia cavalgar lá em não mais de um dia ou mais.

"Existe alguma maneira de falar com ela?"

O padre balançou a cabeça. "É ilegal enviar cartas pelo portão, e mesmo que você pudesse enviar uma carta, não há promessa de que receberia uma resposta. Duvido que Vera enviaria uma carta de volta a Betel e arriscaria a ira da Igreja. Se você quiser falar com ela, terá que fazê-lo em carne e osso. Encontre alguém para contrabandear você através do Portão Sagrado, e outra pessoa para contrabandear você de volta."

"É mesmo possível?"

"Quase tudo é possível se você fizer as perguntas certas para as pessoas certas e estiver disposto a pagar o preço."

Immanuelle refletiu sobre isso por um momento. "Como vou saber se meu vovó ainda está em Ishmel?"

"Você não vai. Não há como. Deixar Betel é um ato de fé.

Vera costumava dizer isso antes de partir.

"Você quer dizer antes de ela ser exilada?"

Ele franziu a testa para ela como se ela tivesse dito algo desrespeitoso ou fora de hora. "Vera virou as costas para este lugar por vontade própria. Saiu pelo portão muito antes de seu Profeta ter a chance de exilá-la formalmente. Na verdade, ela saiu na noite depois que seu filho foi queimado. Seu corpo ainda estava na pira quando ela fugiu.

Immanuelle se encolheu com a imagem de seu pai, morto na pira.

"Você acha que ela ainda está lá fora?"

"Sim", disse o padre. "Aquela mulher sabia sangrar pelo que queria e sempre teve jeito com a floresta. Tenho certeza de que os selvagens foram gentis com ela.

Immanuelle pensou em semanas atrás, na última vez em que esteve em a periferia. Naquele dia, enquanto ela e Martha passavam na carroça, ela viu uma infinidade de tributos espalhados ao longo da orla da floresta. Era assim que os Outskirters estavam tentando evitar toda a ira das pragas? Alimentando o Darkwood para ganhar seu favor? "Você quer dizer que ela fez oferendas para a floresta em troca de . . . segurança?"

O padre riu, um som impetuoso que ecoou pela capela.

"A madeira não protege ninguém. Se você quer o conforto maçante da segurança, você faz um sacrifício de sangue ao Pai na esperança de apaziguar

Ele. Mas se é poder que você quer, é melhor deixar seus sacrifícios aos pés da Mãe.”

“Mas como você sangra para comprar o poder da Mãe?” Emanuelle perguntou, ficando cada vez mais confuso. “Imagino que deve ser mais difícil do que cortar o polegar e fazer uma oração.”

O padre franziu a testa, claramente ficando desconfiado. “Por que uma garota do Glades faria uma pergunta dessas?”

– Curiosidade passageira – disse Immanuelle, mas ela percebeu que o padre sabia que era mentira.

Ele passou por ela, suas vestes farfalhando enquanto ele caminhava de volta para o capela. “Sabe, Vera queria ficar com você. Sempre disse que se Daniel e Miriam tivessem filhos, eles deveriam ser criados na periferia.

“Eu não sabia,” Immanuelle sussurrou, sua voz cheia de lágrimas. Todos esses anos ela tinha sido uma tola, supondo que sua família na periferia não tinha interesse nela, que ela estava sozinha no mundo, além dos Moore. Foi uma revelação estranha e maravilhosa, mas também havia dor. Doía pensar que ela tinha sido mantida separada de alguém que ela poderia ter conhecido e amado. Alguém que poderia tê-la amado também e a entendido de uma maneira que os Moore simplesmente não conseguiam.

“Se o portão se abrir para você, então você deve ir para Vera. Você é toda a família que ela deixou. Faria bem a ela ver você.

Immanuelle virou-se para olhar para o pequeno ponto na parede, Ishmel, uma ilha no vasto mar do deserto. “Talvez eu vá.”

Os dois saíram da abside, de volta à capela. As galinhas ainda estavam queimando no altar, e uma garota estava ao lado dele, alimentando o fogo com agulhas de pinheiro, musgo, raminhos de alecrim seco e outras ervas que Immanuelle não conhecia pelo nome.

“Se você não tiver outras perguntas, eu realmente deveria voltar ao meu trabalho.” O padre apontou para o altar em chamas.

“Eu tenho mais um pedido.”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Espero que não seja um que se refira à feitiçaria e magia do sangue?”

Emanuelle corou. “Não. Nada como isso. Eu só queria saber se me foi possível ver a casa onde meu pai e minha avó moravam.”

O padre considerou isso por um momento, então assentiu, chamando a garota que cuidava do holocausto. Ela era deslumbrante—

alto e de pele escura, com olhos arregalados e maçãs do rosto bem delineadas. Seu cabelo era alguns tons mais escuro que o de Immanuelle, e estava cuidadosamente trançado para trás em uma série de quatro trancinhas grossas e preso em um coque apertado na nuca.

“Adrine, esta é Immanuelle Moore”, disse o padre, e acenou com a cabeça entre os dois. “Você vai levá-la para as ruínas da casa Ward.”

Adrine a avaliou, inexpressiva, acenou com a cabeça, então se virou para ela. calcanhar e saiu da capela. Immanuelle virou-se para se despedir do padre, mas ele já estava rezando sobre o altar, o rosto velado por uma névoa de fumaça.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

As portas da casa do Pai estão sempre abertas para quem o serve fielmente. Mas o pecador será rejeitado.

— AS ESCRITURAS SAGRADAS

IMMANUELLE E ADRINE caminhavam em silêncio pelas ruas vazias.

A aldeia pela qual passaram era tão silenciosa que Immanuelle poderia ter pensado que estava deserta há muito tempo. Não havia crianças brincando nas ruas. Nenhum cachorro latindo. Nenhum sinal de vida, exceto pelos abutres circulando no alto.

— Está tudo tão quieto — sussurrou Immanuelle enquanto passavam por mais uma casa fechada. Havia sinos de vento de osso pendurados nas vigas de sua varanda, e eles se chocaram com um som oco quando uma brisa varreu a rua. “As Clareiras estão rastejando com a praga doente.”

Adrine torceu o nariz. “É assim que você está chamando no Glades? A praga?”

Immanuelle balançou a cabeça, envergonhada por seu lapso de língua. “É apenas . . . meu próprio coloquialismo. Não tenho certeza se tem um nome próprio.”

“Chamamos isso de aflição da alma”, disse Adrine. “Nossos ancestrais contaram histórias de bruxas e adivinhos que costumavam amaldiçoar homens com doenças semelhantes.”

“Então foi usado como uma espécie de arma?”

Adrine assentiu. “Num sentido.”

“Você acha que há uma cura para isso?”

“Acho que a doença é a cura”, disse Adrine.

“Receio não entender seu significado.”

“Às vezes, as coisas que parecem estar nos machucando são realmente parte da cura. Quando uma criança está doente e você a sangra, para ela a mordida da faca parece um castigo, quando na verdade é a cura. Quando seu povo purga, você causa um grande mal, mas vê a violência e o fogo como uma cura para pecados que são muito piores. Talvez esta doença seja a mesma coisa. Talvez seja uma espécie de purgação, destinada a erradicar um mal mais profundo.”

Immanuelle refletiu sobre essa teoria enquanto os dois começavam outra caminho. Este divergia da estrada principal, serpenteando por uma série de favelas. Aqui, o fedor de esgoto estava pesado no ar. As ruas eram em sua maioria de terra batida e lama, e várias vezes Immanuelle pisou em sulcos tão profundos que a lama atingiu o topo de suas botas. A estrada principal que serpenteava pelas favelas era estreita, as casas tão apertadas que às vezes os becos entre elas tinham pouco mais do que a largura dos ombros. A maioria das casas era modesta demais para ter luxos como janelas de vidro, mas Immanuelle vislumbrou o interior dessas estranhas residências quando o vento abriu as cortinas. Havia famílias reunidas em oração, crianças brincando com bonecas de palha de milho, uma mãe amamentando seu bebê, um gato preto dormindo tranquilamente ao pé de uma longa esteira de cama. Ficou claro para Immanuelle que, apesar de sua miséria, nenhum dos habitantes havia sido tocado pela praga.

Immanuelle ficou aliviada quando o pequeno afloramento de casas deu lugar, mais uma vez, para abrir pastagens. Nas Clareiras – onde fazendeiros ricos cobiçavam cada pedaço de terra disponível – essas áreas selvagens teriam sido cultivadas e convertidas em capital. Mas aqui, a terra foi deixada totalmente intocada, exceto pela estrada solitária que a cortava.

Ao longe, o Darkwood espreitava, as árvores tão densas que pareciam quase impenetráveis. Aqui a atração da floresta era muito mais forte do que nas Clareiras, as árvores cantavam para ela quando o vento passava por elas, e foi uma luta para Immanuelle manter-se no caminho em vez de derivar em direção a elas.

"Estamos aqui", disse Adrine, e ela apontou para um amplo terreno, logo além do alcance da floresta onde a grama crescia até a cintura. Immanuelle saiu da estrada, para o prado, e foi só quando se aproximou que viu os ossos carbonizados das ruínas da casa e as pedras rachadas do que costumava ser sua fundação.

Só pelos destroços, ela podia dizer que a casa era muito maior do que as da favela pela qual passaram. Na verdade, pode ter rivalizado com o tamanho da casa Moore em sua época. Ficou claro que, apesar de residirem nos arredores, os Wards tinham uma boa reputação. Apenas uma família de importância poderia pagar uma casa tão grande.

Immanuelle levantou as saias, pisou cautelosamente sobre um pedaço carbonizado de madeira que pode ter sido uma viga. Ela caminhou pelo perímetro da casa uma vez, andando com cuidado pelos escombros, então parou

e se agachou ao lado de uma das grandes pedras de fundação de ardósia. De perto, ela viu que estava profundamente esculpido com um símbolo estranho - uma cruz no centro de um círculo - que parecia uma letra em algum alfabeto estrangeiro. Quanto mais ela olhava para ela, mais ela a lembrava da marca da bruxa.

"O que é este símbolo?" Immanuelle perguntou, traçando com a ponta dos dedos. Apesar do calor implacável do sol do meio-dia, a pedra estava estranhamente fria.

"É um sigilo," disse Adrine, dando um passo à frente. "É nosso costume esculpir as pedras fundamentais de nossas casas com eles. Para sorte, prosperidade, proteção."

"O que isso significa?"

"É um sifão", disse a garota, sussurrando agora
Immanuelle percebeu que não havia ninguém por perto para ouvi-los.

"E o que é isso sifonando?"

Adrine pareceu relutante em responder. "Poder. Da floresta."

"E aquele?" Immanuelle apontou para as ruínas da casa para outra pedra fundamental. Este foi esculpido com uma série de oito cortes sobrepostos que pareciam ter sido infligidos pela raiva.

"Um escudo", disse Adrine. "Destinado a repelir o perigo."

Immanuelle não precisou perguntar sobre a marcação na próxima pedra fundamental. "A marca da bruxa."

Immanuelle caminhou até a última das quatro pedras, que ficava o canto mais distante da ruína, mais próximo da floresta. Ele virou e quebrou em dois pedaços grandes. As meninas tiveram que trabalhar juntas, rolando as pedras – como aranhas e vermes se contorcendo no solo recém-exposto – e juntando os pedaços quebrados. Immanuelle limpou a sujeira da pedra para ver claramente, e quando o fez, Adrine recuou tão rapidamente que quase tropeçou em uma viga caída.

Immanuelle olhou para a marcação, passou os dedos os cortes na pedra. Parecia bastante inócuo, apenas um pequeno hexágono com uma série de cruzeiros cortadas no centro. "O que é isso?"

"Nós devemos ir."

Emanuelle franziu a testa. "Por que?"

"Porque isso é um selo amaldiçoado", disse Adrine em um assobio. "É para fazer mal."

"Mas não pretendemos nenhuma má vontade."

“Não importa. Quem sabe o que o conjurador do sigilo pretendia quando eles fizeram essa marca.”

“Mas faz anos,” disse Immanuelle, “e a casa está abandonada há muito tempo. Não pode haver mais poder nestas pedras agora.”

“Uma vez que um sigilo é feito e uma maldição é lançada, está feito,” disse Adrine, claramente exasperada com ela. “Não importa se uma pessoa vai embora, morre ou esquece; o poder que essa marca foi feita para representar vidas.”

Um buraco se formou no estômago de Immanuelle enquanto ela pensava nas bruxas e nas pragas que elas lançavam com seu sangue. “Então você está dizendo que as maldições vivem para sempre?”

“Estou dizendo que é difícil, muitas vezes impossível, desfazer o que já foi feito. Quando você faz uma marca, ela fica lá para sempre. Pode ser alterado, mas nunca totalmente apagado.”

Se o que Adrine disse era verdade, significava que havia pouca esperança de quebrar o ciclo das pragas. Parecia que o poder sombrio da floresta teria que seguir seu curso. Mas o que isso significava para Honra e Glória e o resto da praga doente? Eles sobreviveriam o suficiente para ver o fim da praga?

Immanuelle pensou na entrada profética no final do diário de sua mãe: **Sangue. Praga. Escuridão. . . . Abate.** Ficou claro que se eles não encontrassem uma maneira de quebrar a maldição, haveria um preço mortal a pagar. Tinha que haver uma maneira de detê-lo, e com base em tudo que ela havia reunido até agora, sua melhor chance era decodificar os sigilos, a linguagem da magia das bruxas. Se o povo de Betel tivesse alguma esperança de derrotar as pragas de Lilith, eles precisariam entendê-las, saber contra o que estavam lutando.

Immanuelle pendurou a mochila no ombro, vasculhou seu conteúdo e tirou um pedaço de papel e um pequeno pedaço de grafite. Cuidadosamente, ela alisou a folha de papel em branco sobre a pedra e esfregou o grafite para frente e para trás, criando a imagem de transferência perfeita da pedra fundamental. Ela começou a fazer cópias dos próximos três sigilos depois disso, então recolheu todos os papéis, dobrou-os cuidadosamente e colocou-os de volta em sua mochila por segurança. Ela se virou para Adrine. “Como você sabe tanto sobre essas marcas, afinal?”

“Eles fazem parte da nossa língua.”

“Você quer dizer sua língua de origem?”

Adrine assentiu. “Essas marcas são apenas palavras para nós. É a intenção por trás deles que torna os sigilos algo mais. . .

algo perigoso.”

Immanuelle atravessou as ruínas da casa e entrou no estreito trecho de terra entre ela e a Floresta Negra. A alguns passos de distância estavam os ossos abandonados do que poderia ter sido uma casinha ou um pequeno galpão de trabalho como o de Abram. Além disso, apenas um trecho escuro e denso da floresta. Sua escravidão era quase inebriante.

Immanuelle foi em direção a ela e tropeçou, sua bota prendendo no que ela pensou ser uma pedra virada para cima. Mas quando ela procurou a fonte de sua quase queda, o que ela encontrou foi um pequeno trampolim e vários outros logo depois dele, cada um deles levando à extensa floresta além da propriedade. Immanuelle seguiu o caminho até os pés de dois grandes carvalhos gêmeos lado a lado, seus galhos se entrelaçando no alto para formar uma espécie de arco. Cada um de seus troncos foi esculpido com sigilos correspondentes: um longo traço que ia do início do primeiro galho até as raízes, o topo do qual era cortado com o que pareciam ser vinte traços mais curtos de comprimentos variados.

Adrine balançou a cabeça. “Eu não conheço esses sigilos.”

— Sim — sussurrou Immanuelle, alcançando as profundezas de sua mochila. Ela abriu o diário de sua mãe na página que mostrava a cabana onde ela dizia ter passado o inverno. No primeiro plano do desenho havia dois grandes carvalhos esculpidos com marcas idênticas às das árvores à sua frente.

Immanuelle se aproximou, arrastou a bota pelas folhas caídas, descobrindo uma série de degraus que levavam às profundezas da Floresta Negra, à cabana onde sua mãe a suportou no último inverno. Ela pressionou a mão no tronco esculpido com o símbolo do carvalho mais próximo, meio virada para encarar Adrine.

Mas a garota apenas balançou a cabeça. “Eu não vou com você. Não lá.

Immanuelle apenas assentiu, uma parte dela aliviada. Era como se ela estivesse com ciúmes da floresta, como se ela quisesse seus segredos para si mesma, e para ela sozinha. E assim, sem parar para olhar para trás, Immanuelle juntou as saias e passou pelos carvalhos imponentes e entrou nas sombras do Darkwood.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Fiz uma casa na floresta. Fiz um telhado de palha e construí as paredes. E foi lá, em uma sala de pau e pedra, que a barganha foi feita, e eu não queria que fosse de outra maneira.

—MIRIAM MOORE

A FLORESTA DO SUL era diferente daquelas que corriam ao longo das Clareiras. Eram mais espessos, cheios de pinheiros solenês que sussurravam quando o vento passava por suas agulhas. O resto do mundo parecia desaparecer enquanto Immanuelle caminhava por entre as árvores. A luz do sol diminuiu e as sombras ficaram mais espessas, ameaçando engoli-la. O caminho que ela tentou seguir foi rapidamente devorado pela moita rosnante. Ela não podia mais sentir os degraus sob suas botas. E embora ela soubesse que deveria estar com medo, tudo o que sentiu foi uma horrível sensação de conclusão. Como se ela estivesse exatamente onde deveria estar.

Immanuelle não sabia quanto tempo ela andou, mas estava perto do meio-dia quando ela chegou a uma cabana. Um olhar para o lugar e ela sabia que estava abandonado há muito tempo. Ela não ficaria surpresa se seus proprietários originais fossem os fundadores de Bethel, que se estabeleceram na floresta séculos atrás. A casa inteira parecia inclinada sobre as pedras de sua fundação, deformada e decrépita como um velho apoiado em sua bengala.

Na verdade, era menos uma casa do que um barraco. Tinha apenas uma porta e uma janela. O telhado estava afundado e a varanda estava tão completamente podre que as tábuas enegrecidas desmoronaram sob suas botas. Immanuelle colocou a mão na porta e a abriu.

Ela entrou em um quarto apertado que cheirava a mofo. À sua esquerda estava uma mesa lateral, sua superfície cheia de um arranjo de velas derretidas. Na parede oposta, havia uma lareira com um espelho rachado preso acima da lareira, grande o suficiente para abrigar o reflexo do rosto de uma pessoa. No centro do quarto havia uma estrutura de cama enferrujada.
emanuel.

Ela se virou, procurando o dono da voz, mas em vez disso encontrou algo que não viu à primeira vista. Logo à direita da lareira havia um pano branco esvoaçante e, atrás dele, uma soleira estreita. Levantando a mão trêmula, Immanuelle puxou a mortalha

um jeito. Ele deslizou para o chão em uma nuvem de partículas de poeira rodopiantes, revelando um corredor curto, sem luz, exceto por um único raio de sol que iluminava a sala no final.

Immanuelle enfiou a mão na mochila, retirando primeiro o óleo lâmpada, depois um único palito de fósforo. Ela acendeu o último nas pedras da lareira, depois acendeu a lâmpada e voltou para o corredor. O brilho vermelho da chama se espalhou pelas paredes enquanto ela andava.

No final do corredor ela fez uma pausa, levantando sua lâmpada bem alto para revelar uma quarto sem janelas, vazio exceto pelo círculo de cinzas em seu centro. Cortado grosseiramente no teto acima havia um pequeno buraco para deixar sair a fumaça. Espalhados pelas cinzas havia ossos: uma mistura de cascos e chifres, costelas, vértebras e, no meio dos cacos, o que parecia ser o esqueleto completo de um carneiro – menos o crânio.

Mas foram as paredes que chamaram a atenção de Immanuelle. Eles eram esculpidos por toda parte com marcas, formas e palavras que corriam juntas e se sobrepunham, então quase não havia um centímetro do painel intacto.

E os escritos tinham sido feitos por uma mão que ela reconhecia: a de sua mãe.

A percepção a atingiu de uma vez. Esta era a cabine - a cabine Miriam tinha escrito em seu diário.

As palavras de Miriam rastejaram como trepadeiras pelas paredes. Eles repetiram a mesma frase, repetidas vezes: ***A donzela dará à luz uma filha, eles a chamarão Emanuelle, e ela redimirá o rebanho com ira e peste.***

Immanuelle traçou os entalhes com a mão trêmula, seguindo seu caminho de uma parede a outra. As esculturas podiam ser separadas em três formas distintas: uma na parede esquerda, outra na direita e outra na parede mais distante entre elas, onde as duas marcas se tornavam uma. Levou algum tempo para ela reconhecer essas formas pelo que eram - sigilos, exatamente como os que ela tinha visto nas pedras fundamentais da casa Ward.

Três formas. Três . . . ***selos.***

Immanuelle abaixou-se para colocar a lamparina a óleo, depois tirou a mochila do ombro e retirou os pedaços de papel nos quais copiara os sigilos das pedras fundamentais. Ela levou apenas alguns momentos para classificar os diferentes símbolos até encontrar o selo amaldiçoado. Immanuelle segurou o papel na parede para comparar

as duas marcas e descobriu que eram uma combinação perfeita em tudo, menos na escala.

Engolindo seu medo crescente, Immanuelle seguiu em frente.

O sigilo na parede esquerda não combinava com nenhum dos sigilos esculpidos nas pedras fundamentais. Era uma forma retorcida impressionante, parecendo quase como mãos dobradas ou dedos entrelaçados. Mas, apesar disso, parecia distintamente familiar para ela. Depois de alguns momentos de confusão em silêncio – avaliando a marca de diferentes ângulos, traçando os cortes com as pontas dos dedos – ela veio até ela. Ajoelhando-se, ela pegou o diário de sua mãe de sua mochila, folheou-o até a página de seu segundo autorretrato, a ilustração abstrata que ela havia esboçado nos dias após seu retorno da floresta. Na imagem, ela estava nua, os braços meio enrolados em torno de sua modéstia, sua barriga inchada pintada com um sigilo. . . o mesmo que foi esculpido na parede. Se o primeiro selo foi uma maldição, então este segundo foi, talvez, a **concepção** dele. Uma espécie de sigilo de nascimento, se preferir. Uma marca de criação.

Intrigada, Immanuelle passou para o último sigilo, o da parede oposta, o único que ela reconheceu imediatamente, porque o tinha visto todos os dias durante toda a sua vida. Era o mesmo selo que as noivas usavam, esculpido entre as sobancelhas – um símbolo de união, um sigilo obrigatório.

Immanuelle se levantou e foi examinar os sigilos mais de perto. Ela traçou os contornos amplos de cada entalhe, movendo-se lentamente de uma parede para outra: um selo de nascimento, um selo de maldição e uma marca de ligação entre eles.

Seu sangue gera sangue. As palavras do diário de Miriam dançaram na mente dela. Ela pensou na noite no lago com as bruxas, no início da mancha de sangue. A primeira praga, e todas as pragas que se seguiram, desencadeadas por seu primeiro sangramento.

Seu sangramento. Seu sangue.

Eles vão chamá-la de Emanuelle. Seu sangue gera sangue.

A verdade a atingiu como uma faca entre as costelas.

Lilith não tinha lançado as pragas. Míriam tinha.

E Immanuelle era a maldição.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Em breve teremos que escolher entre quem desejamos ser e quem devemos ser para continuar. De uma forma ou de outra, haverá um custo.

— DAS ÚLTIMAS CARTAS DE DANIEL WARD

IMMANUELLE NUNCA tinha sido rápida em ficar com raiva. Quando criança, com Martha, ela foi bem educada nas virtudes da paciência e contenção; ela estava mais apta a levar um tapa do que a dar um. Mas agora, enquanto ela esvaziava a lamparina, salpicando as paredes da cabine com querosene, uma raiva feia a atravessou, como se algum animal enjaulado dentro dela estivesse tentando sair.

Ela tinha sido usada.

Era uma verdade tão terrível que Immanuelle mal podia conceber. Isto era pior do que ser o precursor das pragas, pior do que a própria condenação. A ideia de que sua mãe – por quem ela passou quase dezessete anos sofrendo – nunca a amou como nada mais do que uma arma, uma agente de sua própria vingança.

Immanuelle jogou óleo sobre os sigilos com fúria cega. Ela pegou o maço de fósforos de sua mochila e acendeu um, segurando-o entre os dedos enquanto olhava para as esculturas manchadas de óleo.

Um para xingar. Um para encadernação. Um para o parto.

Ela acendeu o fósforo na poça de querosene a poucos metros de distância e um mar de fogo varreu o chão. Ela recuou quando as chamas correram pelo corredor atrás dela, passando pela soleira, derramando-se na sala da frente. Em questão de momentos, o prédio foi quase totalmente engolido.

Immanuelle emergiu da cabine em uma nuvem de cinzas e cinzas. Ela não tinha certeza se estava chorando mais de raiva ou de fumaça. Ela não se confortou com a visão da cabana em chamas. Algumas chamas não foram suficientes para protegê-la da verdade.

Para vingar o amante, Miriam entregou a filha, corpo e alma, para o clã de Lilith. Ela era sua maldição feita carne, e tudo – o sangue e a praga, a escuridão e a matança que viria – estava tudo dentro dela. Miriam não queria justiça; ela teve

queria sangue. . . e Emanuelle havia providenciado. Naquela noite em Darkwood, quando ela sangrou pela primeira vez, ela desencadeou tudo. Esse foi o legado de Miriam: não de amor, mas de vingança — e traição.

A fumaça caiu pelas copas das árvores enquanto a cabana continuava a queimar. O calor era tanto que Immanuelle cambaleou para trás, as cinzas no ar tão espessas que quase a sufocaram.

Mas ainda assim, ela não recuou.

Em seu coração, ela sabia que não fazia diferença — a cabana em chamas, as chamas de sua própria raiva rugindo de dentro. Nada disso seria mais do que cinzas ao vento. Mas era bom, tão bom, queimar e se enfurecer e se perder nas chamas. Era sua própria purgação pessoal e, naquele momento, era o único conforto que ela tinha. Ela se sentiu quase bêbada com isso, e talvez Miriam também, todos aqueles anos atrás, quando depois da morte de Daniel Ward ela fugiu para Darkwood e fez seu acordo com as bruxas. Talvez aquela raiva devoradora importasse mais para ela do que qualquer outra coisa. . . sua alma, sua filha, sua própria vida.

Mas mesmo enquanto a raiva de Immanuelle fervia dentro dela — mesmo quando sua raiva e culpa a consumiam — ela não conseguia se imaginar vendendo sua família para a escuridão do jeito que Miriam a vendera.

E aí estava a diferença entre eles.

Immanuelle correu então, fugindo da floresta e de todos os seus males, deixando a cabana em chamas para trás. Toda vez que ela fechava os olhos, toda vez que piscava, ela podia ver as palavras esculpidas nas paredes, os sigilos que a ligavam às maldições. . . e ela correu ainda mais forte.

Depois de uma corrida longa e brutal através do mato, ela emergiu na floresta e à luz do sol poente. Ela limpou as folhas de suas saias e tentou se recompor, tirando os galhos do cabelo e enxugando as últimas lágrimas na manga.

Ninguém poderia saber o que ela havia encontrado na floresta. Não se ela quisesse viver.

Ao retornar da periferia e chegar à casa dos Moore, ela encontrou Martha do lado de fora, machado na mão, curvada sobre o cepo. Sem uma palavra de cumprimento, a mulher mais velha caminhou até o galinheiro, agarrou uma galinha pela garganta e a forçou para o bloco. Em um movimento suave dos ombros, ela separou a cabeça do pescoço.

O corpo da galinha escapou do toco, as asas estalando, as garras lutando para se segurar quando atingiu o chão.

Os Moore geralmente matavam galinhas apenas em dias santos, então isso era um deleite raro, mas Immanuelle não conseguia reunir nenhuma alegria. O medo em sua barriga tinha sido substituído pela raiva desde a descoberta da cabana, mas agora começou a crescer novamente enquanto ela lia a expressão sombria no rosto de Martha.

O pânico tomou conta dela: a praga, as meninas. Às vezes - nos dias mais graves - o Pai exigia sacrifício, sangue em troca de uma bênção. E talvez, se estivessem desesperados o suficiente, se um ou ambos tivessem piorado. . .

“Honra e Glória—”

"Está tudo bem", disse Martha, limpando um respingo de sangue de galinha da bochecha.

“Então qual é a ocasião?”

“Temos companhia.” Martha ergueu o cadáver emplumado do sujeira. “O Profeta está aqui, e ele pediu para falar com você.”

O coração de Immanuelle parou. “Ele disse por quê?”

Martha limpou as mãos e a lâmina do machado na ponta do avental. “Ele diz que veio para a confissão. Ouvei dizer que eles estão na periferia desde o amanhecer — ele e seu herdeiro — indo de casa em casa, deixando os doentes falarem caso o fim chegue. Então eles estão aqui para Honra e Glória.” Ela olhou para Emanuelle. “Mas suponho que, por sua bondade, ele também queira ouvir sua confissão.”

Seu coração começou a acelerar, seus joelhos ficaram moles e ela lutou com tudo o que tinha para controlar seu pânico crescente. Seu medo não a salvaria agora. O que quer que o Profeta quisesse, ele vinha cobrar. Não havia como fugir, e ela se recusou a se encolher diante do que não podia ser mudado. Endireitando os ombros, ela começou em direção à casa da fazenda.

“Espere”, disse Marta.

Immanuelle fez uma pausa, uma mão na maçaneta da porta. "Sim?"

— Semanas atrás, na noite em que você voltou da floresta, eu fui duro com você. Espero que você possa me perdoar."

Emanuelle engoliu. Suas palmas estavam escorregadias de suor. "Claro."

Martha ofereceu-lhe algo quase como um sorriso. “Você me assustou quando foi para Darkwood naquela noite. Achei que tivéssemos perdido você — do jeito que perdemos Miriam.

“Mas ela voltou.”

“Não, ela não fez. Quando ela voltou, ela trouxe o Darkwood de volta com ela. É por isso que eu estava com tanto medo quando você voltou. . . mas eu não deveria ter permitido que meu medo me tornasse cruel. Isso foi um pecado, e eu sinto muito.”

“Você só estava fazendo o que achava certo.”

“O que não significa muito se eu estiver errada”, disse Martha, e acenou com a cabeça em direção à casa da fazenda. “Vá agora, confesse seus pecados, como eu tenho os meus. O Profeta está esperando.”



O PROFETA SENTOU -SE à cabeceira da mesa da família, ocupando o lugar de Abrão. Ele estava com as mãos entrelaçadas como se planejasse rezar, mas quando Immanuelle entrou na sala, ele sorriu e apontou para a cadeira de Martha na extremidade oposta da mesa. "Estou feliz que você está em casa em segurança."

Emmanuelle sentou-se. “Por Sua graça.”

Do outro lado da sala, Ezra estava atrás de seu pai, ombros retos, mãos cruzadas nas costas. Mesmo que Immanuelle estivesse sentado em sua linha de visão, ele mal registrou sua presença. E embora ela soubesse que isso fazia parte do juramento deles – deixar o passado para trás por causa dele e dela – ainda doía ver Ezra olhar para ela como se ela fosse pouco mais que uma estranha.

O Profeta se recostou em seu assento, e seus raios gemeram quando ele se mexeu. Immanuelle poderia jurar que ele parecia um pouco ansioso.

Seu olhar cintilou sobre ela, procurando como sempre, mas mais hesitante do que nas semanas anteriores, quando ele não fez nenhuma tentativa de conter seu olhar. Ele acenou com a cabeça em direção à mochila dela. “O que você tem aí?”

“Ervas,” ela disse, esperando que a vacilação em sua voz não traísse dela. “Para minhas irmãs.”

“Sua avó me disse que você é uma enfermeira e tanto.”

“Eu faço o que eu posso.”

“Como todos nós devemos”, disse ele.

No andar de cima, Glory soltou um grito que ecoou pela casa.

O sorriso do Profeta diminuiu com o som. Ele se virou para Immanuelle e começou a falar novamente, quando a porta dos fundos se abriu e Martha entrou com duas galinhas ensanguentadas, Anna em seus calcanhares. Começaram o jantar, depenando os pássaros, cortando os legumes, tentando fingir que não estavam ouvindo enquanto faziam seu trabalho. Um olhar

de irritação cintilou no rosto do Profeta. Ele lançou seu olhar para a cozinha, elevando sua voz acima do barulho de panelas e frigideiras. “Podemos ter um momento a sós?”

Anna parou no meio de descascar uma cenoura. tiras de laranja casca deslizou para o chão quando ela se virou para enfrentá-los. Martha pôs a mão em seu ombro, e as duas fizeram uma reverência e saíram correndo da sala.

O Profeta inclinou a cabeça para o filho. “Você também.”

Ezra ficou tenso, então assentiu, saindo de trás da cadeira de seu pai. Ele passou por Immanuelle sem olhar na direção dela e começou a subir as escadas.

Enquanto os passos de Ezra silenciavam, o olhar do Profeta voltou para dela. Ele a estudou com intenção afiada, como se estivesse tentando memorizar os detalhes de seu rosto. O olhar dele era tão penetrante que ela quase podia senti-lo, como um dedo frio percorrendo sua testa, a costura entre os lábios, depois descendo pelo pescoço até a dobra da clavícula.

Ela congelou, com medo de que o menor estremecimento pudesse traí-la pelo que ela era: a precursora da peste, herege para a Igreja, um peão para as bruxas.

“Você é uma pastora, não é?”

Ela assentiu. “Eu cuido do rebanho do meu avô.”

O Profeta ergueu o copo de leite de ovelha - olhando-a acima do rim enquanto bebia — então ele o colocou na mesa e lambeu a espuma do lábio superior. “Você e eu somos iguais nisso. Ambos temos nossos rebanhos para cuidar.

“Ouso dizer que seu chamado é maior que o meu.”

“Eu não faria.” O olhar do Profeta pairou sobre ela por um momento; depois tossiu violentamente na dobra do braço. Levou algum tempo para recuperar o fôlego. “Você sabe por que eu vim aqui hoje?”

“Para ouvir minha confissão e me dizer como absolver meus pecados.”

“E você acha que é tão simples assim? Você acha que o pecado pode ser simplesmente apagado com alguns minutos de penitência e um coração triste?”

“Nem todos os pecados, não.”

“E o pecado da feitiçaria?” A voz do Profeta era comedida, mas seus olhos tinham uma malícia que quase a fez estremecer.

Immanuelle lutou para manter o rosto inexpressivo. “O pecado de feitiçaria é punível com expurgo de pira.”

“E você já cometeu tal pecado?” o Profeta perguntou, gentilmente, como se estivesse tentando arrancar a verdade dela. “Você já

conjurou feitiços ou maldições?”

Emmanuelle endureceu. A imagem dos selos e sigilos esculpido em as paredes da cabine passaram por sua mente. Se lançar uma maldição era punível com a morte, qual era a punição por ser o precursor da maldição? "Claro que não."

“Você manteve companhia com os habitantes de Darkwood, como sua mãe fez uma vez?”

A raiva queimou através dela, mas ela a empurrou para baixo. “Eu não sou minha mãe. Senhor.”

O Profeta olhou para suas mãos, e havia algo estranho em seus olhos. Amargura? Arrependimento? Ela não podia analisá-lo. "Isso não é uma resposta, Sra. Moore."

Immanuelle estava com medo de mentir, mas ela sabia que a verdade a condenaria. Além disso, quais foram seus enganos comparados aos do Profeta e da Igreja? Se ela devesse mentir, seria pelo bem de sua vida, e o mesmo não poderia ser dito a respeito deles. “Não sei nada sobre os bosques ou os pecados de minha mãe. Fui criado para manter a fé.”

O Profeta começou a responder, mas outro acesso de tosse o interrompeu. Ele cortou a manga por um longo tempo, ofegante e ofegante. Quando seu ataque finalmente terminou, ele abaixou o braço, e Immanuelle viu uma pequena mancha vermelha na dobra de seu cotovelo. “É a luxúria?”

Emmanuelle endureceu. "O que?"

“Prostituição, fornicação, adultério, luxúria.” Ele contou os crimes nos dedos. “Certamente você conhece seus pecados e as Escrituras se você mantiver a fé, como você afirma.”

As bochechas de Immanuelle esquentaram. “Eu conheço esses pecados.”

— E você participa deles?

Ela deveria estar com medo, mas o que brotou dentro dela agora foi o desprezo – por ele, pela Igreja, por qualquer um que atirasse pedras nos outros enquanto escondia seus próprios pecados. "Não."

O Profeta se inclinou para frente em sua cadeira, cotovelos sobre a mesa, dedos entrelaçados. — Então você quer dizer que nunca se apaixonou?

"Nunca."

“Então você é puro, de coração e carne?”

Ela começou a tremer em seu assento. "Eu sou."

Houve uma longa batida de silêncio.

“Você faz suas orações à noite?”

“Sim,” ela mentiu.

“Você se importa com sua língua e mantém palavras vis de seus lábios?”

"Eu faço."

“Você honra os mais velhos?”

“O melhor que posso.”

“E você lê suas Escrituras?”

Ela assentiu. Outra resposta honesta. Ela leu suas Escrituras, certamente, mas não as que ele estava se referindo.

O Profeta se inclinou sobre a mesa. “Você ama o Pai com todas as seu coração e alma?”

"Sim."

"Então diga." Isso era uma exigência, não uma pergunta. “Diga que você O ama.”

"Eu O amo", disse ela, uma fração de segundo tarde demais.

O Profeta se afastou de seu assento na cabeceira da mesa e se levantou. Ele desceu a mesa, parou ao lado da cadeira dela e colocou a mão em sua cabeça. Seu polegar traçou o ponto nu entre as sobrancelhas onde as esposas usavam seus selos.

Foi tudo o que ela pôde fazer para não pular da cadeira e fugir.

“Emanuela.” Ele virou o nome dela na língua como se fosse um cubo de açúcar, algo para ser saboreado. Sua adaga sagrada escorregou da gola de sua camisa quando ele se inclinou para mais perto, a lâmina embainhada roçando sua bochecha enquanto balançava para frente e para trás. “Você faria bem em lembrar no que acredita. Muitas vezes descobri que a alma tende a vagar em direção à escuridão.”

Seu coração batia tão violentamente que ela temia que ele o ouvisse. “Receio não entender seu significado.”

O Profeta se inclinou ainda mais perto. Ela podia sentir sua respiração contra seu ouvido enquanto ele sussurrava: "E eu temo que você faça."

"O suficiente." O Profeta olhou para cima, sua mão escorregando da cabeça de Immanuelle, quando Ezra entrou na sala de jantar e contornou a mesa para o lado dela. “Ela respondeu suas perguntas, e o sol está se pondo rapidamente. Devemos estar a caminho.”

O olhar do Profeta escureceu quando caiu sobre Ezra, e Immanuelle se perguntou se ele era capaz de olhar para seu filho com algo além de desprezo.

“Vamos,” disse Ezra, e desta vez havia uma ameaça entre as palavras.

Os lábios do Profeta se abriram em um sorriso de escárnio. Ele começou a falar, mas parou ao som de seu nome.

"Conceder . . . o menino está certo". Immanuelle virou-se para ver Abram parado na soleira entre a sala de jantar e a cozinha. Ele se apoiou em sua bengala favorita – um galho de bétula com um pomo que ele havia esculpido em forma de cabeça de falcão – e sua boca estava esculpida em uma linha fina. Ele falou novamente, desta vez mais alto, embora Immanuelle soubesse que cada palavra era uma luta. "As estradas são perigosas. . . à noite . . . com os doentes à espreita."

Immanuelle ficou tão aliviada ao ver Abram naquele momento que poderia ter chorado. Foi-se o homem fraco e quieto que a criou. O homem diante dela agora estava resoluto, seus ombros retos, sua mandíbula firmemente cerrada.

Ela se lembrou de algo que Anna havia dito uma vez, como, no despertar da morte de Miriam, depois que Abrão perdeu seus Dons e o título do apostolado foi tirado dele, ele se tornou um fantasma do homem que tinha sido antes. Mas agora, neste momento, quando ele cruzou a soleira com firmeza para ficar ao lado de Immanuelle, parecia que aquele homem havia ressuscitado.

Ezra colocou uma mão firme no ombro de seu pai. "Ele está certo, pai. Os doentes estão fora de si, loucos de febre. Não é seguro viajar pelas estradas após o pôr do sol. Devemos estar a caminho. **Agora.**"

Immanuelle esperou que o Profeta os repreendesse, mas ele não o fez. Em vez disso, ele voltou seu olhar para ela novamente. Desta vez seus olhos não se aqueceram. "São dias sombrios, com certeza, mas o Pai ainda não nos deu as costas. Ele está assistindo. Ele está **sempre** observando, Immanuelle. É por isso que devemos lembrar no que acreditamos e manter isso, se nada mais."

Assim que o Profeta partiu, Immanuelle se levantou, o movimento tão abrupto que sua cadeira caiu no chão. Mas ela não se abaixou para pegá-lo. Tremendo e sem dizer uma palavra, ela fugiu da sala de jantar para a frente da casa. Abram a chamou quando ela abriu a porta e saiu para a varanda. Lá, ela se agachou, pressionou a mão nas tábuas para se equilibrar. Ela deu vários suspiros irregulares, mas o ar estava espesso com a fumaça da pira e isso fez pouco para aliviar seus pulmões em chamas. Ela ainda podia sentir a mão do Profeta em sua cabeça, seu polegar pressionando entre suas sobrancelhas, e a lembrança de seu toque era suficiente para fazê-la tremer de medo.

"Emanuela." Ezra saiu e fechou a porta atrás dele. "Você está bem?"

Ela ficou de pé, alisou os vincos de suas saias em um tentativa vã de se recompor. "Você deveria estar a caminho."

"Faça humor comigo por um momento."

"Por que eu deveria?"

"Porque isso é para ser um pedido de desculpas."

Ela franziu a testa. "Um pedido de desculpas pelo quê?"

"Por estar bêbado e duro e descuidado. Por minhas ações na lagoa no meio da minha visão. Por te machucar. Por se comportar mais como um inimigo do que como um amigo. Eu nunca quero que minhas ações façam você duvidar da minha lealdade dessa maneira. Você pode me perdoar?"

Foi, talvez, o melhor pedido de desculpas que Immanuelle já recebeu. Isto foi certamente o mais sério. "Como se nunca tivesse acontecido", disse ela.

Através dos pastos e através da fumaça rolante, Immanuelle viu o Profeta em seu cavalo, esperando por Ezra. Havia uma seriedade em seu olhar, e mesmo à distância, ela podia dizer que ele os observava. "Você precisa ir. Agora."

"Eu sei," disse Ezra, mas ele não se moveu, apenas ficou ali olhando para seu pai. Ela levou um momento para ver a expressão em seu rosto para o que era: pavor. "Você ainda acredita que podemos encontrar uma maneira de acabar com isso?"

Fumaça de pira rolou pela estrada, obscurecendo a visão do Profeta. "Temos que."



CAPÍTULO VINTE E CINCO

*Muitas vezes me pergunto se meu espírito viverá nela.
Às vezes eu espero que sim, se apenas assim eu não
ser esquecido.*

—MIRIAM MOORE

Naquela noite, IMMANUELLE sonhou que caminhava por um campo de âmbar. Até onde a vista alcançava, ondas de trigo dourado rolavam com o sopro do vento. Grilos cantavam canções de verão; o ar estava espesso e pegajoso, o céu limpo de nuvens.

Ao longe, duas figuras moviam-se pelo trigo como peixes em água. A primeira, uma garota de cabelos dourados e um sorriso malicioso. Immanuelle a reconheceu pelo retrato no diário de sua mãe: Miriam, sua mãe.

Caminhando ao lado dela, um garoto alto com pele escura como a noite e olhos como os de Immanuelle. Ela sabia, sem realmente saber, quem ele era à primeira vista: Daniel Ward, seu pai.

Juntos, os dois caminharam de mãos dadas pelo trigo, sorrindo e rindo, extasiados um com o outro, seus rostos quentes com a luz do sol nascente. Quando eles se viraram e se beijaram, foi com paixão. . . e anseio.

Immanuelle tentou segui-los através das ondas âmbar, mas eles eram rápidos e ela era lenta, e quando eles corriam ela tropeçou e ficou para trás.

O sol se moveu no alto, como se puxado por uma corda. Sombras caíram sobre as planícies e o casal desapareceu na curva de uma colina. Immanuelle lutou atrás deles, sentindo o cheiro de fumaça no vento enquanto a noite caía.

Ela ouviu o ruído abafado das chamas. Arrastando-se pelo resto do trigo, Immanuelle olhou para as planícies abaixo. Havia uma multidão de cerca de cem pessoas reunidas em torno de uma pira. De pé naquela pira, sem camisa e sangrando, estava seu pai, Daniel Ward.

Um grito atravessou as planícies. Immanuelle seguiu o som para Miriam, que se encolheu chorando ao pé da pira. Como seu amante, ela estava amarrada, algemada na garganta. Ela se lançou para a pira,

rastejando em suas mãos e joelhos, o suporte de ferro cavando em seu pescoço, mas um puxão cruel em sua corrente a fez cair e ela caiu na terra novamente.

Immanuelle não queria assistir. Ela não queria se mover, mas se viu descendo a colina, a multidão se abrindo para abrir caminho para ela. Ela veio para ficar ao lado de Miriam, na sombra da pira.

As multidões se separaram novamente. Um homem passou por eles. Levou Immanuelle um momento para reconhecê-lo: o Profeta Grant Chambers, o pai de Ezra. Em suas mãos estava um galho flamejante maior do que qualquer tocha que ela já tinha visto. Ele a carregou com as duas mãos, cortando o campo até o pé da pira em três passos longos.

Miriam arranhava a terra, gritando súplicas e cuspidando maldições, implorando e chorando e jurando pelo pouco que lhe restava para jurar – sua vida, seu sangue, sua boa palavra – para qualquer deus que pudesse ouvi-la.

Mas apesar de todas as suas súplicas e maldições, o Profeta não a atendeu. Ele baixou o galho até a pira e, com um rugido, as chamas invadiram os gravetos.

Daniel não se mexeu. Ele não vacilou. Ele não implorou como Miriam. Quando as chamas mastigaram suas pernas e o devoraram, ele soltou um único grito assombroso e então ficou em silêncio. E tão rápido quanto começou, acabou.

Carne ao osso às cinzas.

Immanuelle cambaleou, curvou-se e caiu de joelhos, batendo no chão ao lado de sua mãe. Ela tapou os ouvidos com as mãos para bloquear o rugido das chamas e os lamentos de Miriam, as zombarias da multidão. Cada respiração trazia o fedor de carne queimada.

A fumaça rolou pelas chamas, espessa demais para ser vista. Immanuelle engasgou, cega na escuridão; a luz da pira morreu para pouco mais do que o brilho opaco de uma brasa na noite.

Quando a escuridão clareou, Immanuelle se viu sozinha. O a pira se foi, assim como as multidões. O Profeta e Miriam não estavam à vista. As planícies estavam vazias.

Acima, a lua pendia, gorda e cheia.

Emmanuelle apertou os olhos. Ao longe, ela podia apenas distinguir o sombra bruta da catedral, quebrando-se acima das ondas de trigo. Immanuelle foi em direção a ela, atravessando os pastos vazios, viajando para o leste à luz da lua.

Quando ela chegou à catedral, ela vacilou, ficando imóvel à sombra da torre do sino. As portas se abriram lentamente e, mesmo à distância, ela sentiu o fedor de algo cru no ar, todo sangue e carnificina.

Immanuelle subiu os degraus de pedra e entrou em uma escuridão grosso como a noite. Ela cambaleou pelo corredor central, as mãos estendidas, movendo-se de um banco para o outro.

Uma chama brilhou atrás do altar. Em seu brilho, Emanuelle podia distinguir a sombra de uma figura, Miriam. Ela usava um vestido branco de corte, suas dobras derramando sobre a curva de sua barriga. À medida que Immanuelle se aproximava, viu que estava sorrindo — um sorriso molhado. Na mão direita ela segurava um chifre quebrado como uma adaga, sua ponta irregular pingando sangue.

Uma grande forma se moveu atrás dela, como uma aranha emergindo das bordas de sua teia. Lilith caminhou até a frente do altar e pairou no ombro de Miriam. Após sua chegada, a escuridão recuou e a luz das velas se espalhou pela catedral. E quando os olhos de Immanuelle se ajustaram e a sala entrou em foco, foi tudo o que ela pôde fazer para conter um grito.

O lugar era um túmulo.

Havia dezenas de cadáveres, caídos sobre os bancos e amontoados nos corredores adjacentes, amontoados sob os vitrais e à sombra do altar. Todos eles foram mutilados e devastados, membros torcidos, cabeças tortas, mandíbulas quebradas.

Entre a multidão de mortos havia rostos que ela reconheceu. Judith estava deitada no banco ao seu lado, a garganta cortada acima do colarinho. A poucos metros de distância, Martha estava de bruços em uma poça de sangue. Ao lado dela, Abram, o pescoço torcido em seu eixo. Embalada em seus braços quebrados estava Anna, seus lábios manchados de tinta preta com sangue. A seus pés, Glória e Honra jaziam imóveis, como se estivessem dormindo, mas seus olhos estavam abertos, suas bocas escancaradas, como se tivessem sido derrubadas no meio de uma oração. Leah estava estendida sobre o altar, sua barriga grávida esculpida como a de um cordeiro estripado. Bem acima dela, preso à parede com a espada do próprio David Ford, estava Ezra.

Os joelhos de Immanuelle dobraram. O chão ficou macio sob seus pés. Ela caiu para a frente, tropeçando nos paralelepípedos. "O que é que você fez?"

A luz das velas brilhou no rosto de Miriam. Aquele sorriso terrível dela se alargou, como uma ferida se abrindo. Ela começou a rir. "Você sabe

o que é isso."

Acima, o teto se curvava, as pedras rangendo como se a catedral estivesse desmoronando sobre si mesma. Immanuelle cambaleou para trás, mas não havia para onde correr. "Por que? Por que você faria isso?"

"Porque eles o tiraram de mim", sussurrou Miriam, e no som de sua voz a luz da vela se apagou, mergulhando o quarto na escuridão. "Sangue por sangue."



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Um filho é um dom maior do que qualquer outro.
— **DOS ESCRITOS DO PROFETA ENEQUE**

LEVANTA -te." IMMANUELLE acordou com o brilho da luz do lampião e o corte áspero da silhueta de Martha em sua porta.

Immanuelle chamou a atenção, as memórias do massacre inundando de volta para ela - os corpos, o sangue, a matança.

"Ezra está aqui do Haven."

"Novamente?" Immanuelle perguntou, sua voz grossa e rouca de sono.
"Para quê?"

Martha arrancou o manto do gancho na parede e o jogou para ela. "Leah está em trabalho de parto e ela está sangrando muito."

"Mas ela não está prevista para semanas—"

Martha virou-se para encará-la. "Você sabia?"

Immanuelle se atrapalhou com os botões de seu vestido. "Sim, mas ela só me contou algumas semanas atrás. Eu queria que você soubesse, mas ela me fez jurar manter o segredo e..."

Martha ergueu a mão pedindo silêncio. "Agora não é hora para sua confissão. Precisamos ir para o Haven. Vou precisar de sua ajuda na cama de parto e Leah precisa de você também."



MARTA E IMANUELLE correram para o Porto à luz das piras de purga. Ezra cavalgava à frente deles a cavalo, galopando pelas Clareiras. Quando chegaram ao portão do Haven, ele estava esperando por eles. Immanuelle saltou para fora da carroça antes que ela parasse e se lançasse na direção dele, correndo pela fumaça das piras. Ele os conduziu ao vestíbulo e ao longo do corredor em direção à ala nupcial.

Deixe-a viver, rezou Immanuelle, ao Pai, às feras do Darkwood, às bruxas, a quem estivesse disposto a atendê-la.

Por favor, deixe Leah viver.

Depois de uma caminhada que pareceu léguas de comprimento, eles entraram em uma ala que Immanuelle não reconheceu. Aqui, os gritos da praga doente desapareceram

ao silêncio e apenas uma voz soou acima do resto. Um gemido molhado e gargarejado que bateu contra as paredes e ecoou.

As mãos de Immanuelle começaram a tremer.

“Este é o mais longe que eu vou,” Ezra disse, e seu olhar caiu para Immanuelle. “Seja forte.”

Ela começou a responder, mas Martha a interrompeu. “Diga ao seu pai que estou aqui.”

Ezra assentiu e, sem outra palavra de despedida, saiu.

Martha avançou à frente de Immanuelle, murmurando uma oração baixinho enquanto abria a porta. Entraram juntos na sala. Era pequeno, todo iluminado com a luz do fogo. O ar espesso com o cheiro de suor e fumaça de madeira. No fundo da sala, falando em tom áspero e urgente, estavam a mãe de Leah e algumas de suas meias-irmãs mais velhas. Seus olhos estavam injetados e quase todos choravam.

No centro do quarto - lotado por uma multidão de esposas do Profeta - estava a cama onde Leah estava deitada, se contorcendo. Ela não usava nada além de uma camisola fina, com as saias puxadas até as axilas. Entre suas coxas havia uma poça escura de sangue. Sua barriga estava inchada e listrada com estrias que pareciam feridas de faca, com cicatrizes graves. A criança girou dentro dela, e cada contração violenta provocava um grito de Leah que parecia rasgar o ar em dois.

Marta empalideceu. Seu olhar se voltou para a mãe de Ezra, Esther, que estava atrás da cabeceira. Ela usava uma bata longa e manchada de sangue e seu cabelo estava puxado para trás em um coque caído. Era a primeira vez que Immanuelle a via parecendo algo menos do que pura.

“Há quanto tempo ela está assim?”

“Dois dias.”

Immanuelle olhou para ela, atordoada. “Você a deixou trabalhar por **dois dias** sem pedir ajuda?”

“Médicos no Haven estavam ao lado dela—”

“Você deveria ter me chamado antes,” disse Martha, uma repreensão dura.

“Eu sei, mas estávamos apenas agindo sob as ordens do Profeta”, disse Esther, correndo para explicar. “Ele perguntou se poderíamos. . . **reter** informações sobre as circunstâncias da condição de Leah por mais algum tempo.”

Imediatamente, Immanuelle percebeu o porquê. Ele estava tentando manter o nascimento um segredo. Deixe Leah trabalhar silenciosamente, nos confins do Haven,

atendidos apenas por médicos pessoais do Profeta que prestaram juramento sagrado – sob pena de purgação – para servi-lo e guardar seus segredos. Ao reter essa informação, ele poderia eliminar os detalhes da ilegitimidade da criança e, mais importante, seu pecado. Dentro de alguns meses, ele anunciaria o nascimento da criança, e ninguém questionaria as circunstâncias que cercaram sua concepção. Tudo seria considerado certo e bem.

Martha contornou a mesa de parto e começou seu exame. Enquanto trabalhava, Esther passou um pano úmido na testa de Leah. Ela fez uma pausa para sussurrar algo em seu ouvido, e tudo o que ela disse foi o suficiente para fazer a garota sorrir em meio às lágrimas, mesmo que apenas por um momento. A mulher voltou-se para Martha, baixando a voz para um sussurro tão baixo que Immanuelle teve que ler seus lábios para entendê-la. “Chegamos tarde demais?”

A parteira não respondeu.

“Emanuela.” Os olhos inchados de Leah se abriram e ela estendeu a mão. “Por favor venha.”

“Estou aqui”, disse Immanuelle, avançando para levar sua amiga pela mão. “Eu estou bem aqui.”

Leah sorriu e algumas lágrimas escorreram por suas bochechas. “Eu sinto Muito. Sinto muito pelo que disse da última vez que te vi. Me perdoe. Por favor. Eu sinto muito.”

“Silêncio.” Immanuelle afastou uma mecha de cabelo do rosto. “Você não tem do que se desculpar.”

“Eu não quis dizer isso. Eu não quero ficar sozinho. Eu não... Uma contração violenta interrompeu suas palavras, e ela agarrou a mão de Immanuelle com tanta força que os nós dos dedos estalaram. “Não quero ficar sozinho.”

“Você não é. Estou aqui agora e não vou a lugar nenhum. Eu prometo.”

“Mas **eu** vou. Eu posso sentir isso—” O que quer que ela ia dizer morreu em um grito. Ficou claro para Immanuelle que ela não era ela mesma. Suas bochechas estavam coradas de febre, e quando seus olhos não estavam revirados para trás em sua cabeça, eles mostravam o mesmo frenesi que Glory tinha.

“É a febre,” Esther sussurrou, apoiando ambas as mãos nos ombros de Leah para mantê-la presa à cama. “Ela tem estado assim desde que seu trabalho de parto começou. Nenhuma enfermeira ou empregada pode acalmá-la.”

Martha arregaçou as mangas e lavou as mãos em uma bacia com água perto da janela. “Esse é o caminho da praga.”

“Vai machucar o filho dela?” Esther sussurrou, ao que Leah soltou outro longo gemido.

Martha lançou-lhe um olhar tão afiado que poderia ter murchado um carvalho árvore. Ester ficou em silêncio. A parteira caminhou para o lado de Leah e pressionou a mão na curva nua de sua barriga, seus dedos movendo-se sobre as contusões e estrias.

“O que é isso?” Leah perguntou, seus olhos selvagens. “O que é isso?”

Marta empalideceu. “Ela está morrendo.”

“Uma garota,” Leah disse, seus olhos revirando em sua cabeça. “É uma garotinha.”

“Temos que salvá-la.” Esther contornou a cama até onde Martha estava. “Ela é a filha do Profeta.”

Do outro canto da sala, uma velha avançou, apoiando-se na bengala. Agar — a primeira esposa do último profeta — ergueu a voz acima dos gritos de Lia. “Corte ela.”

Houve um silêncio absoluto. Até os gritos de Leah foram engolidos por isso. Algumas das noivas colocaram as mãos sobre a boca. O mais jovem entre eles correu para a porta.

Immanuelle ouviu sua própria voz ecoar pela sala.
“O que?”

O olhar de Hagar mudou para Martha. “Corte ela. Salve a criança. É a vontade do Pai.”

“Não”, disse Immanuelle, balançando a cabeça. “Você não pode fazer isso. Ela vai morrer.”

“Meu bebê,” Leah murmurou, fora de seus sentidos. “Eu posso ouvir seu batimento cardíaco.”

Immanuelle deu um passo à frente, pegando sua avó pela manga. “Marta, por favor...”

“Traga-me ligaduras”, disse a parteira, apertando os cadarços do avental, “e algo que ela possa mastigar. Um pouco de couro, até mesmo uma lasca de madeira lixada. Vamos precisar da tintura de papoula também, para a dor.

Seu olhar mudou para Immanuelle. “A criança vem em primeiro lugar. Não há outro caminho.”



OS SERVIÇOS TRANSPORTARAM Leah para outra sala, levantando-a sobre uma ampla mesa de carvalho que parecia um altar de madeira. Emanuelle ficou em

ombros de Leah, sussurrando histórias em seu ouvido como ela tinha feito para Honra e Glória.

"Vai ficar tudo bem", Immanuelle balbuciou, puxando um fio úmido de cabelo atrás da concha de sua orelha.

Para isso, Leah não disse nada. Ela se foi agora, perdida no estupor da tintura de papoula, que Martha havia administrado minutos antes.

Sua barriga machucada pulsava em uma série de contrações violentas, mas ela estava tão sedada que mal registrou a dor.

"Tire-a daqui," ela balbuciou. "Basta tirá-la de mim. Ela não consegue respirar. Não consigo respirar com ela lá dentro."

Martha entrou pelo corredor, as mãos ainda úmidas com a bebida com que se lavava. Seus olhos encontraram os de Immanuelle quando ela se aproximou da mesa, bisturi na mão. "Segure-a, se for a última coisa que você faz."

Immanuelle assentiu, apoiando as mãos em cada lado dos ombros de Leah.

"Isso vai doer", disse Martha, olhando para a garota, embora Immanuelle não tivesse certeza de que Leah - drogada e bêbada da febre da praga - fosse capaz de ouvi-la, "e vai doer terrivelmente, talvez pior. do que qualquer coisa que você sentiu antes. Mas você deve ficar quieto e forte por sua filha, ou ela morrerá.

A cabeça de Leah rolou para o lado. "Tire ela. Apenas tire ela de mim."

Martha baixou o bisturi até o quadril, logo abaixo da protuberância do bebê. Ela cortou fundo e firme, Leah gemendo com os dentes cerrados enquanto trabalhava a lâmina.

Quando ela empinou e lutou, Immanuelle jogou seu peso contra seus ombros, forçando-a a se sentar na mesa. Em frente a ela, Esther prendeu suas pernas e algumas das outras garotas avançaram, agarrando seus braços para segurá-la com força.

Durante todo o tempo, Martha trabalhou com estóica eficiência — mãos e antebraços ensanguentados, bochechas brilhando de suor. Immanuelle queria fechar os olhos e tapar os ouvidos, proteger-se dos gritos que ecoavam pela sala, mas tudo o que ela podia fazer era assistir enquanto a parteira cavava o ferimento cada vez mais largo até que se abrisse como um sorriso sangrento.

Lia se interessou. "***Tire ela de mim!***"

Mostrando os dentes, Martha arrastou o bebê pelo ferimento e para a luz quente da lareira, a corda escorregadia de seu cordão umbilical deslizando atrás dela como uma víbora.

Leah desabou na mesa, exausta, e Immanuelle mudou de atrás dela para Martha, que estava embalando a criança, olhos arregalados, boca aberta.

— Ela não tem nome — sussurrou Martha, as mãos estremeando ao redor da cabeça da criança com tanta violência que Immanuelle temeu deixá-la cair. “Ela não tem nome.”

Com o coração batendo na garganta, Immanuelle olhou por cima das dobras do cobertor. A criança era pequena e rosa, e seus olhos estavam arregalados, íris de um azul brilhante. Ela parecia um bebê normal e saudável, exceto pela pequena covinha que formava seu lábio superior.

Immanuelle estendeu a mão, e o bebê a agarrou pelo dedo, arrulhando um pouco enquanto ela olhava para ela.

Leah gemeu, lágrimas frescas rolando por suas bochechas. O escuro poça entre suas pernas se esticou cada vez mais.

“Não,” Emanuelle sussurrou. “Ela não está morta. Ela está respirando. Ela está bem.”

Martha começou a empurrar a criança nos braços de Hagar, mas ela recusou, batendo a bengala nas tábuas do piso enquanto ela se encostava na parede. “É amaldiçoado.”

“Eu vou segurá-la”, disse Immanuelle, dando um passo à frente para pegar a criança. Ela embalou a garota sem nome contra seu peito, protegendo-a dos olhares errantes das garotas de Haven e servos que se reuniram para ficar boquiabertos.

Do outro lado da sala, Martha trabalhava fervorosamente na mesa, suas mãos tremendo enquanto ela perfurou a ferida de Leah, lutando para suturar, para impedir que o sangue fluísse.

“Não a deixe ver,” Esther murmurou do outro lado da sala, enxugando a testa de Leah com uma compressa fria.

Então Immanuelle manteve distância, segurando aquela criança contra o peito nas sombras da lareira, tentando em vão acalmá-la. Foi só quando Hagar, apoiando-se em sua bengala, sussurrou, “Cinzas em cinzas”, que ela ergueu o olhar para a mesa novamente, e viu Leah esparramada - mole e sem fôlego - seus olhos vidrados fixos no teto.

Immanuelle agarrou a criança mais perto. “Não. Ela não é, ela é. . . ?”

“Morto.” A palavra ecoou pela sala enquanto Martha se afastava da mesa. Ela ergueu os olhos para Immanuelle, e lágrimas rolaram por suas bochechas. “Ela está morta.”

Immanuelle não se lembrava de quem tirou a criança de seus braços. Ela não se lembrava de atravessar os corredores ou fugir do Haven.

Ela só voltou a si quando uma rajada fria de ar noturno atingiu seu rosto como um tapa.

De repente, ela estava de joelhos engasgando e ofegante, seu corpo inteiro arfava como se a praga a enfurecesse também. As lágrimas se seguiram e grandes soluços a atormentaram, arrancando o ar de seus pulmões.

Immanuelle não sabia quanto tempo ela ficou agachada ali - chorando nas sombras - mas ela se lembrava de ter visto o topo das botas de Ezra quando ele desceu as escadas e sentiu o cheiro dele quando ele passou um braço em volta dos ombros dela e a puxou para perto de si. peito.

Ele a segurou enquanto ela chorava, seu rosto enterrado nas dobras de sua camisa, agarrando suas mãos como se sua carne e ossos fossem sua única corrente para o mundo – e talvez, naquele momento, eles fossem.

"Você vai ficar bem", ele murmurou em seu cabelo, de novo e de novo, como uma oração. E quando ele disse isso, ela começou a acreditar nele, começou a acreditar que qualquer mal que tivesse caído sobre a terra, ela sobreviveria. Afinal, a maldição foi criada dela. Ela era isso, e era ela. O pecado e a salvação, a peste e os expurgos, todos unidos em um corpo por uma barganha de sangue.

Sim, Ezra estava certo; ela ficaria bem. Ela assistiria toda Bethel queimar sem sofrer um arranhão porque Lilith e sua legião não tinham interesse em prejudicar seu salvador, o portador da maldição, a alma das próprias pragas.

Ela tinha sido usada, traída por sua mãe, vendida para as bruxas. E agora - como se seu destino não fosse cruel o suficiente - ela assistiria em sofrimento silencioso enquanto tudo o que ela amava e cuidava era eviscerado, massacrado e despedaçado. Então, uma vez que as pragas finalmente terminassem, ela permaneceria, uma sobrevivente solitária em meio aos ossos e cinzas.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Estou com você até o fim.

—DANIEL WARD

LEAH QUEIMOU QUATRO dias depois. Como esposa do Profeta, ela teve uma pequena cerimônia e uma pira própria. Em volta das chamas estava uma multidão de pessoas enlutadas, composta principalmente por parentes de Leah, que vieram da aldeia para a ocasião, e algumas das esposas que ousaram se aventurar a descer do Refúgio do Profeta. A mãe de Ezra, Esther, estava entre eles. A maioria dos enlutados ficou bem longe das chamas com panos molhados pressionados na boca, com medo de pegar a praga das cinzas.

“São sempre os gentis que guardam segredos”, disse Martha, apertando os olhos para a luz do fogo. “Sempre os gentis que melhor escondem seus pecados.”

As toras da pira se moveram, e um jato de brasas invadiu o ar espesso de fumaça.

“Leah não pecou,” disse Immanuelle. “Pegamos o que queríamos dela, arrancamos de sua barriga e depois a vimos morrer.”

Ela esperou pela réplica de Martha — uma bronca, um tapa na cara — mas o silêncio foi tudo o que ela se dignou a oferecer. E o silêncio era pior.

Immanuelle voltou o olhar para a pira. Através do sangrento brilho das chamas, ela trancou os olhos com o Profeta. Ele ficou entre seus apóstolos, vendo sua noiva queimar. Seus olhos, como os de Martha, estavam mortos.

Algo se estabeleceu profundamente dentro de Immanuelle. Levou um momento para ela reconhecer o sentimento. Não eram as chamas da raiva alimentadas, ou os espasmos frios da dor. Não, isso era algo sombrio e silencioso. . . algo sinistro.

Fúria.

Afinal, foi ele quem colocou Leah naquela pira. Se ele não tivesse cobiçado por ela quando ela era tão jovem — apenas uma garota fazendo sua penitência no Haven — se ele não tivesse se permitido acovardar sua própria depravação doentia, então ela nunca teria engravidado antes de cortar. Nem teria sido forçada a guardar um segredo tão horrível. Se o Profeta não estivesse tentando cobrir seu próprio pecado, eles teriam

procurou a ajuda de Martha muito antes, e se eles tivessem feito isso, então talvez, apenas talvez, Leah estivesse viva hoje. Mas em vez disso, ele a deixou sangrar, a deixou sofrer por seu pecado. Mas a culpa não terminou com ele.

Não.

Essa foi a grande vergonha de Betel: complacência e cumplicidade que foram responsáveis pela morte de gerações de meninas. Foi a doença que colocou o orgulho dos homens diante dos inocentes que juraram proteger. Era uma estrutura que explorava os mais fracos em benefício dos nascidos no poder.

Isso fez Immanuelle querer gritar. A fez querer cair para ela joelhos e esculpir a terra com sigilos e maldições e a promessa de pragas. Isso a fez querer destruir a catedral, tijolo por tijolo. Queimar as capelas e o Porto, os grandes solares dos apóstolos, incendiar os pastos e as quintas. Sua raiva era tal que ela sentiu que nunca seria saciada a menos que Betel fosse posta de joelhos. E isso a assustou.

Immanuelle caminhou, seguindo o passo dos outros enlutados que circundou os arredores do fogo. Ezra não ofereceu suas condolências enquanto caminhava ao lado dela. Ele não disse nada, e por um tempo eles apenas caminharam em silêncio, ombro a ombro, parando a cada poucos momentos para observar as chamas. Immanuelle estava ciente dos olhares que os seguiam enquanto andavam. Martha os rastreou do outro lado da pira. A alguns passos dela, o Profeta e sua ninhada de apóstolos observavam.

Deixe-os falar, Immanuelle pensou consigo mesma. No final, não faria diferença, e ela tinha certeza de que o fim estava chegando rapidamente. Suas tentativas de quebrar a maldição falharam. Suas orações ao Pai ficaram sem resposta. Eles não tinham nada agora; não havia ninguém para salvá-los, e nenhuma maneira de manter as próximas pragas afastadas. Logo a escuridão cairia sobre eles, e depois da escuridão — a matança. E às vezes ela pensava que, à luz de tudo — as mentiras, os segredos, os assassinatos, o pecado — a matança era exatamente o que eles mereciam.

Mas isso era apenas sua raiva falando. Essa foi apenas a dor.

Betel não merecia isso, assim como não merecia ser um recipiente dessas pragas. Ainda havia inocentes vivendo dentro de suas fronteiras – Glória, Honra, o povo da periferia, homens e mulheres que não tinham escolha em seu destino. Foi para eles que Immanuelle teve que encontrar uma resposta para essas pragas, uma maneira de detê-las. E ela tinha

passou os dias após a morte de Leah procurando exatamente isso, sabendo que se ela falhasse, Betel pagaria um preço alto.

O que ela precisava era de alguém a quem recorrer, uma autoridade no ofício das trevas e nos costumes das bruxas. Alguém que entendia o Darkwood e o segredo para conter seu poder. Uma pessoa que sabia o que Miriam tinha feito e tinha uma ideia de como quebrar a maldição que ela lançou tantos anos atrás. Ela precisava de uma bruxa ou, no mínimo, de um informante que percorresse um caminho semelhante. E do jeito que Immanuelle viu, só restava uma pessoa a quem recorrer: sua avó Vera Ward.

Ela era o verdadeiro laço entre Miriam e os poderes das trevas. Os mesmos sigilos rabiscados nas páginas do diário de sua mãe e as paredes da cabana na floresta foram esculpidas nas pedras fundamentais da casa de Vera. Estava claro para Immanuelle, dado o caminho à beira da terra de Ward, que foi Vera quem primeiro levou Miriam à cabana para o santuário. Vera que a viu durante o inverno. E, talvez, foi Vera quem primeiro apresentou a Miriam o poder das pragas. Afinal, onde mais a filha rebelde de um apóstolo teria tropeçado em tal maldade? Como ela teria descoberto os caminhos das bruxas se não através de Vera, uma bruxa conhecida?

Por isso Immanuelle precisava encontrar sua avó, descobrir se ela sabia como parar as pragas que ela tinha sido cúmplice na criação. Porque se alguém sabia o que Miriam tinha feito na floresta tantos anos atrás, ou como impedir, Immanuelle sabia que devia ser ela.

Mas para encontrar Vera antes da próxima praga, ela precisaria sair de Betel e fazê-lo logo. Uma pequena parte dela se perguntou se sua partida foi o melhor. Talvez se ela partisse, os horrores das pragas iriam com ela e tudo voltaria a ser como deveria ser. Betel seria salva.

Mas algo lhe dizia que Lilith, com todo o seu poder e anos de sabedoria, não seria frustrada tão facilmente. As pragas pretendiam destruir Betel, e um passeio pelo Portão Sagrado não seria suficiente para acabar com elas. Ela teria que encontrar outra maneira.

Do outro lado do fogo, o Profeta se separou da multidão de seus apóstolos e começou a andar sozinho, atravessando a multidão. Mas seu olhar não estava nas chamas.

Foi em Emanuelle.

No dia de sua confissão, o Profeta a advertiu que o Pai estava sempre observando, mas parecia que Ele não era o único. Sempre que ela estava perto, o olhar do Profeta caía sobre ela. Na catedral, ele a seguiu pelos bancos. Durante seus sermões de sábado, ela costumava sentir como se ele estivesse pregando apenas para ela. Mesmo quando ela estava na privacidade de seu quarto, quando a noite estava escura e a casa estava quieta, sua presença parecia assombrá-la.

Immanuelle andou um pouco mais rápido, baixando a voz para um sussurro. "Como está o bebê de Leah? Não ouvi nenhuma palavra dela desde a noite em que ela nasceu.

"Ela está viva," Ezra murmurou, como se isso fosse o máximo que pudesse ser dito por ela.

"Ela está em perigo?" Immanuelle perguntou, pensando naquela noite miserável quando Martha anunciou que a criança não tinha nome. Ela estava praticamente amaldiçoada. "Eles vão machucá-la?"

Ezra demorou para responder. Quando ele falou, sua voz era tão baixa que ela mal podia ouvi-lo acima do rugido das chamas. "Não. Eu não vou deixá-los. Ela está segura.

"Boa."

"Você deveria vir ao Haven para visitá-la. Em poucos dias, uma vez as multidões enlutadas foram embora. Leah teria querido isso.

Emanuelle balançou a cabeça. "Tenho medo de não conseguir."

Ele parou. "Por que?"

"Porque estou indo embora, Ezra. . . e eu preciso de sua ajuda para fazê-lo."

"Não entendo."

Immanuelle passou a mão pelos cachos e olhou através das chamas para o Profeta e seus apóstolos. Se a verdade vazasse, se eles soubessem o que ela era, eles a mandariam para uma pira como a que queimava na frente dela. E, no entanto, apesar disso, ela se viu querendo confessar, quase desesperada. Seus segredos pareciam corroê-la, e naquele momento, mais do que qualquer outra coisa, ela queria se livrar deles – se apenas assim ela se sentisse um pouco menos sozinha.

Quando ela finalmente falou, foi em um sussurro baixo, sufocado pelas lágrimas, tão estrangulado e estranho que, a princípio, ela confundiu sua voz com a de outra pessoa. "Eu causei as maldições. As pragas são minha culpa."

"Do que você está falando?" Ezra perguntou bruscamente.

"Eu não tenho certeza se você quer saber, e mesmo que você queira, eu não tenho certeza se posso fazer você entender."

"Experimentar."

Ela finalmente encontrou sua voz. "Semanas atrás, eu te disse que tinha despertado as maldições. Na época eu achava que era verdade, mas me enganei. Eu não despertei as maldições. Eu **sou** a maldição."

"Não entendo."

"Minha mãe fez algo indescritível na Darkwood, anos atrás. Ela fez um acordo com as bruxas, me prendeu à sua magia. Ela me fez um vaso das pragas. É por isso que eu tenho que ir."

"Você é . . . **deixando** Betel?" ele exigiu, e Immanuelle encontrou era quase cativante que ele parecesse mais abalado com a notícia de sua partida do que com sua confissão sobre as pragas.

Ela assentiu. "A mulher do meu arquivo do censo – Vera Ward, aquela com a marca de bruxa – ela mora em uma vila chamada Ishmel ao norte do portão. Acho que foi ela quem abrigou minha mãe durante os meses que passou no deserto."

"Como você sabe disso?"

"Dias atrás eu fui para a periferia. Enquanto eu estava lá, descobri um caminho na borda de sua propriedade, a poucos metros de sua casa. Isso me levou a uma cabana na floresta, a mesma que minha mãe falou em seu diário."

Ezra refletiu por um momento, olhando para seus sapatos. "E você é certa que esta mulher, sua avó, tem uma conexão com as pragas?"

Emanuelle assentiu. "Você viu a marca pelo nome dela no censo. E eu sei que ela praticou o ofício das trevas. As pessoas nos arredores dizem que ela era uma bruxa de verdade, mas ela fugiu de Betel antes que seu pai tivesse a chance de queimá-la. Acho que foi ela quem ensinou à minha mãe os costumes das bruxas. Então, se eu puder encontrá-la..."

"Você pode encontrar uma maneira de parar as pragas que sua mãe lançou. O pragas ela ligou a você."

"Precisamente."

Ezra ficou quieto por um momento, revirando essas ideias em sua cabeça. "Os mandados passam pelos guardas do portão. Eu teria que abordá-los com a proposta, com dias de antecedência. Se eu colocar o mandado nas mãos certas, há uma chance de eu conseguir mantê-lo longe do meu pai."

"E quando o mandado está em suas mãos, o que acontece então?"

"Então os guardas têm a obrigação legal de abrir o portão para vocês. A única maneira que poderia ser frustrada é se meu pai assinasse um

mandado de anulação do meu. Mas ele não pode fazer isso se não souber que o mandado existe.”

“Então você está dizendo que pode fazer isso? Você pode me fazer passar pelo portão?”

“Estou dizendo que posso tirar você **de** Betel. Mas voltando. . .”

"Eu sei", disse Immanuelle, assentindo. As leis de Betel eram implacáveis.

Aqueles que desafiaram o Santo Protocolo ao sair ilegalmente foram considerados estrangeiros hostis. Se o mandado de Ezra fosse revogado, ou pior ainda, anulado, após sua partida, ela nunca mais teria permissão para voltar. “Eu entendo as repercussões da minha escolha de ir.

Assim que eu sair de Betel, o que acontece comigo não é sua responsabilidade. Tudo o que peço é que você me faça passar pelo Portão Sagrado.”

“Por que você deveria ir? Você não pediu nada disso.”

“As pragas nasceram através de mim e por isso são meu fardo para carregar, de mais ninguém. Você não escolheu ser Profeta, mas você tem a Visão do mesmo jeito.”

"Isso é diferente."

"Não, não é. As pragas estão em mim como a Visão está em você. É meu pecado para expiar. Eu sou o responsável por consertar isso.”

“Então fique. Podemos consertar as coisas juntos. Entre nós dois encontraremos um caminho.”

Immanuelle balançou a cabeça, observando as chamas passarem Os ossos de Leah. “A melhor coisa que posso fazer por Betel é deixá-la.”

“E se tudo for inútil?” Ezra perguntou, colocando palavras na pergunta que ela estava com muito medo de fazer. “E se você não conseguir encontrar seus parentes? Ou se você fizer isso e ela não tiver como parar as pragas? O que então? Você estará sozinho lá fora.”

“Já estou sozinho.”

A dor nos olhos de Ezra era inconfundível. "Isso não é verdade."

"Ouça-me", disse Immanuelle, baixando a voz. "Você vai ser o Profeta em breve, e como Profeta você não pode continuar desafiando o Protocolo para me proteger.”

"Por que não?"

“As Sagradas Escrituras não permitem isso. Você não entende? Pelas leis da Igreja, eu deveria estar queimando agora.”

“Malditas as Escrituras. Eu vou fazer o que eu quiser.”

“Esse foi o caminho que seu pai seguiu, e veja no que deu.” Immanuelle jogou a mão para a pira, para o cadáver em chamas de Leah. “Você não pode se permitir governar impunemente como ele fez.”

“Isso não é sobre ele,” Ezra retrucou, realmente zangado agora. “Você disse isso você mesmo, semanas atrás, ele está morrendo. Em breve, seus ossos serão trancados em uma cripta como o resto dos profetas que vieram antes dele. Então qual diferença faz? O rebanho, os apóstolos, o Profeta e sua Guarda. Deixe que as pragas venham e separem todos eles, e então quando tudo acabar – quando eles estiverem queimando em suas próprias piras ou apodrecendo no chão – você estará seguro.”

“Você não pode prometer minha segurança. Não há como nos redirmos da realidade. Betel não vai mudar, Ezra. As piras continuarão queimando, não importa o que façamos; Eu sei disso agora. Mais meninas vão morrer. Mais apóstolos se levantarão. Mais julgamentos serão realizados...”

Ezra balançou a cabeça. “Um profeta não pode ser julgado. E nem você poderia, se você leva meu nome.”

Ela levou um momento para compreender completamente a declaração. Ele jogou a oferta aos pés dela tão casualmente, como se estivesse apenas convidando-a para um passeio à tarde. “O que você está tentando dizer?”

“Você poderia ser a Primeira Noiva, com todas as concessões que acompanham o título. Você poderia pegar a filha de Leah, criá-la no Haven do jeito que você quiser. Você estaria seguro.”

Qualquer outra garota em Betel teria chorado de alegria com a oferta, teria aproveitado a chance de ficar ao lado de Ezra como sua esposa e companheira de vida. Não foi nada menos que um sonho. Ou pelo menos deveria ter sido. Mas tudo em que Immanuelle conseguia pensar era em sua mãe. Essa vida – uma vida ligada ao Profeta, à Igreja e ao Refúgio – foi o que a forçou a fugir para a Floresta Negra em primeiro lugar.

“Então, você me cortaria?” Immanuelle perguntou, mal respirando.
“Você me faria esticar sobre o altar da catedral como um cordeiro para eviscerar? Você espera que eu fique sentado naquela prisão, manso e quieto e cuidando da minha língua? E fazer o que? Rezar?
Lamentar? Tenho pena de mim mesma para passar o tempo, enquanto as pragas se enfurecem e devastam tudo em seu caminho?”

“Poderíamos construir outra casa”, disse Ezra. “Em algum lugar seguro, longe da Darkwood. Teríamos os meios.”

“Teremos sorte se tivermos cinzas e cinzas até o fim dessas pragas. Ou você esqueceu o que você já viu? O sangue?
A praga? Cada maldição é pior que a anterior. Não é hora para sonhos.”

“E esse sonho é um destino tão terrível? Estou lhe dizendo que posso protegê-la, aqui em Betel, se você me deixar. Eu juro, pela minha vida.”

Immanuelle considerou por um momento, imaginou o futuro que teria se escolhesse ficar ao lado de Ezra. A dela seria uma vida elegante — cheia de boa comida e vestidos elegantes e o tipo de prazeres gentis com os quais ela sonhara quando menina. Ela seria a esposa de um profeta, sua **primeira** esposa. Ela nunca seria ridicularizada ou desprezada. Nunca seja feito para ficar sozinho.

Mas quanto mais ela pensava no pensamento, mais ela percebia a loucura disso. Se ela ficasse, não haveria bondade ou misericórdia, nem Betel. As pragas destruiriam tudo.

“Eu não quero sua proteção”, disse Immanuelle, e ela pegou ele pela mão. Foi então que ela percebeu que eles tinham cicatrizes iguais — a dele na mão direita, a dela na esquerda — ambas as marcas cortando suas linhas de vida. “Eu quero que você me ajude a consertar isso antes que as pragas destruam tudo. Ainda há tempo se você puder me fazer passar pelo portão.

Ezra olhou para sua mão na dela. Ele encaixou os dedos nos espaços entre os dela.

“Por favor, Ezra, enquanto ainda há tempo. Forje-me um mandado com seu selo. Leve-me através do Portão Sagrado. O destino de Betel depende disso.”

Ela esperou que ele a recusasse, se preparou para o golpe. Mas então, com um aceno sombrio: “Para você, e apenas você, eu vou fazer isso.”



CAPÍTULO VINTE E OITO

estou com criança. Eu sei que eles a tirariam de mim, como fizeram com ele. Mas eu não vou deixá-los. Eu morreria antes de fazer isso.

—MIRIAM MOORE

IMMANUELLE SENTOU-SE NA BEIRA DA cama de Honor, olhando pela janela para o trecho negro do Darkwood. Três dias se passaram desde que o corpo de Leah foi queimado na pira de purga. Três dias desde que Ezra concordou em garantir o mandado, ela precisaria passar pelo Portão Sagrado.

Nesse tempo, Immanuelle reuniu as provisões que ela precisava para a necessidade de sua viagem e se preparou para se despedir. Ela resolveu ir e estava pronta para isso. Ela não sabia o que a selva continha, ou o que a enfrentava além do portão, mas ela sabia que encontraria seu caminho.

Immanuelle passou os dedos pelo cabelo de Honor, e sua ferida olhou se abriu. Ela acordou pela primeira vez desde que a doença a atingiu apenas alguns dias antes, embora ela não tivesse dito mais do que duas palavras desde então.

Embora Glory agora mancasse pelos corredores e se juntasse à família para jantar em seus melhores dias, Honor ainda estava confinada à cama. Às vezes ela tremia; outras vezes ela chorava abertamente, como se a doença tivesse tirado algo dela e ela estivesse sofrendo.

Naquela noite, Immanuelle jantou com os Moore pela última vez. Ela notou cada detalhe, querendo se lembrar de tudo. A maneira como Abram deu uma tragada no cachimbo entre as mordidas. As covinhas nas bochechas de Anna quando ela sorriu para Glory. O cinza que se enroscava no cabelo de Martha, pálido como prata fiada.

Depois que a refeição terminou e os pratos lavados, Immanuelle foi para seu quarto, onde embalou os últimos itens que precisaria em sua jornada. Ela acolchoou o fundo de sua mochila com cobertores, grata pelo calor do verão que a pouparia por um tempo. Além dos cobertores, ela embalou um saco de cobre e comida – frutas secas, carne seca, quadrados pálidos de tachinha.

Uma vez que Immanuelle terminou de fazer as malas, ela jogou sua capa sobre o

ombros e desceu as escadas, abrindo caminho pela sala e entrando na cozinha.

"Você está acordado até tarde."

Immanuelle parou ao ouvir a voz de Martha. Dela a avó estava na frente da janela, as mãos enterradas nos bolsos da saia, a cabeça inclinada sobre o ombro, as bochechas banhadas pela lua. Ela se virou para encarar Immanuelle, pegando sua capa e botas, a mochila pendurada no ombro. Ela acenou com a cabeça em direção ao relógio na parede acima da pia.

"É quase a hora das bruxas", disse Martha, e um sorriso amargo tocou seus lábios. "Talvez seja assim que o Profeta deveria ter chamado este ano miserável. É mais apropriado, não acha? O Ano da Bruxaria."

A mão de Immanuelle apertou a alça de sua mochila. "EU quero que você saiba que estou indo embora. Antes que a próxima praga venha."

A mulher mais velha parecia menos zangada do que cansada. Seu olhar se voltou para a janela novamente. "Volte para a cama, Emanuelle."

"Não."

Com isso, Martha virou-se para encará-la. Immanuelle se preparou para uma bronca ou mesmo um tapa na bochecha, mas ela simplesmente perguntou: "O que há na sua bolsa?"

Immanuelle inclinou o queixo, tentando parecer firme quando tudo o que sentia era medo. "Provisões para a estrada."

Sua avó se aproximou, seus pés descalços arrastando as tábuas do assoalho enquanto ela se aproximava. "Deixe-me ver."

Immanuelle deu um passo para trás. "Não."

Martha não perguntou novamente. Ela atacou, arrancando a bolsa do ombro de Immanuelle. Por um momento eles brigaram, cada um deles segurando uma alça, mas Martha prevaleceu, arrancando a bolsa das mãos de Immanuelle com tanta força que ela saltou para frente e caiu nos armários.

Ela vasculhou seu conteúdo por alguns momentos em silêncio, suas sobrancelhas cinzentas franzidas em uma carranca. Ela removeu o livro de poesia primeiro, deu uma olhada na primeira página — localizando o selo sagrado no canto — e depois o fechou novamente. Então ela retirou o diário de Miriam, e Immanuelle viu o reconhecimento piscar em seus olhos como uma vela acesa. Enquanto Martha lia as palavras de sua filha — estudava seus desenhos — seus olhos se estreitaram, depois se encheram de lágrimas. "Como você chegou a esses livros? Me responda. Agora."

“Os livros foram presentes”, disse Immanuelle, escolhendo cada palavra com cuidado. “Ambos pertencem a mim, e eu gostaria deles de volta, se você fizer a gentileza.”

“Gentil? Você me pede para ser gentil quando guarda segredos como esse? Martha exigiu, sacudindo o diário de Miriam tão violentamente que algumas páginas se soltaram da encadernação e caíram no chão. “Isso é uma traição sagrada. Os homens morreram por menos.”

Emanuelle não negou. Não faria diferença de qualquer maneira. Ela simplesmente estendeu a mão. “Minha bolsa, por favor.”

Martha se virou, enfiou o diário de volta na mochila e o atirou contra a porta com tanta força que foi uma maravilha que todos os Moore na casa não acordassem com o som. Moedas e migalhas espalhadas pelo chão. Alguns papéis voaram.

Quando Martha voltou a falar, foi em um sussurro áspero. “Eu arrastei você do ventre da minha filha. Chamei seu nome dos céus e o prendi a você. Eu teria amamentado você em meu próprio peito se pudesse. E é assim que você me paga? Com mentiras e enganos? Com bruxaria e traição? Abandonando sua família na calada da noite, saindo de casa como um ladrão, sem nem mesmo uma despedida? Eu não te criei para repetir os pecados de sua mãe, ou para morrer na pira como seu pai.”

As palavras atingiram Immanuelle como um tapa, mas ela não disse nada, não fez nada além de se abaixar para recolher as moedas e papéis espalhados. Depois de recolher o último de seus pertences, ela se levantou e encarou Martha. “Eu sei que não sou a neta que você queria ou a garota que você me criou para ser. Se eu fosse listar meus pecados, estaríamos acordados metade da noite, e eu sinto muito por isso. Se eu pudesse ter sido melhor para você, eu teria feito. Mas acredite em mim quando digo que não posso ser o que você quer que eu seja. Estou saindo agora para manter as pessoas seguras.”

“Não há segurança no pecado, Emanuelle. Só desespero.”

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Immanuelle, depois outra. Ela não se incomodou em limpá-los. “Eu sei.”

“Sua mãe disse uma vez coisas semelhantes. No dia em que a encontrei nos braços daquele miserável menino de fazenda na floresta, ela disse que sabia, que entendia. Mas ela não o fez. Você vê o que aconteceu com ela, por causa de seu pecado e egoísmo.”

“Eu não sou minha mãe. Eu nunca fui minha mãe.”

“Não, mas você é filha dela. Você é mais parecida com ela do que qualquer outra pessoa, apesar de todas as minhas orações e esforços, tudo o que fiz para

impedi-lo de compartilhar seu destino. Eu vejo isso agora. Fui tolo em pensar que poderia ser de outra maneira.”

Immanuelle deu meio passo em direção a ela. “Martha—”

“Não.” A mulher levantou a mão, recuando como se temesse Immanuelle iria atacá-la e atacá-la. “Você fez sua escolha. Mas saiba que se você for hoje à noite, não há como voltar. Uma vez que você sai por aquela porta para a escuridão, está feito. Nada de voltar para casa.”

Immanuelle limpou o nariz na manga, tentando se recompor.

Ela mal podia ver Martha em meio às lágrimas. “Eu não queria te decepcionar.” Sua voz quebrou nas palavras. “Eu queria mais do que tudo deixá-la orgulhosa, mas agora eu sei que não era para fazer isso, e eu sinto muito. Eu sinto muito.”

Martha não disse nada, mas quando Immanuelle se virou para a porta, um O soluço saiu dos lábios da mulher, e ela levou a mão à boca em uma vã tentativa de abafá-lo.

Naquele momento – vendo Martha chorar – Immanuelle quase quebrou. Ela queria largar sua mochila ali mesmo, arrepende-se de seus pecados, estripar um carneiro no próximo sábado para expiar. Talvez fosse o suficiente. Talvez as pragas passassem e ela pudesse começar de novo, voltar à vida que levava antes.

Talvez não fosse tarde demais.

Mas então ela pensou em seu pesadelo – a matança da igreja, cadáveres espalhados pelos corredores e caídos nos bancos, seus entes queridos entre os mortos. Se ela ficasse, ela perderia suas vidas, e as vidas de inúmeros outros.

Ela não poderia fazer isso, não por um sonho que morreu no dia Miriam gravou seu nome nas paredes daquela cabana.

E assim, sem outra palavra, Immanuelle deu as costas a Martha — a tudo o que ela conhecia — abriu a porta e desapareceu na noite.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Com a escuridão vem o pecado.
— *DOS ESCRITOS DO PROFETA* ENEQUE

IMMANUELLE FUGI ATRAVÉS das planícies, correndo pela noite, encontrando seu caminho através das Clareiras à luz das piras de purificação. Ela e Ezra concordaram em se encontrar no portão do Haven, a meio caminho da vila propriamente dita, ao longo da estrada principal. Ela apertou a mão ao seu lado enquanto corria, ofegante por cada respiração, seus pulmões queimando com a fumaça da pira. Mas ela continuou, correndo através da dor, através do preto que parecia engrossar a cada passo.

Demorou menos de uma hora para Immanuelle chegar ao portão do Haven. Ezra estava esperando por ela ao lado de sua carroça, que estava atrelada a um corcel escuro e carregada de suprimentos.

"Eu só precisava do mandado", disse Immanuelle, atordoada com sua generosidade. "Você não precisava fornecer tudo isso."

"Claro que sim. Fazer você passar pelo portão não significará muito se você não tem os suprimentos necessários para sobreviver na selva além dela. Agora, vamos, devemos estar a caminho antes das patrulhas da Guarda do Profeta. Do jeito que está, nós dois temos mandados para passar pelo portão, mas se meu pai descobrir nossos planos de fuga e revogá-los, teremos mais problemas do que o suficiente.

Immanuelle fez uma pausa, notando pela primeira vez que Ezra usava uma mochila como a dela nas costas. "Espere, nós?"

Ele assentiu. "Eu forjei mandados para nós dois. As selvas são perigosas demais para serem atravessadas sozinhas." Ele deu um tapinha no pescoço de seu cavalo, e ele deu um relincho áspero. "Eu vou te levar até onde você precisa ir."

"Mas você vai ser o Profeta algum dia. Esta é sua casa, seu rebanho..."

"É por isso que eu preciso ver que você chega à sua avó. Como herdeiro do Profeta, tenho tanta responsabilidade de acabar com isso quanto você. A partir de agora, o que fazemos, fazemos juntos."

"Você já fez mais do que o suficiente. Você não precisa deixar tudo para trás."

Ezra apertou a mandíbula. — Semanas atrás, prometi ajudá-lo a proteger aqueles que não podiam se proteger. Então eu vou com você para encontrar

uma maneira de acabar com essas pragas. Goste você ou não."

E assim, os dois começaram a descer o longo caminho para a aldeia. Ezra instigou seu cavalo a avançar, e Immanuelle notou que suas mãos estavam tão apertadas em torno das rédeas que os nós dos dedos estavam brancos como osso. Immanuelle estava sentada ao lado dele, vestida com uma capa de lã escura que Ezra havia emprestado a ela, o capuz baixo sobre a testa para esconder o rosto daqueles por quem passavam à noite.

Estavam a meio caminho da aldeia quando o sino da catedral tocou.

Immanuelle virou-se em seu assento, esforçando-se para ver através da Trevas. "Você ouviu isso?"

Ezra assentiu, alcançando a parte de trás da carroça para pegar algo.

"Você acha que isso é para nós?" perguntou Emmanuelle. "Você acha que eles estão procurando?"

"Se eles estiverem," disse Ezra, virando-se para a estrada novamente, agora com seu rifle na mão, "eles vão se arrepender."

O som dos sinos ficou mais alto, os pedágios soando no ritmo do coração acelerado de Immanuelle. "Esdras. Você não pode estar falando sério. Nós não podemos—"

Ezra estalou as rédeas, levando o cavalo a um galope completo. Ele gritou acima do trovão dos cascos batendo. "Prometi a você que passaria pelo portão, e pretendo manter essa promessa."

A floresta borrou ao lado deles, sombras se espalhando enquanto o cavalo ganhava velocidade. Ezra olhou por cima do ombro e praguejou. "Droga."

Immanuelle virou-se, seguindo o caminho de seu olhar para duas luzes que balançavam no escuro atrás deles.

Cavaleiros. A Guarda do Profeta.

A verdade a atingiu: **Martha.**

Ela tinha visto Immanuelle sair, e havia um posto da Guarda nos Subúrbios a apenas dez minutos da estrada a cavalo. Ela deve ter ido até eles, deve ter convocado a Guarda do Profeta para arrastá-la de volta. Martha a havia traído, e agora que a Igreja sabia o que Emanuelle havia feito, a Guarda iria caçá-la até os confins da terra para puni-la por isso. Não haveria misericórdia.

"Espero que você tenha feito suas orações", disse Ezra, gritando acima do vento. "Porque nós dois teremos pecados para expiar quando a noite acabar. Aqui." Ele deslizou as rédeas em suas mãos, e Immanuelle teve que apoiar os pés contra o fundo da carroça só para evitar ser arrancada do banco. Ezra subiu na traseira da carroça,

rifle na mão. “Mantenha as rédeas firmes, mas mantenha o cavalo correndo. Não o deixe desacelerar.”

“O que você está fazendo?” perguntou Emmanuelle. As rédeas esfolaram tanto suas palmas que ela temeu que sangrassem. No escuro atrás deles, as luzes brilhavam mais fortes, maiores, e Immanuelle podia distinguir a forma de um cavaleiro solitário correndo atrás deles.

Ezra ergueu seu rifle, fechando um olho enquanto olhava para baixo barril. Ele encaixou o dedo sobre o gatilho. “Comprar tempo.”

O que aconteceu a seguir passou em vislumbres. Um cavaleiro emergiu do negro, encapuzado, sua adaga sagrada batendo contra seu peito enquanto seu cavalo avançava. Houve um grito.

Uma bala passou assobiando pela cabeça de Immanuelle.

Ezra puxou o gatilho.

O guarda atrás deles caiu do cavalo e caiu na estrada, imóvel, sua lanterna quebrada queimando na poeira ao lado dele. Outra luz na escuridão do sul, outro cavaleiro se aproximando. As balas atravessaram a escuridão e Immanuelle se agachou, puxando as rédeas e impelindo o cavalo para a frente.

Ezra disparou alguns tiros de advertência na escuridão, forçando os cavaleiros a recuar, apenas para o próximo emergir das sombras, rifles levantados, gritando ordens e maldições na noite.

Immanuelle empurrou o cavalo para frente, mas os cavaleiros eram rápidos demais, e quando mais luzes apareceram no oeste, ela sabia que fugir era inútil.

Tinha acabado.

“Nós não vamos conseguir”, ela gritou acima do vento rugindo, o rédeas comendo profundamente em suas palmas. “Há muitos deles!”

Ezra abaixou seu rifle, subindo pela traseira da carroça até o banco. Ele arrancou as rédeas de suas mãos e as arrastou com força. O cavalo empinou e Ezra saltou para o chão antes que a carroça parasse de se mover.

“O que você está fazendo?” Emmanuelle exigiu.

“Tirando você de Betel.” Ele colocou as rédeas em suas mãos novamente.

“Os guardas postados no portão garantirão que eles abram para você.

Você terá que passar rápido, antes que a Guarda do Profeta mande fechá-los novamente. Mas uma vez que você está fora, você está seguro, pelo menos até que meu pai dê autorização à Guarda para persegui-lo na selva.

“Esdras—”

“Cavalgue duro e não olhe para trás por nada. Compreendo? Há provisões no vagão, moedas e mercadorias para negociar. Se você conseguir atravessar a floresta até as cidades do outro lado, deve ter o suficiente para durar o inverno, se necessário.

Immanuelle sufocou as lágrimas. “Esdras. Eles vão prendê-lo por traição por atirar na Guarda do Profeta. Você não pode ficar aqui. Você não pode fazer isso.”

“Você não vai chegar ao portão se eu não”, disse Ezra, sua voz rouco. “Os pilotos são muito rápidos. Eu posso te dar algum tempo.”

— Mas e o mandado?

“Já está com os guardas. Eu vi isso dias atrás. Você é esperado, então quando você se aproximar do portão, ele se abrirá para você. Mas você tem que ir. Agora.”

O trovão dos cascos dos cavalos ficou mais alto, abafando o badalar dos sinos da igreja. À distância, Immanuelle viu o clarão brilhante de uma tocha levantada crepitar para a luz.

“Vão,” disse Ezra, e ele se virou para encarar os cavaleiros, rifle erguido. Quando Immanuelle não se moveu, ele gritou. “Agora!”

Immanuelle jogou as rédeas. O cavalo avançou com um sobressalto e eles partiram novamente, correndo pela escuridão, deixando Ezra para trás.

Immanuelle ouviu um tiro, mas não tinha certeza de quem atirou. Ela não se virou. Ela manteve os olhos na estrada, as mãos em volta das rédeas.

Não olhe para trás, disse a si mesma repetidas vezes, como se estivesse recitando uma oração. ***Não olhe para trás. Não olhe para trás.***

Outra bala sibilou durante a noite, esta mais perto do que a primeira. Depois um terceiro.

Ela olhou por cima do ombro e viu Ezra cambalear, seu rifle quase escorregando de suas mãos. Ele deu dois passos para frente, um para trás; então ele ergueu a arma ao ombro novamente e disparou na escuridão.

Immanuelle estalou as rédeas. A aldeia estava à vista agora, e ela podia ver as luzes no portão. Ela estava quase lá. Só meia liga a mais. Tudo o que ela tinha que fazer era continuar.

Outra bala assobiou na escuridão.

Desta vez, Immanuelle não se virou para olhar. Amarrando as rédeas, ela instigou o cavalo a avançar, em direção a Amas. Uma mancha de casas da cidade passou borrada. A carroça chacoalhou sobre paralelepípedos e sulcos profundos na estrada.

As ruas estavam quase vazias, mas os poucos que estavam nelas pularam para se proteger quando Immanuelle passou correndo.

O trovão dos cascos ficou mais alto à medida que a Guarda do Profeta se aproximava. Cavaleiros desonestos emergiram de becos adjacentes, abrindo caminho pelas barracas vazias do mercado. Ao longe, ela podia ver o portão, iluminado com a luz de tochas flamejantes.

Uma bala assobiou passando por sua cabeça.

Immanuelle abriu as rédeas, partindo para o portão a toda velocidade, determinada a fazê-lo, mesmo que tivesse que abandonar a carroça e pular por cima dela. Assim que ela passasse, os cavaleiros se retirariam, pois não tinham o direito de persegui-la além das fronteiras de Betel sem uma autorização formal do Profeta. Assim que ela passou pelo Portão Sagrado, ela estava segura. . . Pelo menos por um tempo.

Os guardas do Profeta ganharam com ela. Gritos e tiros ecoaram pela barraca vazia do mercado. Em meros momentos ela estaria cercada. Ela não conseguiria chegar ao portão; ela não conseguiria sair do mercado de jeito nenhum. A Guarda do Profeta iria interrompê-la e levá-la de volta ao Haven para contrição, julgamento e purgação... Algo se moveu pela noite.

Não o vento, mas a ausência dele, como se todo o ar estivesse sendo sugado. As tochas escureceram como fósforos presos entre dois dedos. As lamparinas a óleo se apagaram. Acima, a lua morreu e as estrelas depois dela, cada uma piscando como uma vela apagada, até o céu ficar negro. Um grande manto de sombra caiu sobre Amas, sufocando a aldeia.

A praga das trevas finalmente estava sobre eles.

No escuro atrás dela, Immanuelle ouviu os cavaleiros caírem. Tiros desonestos ecoando na escuridão. Os gritos confusos dos guardas do Profeta.

Foi apenas por sorte e pela persistência de sua própria memória aguçada que Immanuelle - cega no mar da noite - foi capaz de navegar pelas últimas barracas do mercado e sair para a estrada principal. Ela sussurrou para o cavalo, empurrando-o para a escuridão, em direção ao que ela sabia ser o portão, embora as sombras fossem tão densas que ela não podia vê-lo.

Então, luzes, balançando no mar do negro como vaga-lumes. Tochas no portão, o ressoar de um chifre de carneiro, engrenagens rangendo com um guincho ensurdecido. Pelo fraco brilho das tochas recém-acesas, Immanuelle

viu o portão se abrir. Ela puxou as rédeas uma última vez, e o cavalo avançou, saindo de Betel e entrando na escuridão do deserto.

PARTE III



Escuridão



CAPÍTULO TRINTA

O mundo é um lugar vasto e perigoso, impróprio para o rebanho do Pai.

— *DOS ESCRITOS DE DAVID FORD*

A ESTRADA PRINCIPAL se estendia na escuridão impenetrável. Immanuelle não podia ver o Darkwood, mas podia sentir a familiar embriaguez de seu próprio desenrolar enquanto mergulhava cada vez mais fundo na selva. No alto, o céu estava escuro — sem respingos de estrelas ou a lasca de uma lua crescente para iluminar o caminho à frente. A maioria das lâmpadas ao longo da estrada estava escura, e as poucas que estavam acesas continham pequenas chamas moribundas que tremeluziam violentamente, ameaçando apagar com o menor sopro de vento.

Não havia vestígios de vida na estrada ou na floresta que a ladeava. Sem pegadas ou rastros de carroças, sem corujas empoleiradas nas árvores. Como Ezra havia previsto, a Guarda do Profeta parou sua perseguição no momento em que ela passou pelo Portão Sagrado. Ela estava realmente sozinha, na estrada escura e selvagem. Mas apesar da estranha quietude da noite e de sua própria solidão dolorosa, ela se confortou com o fato de que com o início da praga das trevas, a praga provavelmente tinha acabado, já que cada nova praga até agora havia sinalizado o fim da antiga.

Ela rezou para que isso significasse que Glória e Honra agora seriam poupadas. Então ela se lembrou que a praga final era a **matança**. Ela só podia esperar que sua jornada pudesse evitar isso.

Emanuelle continuou. A noite transcorreu muito tempo depois de sua atribuição horas foram gastas, e a maré negra da escuridão era quase insondavelmente espessa. Ela tentou o seu melhor para contar as horas que passavam, mas o preto interminável assumiu uma espécie de atemporalidade que tornava quase impossível qualquer tentativa de rastrear o tempo.

Depois do que pareceram algumas horas, uma garoa começou a cair e rapidamente deu lugar a folhas soltas de granizo. Sem abrigo à vista, exceto pela escassa saliência das copas das árvores da floresta, Immanuelle não tinha nada além do manto de Ezra para protegê-la das torrentes da tempestade. Quando ela chegou às ruínas de um monastério abandonado há muito tempo, ela estava encharcada até os ossos, e as rédeas tinham

esfolou as palmas das mãos em carne viva e sangrenta. Sabendo que estava exausta demais para continuar, ela decidiu acampar lá.

A estrutura era estranha, construída em uma berma que dava para um barranco raso. Era atarracado, estreito e comprido, como um corredor ou uma corrida de estábulos. Colunas de pedra sustentavam um telhado em ruínas, que foi construído plano e baixo e coberto por uma extensão de grama doce.

Parando a carroça ao lado das ruínas, Immanuelle saltou do assento, desamarrou o cavalo e o conduziu para dentro da estrutura e para fora do granizo. Ela o alimentou e deu água a ele com provisões da carroça, depois recuou, encharcada e tremendo, para o canto mais distante do mosteiro, enquanto a tempestade continuava.

Quando ela se sentiu descansada o suficiente para segurar as rédeas, Immanuelle se levantou, amarrou o cavalo na carroça e partiu para a escuridão novamente.

Depois de um tempo, o deserto se aproximou e a estrada divergiu. Um caminho, o maior dos dois, era bem pavimentado e ladeado por postes de luz de ambos os lados. Virou para o leste, em direção à floresta profunda. A outra era apenas uma trilha estreita que se parecia muito com os caminhos da floresta que serpenteavam pelos bosques de Bethelan.

Emanuelle foi para o oeste, para Ishmel.

Espinheiros e galhos rasgavam suas roupas enquanto ela percorria o estreito corredor da floresta. A estrada estava esburacada com buracos e espalhada com todos os tipos de detritos. Várias vezes Immanuelle teve que pular da carroça e abrir caminho antes que eles pudessem passar. Na verdade, ela passou grande parte da jornada em pé, conduzindo o cavalo de Ezra pelas rédeas. Muitas vezes, ela tinha que persuadir o animal através das passagens estreitas que esculpam através do deserto, murmurando palavras calmantes e às vezes cantando as mesmas canções de ninar que ela cantava para Honra e Glória, apenas para manter o estranho silêncio afastado e evitar que o pobre animal se assustasse.

À medida que avançavam, o caminho tornava-se progressivamente mais íngreme e depois deu lugar a uma série de trilhas sinuosas e traiçoeiras que esculpam ao redor do sopé das montanhas. Immanuelle nunca tinha estado nas montanhas antes, e ela desprezava a escuridão por privá-la da chance de vê-las claramente. Ela desejou, desesperadamente, que Ezra estivesse ali com ela. Teria sido uma aventura, explorar um lugar como este com ele ao seu lado.

Ela se perguntou se ele ainda estava vivo, ou se os guardas do Profeta o haviam executado nas planícies. Embora Immanuelle não estivesse mais na

hábito de orar, ela orou por Ezra então. Implorou ao Pai que o salvasse ou, se não fosse isso, lhe desse a chance de voltar a Betel para que ela mesma encontrasse uma maneira de salvá-lo. Ele era muito jovem e bom demais para morrer. Betel precisava dele. **Ela** precisava dele. Porque sem Ezra, a quem ela tinha para recorrer? Leah estava morta e se foi. Martha a havia traído para a Guarda do Profeta, e Immanuelle sabia que o resto dos Moore não ousaria se opor a ela. Pela primeira vez em sua vida, ela teve que contar com a ideia de que ela poderia estar verdadeiramente, e totalmente, sozinha.

Immanuelle continuou sua caminhada pelas estradas traiçoeiras da montanha — a cabeça curvada para os ventos de tempestade que varriam do oeste, segurando as rédeas com tanta força que seus dedos travaram rígidos. Enquanto o cavalo contornava um rochedo particularmente íngreme, ouviu-se o estrondo de um trovão. O cavalo avançou com tanta força que ele arrancou Immanuelle de seus pés. Eles fizeram uma curva apertada no caminho, as botas de Immanuelle deslizando pela lama congelada da estrada enquanto ela lutava para parar o cavalo. Mas enquanto eles corriam para outra curva — esta em torno de um penhasco tão alto que Immanuelle não conseguia ver o fundo — a roda da carroça atingiu um sulco na estrada. Suas rodas traseiras escorregaram da beira do penhasco, arrastando o cavalo com ele.

O corcel deu um grito que ecoou pela passagem da montanha, lutando para arrastar as rodas da carroça de volta para a estrada. Immanuelle puxou as rédeas com toda a força — bolhas estourando enquanto ela agarrava as tiras de couro. Mas, apesar de seus melhores esforços, o cavalo começou a escorregar e os dois avançaram - cada vez mais perto - da beira do penhasco, arrastados pelo peso da carroça.

Caixotes de suprimentos deslizaram da parte de trás da carroça. Houve uma longa pausa antes de Immanuelle ouvir o estrondo quando eles atingiram o fundo do vale, muito, muito abaixo. O corcel derrapou para trás, e Immanuelle saltou para frente, soltando a rédea para desatrelá-lo. Suas mãos tremiam, rígidas de frio, enquanto ela se atrapalhava com as fivelas — libertando-o das amarras e rastros. O corcel avançou em direção ao penhasco — puxado pelo peso da carroça — até que seus cascos traseiros balançaram na borda. Uma fração de segundo antes que o carrinho os arrastasse para baixo, Immanuelle desfez a última fivela. A carroça saltou do penhasco e caiu no vale abaixo.



IMMANUELLE fez o último da viagem a cavalo, cavalgando pelas torrentes da tempestade. A chuva caía em folhas soltas que muitas vezes davam lugar a granizo ou granizo. Quando viu as luzes de Ishmel flutuando na escuridão distante, Immanuelle estava tão delirante de frio e cansaço que não tinha certeza se podia confiar em seus próprios olhos. Mas enquanto ela viajava pela estrada, aquelas luzes distantes ficaram maiores e mais brilhantes, e ela podia ouvir o som de vozes, sentir o cheiro de fumaça da chaminé no ar frio da noite.

Ela entrou em uma aldeia na sombra de uma montanha, muito menor que Amas. Aqui, a escuridão não era tão completa quanto em Betel. O céu era do azul ferido do crepúsculo profundo pouco antes de se transformar em completa noite, e os postes de luz brilhavam o suficiente para afastar as sombras. Todas as casas que ladeavam as ruas tinham janelas fechadas e portas trancadas. Para seu alívio, ela não viu nenhum sinal da Guarda do Profeta.

Immanuelle continuou cavalgando, através do labirinto de estreitos e cheios de terra ruas, até chegar ao que parecia ser o centro da aldeia. Lá, ela encontrou uma estalagem com grandes janelas salientes que brilhavam com a luz do fogo. Cada vez que as portas se abriam, uma onda de murmúrios e os acordes do que Immanuelle sabia ser um hino de luto se espalhavam pelas ruas. Agachado em suas escadas estava um mendigo, ombros largos, com olhos brilhantes e uma longa barba mal emaranhada. Ele embalou um pequeno tambor que parecia um brinquedo abandonado de criança. Conforme Immanuelle se aproximava, ele começou a marcar um ritmo — rápido e esporádico demais para combinar com a música de violino que saía da taverna.

Immanuelle abaixou-se para colocar uma moeda no copo a seus pés. “Estou tentando localizar alguém. . . você poderia me ajudar?”

“Isso depende de quem você está procurando”, disse o homem, e seu sotaque era um que Immanuelle nunca tinha ouvido antes.

“Uma mulher. . . com o nome de Vera Ward.” Ela poderia ter explicado que Vera era uma adivinho, vindo de Betel, mas ela não sabia se era seguro mencionar tais coisas em um lugar como este. Certamente, Ishmel parecia desprovido da piedade aberta que distinguia Betel – com sua extensa catedral e as capelas que ficavam em todas as esquinas – mas isso não a tornava totalmente segura.

O homem a avaliou à luz oleosa de um poste próximo; então ele acenou com a cabeça, gesticulando para Immanuelle segui-lo por uma estrada estreita que serpenteava para o leste. O mendigo a conduziu por um labirinto de casas, depois por uma rua inclinada que contornava uma colina alta, até chegarem a uma pequena propriedade ao lado de um lago onde ficava um chalé de pedra.

Immanuelle amarrou o cavalo a um poste na estrada e começou a avançar. As janelas do chalé estavam quentes com o brilho das velas acesas, e havia luz suficiente para Immanuelle distinguir o pequeno símbolo pintado na porta: era o símbolo de proteção, assim como o esculpido na pedra fundamental das ruínas da casa Ward.

Ela bateu. Esperou.

Houve uma suave perturbação, sombras movendo-se atrás de janelas com cortinas, o som de pés descalços no chão de madeira, o clique de um trinco deslizando para fora do lugar.

A porta se abriu.

Uma mulher estava na soleira. Ela tinha a pele clara para uma Periférica, com uma juba escura de cachos em forma de saca-rolhas e olhos que eram do verde verdejante das mudas. Ela parecia ter a idade de Anna, talvez um pouco mais velha, e segurava uma cesta de roupa suja na curva de seu quadril. Mas ao ver Immanuelle, seus braços ficaram frouxos e a cesta atingiu a varanda com um **baque surdo**.

“Vera.” Ela disse o nome com um forte sotaque. “Temos uma visita.”

Uma figura apareceu atrás da mulher. Ela era mais alta, de ombros largos e vestia um par de calças masculinas escuras. Ela usava seus dreadlocks prateados presos para trás de seu rosto. Os botões de sua camisa de trabalho estavam soltos, de modo que Immanuelle podia ver o cordão de couro em volta do pescoço, amarrado com duas adagas sagradas esculpidas em bétula. Suas sobancelhas eram escuras e grossas – entre elas, a marca da Mãe.



AS DUAS MULHERES conduziram Immanuelle para dentro e a colocaram na frente de uma lareira antes que ela tivesse a chance de dizer mais do que duas palavras para elas. A mulher que atendeu a porta, que se chamava Sage, enrolou uma colcha grossa nos ombros e preparou uma xícara de chá com creme e várias colheres de mel. Vera foi cuidar de seu cavalo e voltou alguns minutos depois, sentada

Immanuelle em uma grande cadeira. Ela era uma mulher imponente – quase tão alta quanto Lilith, de pele escura e impressionante de uma forma que a maioria das pessoas não eram. Na verdade, ela lembrou Immanuelle das representações da Mãe Sombria - com sua pele de ébano e traços finos. Sua beleza tornava difícil desviar o olhar.

Para evitar ficar boquiaberta, Immanuelle voltou seu olhar para a sala. A casa era maior por dentro do que parecia por fora. A sala estava decorada com bom gosto, o chão forrado com peles de urso, as mesas adornadas com pequenas bugigangas como guardanapos e velas e livros de poesia. O ar cheirava a fermento e especiarias, e os restos do jantar ainda estavam na mesa. Em uma poltrona perto da lareira, dois gatinhos, um cinza e um preto, dormiam felizes.

Sem saber o que dizer ou o que fazer, Immanuelle tomou um gole do chá com mel em silêncio.

Vera a observou beber, impassível, quase mal-humorada, apesar do tentativas fracassadas de iniciar uma conversa. Foi só quando Immanuelle terminou o chá que Vera finalmente falou. "Como você me achou?"

"Fui para a periferia", disse Immanuelle, colocando sua xícara em um pedestal delicado de uma mesa lateral. "Havia um padre lá que conhecia você. Ele disse que eu poderia encontrá-lo aqui.

"E você viajou sozinho?" Sage perguntou, sentando-se em um banquinho perto da lareira. Immanuelle percebeu, constrangida, que estava ocupando o que devia ser seu assento, e começou a se levantar, mas a mulher acenou para que ela se afastasse.

"Eu não estava totalmente sozinho. Eu tinha um amigo que andava comigo através Betel. Ele me fez passar pelo portão, mas. . ." A imagem de Ezra parado no meio da estrada, rifle erguido, cercado pelos guardas do Profeta, veio à tona em seu devaneio. Ela fechou os olhos contra a memória, balançou a cabeça. "Ele não passou por isso."

"E a sua família?" Sage perguntou gentilmente.

"Eles ainda estão em Betel."

Foi Vera quem falou em seguida. "Eles sabem que você está aqui?"

"Não."

Vera se inclinou para a frente — pernas separadas, antebraços apoiados nas rótulas do jeito que um homem se sentaria. — E eles sabem **por que** você foi embora?

Immanuelle balançou a cabeça, correndo para se explicar. "Eu não diga a eles onde eu estava indo ou que você está aqui. Eu não teria traído sua privacidade dessa maneira.

Vera a avaliou à luz pálida da vela como se tentasse determinar se ela estava falando a verdade ou não. "Você foi seguido?"

Immanuelle começou a balançar a cabeça, então vacilou.

Os olhos de Vera brilharam de frustração. "É uma pergunta simples: você foi seguido? Sim ou não?"

"Eu fui . . . mas apenas no início. A Guarda do Profeta parou de me perseguir assim que passei do portão. Não vi outra alma na estrada até encontrar Ismel."

A isso, Vera não disse nada. Ela se levantou e pegou um cachimbo de sua caixa na lareira, encheu a tigela com rapé de uma lata bonita e acendeu.

Ela fixou os olhos em Immanuelle. Exalou um bocado de fumaça.

"Por que você veio?"

"**Vera**", disse Sage, uma repreensão cortando os dentes cerrados. "Talvez você deveria deixar a garota descansar antes que o interrogatório comece?"

"Precisamos saber por que ela está aqui."

"Olhe para ela, V. Ela é sua. Ela está aqui para você. Ou você está tão cansado que não consegue ver seus próprios parentes quando eles estão sentados bem na sua frente?"

Os olhos de Vera se estreitaram atrás de um véu de fumaça de cachimbo.

"Por favor," disse Immanuelle, cansada e fraca. A colcha em volta dela os ombros pareciam pesados como uma mochila cheia de pedras. "Não tenho mais ninguém. Apenas deixe-me explicar, e se você não quiser mais parte de mim depois disso, eu prometo que vou embora."

Vera a estudou por um longo tempo. Um músculo em sua mandíbula se contraiu e se contraiu. "Está tarde. O que quer que você venha dizer terá que esperar até de manhã. Sábio." Ela se virou para seu companheiro. "Prepare o quarto."



CAPÍTULO TRINTA E UM

Ser mulher é ser um sacrifício.

— DOS *ESCRITOS DE TEMAN*, A *PRIMEIRA ESPOSA DO*
TERCEIRO PROFETA, OMAAR

T DEITADO NA CAMA, sob uma espessa cobertura de colchas e peles de urso, Immanuelle ficou acordada ouvindo os tons abafados da conversa do outro lado da parede. A conversa entre Vera e seu companheiro parecia o início rápido de uma discussão, mas seus sussurros sibilantes tornavam difícil distinguir algo mais do que algumas palavras.

“Perigoso” era um que aparecia com frequência. “Obrigação” era outra.

Immanuelle fechou os olhos, tentando não chorar. Ela não tinha certeza do que esperava encontrar ao chegar em Ishmel, mas não era isso. Talvez ela tivesse sido ingênua ao esperar uma recepção mais calorosa. Afinal, o sangue compartilhado não negava o fato de que ela e Vera eram estranhas. Ainda assim, Immanuelle esperava que sua chegada fosse recebida com algo mais do que pura frieza. Sua decepção, quando combinada com a dor da traição de Martha, era quase demais para suportar. Ser evitada por uma avó — a mulher que a criou como uma filha — já era ruim o suficiente. Mas ser deixado de lado por outro, poucos dias depois, parecia um castigo particularmente cruel.

A noite foi passando, mas ela não se sentia cansada, talvez pela desorientação causada pela noite sem fim. Sem o nascer e o pôr do sol, ela descobriu que muitas vezes ficava no limbo entre acordar e dormir.

Para passar o tempo, Immanuelle deixou seu olhar vagar pelo quarto. Era um lugar bem cuidado, decorado com bom gosto, com espelhos e pequenos quadros pendurados nas paredes. As doze velas que cobriam o topo da cômoda estavam apagadas, mas o fogão de ferro fundido no canto brilhava suavemente, iluminando o quarto com uma névoa de luz do fogo. Se a poeira na mesa de cabeceira era alguma indicação, o quarto raramente era usado. Isso pareceu estranho para Immanuelle, já que era o segundo de dois na casa.

Eventualmente, ela caiu em um sono intermitente - preenchido com o tipo de sonhos finos que tendem a desaparecer no momento em que se torna consciente novamente. Ela não sabia quanto tempo dormiu, mas quando acordou, era a escuridão e o cheiro de bacon recém-frito.

Immanuelle sentou-se e saiu da cama, surpresa ao ver que estava vestida com uma camisola grossa, embora não se lembrasse de ter trocado suas roupas úmidas de viagem. Havia um xale de tricô pendurado na cabeceira da cama, e ela o enrolou nos ombros antes de sair do quarto. A sala estava iluminada por velas, iluminada por lamparinas de querosene e um candelabro de ferro forjado que pendia do teto por uma corrente grossa. No canto mais distante da sala, um fogão de ferro fundido, que Sage estava na frente, cantarolando uma canção trinado que soava muito mais viva do que qualquer hino que Immanuelle conhecia.

Sage virou-se para colocar um prato na mesa e se assustou ao ver dela. "Você é tão mole quanto Vera. Eu nunca consigo ouvir quando ela está se aproximando."

"Perdoe-me", disse Immanuelle, parando no espaço entre as sala e a cozinha, sem saber para onde ir ou o que fazer.

Sage acenou para ela com um sorriso. "Por favor, coma."

Immanuelle obedeceu, acomodando-se diante de um grande prato de ovos e bacon, batata assada e bolo de milho frito. Ela estava faminta e comia assim, mas Sage parecia encantada com seu apetite voraz.

"Você se parece tanto com ela", disse Sage melancolicamente. "Eu só sabia que você era parente de Vera no momento em que coloquei os olhos em você."

— Você também é Ward?

Sage balançou a cabeça. "Deuses não. Apenas um rato de estrada como a maioria daqueles em Ismel. Acho que nunca teria me acalmado se não tivesse conhecido a Vera."

"E você foi . . ." Immanuelle procurou a palavra certa. "Juntos, todo esse tempo?"

"Onze anos", disse Sage, com muito orgulho. "Suponho que você poderia dizer que estamos muito bem combinados."

Na verdade, Immanuelle não tinha certeza do que Sage estava tentando dizer, mas ela pensou que poderia ter algo a ver com a forma como os Amantes se agarravam uns aos outros na floresta. Depois havia a questão do quarto vago, esparsos e intocados, e o quarto maior com duas mesas de cabeceira em vez de uma e um colchão grande demais para uma única pessoa. "Estou feliz que ela encontrou você."

Sage corou, parecendo emocionada. "Bem, isso é muito gentil de sua parte."

Immanuelle ensopou um pouco de gema de ovo com um pedaço de milho frito bolo. "Onde ela está?"

"Vera foi a uma reunião do conselho na aldeia", disse Sage, inclinando-se do outro lado da mesa para encher a caneca de chá de Immanuelle. "Ela estará de volta em breve, tenho certeza. Ela não vai querer ficar longe por muito tempo. Não enquanto você estiver aqui."

Um pequeno silêncio. Immanuelle terminou o resto da comida em seu prato. "Você foi tocado pelas pragas?"

Sage balançou a cabeça, então hesitou. "Não da mesma forma que você era. Nossas águas só ficaram manchadas de sangue por alguns dias. Mas ouvimos histórias da mácula que afligia Betel. Certa vez, encontramos uma mulher, nua e louca de febre, vagando pelas montanhas selvagens logo além da borda de Ishmel. A cabeça dela foi cortada com aquela marca que suas mulheres usam, então sabíamos que ela era Bethelan. Ela morreu na aldeia, apenas alguns dias depois que a encontramos. Nada que os médicos fizessem poderia aliviar seu sofrimento. Nenhuma tintura ou erva poderia tocá-lo." Ela parou por um instante, franzindo a testa com a memória. "Mas não fomos feitos para suportar os mesmos horrores que seu povo tem. Qualquer que seja esse mal, ele está amplamente contido nas fronteiras de Betel. Mas Vera acha que há uma chance de o contágio se espalhar para Ishmel, com o tempo."

"Ela é sábia para ser cautelosa."

Sage levantou-se para limpar seus pratos. "Vera não é nada além disso. Mas eu sim espero que você não tenha confundido a cautela dela com malícia. Eu sei que ela é. . . bastante dura às vezes, mas ela está feliz em vê-lo. Acho que ela está esperando por você há tanto tempo que não sabe o que fazer consigo mesma ou como se sentir agora que você está aqui. Mas vai passar. Vocês dois só precisam de uma chance de se acostumar um com o outro, só isso."

Como se fosse uma deixa, a porta da frente se abriu e Vera entrou. Ela tirou o casaco, que, como o resto de suas roupas, parecia feito para um homem. Ela se sentou à mesa e se serviu da comida que Sage preparou. Enquanto comia, ela habilmente se esquivou das perguntas de seu parceiro sobre sua manhã, apenas oferecendo acenos e uma ocasional resposta de uma palavra quando era forçada a falar.

Sage, talvez percebendo que isso era uma sugestão sutil de dispensa, anunciou que estava saindo para alimentar as galinhas e limpar o galinheiro. Com ela se foi, um longo silêncio transcorreu entre Vera e Emanuelle, quebrado apenas pelo rugido da lareira.

Foi Vera quem falou primeiro. “Eu não posso dizer quem você prefere mais: meu menino ou sua mãe.”

Era a primeira vez que ela fazia menção a Daniel, e o significado do momento não passou despercebido a nenhum deles.

“Eu sempre esperei que eu o favorecesse,” disse Immanuelle hesitante. “Quando eu era pequeno, costumava me olhar no espelho e tentar me imaginar como um menino, para saber como ele poderia ser.”

A expressão de Vera era difícil de ler. Ela e Martha eram tão parecidas em seu estoicismo. “Eu gostaria de ter um retrato para mostrar a você, mas a Guarda do Profeta queimou tudo o que restava dele.”

“Nem tudo”, disse Immanuelle, e ela se levantou, caminhou até a porta onde havia deixado a mochila na noite anterior e cavou até encontrar o diário de sua mãe. Ela o levou de volta para a mesa, abriu-o na página que continha o retrato de Daniel, então o deslizou sobre a mesa.

Vera o pegou, sua mão tremendo um pouco, e olhou para o esboço por um longo, longo tempo em silêncio. “Sua mãe sempre teve uma boa mão. Este é ele, tudo bem. Assim como eu. . .” Ela balançou a cabeça.

“Obrigada. Já faz muito tempo desde que eu olhei para o rosto dele.”

“O que . . . ele era assim?” Immanuelle disse, sem saber se era uma pergunta que ela tinha permissão para fazer. Parecia uma coisa tão grave e sagrada, pedir a uma mãe que ressuscitasse a memória de seu filho morto. Mas Vera não parecia perturbada.

“Ele era um menino quieto. Gentil, embora ele não parecesse de primeira encontro.” Vera sorriu para a foto de seu filho carrancudo, traçando os sulcos em sua testa com a ponta do dedo. “Gosto de pensar que ele via o mundo como ele era. A maioria das pessoas não pode fazer isso. Até os profetas estão cegos por seus próprios vícios. Mas não Daniel. Ele via a verdade em tudo.”

Immanuelle pegou o livro de volta, pressionou a mão na página oposta, pressionando a encadernação, e meticulosamente arrancou o retrato do diário, depois o deslizou de volta para Vera. “Aqui. Deve ser seu.”

A mulher sacudiu a cabeça. “Ele é seu parente também.”

“Mas eu nunca tive a chance de perdê-lo. Ele era seu filho. Você deveria tê-lo.”

“Tenho minhas memórias. Além disso, este é o trabalho de sua mãe.

“Está bem. Pegue, por favor. Como um presente por sua hospitalidade.”

“Hospitalidade”, disse Vera, e ela riu sem nenhum traço de humor. “Hospitalidade é colocar comida na mesa para um estranho. É dar as boas-vindas a um conhecido para torta de ameixa e chá. Mas isso não é isso. Este sou eu fazendo o que deveria ter feito, anos atrás. Eu deveria ter esperado por você. Eu deveria ter levado você comigo...”

"Não é sua culpa."

"Mas isso é . . . pelo menos em parte."

Immanuelle balançou a cabeça e deslizou o desenho sobre a mesa novamente. "É seu. Pegue."

Vera não se mexeu. Seu olhar tornou-se duro novamente, do jeito que tinha sido na noite passada. Ela acenou para o diário. “Quem te deu isso?”

Immanuelle não via sentido em mentir agora, quando ela veio de tão longe para saber a verdade. “Foi um presente de duas mulheres. Bruxas que encontrei na Floresta Negra.”

A expressão de Vera permaneceu inalterada. Ela se recostou em seu assento. "Por que você veio?"

Immanuelle pegou o diário de Miriam e o abriu nas últimas páginas, com os escritos: **Sangue. Praga. Escuridão. Abate.** Ela o deslizou sobre a mesa para Vera.

A mulher olhou para o diário. Immanuelle não conseguia analisar sua expressão, mas sabia de uma coisa: sua avó não estava surpresa.

"Você sabia", disse Immanuelle, tão suavemente que ela não tinha certeza se falava as palavras em voz alta. “Você sabia sobre a cabana. Você sabia sobre as pragas e as bruxas e o acordo que minha mãe fez com elas na Darkwood. Você sabia que ela me vendeu.

Vera a encarou, claramente confusa. “Miriam não vendeu você para as bruxas. Sua mãe te amava. Ela escolheu você acima de tudo. Sua casa, sua família, sua vida, até mesmo sua alma.”

“Isso não é verdade. Eu não sei o que ela te disse, ou o que você pensa você sabia da minha mãe, mas ela não me amava do jeito que você amava Daniel. Ela não fez nenhum sacrifício em meu nome. Ela me vendeu. Ela me prendeu à escuridão antes mesmo de eu nascer. Minha mãe comprou as pragas com meu sangue. Tudo com que ela se importava era vingança.”

“Sua mãe estava tentando protegê-la. Tudo o que aquela garota tinha para dar, ela deu a você.”

“Se isso é verdade, por que ela lançou as maldições?” Immanuelle exigiu, ficando com raiva agora. “Eu mesmo vi a cabana. eu sei o que

aqueles sigilos nas paredes significam. Se ela me amava tanto, por que ela me usaria assim?"

"Como eu disse, ela estava tentando proteger você."

"Fazendo de mim uma arma? Um peão nas mãos de Lilith?"

"Miriam estava tentando lhe dar o poder que ela nunca teve. Mas ela estava de luto e com medo e dezesseis anos e mais vulnerável do que ela sabia. Lilith podia ver isso. Ela perverteu o desejo de Miriam de protegê-lo, atacou sua fraqueza. Eu assisti acontecer. Toda vez que ela se aventurava na floresta, ela ficava um pouco mais louca do que da vez anterior. No final, acho que ela era mais parecida com eles do que conosco."

"De que forma?"

Vera fez uma pausa antes de responder, como se estivesse analisando seus pensamentos. "Na vida, a maioria de nós tem o luxo da nuance. Podemos estar com raiva, mas equilibramos essa raiva com misericórdia. Podemos estar cheios de alegria, mas isso não nos impede de ter empatia com aqueles que não estão. Mas depois que morremos, isso muda e somos reduzidos às nossas compulsões mais rudimentares. Um único desejo tão poderoso que supera todos os outros."

"Como Lilith e seu desejo de vingança?"

Vera assentiu. "Perto do fim, sua mãe ficou do mesmo jeito. Ela estava obcecada em protegê-lo, imbuindo-o com o poder e a liberdade que ela tanto queria, mas nunca teve. Era como se ela vivesse para nada mais, então ela poderia muito bem estar morta."

A explicação explicava a loucura de Miriam. Os escritos e esboços em seu diário, sua obsessão singular com o Darkwood e as bruxas que abrigava. Mas algo ainda atormentava Immanuelle, aticava as chamas de sua raiva. "Se você sabia de tudo isso - se você sabia que minha mãe estava sendo manipulada e usada por Lilith, enlouquecida por sua dor - então por que você não fez algo para impedir isso?"

Vera lutou com uma resposta. "Porque na época. . . Eu estava tão doente quanto ela. Eu perdi meu filho, o vi queimar vivo na pira diante dos meus olhos, e seus gritos, eles me assombraram como as bruxas fizeram com sua mãe. Mas eu não sabia que Miriam usaria as pragas ou traria tudo isso sobre sua cabeça.

Immanuelle refletiu sobre isso por um momento em silêncio, tentando decidir se ela acreditava ou não nela. "A cabana onde ela lançou aquelas maldições, era sua?"

Vera assentiu. "Em parte. Mas também pertence a você. Por doze gerações, as mulheres da família Ward praticaram sua magia lá."

"E foi aí que você ensinou a ela os caminhos das bruxas? Como praticar o ofício das trevas?"

"Nunca ensinei nada a Miriam", disse Vera em veemente negação.
"O pouco que ela aprendeu, ela aprendeu com Lilith e com a própria Darkwood."

"Mas por que Lilith se incomodou com minha mãe em primeiro lugar? Se ela era apenas uma garota doente de luto, então por que as bruxas atenderam suas ligações?"

"Eles não", disse Vera, falando baixo agora. "A única razão pela qual bruxas mostravam seus rostos para ela era porque ela carregava você na barriga. Foi seu sangue correndo nas veias de Miriam que deu a ela o poder de lançar essas maldições. As bruxas foram desenhadas por você."

O coração de Immanuelle tropeçou, saltando várias batidas. "Não entendo."

A voz de Vera ficou muito suave e, por um breve momento, ela olhou para Immanuelle com a mesma ternura com que fez o retrato de seu filho. "Miriam era uma camponesa de coração partido com uma vingança e um temperamento cruel. E, sim, ela esculpiu os sigilos, orquestrou as pragas. Mas o poder que ela desviou veio de você. Um bebê com o sangue de bruxas correndo em suas veias. Todo esse poder nascente para a tomada. Você fez o vaso perfeito."

Immanuelle estava sentada, aflita, em sua cadeira, tentando e falhando em falar. Em seus ossos, ela sabia que o que Vera disse era verdade, mas um detalhe a fez hesitar. "Se eu não sou nada mais do que um receptáculo para as bruxas, por que me deram o diário?"

"As bruxas são evangelistas antes de qualquer outra coisa. Quão caso contrário, quatro garotas estrangeiras poderiam formar exércitos tão grandes que rivalizassem com as forças de Betel? De que outra forma eles plantaram as sementes da discórdia se não conquistando os corações e almas do rebanho da Igreja?"

"Então eles não estavam tentando me atrair; eles estavam tentando ganhar minha alma?"

Vera assentiu. "Eles querem você, Immanuelle – seu poder, seu potencial. Lilith gostaria que você se juntasse a ela, como irmã e serva do coven. E antes que o fim chegue, marque-me, eles vão te fazer uma oferta. Convide você para as fileiras deles."

Immanuelle considerou a ideia, imaginou como seria caminhar pela floresta ao lado de Lilith. Ela não seria mais obrigada a lutar contra a tentação, ou rastejar aos pés do Profeta. Ela viveria livre de Protocolo e punição – para vagar e fazer o que quisesse.

“O que acontece se eu recusar a oferta deles?”

“Então você vai compartilhar a morte de Betel.”

Immanuelle endireitou-se na cadeira. Suas mãos pararam de tremer. Seus ombros quadrados. Pela primeira vez, ela olhou nos olhos de Vera. “Existe alguma maneira de detê-los?”

Vera assentiu. “Existe uma maneira. Um poderoso sigilo para redirecionar a energia das pragas. Você precisaria esculpi-lo em seu braço com uma faca consagrada.”

“Como uma adaga sagrada?”

“Sim, mas **apenas** a do Profeta. Veja, um sigilo poderoso requer uma ferramenta poderosa para esculpi-lo. A lâmina deve ser consagrada – imbuída de poder através de orações ou feitiços. Existem apenas alguns objetos dessa natureza em Betel. A adaga sagrada do Profeta; a faca de evisceração sagrada; e a espada de David Ford, o primeiro santo cruzado, pendurada acima do altar da Catedral do Profeta, são as únicas que me vêm à mente. Um ponto dos chifres de Lilith também seria suficiente. Na verdade, suspeito que seja isso que sua mãe usou para esculpir seus sigilos na cabana.

“Então tudo que eu tenho que fazer é esculpir o sigilo em meu braço com uma lâmina consagrada e então acabou? As pragas acabarão e tudo voltará a ser como era antes?”

“Se ao menos”, disse Vera com um sorriso triste. “Quando você esculpir o sigilo, ele arrastará o poder das pragas de volta ao seu local de origem: você. Depois de fazer isso - se você for capaz de sobreviver a tal façanha - o poder das pragas será seu para usar como desejar.

Immanuelle parou para imaginar: a praga, o sangue e a escuridão, e a matança que estava por vir, dela para empunhar como armas. Com isso, ela teria o poder de que precisava para colocar a Igreja sob controle, poupar a vida de Ezra, fazer o Profeta expiar seus pecados. Ela poderia reinar sobre Betel se quisesse, e sob sua supervisão não haveria piras ou expurgos. Nenhuma menina deitada como cordeiros no altar para o corte. Ninguém feito para sofrer na miséria da periferia.

Com poder como esse, ela poderia arrasar a Igreja do Profeta até as próprias pedras de sua fundação. Construir Betel novamente.

“Qual é o custo?” ela perguntou, sabendo que seria pesado. Se havia uma coisa que ela tinha aprendido até agora, era que o poder nunca era de graça.

“É impossível dizer o que será necessário ou quando. Mas saiba que o preço para poder como esse será íngreme. Pode reivindicar sua vida, como fez com a de sua mãe, corroer seus ossos e se espalhar por seu corpo como um câncer. Ou talvez manipule seus sentidos, reivindique sua sanidade como recompensa. Talvez roube a vida de seu primogênito ou o torne estéril. A única certeza é que um dia você terá que pagar pelo poder que tomou.”

“E existe uma cura para isso. . . aflições?”

“Talvez, mas isso dependeria inteiramente do que você está sofrendo.”

Immanuelle assentiu, primeiro para si mesma, depois para Vera. “Ensina-me como fazer.”

Vera riu abertamente; o som era áspero e feio, quase assustador. Do outro lado da cozinha, o forno queimava tão quente que Immanuelle podia ver as ondas de calor distorcendo o ar ao redor, e a chaleira no fogão começou a assobiar. Espuma derramou de seu bico e chiou nas brasas abaixo.

“O que é tão engraçado?”

Vera se acomodou, enxugando os cantos dos olhos. “A ideia de que você pensa que eu te condenaria a um fim como esse.” Seu sorriso morreu, e de repente ela ficou tão séria que parecia quase séria. “Betel colocou seus fardos nos ombros de meninas por muito tempo. Já perdi meu menino. Não vou levá-lo ao mesmo destino que ele conheceu. Certamente não em alguma tentativa fútil de salvar um lugar que não merece libertação.”

“Ainda há esperança para Betel. Há pessoas boas lá, e se eu não os ajudar, eles morrerão nas pragas que virão.”

“Pessoas boas não abaixam a cabeça e mordem a língua enquanto outras pessoas boas sofrem. Boas pessoas não são cúmplices.”

“Há crianças lá”, disse Immanuelle, tentando fazê-la Vejo. “Meninas, como minhas irmãs, que são inocentes em tudo isso.”

“E eu sinto por eles; Eu faço. Mas se sofrem não é por causa do bruxas ou as pragas ou você. É porque seus pais, e os pais de seus pais, criaram essa bagunça. Talvez você devesse deixá-los responder por isso.”

"E fazer o que? Ficar aqui com as mãos atadas? Virar as costas para Betel, minha casa?"

"Se o pior vier—"

"Ele vai."

"**Se** vier, então vamos", disse Vera. "Existem mundos além deste, Immanuelle."

"Você quer dizer as cidades pagãs? Valta e Hebron e Gall e afins?"

"Mais do que apenas eles. O mundo é vasto e você merece a chance de vê-lo. Podemos explorá-lo juntos, nós três. Uma família."

Vera estendeu a mão por cima da mesa, pegou-a pela mão e apertou.

"Deixe-me fazer o que deveria ter feito dezessete anos atrás. Deixe-me levá-lo comigo."

Era uma oferta tentadora, e semanas atrás ela poderia ter aceitado Vera. Mas Immanuelle sabia melhor agora. "Não posso virar as costas para Betel ou para as pessoas de lá que amo."

"Isso é o que seu pai disse sobre sua mãe, anos atrás, e ele queimou por isso. Se você voltar para aquele lugar, você vai morrer lá, assim como ele morreu."

"Betel é minha casa. Se eu fosse morrer em qualquer lugar, eu gostaria que estivesse lá. Eu sou parte desse lugar e não vou virar as costas para isso, ou para as pessoas que eu gosto." Ela afastou a mão. "Eu vim aqui para encontrar uma maneira de consertar as coisas, não para fugir como você fez."

Vera se encolheu com o insulto. "Emanuelle—"

"Escreva o sigilo. Ensine-me como acabar com isso e fazê-lo rapidamente. Por favor. Eu estou te implorando."

"Você sabe que eu não posso fazer isso."

"Então voltarei de mãos vazias e morrerei sem lutar. Um de uma forma ou de outra, voltarei a Betel. Ou posso voltar com uma arma, um meio de me defender das pragas e da Igreja, ou posso voltar para Betel indefeso. Mas eu vou voltar. Eu tenho que."

"O mundo deles não quer pessoas como você. Você não vê isso? Não importa o que você faça, quão bom você seja, ou se você os salve das garras da própria Mãe. Você sempre será um estranho para eles. Você nunca ganhará o favor deles ou a confiança deles."

"Isso não é sobre mim."

"Mas é você que está fazendo o sacrifício", disse Vera, quase gritando agora. Ela se reclinou em seu assento, passou a mão

seus dreadlocks, tentando se recompor. “Digamos que eu te dê o sigilo. Como você pode esperar derrotar quatro das bruxas mais poderosas que já andaram na terra quando você se assusta com a visão de sua própria sombra?”

“Não sou covarde.”

“Talvez não diante de certos perigos. Quero dizer, você chegou aqui sozinho. Enfrentou a selva além de Bethel sem uma única alma a quem recorrer. São os ingredientes da lenda de um herói. . . mas me pergunto se essa mesma bravura se estende às outras coisas que você teme.

“Que outras coisas?”

“Condenação. Mal favor com o Pai. Ridículo da Igreja.

A perda de sua alma e virtude e bom nome.” Vera contou cada um dos golpes em seus dedos. “E talvez, mais do que qualquer outra coisa, medo de si mesmo. Medo do seu próprio poder. Porque isso é o que mais te aterroriza, não é? Nem o Profeta, nem a Igreja, nem Lilith ou as pragas, nem a ira do Pai. . . É do seu próprio poder que você tem mais medo. É por isso que você está suprimindo isso.”

Immanuelle não sabia se ela era algum tipo de vidente como Ezra e seu pai, ou se sua fraqueza era tão aparente que até mesmo um estranho poderia reconhecê-la, mas ela corou de vergonha por estar tão exposta.

O olhar de Vera suavizou. “Se você quer acabar com essas pragas, você vai ter que se abraçar, tudo de si mesmo. Não apenas as virtudes que a Igreja lhe disse para valorizar. As partes feias também. Principalmente as partes feias. A raiva, a ganância, a carnalidade, a tentação, a fome, a violência, a maldade. Um sacrifício de sangue não significará muito se você não puder controlar o poder que ele lhe proporciona. E se você for metade da força que eu acho que você é, o poder será imenso. Você viu como sua mãe sucumbiu a isso.” Vera bateu no diário. “Ela estava louca fora de seus sentidos no final. E quando tudo estiver dito e feito. . . você também pode ser. Isso é realmente um sacrifício que você está pronto e disposto a fazer?”

“Sim,” disse Immanuelle, sem um momento de pausa. “Estou pronto para ver um fim nisso.”

“Você realmente é a filha de sua mãe,” disse Vera, e ela virou o esboço de Daniel de braços sobre a mesa, pegou um pouco de grafite e rabiscou um pequeno sigilo que Immanuelle sabia ser a marca da maldição, com um pequeno alteração; uma série de linhas bifurcadas que pareciam um pouco com flechas dividiam o símbolo pela metade. "O

pragas nasceram de seu sangue. Se você esculpir essa marca em seu braço, eles retornarão para você.”

“Isto é, se eu for forte o suficiente para abrigá-los.”

“Você é”, disse Vera. “Você vai ter que ser.”

Immanuelle abriu os lábios para responder, mas o som do grito de uma mulher a interrompeu. Ela e Vera estavam de pé em um instante, suas cadeiras caindo no chão atrás delas. Eles pegaram o abajur da mesa e correram em direção à porta. A escuridão além dela era quase impenetrável, quebrada apenas por três halos de luz. Nessas auréolas, homens, oito deles, com lanternas e tochas erguidas. Todos eles usavam o uniforme da Guarda do Profeta. Dois seguraram Sage, torcendo seus braços atrás das costas, forçando-a a ficar de joelhos enquanto ela chutava e lutava.

Um dos guardas se aproximou e, à luz pálida das tochas, Immanuelle o reconheceu. Ele era o meio-irmão mais velho de Esdras, Saul. O mesmo comandante de olhos cruéis que muitos chamavam de filho favorito do Profeta. Para seu horror, ela viu que ele agora usava a adaga sagrada de Ezra em volta do pescoço. Um sinal seguro de que ele o substituiu ou o substituiria como herdeiro do Profeta.

“Não.” Immanuelle avançou na direção dele, na direção de Sage, mas Vera a pegou pelo braço e a puxou de volta.

Quatro dos guardas do Profeta ergueram seus rifles em uníssono, dedos curvados sobre os gatilhos, mas Saul os dispensou, seu olhar fixo em Immanuelle. “Abaxe suas armas. Trazemos a garota de volta para Betel ilesa.”



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ele me observa, eu sei. À noite, sinto Seu santo olho sobre mim, mas não tenho medo.

—MIRIAM MOORE

VOCÊ CRÊ nas Escrituras de seu Pai e Profeta?” As palavras do apóstolo ecoaram pelas câmaras e desceram pelo salão da masmorra.

“Sim,” disse Emanuelle.

O apóstolo Isaac ajeitou suas vestes. Ele era um homem alto e faminto com uma cabeça quase tão pálida e magra quanto a de Lilith. Ele parecia apenas meio humano, como se - com suas vestes despidas - ele pudesse se esconder entre as feras da floresta sem ser notado. Em uma mão, ele segurava as Sagradas Escrituras, na outra uma pequena vela que ardia no pavio. “E você acredita que o fogo do inferno encontra aqueles que vivem em opróbrio da lei do Pai?”

“Sim.”

“Você já desafiou a lei do Pai?”
Emanuelle assentiu. “Eu tenho.”

Fazia pelo menos dez dias desde que ela voltou para Betel e mais de doze desde que a Guarda do Profeta invadiu a casa de Vera, arrancou-a dos braços da única família leal que restava e a colocou em contrição. Mas a escuridão estagnada das masmorras do Haven a fez sentir como se estivesse lá há muito mais tempo.

Immanuelle tentava dormir para passar as horas, mas se seus pesadelos não a acordou, então os gritos de seus companheiros de prisão o fizeram. Só pelo fedor de esgoto, ela podia dizer que as celas estavam lotadas com todas as mulheres e meninas mantidas em contrição sob pena de feitiçaria. Ela ouviu os guardas do Profeta murmurarem sobre os ataques noturnos que ocorreram enquanto ela ainda estava em Ishmel.

Em sussurros abafados, eles falaram de meninas sendo arrancadas dos braços de suas mães, casas invadidas, dezenas de mulheres presas e marchadas para Haven sob o manto da escuridão. Finalmente, a ira do Profeta se manifestou.

Durante sua prisão, Immanuelle foi confinada a uma cela remota própria. Ela não tinha visto ninguém, exceto o apóstolo Isaac, e

alguns dos guardas de baixo escalão do Profeta, que — todo dia mais ou menos — escorriam uma tigela de água e um pedaço de pão mofado pelas grades de sua cela. Por mais doente que estivesse, ela quase ansiava por esses interrogatórios diários, mesmo porque eles interromperam o tédio enlouquecedor. . . e a solidão, que era ainda pior. Quando ela era deixada sozinha por muito tempo, o tempo não desacelerava tanto quanto se desenrolava. E foi nessa estranha abstração da atemporalidade, onde os segundos pareciam suspensos no torpor do infinito, que os pensamentos de Emanuelle se tornaram sombrios. Aquela coisa dentro dela — o redemoinho, o monstro, a bruxa — ganhou vida.

Isso a fez se sentir perigosa. Isso a fez sentir. . . pronto.

Quase todas as peças estavam no lugar. Ela tinha o sigilo de reversão e sabia a ferramenta que precisaria para lançá-lo: a adaga do Profeta. Agora era apenas uma questão de protegê-la, o que não seria pouca coisa, dadas as circunstâncias atuais. Mas uma vez que ela tinha aquela lâmina em sua mão, tudo o que ela precisava fazer era esculpir o sigilo.

O apóstolo Isaque se aproximou meio passo. “Diga-me como você pecou.”

Immanuelle pensou no início de suas memórias. Para sentada no joelho de Abrão em frente a uma fogueira crepitante, um livro das Sagradas Escrituras aberto em seu colo. Ela se lembrava de juntar sílabas em palavras, e essas palavras se tornarem sentenças, e as sentenças se tornarem salmos e histórias. Outra lembrança veio à tona, um dia de verão, anos atrás, quando ela e Leah nadaram nas águas rasas lamacentas do rio, nadando em segredo. Ela se lembrou de como se sentiu livre na primeira vez que deixou a correnteza levá-la.

As correntes de Immanuelle deslizaram pelo chão da cela quando ela se endireitou e encontrou sua voz. “Eu vivia livre – do Protocolo, das Escrituras, da lei do Profeta. Esse é o meu único pecado.”

O apóstolo franziu a testa. “Esta é a sua confissão?”

“Sim.”

“E você deseja ser purificado do seu pecado?”

Immanuelle ergueu os olhos para os do apóstolo, apertando os olhos contra o brilho da luz das velas. Ela pensou em focinheiras e lâminas de evisceração, véus de noiva e algemas. Ela pensou em garotinhas com chicotadas sangrentas por esquecerem de fechar os botões de cima de seus vestidos. Ela pensou em expurgar piras e as bruxas que morreram gritando sobre elas, e em cabeças montadas nos espigões do portão do Haven. Ela pensou no

O olhar do Profeta rastejando sobre ela, de Leah se contorcendo e implorando no tormento de seu trabalho até que a vida a deixou e ela não pôde mais gritar. Ela pensou no sigilo de reversão, imaginou esculpindo-o na carne nua de seu antebraço e chamando de volta as pragas.

"Não tenho pecados para purificar."

Houve silêncio na cela, exceto pelo eco distante de passos, o gotejamento rítmico, **gotejamento, gotejamento** do vazamento no canto. Aqui - muito abaixo da superfície da terra - a água ainda tinha gosto de salmoura e metal, a mácula da maldição do sangue persistente.

O apóstolo Isaac andou de um lado para o outro da cela. Era um espetáculo, percebeu Immanuelle, a maneira como ele se movia, a maneira como pregava as Escrituras e declarava os pecados dela. Ele queria plantar terror como uma semente. "Dizem que você vagou pela Darkwood. É assim mesmo?"

Immanuelle recostou-se nas pedras molhadas, fraca demais para ficar de pé. A fome a atormentava como um rato por dentro, e era difícil pensar além disso. "Isso é verdade."

"Dizem que você falou com os demônios que moram lá."

No final do corredor, o som de uma porta se abrindo, uma garota gritando por misericórdia. "Eu tenho."

"Eles dizem que atendem suas ligações."

"Só as vezes."

O apóstolo se aproximou. "E essas criaturas, quais são seus nomes?"

"Você já os conhece," disse Immanuelle. "Você as diz nas festas e nos dias de corte. Você os queima em comemoração. Lilith, Dalila, Jael, Misericórdia."

As sobrancelhas do apóstolo se uniram. A chama da vela dançava em seu pavio. "E foram as bruxas que ordenaram que você lançasse as maldições? É a magia deles que você conjura?"

Emanuelle não respondeu. A verdade pouco importava nesses interrogatórios.

"Você é filha de Miriam Moore, é verdade?"

"Isto é."

"Miriam vagou pela Darkwood também. Ela não?"

"Ela fez."

Algo como triunfo passou pelos olhos do apóstolo. "É para o deus de sua mãe que você reza à noite? É para as feras dela que você chama?"

"Eles não eram suas bestas. Eles não pertencem a ninguém."

“E ainda assim eles te obedecem.”

Emanuelle balançou a cabeça. “Eles não dão atenção a ninguém.”

Com isso, o apóstolo sorriu, como se os dois compartilhassem alguma sujeira segredo. Ele se aproximou, suas botas arrastando pelo chão, e se agachou ao lado dela. “Mas Ezra atende a todos os seus caprichos, não é?”

Era a primeira vez que Immanuelle ouvia falar dele no que pareciam semanas. Só o som de seu nome foi suficiente para enchê-la com uma mistura inebriante de pavor, medo e esperança. Ela queria perguntar se ele ainda estava vivo e, se sim, em que condições, mas estava com muito medo de qual seria a resposta do apóstolo.

“Ezra sempre atende sua chamada, não é?” O apóstolo perguntou novamente, incomodado com o silêncio dela. “Ele teve uma mão em seus esquemas?”

Immanuelle não sabia como responder. Se ela dissesse não, assumiria total responsabilidade por todas as acusações que o apóstolo fez contra ela. A punição por seus crimes seria a morte por expurgo, e se ela morresse na pira antes de ter a chance de reverter as pragas, Betel estava condenada. Mas se ela respondesse sim, Ezra poderia ser considerado cúmplice, ou mesmo culpado por suas transgressões. Qual seria a acusação por tal crime?

Conspiração contra a Igreja, talvez? Santa traição? O primeiro era um castigo de cinquenta chicotadas, o último a morte.

Mas o futuro profeta não poderia ser executado, poderia? Será que eles ousa colocar o chicote em seus ombros? Ou pior ainda, mandá-lo para a pira?

Uma queimadura aguda chamou a atenção de Immanuelle e ela gritou, afastando a mão.

O apóstolo pairava acima dela, sua vela inclinada para o lado para que o cera quente tinha derramado em sua mão. “Responda a pergunta, garota.”

Immanuelle escolheu suas palavras com cuidado, raspando flocos de cera de as costas da mão dela. “Ezra é meu amigo. Ele me atende como um amigo faria.”

“E qual é a natureza da sua amizade?”

“Ele me deu livros para ler. Conversamos sobre poesia e as Escrituras.”

O apóstolo se inclinou para frente, zombando. Quando ele falou, sua respiração estava quente contra sua bochecha. “Vocês mentiram um com o outro?”

Ela endureceu. “Não.”

Se o apóstolo acreditava nela ou não, Immanuelle não sabia dizer. Ele se levantou e virou as costas para ela, caminhando em direção à porta da cela. "Você é uma menina doente e pecadora, você sabe disso?"

Immanuelle quase sorriu apesar de tudo. "Assim me disseram."

O apóstolo de repente voltou para ela e inclinou a vela mais uma vez. Cera ardente espirrou em suas bochechas e ela estremeceu. Era tudo o que ela podia fazer para não chorar, mas ela se recusou a dar-lhe o prazer.

"Tenho uma surpresa para você", disse o apóstolo, afastando-se para que Immanuelle tivesse uma visão clara do salão. O brilho da vela iluminou o corredor, e um rosto familiar logo apareceu atrás das grades: Martha.

Ela usava uma capa de lã preta que normalmente reservava para funerais. O capuz estava baixo, lançando uma sombra sobre seus olhos. "Olá, Emanuelle."

Ao ver sua avó, Immanuelle se endireitou, pressionando-se contra a parede da cela para que as pedras cortassem suas costas.

"O que você quer de mim?"

"Isso não é maneira de cumprimentar a mulher que o criou", o apóstolo repreendeu.

Immanuelle manteve os olhos em Martha. Suas correntes chacoalharam no chão quando ela recuou. "Ela não é parente de mim."

Um vento úmido lambeu o corredor. A tocha se acendeu e a vela de Martha se apagou. "Eu só estava tentando ajudá-la, Emanuelle."

"Ajude- me? Você me traiu."

"Tentei salvá-lo, o melhor que pude."

— Você disse que me deixaria ir.

– Sim – disse Martha, aproximando-se. "E eu tenho. É por isso que você está aqui em contrição, para ser dispensado. Para ser libertado de seus pecados e perdoado."

Os lábios do apóstolo Isaac se abriram em um sorriso de escárnio. Ele se moveu em direção à porta, colocou a mão no ombro de Martha. "E assim será, após sua confissão. O Profeta se certificará disso."

Martha estremeceu tão violentamente que sua vela chacoalhou em seu espeto. Em um raro momento de fraqueza, seus olhos se encheram de lágrimas. Quando ela finalmente falou, não foi com o apóstolo, mas com Emanuelle. "Honra e Glória choram por você durante a noite. Ana está quebrada. Abrão está tão doente de dor que mal consegue comer."

Immanuelle fechou os olhos com força, forçando-se a não chorar. Dela família e sua ternura por eles sempre foram sua maior fraqueza. Martha sabia disso, talvez melhor do que ninguém.

“Amanhã, em seu julgamento, você deve confessar seus pecados. Admita sua culpa para que você possa ser perdoado e autorizado a voltar para casa para aqueles que o amam. Para mim. A esperança ainda não está perdida, se você estiver disposto a fazer isso.”

Immanuelle riu da proposta. Se ao menos Martha soubesse o que ela estava tramando. O sigilo que ela estava planejando esculpir. Na esteira do que ela estava se preparando para fazer, não haveria lugar para ela na mesa de Abram. Não há lugar para ela em Betel, exceto presa à estaca de uma pira de purificação. Uma vez que ela tivesse uma lâmina consagrada em sua mão – seja a adaga do Profeta ou a faca sagrada de evisceração – ela agiria. Era apenas uma questão de ganhar tempo. “E se eu me recusar a me arrepender?”

Uma lágrima correu pelo rosto de Martha. “Então o Pai tenha misericórdia de sua alma”.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Confessei meus pecados e fiz as pazes com meu destino. Se a pira espera, então deixe as chamas subirem. Estou pronto.

— DO JULGAMENTO DE DANIEL WARD

IMMANUELLE ACORDOU no chão de sua cela com o eco de passos que se aproximavam. Empurrando-se para fora dos tijolos, ela tropeçou em seus pés. A porta da cela se abriu e a luz vermelha das tochas se derramou pelas paredes quando o apóstolo Isaac pisou na soleira. "Você vai ser julgado hoje", disse ele como forma de saudação.

Immanuelle alisou a saia sobre as coxas. Suas algemas chacoalhou pelo chão enquanto ela se aproximava do apóstolo. Dois membros da Guarda do Profeta intervieram para bloquear seu caminho, mas se o apóstolo foi ameaçado por ela, ele não deu nenhuma indicação. Ele levantou uma mão nodosa, gesticulando para que os guardas se abaixassem. "Deixe-a passar."

Então, eles fizeram. Um deles a agarrou pelas algemas. O outro baixou a tocha para as costas dela, tão perto que Immanuelle temia que seu vestido pegasse fogo e ela queimasse antes mesmo de colocar os olhos em sua pira.

"Não tenha ideias, bruxa."

Os guardas tomaram um caminho que Immanuelle não conhecia, em direção ao alcances distantes do Haven. Enquanto caminhavam, as paredes de tijolos deram lugar a corredores esculpidos em pedra bruta. Alguns desses salões não eram mais do que longas cavernas de terra batida, o chão tão macio que a lama fria escorria entre seus dedos a cada passo.

Depois de um tempo, eles chegaram a uma porta no final de um corredor tão estreito que os ombros dos guardas roçavam as paredes enquanto passavam. Immanuelle subiu com dificuldade um lance de escadas íngremes – pouco mais que tábuas de madeira embutidas em uma parede de terra batida – até a porta de ferro no final.

O mais alto dos dois guardas deu um passo à frente para abri-la, e Immanuelle foi saudada por uma rajada fria de ar limpo da noite. Ela respirou fundo, saboreando o frescor depois de todo o tempo que passou nas catacumbas fétidas sob o Refúgio do Profeta.

Ao longo de sua detenção, houve momentos em que ela pensou que nunca mais voltaria a andar pelas planícies. No entanto, aqui estava ela. Se esta fosse sua última chance agora de fazê-lo, antes que chegasse o fim, seria o suficiente. Uma última noite para ouvir o vento nas árvores, sentir a grama se eriçar entre os dedos dos pés. . . viver.

Mas quando Immanuelle olhou para a escuridão sem fim, ela percebeu o planícies não eram os mesmos prados enluarados de suas memórias.

O esquecimento estava diante dela.

Não havia luz, exceto a das tochas, e a escuridão distante era densa demais para ser vista. Nenhuma lua pairava no alto, nenhuma estrela. Até os fogos das piras de purga pareciam ter sido engolidos pelo negro.

Enquanto seus olhos se ajustavam às sombras, ela viu formas estranhas e aterrorizantes na escuridão – o vislumbre de um rosto estranho, uma garotinha se afogando nas profundezas, uma sombra em forma de homem que tremeluzia e mudava, chamando-a para a escuridão com um dedo enganchado.

O guarda deu um puxão cruel nas algemas de Immanuelle, arrastando-a para frente, e as formas na escuridão desapareceram.

"Que horas são?" ela perguntou, e a noite pareceu devorar suas palavras.

"É um pouco depois do meio-dia", disse o Apóstolo Isaac. "Diga-me, que bruxa te ensinou a lançar uma maldição tão poderosa quanto esta? Ou você simplesmente se prostituiu no escuro para obter esse poder?"

Immanuelle tropeçou em um sulco na estrada, batendo o dedo do pé em uma Rocha. "Eu não fiz maldições." Não intencionalmente, de qualquer maneira. O verdadeiro trabalho de bruxa fora obra de sua mãe. Ela era apenas a embarcação.

O guarda baixou a tocha nas costas dela novamente. "Morda sua língua mentirosa, bruxa. Guarde suas confissões para o julgamento.

Ela não cometeu o erro de falar novamente.

Eles seguiram em frente. O tempo passou estranhamente no escuro - como se os segundos diminuíssem - mas, eventualmente, Immanuelle avistou luzes à distância. Ela levou um momento para registrar o tamanho da multidão. Havia dezenas de pessoas reunidas ao pé da catedral, carregando tochas e acendendo as chamas da pira, seus rostos iluminados pelo brilho.

Os guardas caminharam à frente de Emanuelle e do Apóstolo Isaac, abrindo caminho entre a multidão para eles seguirem. Enquanto ela se movia pela multidão, um cântico começou, o som como um hino sem música: "**Bruxa. Prostituta. Fera. Pecador. Cadela. Filhote de mãe.**"

Immanuelle entrou na catedral e apertou os olhos contra a luz. Havia lâmpadas e tochas acesas em cada poste, afugentando as sombras que vazavam pelas portas e janelas. Os bancos estavam lotados com a multidão que se reuniu para assistir ao julgamento. Havia as noivas do Profeta e os aldeões, e até algumas pessoas da periferia.

Atrás do altar estavam os sete apóstolos e, para horror de Immanuelle, os Moores estavam em sua sombra, reivindicando a primeira fileira de bancos. Anna se levantou, envolta em preto. Ela levou um lenço úmido aos olhos, recusando-se a olhar para Immanuelle ao passar. Ao lado de Anna, Abram, seus olhos injetados e vazios. Martha estava ao lado dele, vestida com a mesma capa escura que usara na noite em que visitou Immanuelle nas catacumbas. Tanto Honra quanto Glória estavam ausentes, provavelmente ainda se recuperando da praga.

"Vá em frente", ordenou o guarda.

Immanuelle cambaleou pelos degraus de pedra até o altar, seu pés escorregando debaixo dela. Alguém riu quando ela caiu e machucou os joelhos na escada. O guarda empurrou a tocha para mais perto, a poucos centímetros acima de suas omoplatas, e as chamas queimaram sua nuca. "Se apresse. Você está fazendo um espetáculo de si mesmo."

Levantando-se, Immanuelle mancou o resto do caminho até o altar, os apóstolos se separando para dar espaço para ela. Lá, ela estava diante da congregação, cabeça baixa, mãos cruzadas na frente dela. Ela se lembrou de como, apenas alguns meses antes, em um dia muito diferente, Leah estava no mesmo lugar, quando a vida ainda tinha um pouco de alegria.

As portas da catedral se fecharam e foi tudo o que Immanuelle pôde fazer para conter as lágrimas. A congregação borrou e dobrou diante de seus olhos. Todos olharam para ela com o mesmo olhar morto, as mesmas carrancas e zombarias. Ela soube então que eles votariam para mandá-la para a pira de purga, não importa o que ela dissesse. Suas mentes já estavam decididas. O julgamento foi apenas uma formalidade. Ela lutou tanto para salvá-los das pragas de Lilith, e agora eles iriam vê-la queimar. Vera estava certa – não havia nada que ela pudesse fazer para ganhar o favor deles. Mas ela tinha que salvá-los do mesmo jeito. E para fazer isso, ela teria que provar sua inocência.

Porque se eles a considerassem culpada e a condenassem à pira de purgação como punição por seus pecados, ela nunca teria a chance de lançar o sigilo de reversão.

Para a sobrevivência de Bethel, e dela própria, ela teria que lutar por sua inocência.

O Profeta emergiu dos fundos da catedral e cambaleou pelo corredor central, parando a cada poucos passos para se apoiar no encosto de um banco e recuperar o fôlego. Depois de uma longa e cansativa caminhada até o altar, ele se virou para se dirigir ao rebanho. “Estamos reunidos aqui para o julgamento de Immanuelle Moore, que foi acusada de bruxaria, assassinato, feitiçaria, roubo, prostituição e santa traição contra a Igreja do Bom Padre.”

A congregação zombou.

“Hoje, vamos ouvir sua confissão. Nós a julgaremos não de acordo com as paixões de nossos corações, mas pelas leis de nosso Pai e das Sagradas Escrituras. Só então ela poderá encontrar o verdadeiro perdão. Que comece o julgamento.”



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Se você tem alguma honra, qualquer aparência de bondade ou decência, então poupe-a. Poupe-a, por favor.

— A CONFISSÃO FINAL DE DANIEL WARD

A PRIMEIRA TESTEMUNHA a depor foi Abram Moore. Ele cambaleou para frente, apoiando-se pesadamente em sua bengala, seu rosto uma imagem de dor enquanto mancava na sombra do altar.

Immanuelle não esperava que ele encontrasse seus olhos, mas ele o fez. “Estou aqui para testemunhar. . . em meu nome e. . . minha esposa Martha Moore. Immanuelle é minha neta. . . o filho de Miriam Moore que morreu o . . . dia Emanuelle nasceu. Ela não tinha pai vivo, então. . .

Eu a criei. . . como meu. Ela carrega. . . o meu nome.”

“Você a criou para ser o que ela é?” O apóstolo Isaac perguntou, movendo-se em direção ao altar. Ele era o apóstolo que havia substituído Abrão na esteira da desgraça de Miriam, e Immanuelle não pôde deixar de se perguntar se ele apreciava a oportunidade de derrotar seu rival mais uma vez.

“Eu a criei para . . . temam o Pai”, disse Abrão. “E . . . Eu acredito que ela faz.”

Houve um suspiro coletivo, mas Abram continuou. “Ela é apenas. . . uma criança”.

O apóstolo Isaque foi até a beira do altar. Ele olhou para Abram com um olhar de desprezo tão nu que fez Immanuelle estremecer.

Mas Abrão não vacilou.

“Eu gostaria de lembrá-los das palavras de nossas Sagradas Escrituras”, disse o apóstolo, falando devagar, como se achasse Abrão simples. “Sangue gera sangue. Esse é o preço do pecado.”

“Eu conheço o pai. . . Escrituras. E eu sei disso. . . clemência estende-se àqueles que não têm mente sã. . . ou coração.”

“Ela é sã”, o apóstolo retrucou. “Conversamos longamente.”

“A menina tem. . . doença de sua mãe”.

“A única doença de sua mãe era feitiçaria.”

Isso foi recebido com aplausos. Homens na parte de trás da multidão levantou seus punhos nas vigas, gritando por sangue e queimando.

“O pecado pode ser uma aflição. . . real como qualquer outro”, disse Abrão. Ele se virou para apelar diretamente ao rebanho. “O pecado veio sobre nós na forma . . . dessas pragas, e ainda . . . não nos punimos. Nós não deitamos. . . o chicote . . . contra nossas próprias costas.”

O apóstolo Isaac interrompeu: “Isso é porque não somos culpados. Somos vítimas desse mal. Mas aquela garota — ele apontou para Immanuelle com um dedo trêmulo — é a fonte disso. Ela é uma bruxa. Ela conjurou as maldições que devastaram estas terras, e ainda assim você a veria andando entre nós? Você a libertaria?”

“Eu não a libertaria. . . aqui”, disse Abrão. “Eu a soltaria. . . para os selvagens. Expulse-a de Betel. Deixe ela . . . construir uma vida para si mesma além do muro.”

O apóstolo Isaac abriu a boca para refutá-lo, mas o profeta levantou a mão pedindo silêncio. Ele passou pelo apóstolo como se ele fosse pouco mais que uma cortina suspensa. “Obrigado por seu testemunho, irmão Abrão. Aceitamos sua verdade com gratidão.”

Enquanto Abrão voltava para seu assento, o Profeta voltou seu olhar para as pessoas, examinando os bancos. “Há outros que desejam oferecer testemunho?”

Uma voz pequena e fina soou na parte de trás da catedral. “Há.”

Demorou um momento para Immanuelle reconhecer a garota mancando ela, acorrentada e flanqueada por dois dos guardas do Profeta.

A contrição não tinha sido gentil com Judith. Ela parecia um cadáver.

Seus cachos ruivos, que antes eram tão compridos que pendiam até a cintura, haviam sido cortados em um corte curto como o de um menino. Ela estava mortalmente magra e suja, vestida com um corpete rasgado e saias manchadas de sangue. Apesar do frio, ela não usava sapatos nem xale nos ombros. Ambos os lábios estavam rachados, e quando ela falou eles começaram a sangrar. “Eu tenho uma confissão a fazer.”

O Profeta assentiu. “Fale a sua verdade, criança.”

Judith parou na beira do altar, seu olhar fixo no chão enquanto se virava para encarar o rebanho. Ela torceu as mãos, as algemas chacoalhando, e olhou para o Profeta, como se esperasse algum tipo de deixa. Quando ela finalmente falou, foi em um zumbido sem vida, como se ela estivesse recitando um catecismo ou Sagradas Escrituras. “Immanuelle Moore desafiou o Protocolo Sagrado. Ela lançou seus encantos e operou seus males contra os homens e mulheres desta Igreja”.

O Profeta a avaliou, sua expressão em branco. “E que provas você tem para acusar o acusado desses crimes?”

“As próprias palavras dela,” disse Judith, sua voz vacilante. Ela lutou por um momento, como se tentasse se lembrar do que lhe disseram para dizer. “Em um sábado, semanas atrás, Immanuelle disse que gostava de passear na floresta com os demônios e dançar com as bruxas nuas à luz da lua.”

Houve um coro de suspiros. As pessoas agarraram suas adagas sagradas e murmurou orações.

Judith olhou para o Profeta novamente, e Immanuelle o viu oferecer-lhe o menor aceno de cabeça. Ela voltou sua atenção para a congregação, falou rapidamente. “Quando Immanuelle disse essas palavras, Ezra Chambers riu como se não pudesse parar. Seu corpo inteiro ficou paralisado, como fazem os doentes quando pegam a febre que ela nos lançou.

Ela seduziu Ezra,” Judith disse, levantando os olhos para o Profeta. “Ela colocou um feitiço em seu filho, usando a magia da Mãe Negra para fazer isso. Então você vê, não foi culpa dele. Ela o forçou a pecar.”

“Eu não”, disse Immanuelle, falando pela primeira vez desde sua começou o julgamento. “Eu nunca machucaria Ezra. Eu perei minha mão na Escritura e o direi. Juro pelos ossos da minha mãe.

“Sua mãe não tem ossos para jurar”, disse o apóstolo Isaac, sua voz baixa e letal. “O cadáver de sua mãe foi queimado na pira. Apenas as cinzas daquela bruxa permanecem.”

“Louvado seja.” O rebanho falou como um.

Mais uma vez, o Profeta levantou a mão pedindo silêncio. “Obrigada para sua confissão.”

Judith abriu os lábios, como se quisesse dizer mais, mas um olhar do marido foi suficiente para acalmá-la. De cabeça baixa, ela voltou para seus guardas, que a agarraram pelos braços. Ela começou a chorar baixinho enquanto a arrastavam para fora da igreja.

O Profeta fez uma pausa, seu rosto sério à luz bruxuleante da tocha. Por fim, ele falou. “Gostaria de chamar meu filho, Ezra Chambers, para testemunhar as observações de nossa última testemunha.”

O coração de Immanuelle congelou em seu peito.

“Traga meu filho ao altar.”

Sob sua ordem, as portas da catedral se abriram e dois guardas emergiram da escuridão, Ezra entre eles. Ele parecia ter sido espancado. Havia uma crosta de sangue seco sob o nariz e bolsas sob os olhos, escuras como hematomas.

Através do tecido fino de sua camisa, Immanuelle podia ver bandagens sujas enroladas em seu peito, precisando urgentemente de uma troca.

Ezra mancou pelo corredor e apoiou as duas mãos no altar, sua respiração irregular. Os nós dos dedos dele estavam a apenas alguns centímetros das pontas dos dedos de Immanuelle, e ela não queria nada além de pegá-lo pela mão. Mas ela não se atreveu a se mexer.

Esta foi uma reviravolta inesperada, com o potencial de derrubar completamente seu plano. Se Ezra estava contra ela - se sua inocência foi usada como prova de sua própria culpa - então como ela poderia limpar seu nome sem condená-lo?

O Profeta caminhou até a frente do altar e olhou para seu filho. "É verdade que você estava na companhia do acusado no décimo quinto sábado do ano da colheita?"

Ezra mudou seu peso. Ao fazê-lo, sua manga caiu, expondo a faixa preta de um hematoma em torno de seu antebraço - um gêmeo dos pulsos e tornozelos de Immanuelle. As marcas de correntes e grilhões. "Sim, eu estava lá."

"E é verdade que Immanuelle falou sobre seus feitos com os demônios naquele dia?"

As mãos de Ezra tremeram levemente. Ele os apertou em punhos. "Muitas pessoas falaram de muitas coisas naquele dia."

"Mas você se lembra das palavras dela?"

"Eu não."

O Profeta enfiou as mãos nas dobras de seu manto. "Nossa acusada chamou você de amiga dela. Isso é verdade?"

Esdras hesitou. Immanuelle não o culparia se ele a negasse. Qualquer homem inteligente com vontade de viver faria isso. Ele ainda poderia se salvar. "Isso é verdade. Immanuelle é minha amiga e leal.

Com essas palavras, Immanuelle sufocou um soluço, e Ezra deve ter ouvido, porque ele moveu a mão em direção a ela um centímetro, os nós dos dedos quentes contra as pontas dos dedos dela. Ele olhou para ela pela primeira vez.

Está tudo bem, seus olhos pareciam dizer, as mesmas palavras que ele sussurrou em seu ouvido na noite da morte de Leah. ***Você vai ficar bem.***

O Profeta os circulou. Ele estava perto, tão perto que, se Immanuelle apenas estendesse a mão, ela poderia ter agarrado sua adaga sagrada pelo cabo. Ela ficou tentada a fazer isso, roubar a lâmina

e esculpir o sigilo em seu braço ali mesmo. Mas ela sabia que, se tentasse, os guardas do Profeta a matariam a tiros na hora. Não, melhor esperar. A matança ainda não estava sobre eles. Ela ainda tinha tempo de sobra.

O Profeta se agachou ao lado do filho. “Diga-me, o que é a sua ligação com o acusado? Qual é a natureza de sua afinidade?”

Ezra engoliu em seco, mudando seu olhar de volta para seu pai. Ele endireitou os ombros, como se estivesse reunindo as forças que precisava para falar. “Sou culpado de todas as acusações feitas contra mim. Mas Emanuelle é inocente. Quaisquer pecados ou crimes que ela possa ter cometido foram por minha instrução, e somente minha.”

Um grande e terrível gemido saiu da congregação. Muitas pessoas choraram abertamente; outros rasgaram suas próprias roupas. As crianças se encolheram nas saias de suas mães, e alguns dos homens mais piedosos se ajoelharam em oração.

Seu herdeiro os havia traído.

O Profeta se aproximou do altar lentamente, suas vestes arrastando atrás dele. “Então você está dizendo que foi você quem atraiu o mal de Immanuelle Moore? Você que o chamou? Ele se virou para apontar um dedo acusador para o filho. “Todas essas pragas caíram sobre nós por sua causa?”

Esdras assentiu. Seus ombros rolaram sob sua camisa enquanto ele deslocava seu peso contra o altar. “Sim. Isso é verdade.”

“E você manipulou o poder dela para obter o título de profeta, tornando-o um herege. Um **falso** profeta.”

Não era uma pergunta, mas Ezra respondeu assim mesmo. “Sim.”

Sua confissão provocou um rugido de protesto. O desespero tornou-se choque, e o choque tornou-se fúria. A multidão vaiou, avançando, batendo os pés e gritando. Os ecos de seus gritos explodiram entre as paredes. Desta vez, o Profeta os deixou gritar.

“Não”, disse Immanuelle, mas sua voz se perdeu sob a confusão da multidão. Naquele momento ela não pensou em sua própria inocência ou culpa. Ela não pensou no sigilo de reversão ou Bethel ou convocando o poder das pragas. Seus pensamentos estavam apenas com Ezra, e no grave perigo que sua falsa confissão o colocou. “Ele está mentindo. Não é verdade!”

Antes que ela pudesse proferir outra palavra de protesto, membros da Guarda do Profeta avançaram para agarrar Ezra. Agarrando-o pelo

braços, eles o arrastaram de volta para as portas da catedral.

“Obrigado por sua confissão”, disse o Profeta. “Este julgamento está adiado.”



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Às vezes, acho que ele me ama. Não desinteressadamente, como você faz, mas com uma espécie de fome. Há poder nesse amor, mas também há malícia. Muitas vezes me pergunto o que será de mim quando essa malícia se manifestar.

—DAS CARTAS DE MIRIAM MOORE

IMMANUELLE ACORDEI COM um jato de água fria e um chute nas costelas.

"Levantar."

Estremecendo, ela abriu os olhos e olhou para o guarda que estava sobre ela. Ele, como todos os outros servos que tinham ido à sua cela para questioná-la e atormentá-la, usava uma máscara sobre a boca, como se temesse pegar o mal dela respirando. Ele segurava uma lamparina a óleo que brilhava tanto que Immanuelle teve que apertar os olhos para não ser cegada por ela.

Sem dizer uma palavra, ela se forçou a sair do chão frio de pedra e se levantou.

O guarda a manteve algemada enquanto caminhavam pelos corredores do Haven. Immanuelle tentou memorizar o caminho enquanto andava — esquerda **duas vezes, direita uma vez, esquerda três vezes, direita quatro, pausa na porta de ferro** — mas foi inútil. A escuridão tornava impossível discernir um salão do outro.

"Para onde você está me levando?" ela perguntou, odiando o tremor em sua voz.

O guarda não respondeu. Eles seguiram em frente.

A cada passo, os pensamentos de Immanuelle vagavam, e ela foi forçada a mudar seu foco de memorizar o caminho para simplesmente ficar de pé. Sua cabeça girava e suas pernas pareciam macias embaixo dela. Ela começou a tremer, e ela não tinha certeza se era o medo ou a fome ou ambos.

Enquanto se moviam pelos corredores, os pensamentos de Immanuelle foram para Ezra – sua falsa confissão, seu sacrifício, tudo o que ele disse e fez para protegê-la. Foi um gesto de tolo; ele deve ter sabido disso. Ela estava condenada no instante em que deixou a casa dos Moore. Mas ainda assim, apesar de tudo, ele tentou salvá-la, mentindo sob juramento sagrado para fazê-lo, trocando sua herança, sua liberdade, sua vida, pela dela. Foi um sacrifício grave, pelo qual ela estava grata. Sua única esperança era

que, se um pouco de sorte ainda estivesse do seu lado, ela teria a chance de dizer isso a ele antes do fim.

Depois de uma longa e silenciosa caminhada pelo Haven, o guarda a levou para um corredor vazio. Em sua extremidade havia uma porta de madeira tão grande que se estendia por toda a parede. Ela se abriu quando eles se aproximaram, e Esther emergiu dela na escuridão do salão. Ela estava desgrenhada, suas saias enrugadas, seu corpete amarrado descuidadamente. Seu cabelo caiu solto em torno de seus ombros, e seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ao passar por eles, ela deu a Immanuelle um olhar de tanto ódio, um calafrio percorreu sua espinha.

O guarda puxou as algemas de Immanuelle, puxando-a para frente, e Esther desapareceu na escuridão do corredor. Com um golpe forte entre suas omoplatas, o guarda a empurrou pelo resto do caminho através do portal, e a porta se fechou atrás dela.

Immanuelle parou na soleira, com muito medo de se mexer. Ela examinou a sala diante dela. No centro da parede oposta havia uma cama, seu colchão grande o suficiente para cinco pessoas. Ele foi montado em uma estrutura maciça de ferro forjado, surpreendentemente semelhante ao artesanato e ao estilo dos portões da frente do Haven. Acima dela estava pendurada uma espada larga e enferrujada que parecia tão velha que Immanuelle não ficaria surpresa ao saber que seu dono original tinha sido um dos cruzados da Guerra Santa. Em ambos os lados da lâmina havia janelas com vista para o que Immanuelle supôs serem as planícies, embora estivesse escuro demais para ver mais do que alguns centímetros além do parapeito da janela.

“Foi bom você ter vindo.”

Immanuelle pulou e se virou para ver um homem sentado no canto mais distante da sala, debruçado sobre uma pequena escrivaninha. Havia pouca luz nas sombras além do alcance da lamparina, e Immanuelle levou um momento para reconhecê-lo enquanto seus olhos se ajustavam.

O profeta.

E estes, ela percebeu, devem ser seus aposentos privados.

Após um longo silêncio, o Profeta ergueu os olhos do papel para estudá-la. À luz da vela bruxuleando em sua mesa, ela podia ver a cicatriz esculpida ao longo do lado de seu pescoço. “Normalmente eles cortam os cachos das meninas que entram em contrição. Os guardas os tosquiavam como ovelhas para manter os piolhos afastados, mas pedi a eles que deixassem você em paz. Ele a encarou com expectativa, como se esperasse seu agradecimento.

Immanuelle não ofereceu.

“Você sabe por que eu chamei você aqui?”

Ela pensou no que Leah havia dito a ela, como o Profeta havia usado ela, explorando sua inocência quando ela era apenas uma criança fazendo penitência. Empurrando seu medo de lado, ela balançou a cabeça.

O Profeta mergulhou a pena no tinteiro e rabiscou algo no final da carta.

"Acho."

“Eu... eu não sei.”

Ele franziu a testa. “Disseram-me que você era uma garota de grande imaginação. Estou desapontado por você não ter nada a dizer.”

“Estou cansado, senhor.”

"Cansado?" Ele arqueou uma sobrancelha. “Você tem alguma ideia de que horas são?”

Immanuelle olhou pela janela, para a escuridão das planícies distantes. Ela balançou a cabeça.

"É meio-dia", disse ele. “O sol não nasceu desde a noite em que meus guardas rastreamos você. Alguns acreditam que nunca mais subirá.” Ele a avaliou com um olhar, da cabeça aos pés, e ela se perguntou quantas garotas haviam se machucado nesta sala. “É difícil de acreditar, mesmo com você aqui diante de mim. Uma garota com o poder de escurecer o sol, apagar as estrelas. . . por impulso.”

“Eu não convoquei as pragas.”

Os olhos do Profeta brilharam. Ele se inclinou para abrir uma das gavetas de sua escrivaninha e retirou o diário de Miriam. “Então me diga, que negócio uma garota inocente tem com o livro de feitiços de uma bruxa?”

O livro borrou e dobrou diante dos olhos de Immanuelle, e a sala começou a girar. Seus joelhos fraquejaram e ela cambaleou alguns metros para trás antes de se apoiar na cabeceira da cama.

O Profeta voltou seu olhar para sua carta. Ela notou que ele estava usando sua adaga sagrada, a arma que ela precisava para lançar o sigilo de reversão. Se ela pudesse estender a mão e pegá-la. . . “Eles não te alimentam lá embaixo?”

Immanuelle chamou a atenção, desviou o olhar do lâmina. “Só nos dias bons.”

Ele apontou para a pequena tigela de frutas que estava no canto de sua mesa. "Comer."

Immanuelle estava faminta demais para se preocupar com suspeitas. Ela tropeçou até a mesa e pegou uma maçã da tigela. Ela o devorou em segundos, então limpou a boca com as costas da mão.

"Eles vão sentenciá-lo a morrer amanhã", disse o Profeta casualmente. "O apóstolo Isaac lhe disse isso?"

Seu intestino torceu, e ela sentiu o gosto de maçã no fundo de sua garganta. "Não."

"Então considere este seu aviso. Amanhã de manhã, você estará condenado à pira por santa traição. Após seu julgamento, Ezra receberá o mesmo veredicto." Ele fez uma pausa para terminar sua carta. Ele tinha uma mão ruim, e Immanuelle notou que ele segurava a pena errada, apertando-a entre o polegar e o dedo anelar. Seus dedos se dobraram em ângulos estranhos, de modo que pareciam quase quebrados. "Ainda assim, apesar das melhores advertências de meus apóstolos e da Igreja, estou disposto a ser misericordioso. Eu quero te salvar." Ele olhou para ela então e esclareceu: "Vocês dois."

Immanuelle não se atreveu a ter esperança. Ainda não. Houve um problema. **Sempre** havia uma pegadinha. "Por que você faria isso?"

O Profeta não respondeu a ela. Em vez disso, ele se afastou de sua mesa, os pés de sua cadeira raspando no chão com um guincho. Ele tossiu violentamente enquanto se levantava, e gotas de sangue mancharam sua camisa e respingaram nas tábuas do piso a seus pés.

Immanuelle sabia o suficiente para saber que esse não era o tipo de tosse que poderia ser curada. Não foi uma crise passageira de gripe ou o calafrio que chega aos pulmões quando as estações mudam. Não, aquele latido sibilante nada mais era do que os suspiros de um moribundo.

Quando seu ataque finalmente passou, o Profeta limpou a boca no costas de sua mão e foi em direção a ela. Ele se aproximou tanto que ela sentiu o cheiro de sangue em seu hálito.

"Eu faria isso porque eu me importo com você, Immanuelle. E acredito que, com tempo e expiação, poderíamos ser úteis um para o outro."

A lâmina consagrada estava a poucos centímetros de seu alcance. "De que forma?"

O Profeta estudou suas mãos. Quando ele abaixou a cabeça, ela pôde ver a ponta de sua cicatriz espreitando acima de seu colarinho. "De uma maneira santa, através do vínculo do casamento. Se você for cortado com o meu selo, estará isento de qualquer punição que lhe derem no julgamento. Você será poupado."

Era uma oferta estranha, dado o estado do Profeta. Por que um moribundo homem se importa de pegar a mão dela em casamento? Immanuelle não podia imaginar que ele sobreviveria mais do que alguns meses, talvez um ano, dada a rápida ascensão de Ezra ao poder. A menos que . . . ele não pretendia deixar

Esdras sobe ao poder. Uma ideia horrível lhe ocorreu: e se o verdadeiro plano do Profeta fosse estender seu próprio reinado cortando a vida de Ezra? E se ele pretendesse executar seu próprio filho?

O choque deve ter sido evidente no rosto de Immanuelle, porque o Profeta deu a ela um sorriso tranquilizador que poderia ter sido reconfortante, se não fosse pela nitidez em seus olhos. “Ah, venha agora. Há coisas piores para ser do que a noiva de um profeta. Aqui, no Haven, você estaria seguro para viver uma vida longa. Você nunca conheceria a dor das chamas da pira. Meu selo o absolveria completamente e você estaria livre para começar de novo.

Uma ideia surgiu no fundo de sua mente, tão inteligente quanto revoltante. E se ela aceitasse a trama do Profeta, concordasse em segui-lo até o altar – deixá-lo cortar seu selo em sua testa e reivindicá-la como sua? Naquela noite, no leito conjugal, depois de cumprir seu dever de noiva, quando o Profeta estava deitado exausto e de bruços, ela teria a rara oportunidade de pegar sua adaga sagrada, esculpir o sigilo de reversão em seu braço e invocar o poder das pragas. Se ela fizesse isso, não importaria quais eram as intenções do Profeta ou o que ele planejava fazer com Ezra. Tudo o que ela tinha que fazer era agir antes dele.

“E Ezra? Você disse que ofereceria misericórdia a ele?”

À menção de seu filho, os olhos do Profeta se contraíram. “Eu fiz, e eu sou um homem de palavra. Depois que você for cortado, Ezra será absolvido de seus crimes.

Isso significava que o Profeta só iria decretar seu plano depois que ela corte. Significava que ela tinha tempo. “Então você pretende libertá-lo, então?”

“Libertá-lo?” O Profeta zombou, parecendo quase rir. “Eu não posso fazer isso. Como meu herdeiro e ex-apóstolo, Ezra levou credos à Igreja. Credos que ele posteriormente quebrou quando deu as costas à sua fé para ajudá-lo. Isso é um ato de santa traição.”

E a santa traição acarretava a pena de morte por expurgo de pira. “Até onde sua misericórdia se estende se eu recusar sua oferta?”

O olhar do Profeta ficou escuro. “Não se estende de jeito nenhum.”

A raiva ferveu na boca do estômago de Immanuelle. Ela a apertou punhos. Ele estava quase forçando-a a ir ao altar algemada. Ou ela se casou com ele, ou ela e Ezra queimaram na pira. Não havia outra alternativa.

"Você tem um olhar tão afiado", disse o Profeta, sorrindo. "Você a favorece quando me olha desse jeito."

"Favor de quem?"

"Sua avó. Vera Bairro. Você sabia que depois de sua prisão em Ishmel, ela o seguiu a cavalo até o Portão Sagrado? Ela estava tão exausta quando chegou que prendê-la foi um ato de misericórdia."

"Vera está aqui?" Immanuelle sussurrou, horrorizada.

"Em carne e osso, há uma semana."

"O que você quer com ela?"

"Ela é Bethelan", disse o Profeta. "O selo sagrado está esculpido entre suas sobancelhas. Tenho a obrigação de guiar sua alma de volta à luz do Pai, o que não é tarefa fácil, considerando o tempo que ela mora nas trevas. Além disso, tenho pena dela, realmente tenho. Imagine, primeiro a pobre mulher foi obrigada a ver seu único filho queimar na pira. Agora, dezessete anos depois, parece que sua neta - a última de seus parentes de sangue vivos - compartilhará seu destino. É uma tragédia terrível."

Immanuelle não conseguia respirar. Não podia falar. Todo esse tempo ela esteve tão ocupada perseguindo bestas e demônios, acreditando que o mal começava e terminava com eles. Ela tinha sido tão tola. O verdadeiro mal não espreita nas profundezas da Darkwood. Não estava em Lilith ou seu clã, ou mesmo em qualquer uma das maldições que eles lançavam.

O verdadeiro mal, Immanuelle percebeu agora, usava a pele dos homens bons. Isto preferiu orações, não maldições. Fingiu misericórdia onde havia apenas malícia. Estudava as Escrituras apenas para cuspir mentiras. Lilith sabia disso, e Miriam também sabia. Então eles lançaram suas maldições e invocaram as pragas. Eles tentaram consertar as coisas, à sua maneira distorcida, para pôr fim a todo o mal que começou com o Profeta e todos os profetas que reinaram antes dele.

"Vou recuar", disse Immanuelle, sem saber se era mesmo possível. "Se você perdoar a mim e a Ezra, se nos deixar sair de Betel com minha avó, encontrarei uma maneira de acabar com as pragas. Vou deixar todos vocês em paz."

"Eu pensei que você disse que não controlava as pragas."

"Não, eu disse que não os convoquei. Há uma diferença."

O Profeta a estudou por um instante antes de voltar para sua mesa.

Sentou-se, rabiscou sua assinatura no final da carta, soprou a tinta e enfiou-a em um envelope. Ele inclinou sua vela, derramando um pouco de cera na aba da carta, puxou sua adaga de

as sombras de sua camisa, e pressionou o punho do punho na poça, formando a impressão do selo sagrado. “Não estou interessado em uma solução apressada, Immanuelle. Não vou me ajoelhar e implorar para que você afaste as pragas. Não é assim que funciona, e não é o que o Pai exige. Se quisermos encontrar uma maneira de acabar com as pragas, não faremos isso mergulhando na escuridão.”

“Então como você planeja parar com isso? Acha que me cortar ou prender seu filho fará alguma diferença? Você acha que Lilith e suas bruxas vão se importar com isso?”

“Não, não tenho”, disse o Profeta calmamente. “É por isso que, se as pragas continuarem, estou preparado para arrasar a Floresta Negra até não sobrar nada além de galhos e cinzas. As piras que acendo farão os expurgos sagrados de David Ford parecerem fogos de lareira. De uma forma ou de outra, Betel prevalecerá e o Pai terá Sua expiação”.

As mãos de Immanuelle se fecharam em punhos. “Se é expiação que você quer, se é isso que o Pai realmente exige, então por que você não começa por si mesmo?”

Um trovão ressoou do lado de fora, e a escuridão pareceu engrossar, pressionando as vidraças.

“O que eu tenho que expiar?”

“Eu acho que você sabe.”

“Eu nunca reivindiquei perfeição, Immanuelle. Todos nós cometemos erros.”

A raiva a invadiu. Lá fora, o vento rugia na escuridão. “Não estou falando de erros. Estou falando de crimes.

Você se deitou com Leah muito antes de ela cortar, tomando sua virtude enquanto ela pagava penitência aqui, sob o que deveria ter sido sua proteção.

Você mandou meu pai para a pira por ciúme e rancor. Você prendeu seu próprio filho por acusações que você sabe que são falsas. E as masmorras sob nossos pés estão cheias de garotas inocentes que você tortura pelo crime de ter marcas de bruxa em seus arquivos do censo. Não há nada que você não faria, ninguém que você não machucaria, para manter o poder em suas mãos.”

O Profeta empalideceu. A pouca cor que ele havia deixado em seus lábios e bochechas sumiu, até que ele ficou diante dela tão branco e pálido quanto as bruxas de Darkwood. “Você tem razão.”

Ela endureceu. **“O que?”**

“Eu disse que você está certo – sobre mim, meus pecados, meus vícios, minha vergonha, minha luxúria, minhas mentiras. Tudo isso.” Ele olhou para ela e inclinou a cabeça. “Mas você quer saber o que me mantém acordado à noite? Não são as mentiras do

Igreja. Não são meus pecados, nem mesmo minha doença. O que me mantém de pé – jogando e virando e suando em meus lençóis – é o conhecimento de quão frágil tudo isso realmente é. Os ossos quebram e as pessoas morrem. As piras queimam baixas, mal brilhantes o suficiente para manter as sombras afastadas. Forças além de nossas paredes se aproximam, todos os dias. . . e o rebanho fica inquieto”.

Ele olhou para suas mãos, e Immanuelle ficou surpresa ao vê-las tremendo. “E a quem eles recorrem em seu momento de necessidade? Quem é responsável por cuidar de suas feridas? Quem acende os fogos que os conduzem pela noite? O Pai não descerá dos céus para cuidar de seus filhos. Os apóstolos voltam para suas esposas e camas. O rebanho não presta contas de si mesmo e então o fardo recai sobre mim. **Eu** sou a salvação deles, e farei o que for preciso – pecar, expurgar, até matar – para garantir sua sobrevivência. Porque é isso que significa ser profeta. Não é sobre a Visão. Não se trata de bondade ou justiça ou se aquecendo na luz do Pai. Não, ser profeta é ser o único homem disposto a condenar sua alma pelo bem do rebanho. A salvação **sempre** exige um sacrifício.”

Immanuelle olhou para ele - este homem que usou suas mentiras para fazer ele mesmo um mártir. Ele pensou que foi ele quem fez o verdadeiro sacrifício, mas ele não poderia estar mais errado.

Não foi o Profeta que deu à luz Betel, amarrado às costas como uma pedra de moinho. Foram todas as meninas e mulheres inocentes — como Miriam e Leah — que sofreram e morreram nas mãos dos homens que as exploraram. Eles foram o sacrifício de Betel. Eles eram os ossos sobre os quais a Igreja foi construída.

A dor deles foi a grande vergonha da fé do Pai, e toda Betel participou dela. Homens como o Profeta, que espreitavam e cobiçavam os inocentes, que encontravam alegria em sua dor, que os brutalizavam e os destruíam até que não fossem nada, explorando aqueles que deveriam proteger. A Igreja, que não só escusou e perdoou os pecados de seus líderes, mas os capacitou: com o Protocolo e as ações do mercado, com mordanças e açoites e Escrituras deturpadas. Foram todos eles, o próprio coração de Betel, que fizeram com que cada mulher que vivesse atrás de seu portão tivesse apenas duas opções: resignação ou ruína.

Não mais, pensou Immanuelle. Não há mais punições ou Protocolos. Não há mais focinheiras ou contrição. Não há mais piras ou evisceração

lâminas. Não há mais garotas espancadas ou quebradas em silêncio. Chega de noivas em vestidos brancos deitadas como cordeiros no altar para o abate.

Ela veria um fim para tudo isso. Ela se casaria com o Profeta, e enquanto ele dormia na cama compartilhada, ela pegaria sua adaga, esculpiria o sigilo em seu braço e acabaria com isso de uma vez por todas.

“Você pode me cortar se quiser. Acorrente-me à pira, me encharque com querosene e acenda um fósforo. Mas não será suficiente para salvar sua vida. . . ou sua alma miserável.”

O Profeta se encolheu, e Immanuelle assistiu horrorizada enquanto ele levantou a mão para agarrar o punho de sua adaga sagrada. Quando seu olhar varreu para ela, ela cambaleou para trás, caindo na beirada da cama. Mas não havia para onde correr.

“Eu deixei minhas intenções claras”, disse ele, e para o olhar de Immanuelle Aliviado, ele soltou a adaga e se retirou para seu assento na mesa, mancando e ofegante. “Eu tenho sido mais do que paciente com você. Mas vou deixar claro uma última vez: sua vida, e a de Ezra, depende de sua decisão no julgamento de amanhã. Sugiro que volte para sua cela e considere minha oferta. De manhã, se é misericórdia que você quer, você vai morder a língua e escolher bem.”



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Eu me envolvi em luxúria e luxúria. Deleitei-me com os despojos da carne. Por esses crimes, cumprirei minhas contas nas piras do expurgo. Peço a misericórdia do Pai. Nada mais.

— A CONFISSÃO FINAL DE DANIEL WARD

NA MANHÃ DE sua sentença, Immanuelle acordou com o nome de Ezra na ponta da língua. Ela tinha sonhado com ele à noite, e enquanto ela se levantava, era o rosto dele que a assombrava.

Meros momentos depois que ela se levantou e arrancou o feno de seus cachos, um dos guardas do Profeta apareceu no limiar da cela.

"Está na hora", foi tudo o que ele disse. Ele segurava um quadrado duro de pão integral pelos degraus da porta da cela. Café da manhã.

Emanuelle balançou a cabeça. O pensamento de levar algo mais do que alguns goles de água a fizeram sentir-se mal. Ela alisou os vincos de sua saia com as mãos trêmulas. "Estou pronto."

Eles pegaram a saída curta, desceram o corredor e subiram para dentro da casa, emergindo do vestibulo. Era a rota que Immanuelle conhecia melhor - e a que ela teria tomado se tivesse a oportunidade de encenar uma fuga. De lá, eles pegaram uma carroça pela escuridão fria das planícies, passando pelos montes fumegantes de velhas piras funerárias, viajando rápido sob o céu sem estrelas.

O fio de luzes da catedral apareceu ao longe. Immanuelle cruzou os braços sobre o peito, um grande calafrio a atormentando, os dentes batendo, os dedos dormentes de frio.

Hoje foi o dia em que ela decidiu seu destino: o Profeta, ou a pira.

A congregação de Bethel se espalhou pela catedral, enchendo os bancos. A multidão era duas vezes maior do que na primeira sessão de seu julgamento, e muitos homens e mulheres estavam ao longo das paredes ou sentados nos corredores.

Quando todos os bancos e bancos estavam cheios, Immanuelle tomou seu lugar no topo do altar novamente, cruzou as mãos no colo e abaixou a cabeça.

Por Ezra, ela disse a si mesma, revirando o nome dele em sua cabeça.
Para Honra. Para Glória. Para Miriã. Para Vera. Para Daniel. Para Lia. Para Betel e todos os inocentes nela.

Os apóstolos se reuniram atrás dela, formando uma fila ao longo do altar. Eles estavam vestidos com seus trajes mais formais, mantos grossos de veludo preto, as bainhas formando uma poça em seus pés. Quando o último da congregação encontrou assentos nos bancos ou lugares para ficar ao longo das paredes, o Profeta entrou. Ele também estava vestido com suas melhores roupas, um manto de um rico vermelhão tão escuro que parecia quase preto. Seus pés estavam descalços e, enquanto caminhava pelo corredor, seus dedos dos pés vislumbraram por baixo da bainha de seu manto. “É hora dos acusados testemunharem. Hoje ouviremos sua confissão final.”

As mãos de Immanuelle tremiam em seu colo. Ela agarrou seus joelhos, sua boca seca e pegajosa. Levantando a cabeça, ela olhou para a multidão reunida. Havia rostos que ela conhecia — Esther, sentada na primeira fila, e os Moore, que enchiam o banco logo atrás dela — e muitos outros que ela não conhecia. A catedral estava cheia de homens e mulheres, todos olhando para ela com o mesmo medo e repulsa com que ela havia visto Lilith no Darkwood.

O Profeta se virou para ela. “Fale agora e deixe que a verdade seja conhecida.”

Immanuelle endireitou os ombros, forçando-se a erguer o olhar para o rebanho. Ela sabia que não havia feito nada errado, que não tinha pecados reais para confessar ou ser perdoado. Mas ela também sabia que seu destino e o de Ezra dependiam de sua confissão. O que ela dissesse a seguir determinaria se eles viveriam para ver outro dia. Se uma falsa confissão de culpa foi o que foi necessário para salvar os dois, que assim seja.

“Meu nome é Immanuelle Moore. Sou filha de Miriam Moore e Daniel Ward”.

Suas palavras foram recebidas com silêncio. Silêncio morto, espesso e doentio.

“Eu estou diante de você como um assassino, e um mentiroso, e um pecador por completo e através dos. Eu desonrei meu nome de família. Eu desonrei as Escrituras, o Profeta e o Bom Padre”.

Immanuelle fez uma pausa, encontrando o olhar de Martha por um breve momento.

“Eu tenho trilhado o caminho do pecado,” Immanuelle continuou. “Falei com as feras da Floresta Negra em sua língua suja. Desafiei o Protocolo do Pai e vivi em reprovação ao seu reinado. Li em segredo. Seduzi homens de boa fé com minhas artimanhas e transformei seus corações. Eu quebrei a conduta santa de mansidão e modéstia e falei fora de hora. Pratiquei feitiçaria nas sombras. Eu fiz amizade com o mal e evitei o bem que é

venha até mim. Por esses pecados, peço seu perdão para que o Pai possa – em Sua misericórdia – purgar minha alma das trevas. Esta é a minha confissão final.”

Mais uma vez, houve silêncio, exceto pelo eco rítmico dos passos do Profeta enquanto ele caminhava ao lado do altar e levava a mão à cabeça de Immanuelle, seus dedos enroscando-se em seus cachos.

“Obrigado por seu testemunho, criança. É bem ouvido.”

O rebanho não disse nada. Eles esperaram, boquiabertos, famintos por uma sentença. Para notícias de uma execução adequada da pira, uma purgação ao vivo como a lei da Escritura exigiria.

Mas se era sangue que eles queriam, eles não conseguiriam naquele dia. Por seu Profeta tinha outros planos. Planos que ele deixou claro para Immanuelle – planos que veriam Betel arruinada se isso significasse manter o poder na palma de sua mão.

“O Pai falou comigo pela Visão.” A mão do Profeta caiu da cabeça de Immanuelle enquanto ele se movia para ficar diante do altar. “Vi seus filhos andarem livremente pelas planícies e florestas além deles. Eu vi o sol nascer sobre a terra e afugentar as sombras. Eu vi o santo olho do Pai sobre nós mais uma vez”.

Para isso, houve gritos de louvor e glória.

O Profeta levantou sua voz acima de seus gritos. “Mas há um preço pela recompensa e bênçãos que eu vi.”

O apóstolo Isaac avançou, seus olhos brilhando com frenesi.

“Seja qual for o preço, nós pagaremos!” Ele se virou para encarar a congregação. “Para a glória do Pai?”

O rebanho gritou em resposta. **“Para a glória do Pai!”**

O Profeta ergueu as mãos pedindo silêncio. O suor umedeceu sua testa, e os músculos de seu pescoço ficaram tensos, como se ele estivesse lutando para arrastar as palavras de sua garganta. “O Pai exigiu que destruamos a Floresta Negra e assumamos o domínio sobre ela.”

Outro grito se ergueu do rebanho. Houve aplausos arrebatadores. UMA poucas pessoas nos bancos da frente caíram de joelhos, com as mãos levantadas para o céu.

“Para fazer isso”, o Profeta pressionou, “para dominar o que é nosso, devemos superar a escuridão que reside em cada um de nós em diferentes medidas. Não devemos ter medo de purgá-lo, como David Ford fez no auge da Guerra Santa, quando chamou o fogo do Pai dos céus”. Ele pausou um momento para efeito.

“É por isso que na aurora do próximo sábado, eu me casarei

Immanuelle Moore e purificá-la do mal. Vou esculpir o selo sagrado em sua testa. Então – e só então – a maldição será quebrada.”

Immanuelle sentiu o ar mudar. Não havia um único som. Não a rajada de um bebê ou o choro de uma criança. Nem uma respiração, nem um batimento cardíaco.

“Você ofereceria misericórdia a ela?” O apóstolo Isaac exigiu, seu rosto contorcido de repulsa. “Você ofereceria a esta bruxa um lugar ao seu lado como recompensa por seus pecados e crimes?”

“Eu ofereceria minha própria vida em troca do fim dessas pragas.

Tudo o que o Pai exigir de mim, eu o darei, se isso significar um fim para o nosso sofrimento”. O Profeta passou a mão pela cabeça, como se estivesse ganhando tempo para se recompor. Mas quando ele falou novamente, sua voz explodiu entre as vigas. “Nós expurgamos e queimamos, e estamos ainda piores por isso. Mandar a garota para a pira não vai acabar com nosso sofrimento. Ela está ligada à Escuridão da Mãe, em corpo e alma, então devemos encontrar uma maneira de quebrar esse laço profano. Agora eu orei, deitei prostrado aos pés do Pai para que Ele pudesse me dar uma resposta. . . mostre-me uma maneira de dissipar este mal que caiu sobre Betel através dela, e Ele me deu uma resposta.

Há apenas uma maneira de nos purificarmos do mal que essa bruxa lançou: um selo sagrado entre noiva e marido, marido e Santo Padre. Para expiar seus pecados, ela deve estar ligada a mim. É a única maneira.”

O Profeta virou-se para encarar Immanuelle novamente, seu peito a centímetros da borda do altar. “Você aceita os termos de sua sentença?”

Fez-se silêncio na catedral. A escuridão pressionava as janelas.

O fim estava próximo agora.

Immanuelle abaixou a cabeça, os braços em volta do estômago como se quisesse manter seus ossos juntos. Levantando o olhar para encontrar o do Profeta, ela selou seu destino. “Eu faço.”



CAPÍTULO TRINTA E SETE

A última vez que o vi, ele estava amarrado à estaca da pira, braços presos atrás das costas, cabeça baixa. Ele não olhou para mim. Mesmo quando chamei seu nome acima do rugido das chamas, ele não olhou.

—MIRIAM MOORE

EU IMMANUELLE NÃO VOLTEI para sua cela naquela noite. Em vez disso, depois que seu julgamento terminou, ela foi entregue às esposas do Profeta, que a transportou pela escuridão, de volta ao Haven e aos aposentos enclausurados onde ela permaneceria até o dia de seu corte.

Era o quarto de Leah. Immanuelle quase riu da ironia disso quando viu seu nome pintado na grade da porta. A câmara estava agora escassamente mobiliada, nenhum vestígio de sua esquerda. Havia uma cama grande em uma armação de ferro. Ao lado havia uma mesa que abrigava uma bacia, um jarro e uma cópia do tamanho da palma da mão das Sagradas Escrituras. Acima da cama, uma janela gradeada com um cadeado no trinco. Uma vela tremeluzia em uma pequena mesa perto da porta, lançando longas sombras nas paredes.

Immanuelle tirou o vestido esfarrapado e o jogou no canto do quarto. Ela pegou uma camisola limpa de um baú ao pé da cama. Exausta, ela subiu sob os lençóis e puxou os cobertores até o queixo.

Ela fechou os olhos, tentando bloquear os uivos que ecoavam na escuridão do lado de fora. A praga tinha vida e mente própria e, assim como o Darkwood, falou com ela, sussurrando contra suas vidraças, atraindo-a para a escuridão. Ela estava quase tentada a sucumbir a isso, abandonar todos os horrores que estavam diante dela – contrição e a faca cortante, o leito nupcial do Profeta. Deixe a escuridão não fazer nada disso tudo. Quando o poder das pragas fosse dela, talvez ela fizesse exatamente isso. Chame a noite, deixe-a afogar tudo em seu rastro. Assustou-a o quanto ela gostou da ideia, como ela estava tentada a torná-la realidade.

O som da porta se abrindo atraiu Immanuelle do labirinto de seus pensamentos. Antes que ela tivesse a chance de se sentar, Esther Chambers entrou na sala.

A mãe de Ezra usava uma longa camisola e roupão cor de neblina. Seu cabelo estava empilhado em cima de sua cabeça e preso no lugar com dois pentes dourados. Ao entrar na luz da lamparina, Immanuelle viu que sua pele estava pálida, seus lábios sem cor.

"Eles vão queimar o meu menino", disse ela. "Eles vão mandá-lo para a pira."

Immanuelle abriu a boca para responder, mas Esther a interrompeu.

"Eles o acusaram de conspirar contra a Igreja e de santa traição."

"Eu sinto muito," Immanuelle sussurrou.

"Eu não quero suas condolências", disse ela, o timbre de sua voz agudo e agudo como uma corda de harpa dedilhada. "Tudo que eu quero é que você saiba que se você deixar meu filho morrer em nome de seus pecados, eu vou me certificar de que você o siga."

As bochechas de Immanuelle queimaram de vergonha. "Ezra não vai morrer. O Profeta me disse que ele seria poupado. Ele me deu sua palavra."

"Suas palavras não significam nada", disse Esther amargamente. "Menos do que nada. Não quero saber sobre falsas esperanças e promessas. Quero saber como **pretende** salvar meu filho. Como você vai libertá-lo?"

Immanuelle tinha sido cuidadosa, muito cuidadosa, para manter em segredo cada detalhe de seu esquema. Ela não fez menção de seus planos de esculpir o sigilo de reversão e obedientemente desempenhou o papel da futura noiva mansa e quebrada. Mas com Esther parada ali tão desesperada e com medo, sua consciência a levou a oferecer alguma pequena garantia, o suficiente para deixá-la saber que Ezra não estava sozinho. "Depois de ser cortado, tenho planos de libertá-lo. Mas vou precisar de sua ajuda para fazê-lo."

Esther olhou por cima do ombro em direção à porta. Quando ela falou novamente, foi em um sussurro. "O que voce precisa que eu faça?"

"Diga-me onde ele está. Eu preciso vê-lo esta noite, antes de sua sentença, então ele está pronto quando chegar a hora."

"Ezra está na biblioteca com a filha de Leah. As portas não estão trancadas, mas os corredores são patrulhados por dois guardas. Eu posso distraí-los, ganhar algum tempo para você.

"Isso é tudo que preciso."



IMMANUELLE esperou até que o eco dos passos de Esther se desvaneceu para o silêncio antes de atravessar o quarto, colocar um xale em volta dos ombros e deslizar para o corredor. Ela achou estranho que não houvesse ferrolho em sua porta – já que apenas algumas horas antes ela tinha sido acorrentada a uma parede de celsa nas catacumbas – mas então ela se lembrou, ela não era mais uma prisioneira. Ela era uma ovelha premiada, um tesouro, a mais nova noiva do Profeta.

Além disso, ele sabia que ela não fugiria. Ela estava ligada ao Haven, ligada à sua promessa – ao Profeta, ao rebanho, a Ezra. O tempo de fuga acabou. O que faltava para terminar seria terminado em Betel.

Immanuelle caminhou descalça pelo corredor principal do Haven, tomando cuidado para se manter nas sombras. Quando ela passou pelas janelas, a escuridão correu ao seu encontro, ameaçando quebrar o vidro e inundar os corredores. Ela tentou ignorá-lo, mas seu chamado soou em sua cabeça como o badalar de um sino, e ela podia sentir seu puxão no fundo de sua barriga, puxando-a para a noite.

No meio do corredor, ela parou diante de um alto vitral, olhando para a escuridão. "O que você quer de mim?"

Ao som de sua voz, a escuridão se moveu como água, ondulando e dobrando, girando sobre si mesmo. Immanuelle ergueu os dedos para a janela, o vidro frio sob sua mão. As sombras se ergueram para encontrá-la, e nelas ela viu um reflexo surpreendente. A garota que a olhava de volta tinha suas feições — os mesmos olhos escuros e lábios carnudos, o nariz firme e o queixo franzido —, mas cada detalhe era exagerado, cada atributo refinado. Ela era linda e perspicaz, e havia uma força desafiadora na forma como ela estava, ombros retos, queixo inclinado. E havia algo em seu olhar que a fez. . . *mais*. Era como se a garota na escuridão fosse tudo que Immanuelle esperava ser.

Ela apertou a mão na de Immanuelle, então não havia nada além de vidro entre eles. Immanuelle se aproximou da janela, e a garota no escuro acenou, quase timidamente, para o trinco da janela. Immanuelle estendeu a mão para ele, e a garota se pressionou contra a vidraça, chegando tão perto que seus lábios roçaram o vidro.

Immanuelle puxou a maçaneta de ferro e a janela se abriu. Uma rajada de vento de inverno invadiu o corredor, apagando as lâmpadas e velas. A noite entrou pela janela aberta e o corredor ficou escuro.

Ouviu-se o clamor distante de passos. Uma voz: “Quem vai lá?”

Dando as costas para a escuridão, Immanuelle correu - fugindo do guardas e o corredor e a garota que assombrava o negro.

Não demorou muito para ela encontrar a velha catedral, onde ficava a biblioteca. Atravessando os frios pisos de pedra, ela se abaixou pelo corredor para se certificar de que as portas estavam desprotegidas. O corredor estava vazio.

Aliviada, Immanuelle avançou. Ela estava a meio caminho das portas da biblioteca quando ouviu passos. Ela se virou e encontrou um guarda de pé diante dela, uma longa lâmina pendurada em seu cinto. E ele estava olhando diretamente para ela.

"Fácil", disse ele. Quando ele entrou na luz das tochas, Immanuelle percebeu que ele era um dos homens com quem ela viajou de volta para Bethel. O único guarda que lhe mostrou alguma bondade. Seu olhar foi para frente e para trás entre ela e as portas da biblioteca. Então, em um sussurro baixo e urgente, ele disse: “**Vá.**”

"Obrigada", ela conseguiu gaguejar, mais grata por esse ato de misericórdia do que ele poderia saber. Ela se virou para as portas da biblioteca e passou por elas na escuridão.

“Esdras?” ela sussurrou nas sombras. “Você está aí?”

Ouviu-se o raspar do ferro na pedra, algemas deslizando pelos ladrilhos. “Emanuela?”

Ela foi em direção ao som de sua voz, ziguezagueando entre as estantes, tropeçando em pilhas derrubadas. “Wsou eu.”

E então ele estava lá, e ela estava em seus braços, e ele nos dela. Eles se agarraram em silêncio, as mãos de Ezra deslizando pelas costas dela, cada um de seus corpos se encaixando no contorno do outro.

"Você está machucado?" Immanuelle disse finalmente, murmurando as palavras em seu ombro.

"Não", disse ele, e ela poderia dizer que ele estava mentindo. Não havia luz para ver, mas ela cautelosamente levantou a ponta da camisa dele. Ela sentiu as bandagens embaixo, ligando seu estômago e peito. Eles estavam molhados, e quando ela os tocou, ele assobiou.

Ela respirou fundo. “Esdras.”

"Tudo bem", disse ele, ofegando um pouco. “Eu poderia ter tido um breve encontro com uma bala ou duas, mas estou bem. E você?”

"Estou bem." Na verdade, ela havia sofrido uma surra na primeira noite de contrição e várias chicotadas depois, mas não

incomodá-lo com essas coisas. Não agora, não quando ele estava tão fraco, tão frágil em seus braços.

"Por quê você está aqui?"

Ele não sabia, ela percebeu. Ele não podia saber, é claro. Ele não tinha estado lá. Ele não tinha ouvido sua confissão final.

"Fui sentenciada hoje", ela sussurrou. "Fui condenado e o Profeta decidiu me libertar."

"Como pode ser? Eu ainda nem fui sentenciado."

"Escute-me." Immanuelle o agarrou pelas duas mãos. "Sobre sua sentença, você tem que dizer a eles que se arrependeu de seu pecado.

Jure que você vai."

"Não entendo."

Ela ouviu o eco de passos à distância e se abaixou instintivamente, movendo-se atrás de uma estante próxima. — Fiz um acordo com seu pai.

"Que tipo de negócio, Emanuelle?" A voz de Ezra estava tensa. "O que é que você fez?"

"Eu concordei em pegar a mão dele em casamento, para salvar sua vida e a minha." ela disse, as palavras como bile em sua língua. "Vou ser cortado no próximo sábado."

"Não." As mãos de Ezra apertaram dolorosamente as dela, e em sua voz havia tanta repulsa – tanta raiva – que Immanuelle se afastou dele.

"Era o Profeta ou a pira", disse Immanuelle, correndo explicar. "Ele disse que pouparia sua vida se eu me casasse com ele, e eu concordei com isso – para ganhar tempo para você, para salvá-la."

"Ele mentiu," disse Ezra, em um tom tão baixo que suas palavras eram quase inaudíveis. "Esse foi o acordo que fiz com ele. Ele disse que se eu me declarasse culpado, ele garantiria que você sobrevivesse à sua sentença e o libertaria.

Ele mentiu para os dois, ela percebeu. Seu acordo nunca foi sobre sacrifício – dela ou de Ezra. O Profeta alegou que estava cumprindo a vontade do Pai, mas foi o poder que o moveu. O poder de purgar, punir, controlar. Era tudo o que importava.

"Immanuelle, você não pode continuar com isso," Ezra disse com urgência. "Ele vai te machucar. Ele vai quebrar você, do jeito que ele faz com todo mundo.

Ela fechou os olhos e, quando o fez, viu um vislumbre daquele noite fatídica quando o Profeta se voltou contra sua mãe, e sua mãe se voltou contra ele. "Ele não vai colocar um dedo em mim, ou em

você ou qualquer outra pessoa. Nós vamos encontrar uma maneira de detê-lo, de parar tudo isso, mas eu preciso de você vivo e bem e ao meu lado para fazer isso.

“Isso é loucura”, disse Ezra. “Não é suficiente apenas nos salvarmos? Você passou pelo portão uma vez; Podemos fazer isso de novo. Devemos correr, esta noite. Conheço uma saída do Haven, pelas passagens dos fundos. Se você puder me libertar dessas correntes, podemos escapar antes que alguém perceba que partimos. Nós poderíamos fazer o nosso próprio caminho.”

Immanuelle gostou da ideia. Ela se imaginou dando as costas para Betel e todos os seus problemas, fugindo com Ezra, criando uma nova vida para si além do portão. Era um sonho atraente, mas Immanuelle sabia que não era nada mais. Seu destino não era o de uma fugitiva.

“Salvar a nós mesmos não é suficiente,” disse Immanuelle com firmeza. “Há outras pessoas em Betel sofrendo também, e elas merecem melhor. Temos que ajudá-los. Todos eles.”

Ezra não disse nada por um longo tempo. Finalmente, ele perguntou: “Então você vai se trocar? Troque seus ossos com aquele tirano?”

“Sim. É exatamente isso que vou fazer. E então, depois que eu for cortado, vou acabar com essas pragas de uma vez por todas.”

“Quão?”

Immanuelle pensou no sigilo, no sacrifício que teria que fazer para realizar seu poder. “Melhor que você não saiba. Dessa forma, se você for perguntado, você pode alegar ignorância.”

Ezra suspirou e inclinou a testa contra a dela. Emanuelle era subitamente ciente de que isso era o mais próximo que os dois já haviam estado. Mas tudo o que ela conseguia pensar, enquanto eles se agarravam um ao outro na biblioteca escura, era como ela o queria ainda mais perto.

“Eu odeio isso,” disse Ezra, sua respiração quente contra o rosto dela. “Eu odeio estar acorrentado aqui. Que eu não posso te ajudar. Que estarei aqui algemada enquanto você é cortada por ele, reivindicada por ele.”

“O que está feito está feito,” Immanuelle sussurrou. “Desta vez, deixe-me ajudar você. Deixe-me lutar por você.”

Ezra não respondeu enquanto deslizou os braços ao redor dela. Seus dedos encontraram seu rosto, sua bochecha, então deslizaram até sua mandíbula, a curva suave de seu queixo. Ele traçou a ponta de um dedo ao longo da linha de seu lábio inferior, então se aproximou. Ele deu um beijo no lábio superior dela, depois no inferior.

Ele disse: “Tudo bem”.

PARTE IV



Abate



CAPÍTULO TRINTA E OITO

*Eu vi as feras da floresta. Eu vi os espíritos
que espreitam entre as árvores e nadaram com
os demônios das águas profundas. Vi os mortos
andarem com pés humanos, fiz companhia aos
amaldiçoados e aos crucificados, aos predadores
e suas presas. Conheço a noite e a chamei de minha amiga.*

—MIRIAM MOORE

IMMANUELLE AJOELHOU-SE no meio de seu quarto, mãos entrelaçadas, vestida com as sedas claras de seu vestido de corte. Ela deveria

estar orando, mas seus pensamentos não estavam com o Pai.

Enquanto ela se agachava no chão, as ocorrências dos últimos dias passaram por sua mente como o início brilhante de uma dor de cabeça.

A farsa de um julgamento de Ezra veio e se foi, assim como a sentença que se seguiu. Como Immanuelle, ele foi indiciado em todos os aspectos, mas ela não ouviu nenhuma palavra além disso. Ela sabia apenas que ele ainda estava vivo e preso em algum lugar abaixo nas catacumbas do Haven. Ela só podia esperar que eles o estivessem tratando com mais bondade do que a tratavam. Não que isso importasse por muito mais tempo.

Nos dias que antecederam o corte, ela havia traçado e retraçado o sigilo de reversão - na dobra suave de seu cotovelo interno, nas paredes e mesas e nos travesseiros em que dormia à noite. E toda vez que ela fazia essa marca - memorizando-a repetidamente - ela se preparava para o sacrifício em mãos. O sacrifício que faria na noite do corte, quando foi chamada à cama do marido. Ela sentiu que havia alguma justiça poética em tudo isso. Que dezessete anos depois de Miriam ter pegado a adaga sagrada do Profeta, Immanuelle pegaria aquela mesma lâmina e esculpiria o sigilo que reverteria as maldições que sua mãe havia feito todos aqueles anos atrás.

Esta noite, na sequência de seu corte, ela agiria.

Quando as esposas do Profeta vieram buscá-la, Emanuelle estava pronta. Ela andou descalça pelos corredores da casa do Profeta e saiu para a carroça que a esperava na frente do Haven.

Ela subiu no banco da frente - as outras noivas se amontoando

atrás dela — e juntos fizeram a longa e silenciosa viagem até a catedral.

Todas as piras estavam queimando novamente. Os fogos tinham sido alimentados com madeira, então as chamas vermelhas agora subiam alto, iluminando seu caminho.

Quando chegaram à catedral, não havia multidões para cumprimentar eles. Nada de lanternas brilhantes. Sem música ou alegria. Nenhuma fanfarra. Nesse silêncio sinistro, Immanuelle desceu da carroça e entrou na terra fria e compacta da entrada da frente. Ela permaneceu no limiar da catedral enquanto o resto das noivas se movia atrás dela. Talvez ela devesse ter orado naquele momento - para alguma coisa, para qualquer um -, mas tudo o que ela pensou em fazer foi conjurar uma maldição: ***Que aqueles que ergueram a mão para mim colham o mal que semeiam.***

Deixe as sombras apagarem sua luz. Deixe seus pecados desafiá-los.

A porta da catedral se abriu antes que ela tivesse a chance de terminar. Ela foi saudada por tochas dançantes, os rostos borrados da congregação olhando para ela, expectantes. Entre a multidão estava a família Moore, Martha e Abram, Glory e Anna, que seguravam Honor aninhada no peito em um ninho de xales e cobertores. Havia dezenas de Periféricos presentes também, ocupando os bancos na parte de trás da catedral.

Immanuelle só podia supor que eles estavam lá por uma questão de diplomacia. Esta foi, afinal, a primeira vez na velha história de Betel que um profeta se casou com um dos seus. A cerimônia foi nada menos que histórica, e só fazia sentido que eles estivessem lá para testemunhar.

Immanuelle caminhou sozinha pelo corredor central. Ela subiu os degraus de dois em dois, a cauda de seu vestido atrás dela, então subiu no altar. A pedra estava fria e pegajosa, como se algum servo tivesse esquecido de enxugar a bagunça da matança do último sábado.

Ela se esticou sobre o altar, os braços abertos. O Profeta pairava sobre ela, adaga na mão. Eles trocaram seus votos com firmeza, Immanuelle murmurando as palavras que a ligariam a ele – carne e osso, alma e espírito – para sempre.

Um sacrifício tão real quanto qualquer outro.

Quando os procedimentos terminaram, o Profeta pegou sua adaga do pescoço, envolvendo a mão em volta do punho. Quando ele baixou a lâmina para a testa dela, Immanuelle não vacilou.



MAIS TARDE, AS OUTRAS esposas enfaixaram Immanuelle em um quarto escuro nos fundos da catedral, cuidando de suas feridas com óleo de unção que doeu tanto que as lágrimas brotaram de seus olhos. O sangue escorreu pelo nariz enquanto Esther cobria a testa com tiras de gaze. Sua cabeça latejava como se o Profeta tivesse esculpido sua marca em seu crânio, não em sua carne.

Ela pertencia a ele agora. Ela era dele, e ele era dela. Um credo de carne e osso, um vínculo que ela nunca quis.

Quando ela estava suficientemente limpa, Esther e Judith se materializaram ao seu lado. Juntos, eles a conduziram pela catedral, passaram pela soleira e desceram as escadas até o banquete onde o Profeta – vestido com todas as suas vestes sagradas e adornos – estava esperando por ela.

Se o corte de Leah tinha sido uma celebração, isso parecia pouco mais que um banquete fúnebre. Os convidados sentaram-se rigidamente nas mesas, como se tivessem sido forçados ali com uma faca. Os Outskirters ocupavam mesas próprias, impassíveis e silenciosos, seu desconforto quase palpável. Não houve conversa, nem risos ou música. Ao longe, as piras queimavam alto, suas chamas lambendo o céu sem estrelas, mantendo a escuridão afastada.

De pé nas sombras à beira da festa, ladeada por guardas, estava Vera. Sua cabeça havia sido raspada, como era o Protocolo para os contritos, e ela usava uma roupa pálida que parecia mais uma combinação do que um vestido adequado, o tecido muito fino, dado o frio da noite. Ela havia perdido peso e parecia fraca, mas quando Immanuelle cruzou os olhos com ela, ela endireitou os ombros e deu um aceno severo como se dissesse: ***Está na hora.***

O Profeta agarrou o joelho de Immanuelle enquanto ela se sentava ao lado dele, sua dedos frios pressionando as dobras de sua anágua. "Minha noiva."

Immanuelle agarrou o braço de sua cadeira para evitar aparafusamento. Ela desviou o olhar para a mesa. Diante dela, um prato de porcelana cheio de vegetais enegrecidos, pedaços de carne acinzentados e uma pequena caneca cheia de hidromel ao lado. Ela levou a caneca à boca. Um gole para dar sorte, depois outro para dar coragem. Ela precisaria de ambos nas próximas horas.

Aqueles que estavam sentados à mesa observavam o Profeta e Emanuelle com o que ela só poderia descrever como desgosto velado. Seu descontentamento tão palpável que pairava no ar como uma mortalha.

Ficou claro que eles esperavam o fim imediato da praga após o corte dela. Mas a escuridão estava mais densa do que nunca, e a noite continuava intacta. O selo esculpido entre suas sobranceiras não foi suficiente para afastar a praga, como o Profeta havia prometido que seria.

No meio do banquete abismal, o Profeta se levantou para falar, como se soubesse que precisava assumir o controle de seu rebanho antes que perdesse a confiança para sempre. “Através do perdão, da expiação, da purificação e da dor, tornamo-nos limpos. Hoje, minha noiva, minha esposa, Immanuelle Moore, sangrou por seus pecados. Ela sofreu e agora está limpa”.

O rebanho levantou suas vozes sob comando. **“Para a glória do Pai”**.

O Profeta fez uma pausa para tossir em sua manga. Quando ele falou novamente sua voz era grave. “Mas minha noiva não é a única que precisa de graça. Antes que este dia termine, outro será expiado e perdoado. Outro pecador será purificado pela misericórdia do Pai”. Ele fez uma pausa – olhos fechados, boca aberta – como se estivesse tentando reunir as forças que precisava para continuar. “Traga-me meu filho.”

As portas da catedral se abriram e o coração de Immanuelle parou, pânico rachando através dela. Ela assistiu com horror quando dois apóstolos conduziram Ezra pela entrada da catedral e desceram as escadas. Ele cambaleou, suas botas trilhando pela terra enquanto o arrastavam até seu pai. O apóstolo Isaac forçou-o a ficar de joelhos com um golpe bem colocado entre os ombros. Ele caiu no chão, sua cabeça pendurada centímetros acima dos pés de seu pai.

“Ezra Câmaras.” O Profeta olhou para seu filho, os olhos brilhando com a luz da pira de purificação. “Você se arrepende?”

Ezra não se moveu. Ele agarrou a terra com as duas mãos, como se estivesse tentando se ancorar. Por fim, ele disse: “Não tenho do que me arrepender”.

“Muito bem”, disse o Profeta, assentindo. “Que o Pai tenha misericórdia de sua alma”.

O coração de Immanuelle batia atrás de suas costelas. Ela estava de pé em um instante, levantando-se tão rapidamente que sua cadeira tombou atrás dela. “Qual o significado disso?”

Ninguém mais se moveu. Ninguém falou. Ninguém fez um som, exceto por Esther, que gritou com um grito áspero. Mas o Profeta não

dignifique-a com um simples olhar. Seus olhos estavam fixos em Immanuelle. Não seu filho, os guardas ou o rebanho. Dela.

E foi com ela que o Profeta falou quando disse: “Leve-o para a pira”.

Os guardas não cometeram o erro de hesitar novamente. Elas puxou Ezra pelos dois braços e o arrastou para ficar de pé. O Profeta seguiu atrás deles como uma sombra enquanto eles caminhavam em direção ao fogo.

"Não!" Immanuelle saltou atrás deles, avançando na direção dos guardas, na direção de Ezra, com as mãos estendidas como se pudesse pegá-lo de volta. Ela sempre soube que chegaria a isso, mas ela nunca esperava que isso acontecesse tão cedo. Ela pensou que tinha um pouco de tempo, se nada mais, mas ela estava errada. "Você prometeu que Ezra seria poupado", disse ela, embora soubesse que seus protestos foram em vão. "Nós tínhamos um acordo!"

“Emanuelle, por favor.” A voz de Ezra estava cansada, resignada. “Está feito agora. O suficiente.”

Immanuelle não lhe deu atenção. Ela correu atrás deles, tropeçando na bainha de seu vestido de corte enquanto andava.

“Você é um tirano!” Ela seguiu o Profeta tão de perto, ela cortou seus saltos com os chinelos dela. "Você é um mentiroso! Você é um louco! Você me prometeu que ele estaria seguro. Ela pegou sua manga e puxou com tanta força que rasgou o veludo. **"Você prometeu!"**

O Profeta virou-se para ela então, retirou a mão e deu um tapa dela. Immanuelle caiu para trás, com a cabeça girando, e bateu em um banco próximo. Ela ouviu Ezra gritar seu nome novamente, sua voz soando em seus ouvidos.

"Nós tínhamos um acordo", ela choramingou, empurrando-se para cima da sujeira. Sombras nadaram diante de seus olhos. Ela sentiu gosto de sangue. "Você prometeu."

O Profeta olhou para a mão com que a havia esbofeteado, como se não pudesse acreditar no que havia feito, no que ela o obrigara a fazer. “Estou cumprindo essa promessa. Eu disse que não iria machucá-lo. É por isso que vou libertar sua alma e salvá-lo do fogo do inferno.”

Immanuelle tentou se levantar, mas cambaleou. “Você me deu sua palavra.”

“Minha palavra é a Escritura, e a Escritura exige expiação de sangue.” Com isso, o Profeta acenou para os guardas novamente e, a seu comando, eles arrastaram Ezra para o pé do expurgo mais próximo.

pira, suas botas deixando rastros na terra. Uma vez lá, eles agarraram seus braços e o forçaram a recuar, vacilando enquanto as chamas se agitavam e rugiam diante deles.

O fogo lambeu as costas de Ezra. Ele gritou de dor.

Immanuelle percebeu então que o Profeta nunca quis que seu filho vivesse. Ele se protegeria acima de qualquer outra pessoa, mesmo que isso significasse entregar seu filho às chamas da pira e vê-lo queimar.

O Profeta virou-se para encarar seu rebanho. “Os pecados devem ser expiados com sangue e fogo. Essa é a nossa lei mais antiga e importante. Sangue por sangue. Cinza em cinza. Isso é o que o Pai exige, e é isso que vamos dar a Ele esta noite”.

“Então me leve.”

Ninguém a ouviu acima do rugido do fogo de limpeza.

Mas a segunda vez que Immanuelle falou, ela estava gritando. ***"Leve-me em vez disso!"***

Ezra caiu de joelhos quando os guardas o soltaram, sujeira com um ***baque surdo***. Sua camisa estava fumegando, já chamuscada pelo toque das chamas.

E Immanuelle soube então que tinha que acabar com isso. Ou ela agia agora, ou nada.

Ela avançou, passando pelo Profeta. “Eu me ofereço como sacrifício. Minha vida pela de Ezra.”

Para isso, não houve zombarias, lamentos ou maldições. Cada alma naquele A congregação — homem, mulher e criança — ficou em silêncio, imóvel como lápides em um cemitério.

Todos, exceto Glory Moore, que soltou um grito longo e alto que partiu a noite em duas. Abram tentou dobrar a garota em seus braços, mas ela se debateu e lutou tão violentamente que nem Anna conseguiu aliviá-la.

"Não!" ela gritou, e sua voz ecoou pelas planícies. ***"Não!"***

Vera avançou em seguida, tentando se livrar de seus guardas, mas eles a arrastaram de volta antes que ela tivesse a chance de fazer qualquer coisa além de gritar o nome de Emanuelle ao vento.

Na escuridão distante, a floresta se agitou.

Immanuelle forçou seu olhar de volta para o Profeta. Ele ficou nela acordar, a boca aberta, o rosto banhado de vermelho com a luz da fogueira. Ele olhou para o filho, curvado diante das chamas, e então olhou para Immanuelle com tanta raiva que ela sentiu o sangue gelar em suas veias.

“Você é minha esposa antes de qualquer outra coisa.”

“Eu sou minha,” disse Immanuelle, lutando para manter seu nível de voz. “Meu sangue e ossos pertencem a mim, e somente a mim, e eu os trocaria, por minha própria autoridade, para expiar os pecados de seu filho. Eu vou tomar o lugar dele.”

O Profeta deu um passo em direção a ela. “Você não tem direito.”

Desta vez, Immanuelle não se acovardou. “Tenho todo o direito. Minha oferta é pura. Você não pode interceder.”

“Mas você tem meu selo. Você fez um voto, **para** mim.”

“E agora eu tomo outro,” disse Immanuelle. “Com os fiéis de Betel como minhas testemunhas, irei ao altar no lugar de Esdras”.

O Profeta tentou falar novamente, mas sua voz falhou. Em seu silêncio, o apóstolo Isaac mancou para a frente. “É verdade que a garota não foi tocada?”

Esther ficou de pé, mesmo quando as esposas ao redor dela agarraram suas saias e tentou silenciá-la. “A menina não mente. Ela é pura.”

“Se ela é pura”, disse o apóstolo, virando-se para o Profeta, “então ela é um sacrifício digno”.

“Não,” Ezra murmurou. Ele tentou se levantar, mas um dos guardas o atingiu com tanta força que suas pernas se dobraram e ele caiu no chão com as mãos e os joelhos. “Não a machuque. Por favor. Tem que haver outra maneira.”

“Há.” Uma voz ecoou na escuridão e, para o choque de Immanuelle, Martha deu um passo à frente, movendo-se entre as mesas para a frente do banquete. “Eu irei no lugar dela. Poupe-a.”

O apóstolo avaliou a mulher, olhos estreitos, o lábio superior se curvando com desgosto. “Você não é puro de carne.”

“Não”, disse Martha, torcendo as mãos. “Mas eu sou puro de alma. Já fiz minhas orações. Eu vivi em verdade e honra. Servi bem ao Pai, Nomeei gerações de acordo com Sua vontade. Eu posso tomar o lugar dela. Por favor.”

“Martha,” disse Immanuelle, e sua avó encontrou seus olhos. Ela estava chorando, grandes soluços brutais, e ela parecia se encolher um pouco mais a cada respiração que dava. “Está tudo bem. Estou pronto.”

O rosto de Martha ficou branco e algumas lágrimas escorreram por suas bochechas, pendendo da ponta do queixo. Ela balançou e teria caído no chão se Anna não a tivesse segurado pelo braço para mantê-la de pé.

Immanuelle forçou seu olhar de volta para o Profeta. Desta vez sua voz não falhou. “Minha vida pela de Ezra.”

Por um momento, ela pensou que o Profeta iria negá-la, agarrá-la pela garganta, arrastá-la de volta para o Haven pelos cabelos ou enforcá-la nas entranhas daquela masmorra miserável, onde ela permaneceria para sempre. Mas o Profeta simplesmente abaixou a cabeça, mãos entrelaçadas, dedos entrelaçados, como se estivesse orando. “Leve-a ao altar.”

Pela segunda vez naquele dia, Immanuelle se viu conduzida para dentro da catedral e descendo o longo corredor, até o altar no final. Lá, à vista do rebanho, ela tirou o vestido de noiva e soltou as tranças. Despida e desembaraçada, ela subiu no altar.

A tira de seu vestido de noiva parecia fina e transparente enquanto o vento soprava pelas portas. Não que a modéstia importasse mais, à luz do que ela estava prestes a fazer.

O rebanho derramou-se na catedral. Eles não se preocuparam em encher o como tinham durante o julgamento. Em vez disso, eles avançaram, esmagando-se no corredor e se reunindo ao pé do altar, todos ansiosos para reivindicar um bom lugar para testemunhar o sacrifício. Entre eles, os Moores, chorando e rasgando suas roupas. Vera seguiu atrás deles, flanqueada por guardas de cada lado, expressão morta. E então, na frente da multidão – amarrado, queimado e algemado – estava Ezra.

Immanuelle já tinha visto homens quebrados antes. Homens condenados a morrer por seus pecados com laços em volta do pescoço na praça da cidade. Ela tinha visto homens embalar seus filhos mortos, homens com o chicote nas costas. Homens doentes ou feridos, homens enlouquecidos de raiva. Mas nenhum deles parecia tão desfeito quanto Ezra naquele momento.

Emergindo no meio da multidão, o Profeta pegou sua colóque atrás do altar. Ele moveu uma mão para a encosta nua da barriga de Immanuelle e a outra para sua cabeça, seu polegar pressionando com força contra o selo que ele havia esculpido apenas algumas horas antes.

O sangue escorreu ao longo da ponte do nariz de Immanuelle, acumulando-se na curva de seu lábio superior.

Ela esperou pela oração com os olhos bem abertos, mas não veio. Eles pretendiam conduzi-la para a vida após a morte indesejada e sem aviso prévio, sem os últimos ritos ou orações por misericórdia. . . e talvez fosse o melhor, dado o grave pecado que ela estava prestes a cometer.

Não haveria lugar para ela nos salões sagrados do Pai. Sem piedade para ela nos céus depois do que ela estava prestes a fazer.

O apóstolo Isaac se arrastou para frente, a faca de evisceração equilibrada entre as duas mãos. Ao ver a lâmina, o medo a invadiu. Seu coração bateu nas costas de suas costelas e ela agarrou a borda do altar para não fugir.

O Profeta envolveu uma mão trêmula ao redor do punho da lâmina. Por um momento, ele o estudou, como se estivesse testando seu peso. Então seu olhar mudou para Immanuelle. "Você realmente morreria por ele? Você se condenaria?"

Ela assentiu, sabendo que o momento estava sobre ela agora. Não havia como voltar atrás. "Seus pecados são meus."

"Não." Ezra lutou em direção a ela, lutando contra suas algemas e arranhando o chão para se apoiar. "Emanuela. Por favor não."

O Profeta colocou a mão em sua testa, pressionando com força suficiente para fazer sua foga doer. Ele levantou a faca de evisceração bem acima de sua cabeça. "Sangue por sangue."



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A donzela dará à luz uma filha, eles a chamarão de Emanuelle, e ela redimirá o rebanho com ira e praga.

— *DOS* ESCRITOS *DE MIRIAM MOORE*

IMMANUELLE PEGUEI A faca de evisceração – uma mão em volta do cabo, a outra em volta da lâmina nua – parando sua descida apenas um momento antes de cravar em seu peito. Com toda a força que ela tinha para convocar, ela a arrancou das mãos do Profeta.

A congregação rugiu de horror. Os guardas entraram em ação, inundando os corredores, os dedos curvados sobre os gatilhos de seus rifles, todos apontados para Immanuelle. Houve gritos simultâneos para eles atirarem e se afastarem, mas Immanuelle não lhes deu atenção. Ela ergueu a faca de evisceração e abriu a manga do vestido. Então - em uma série de cinco cortes cruéis - ela esculpiu o sigilo de reversão na carne nua de seu antebraço.

O tempo fraturou diante de seus olhos. A dor dos cortes começou a crescer, tornando-se quase mais do que ela podia suportar. Uma série de espasmos violentos a atormentaram, forçando-a a ficar de joelhos, e enquanto ela lutava e se contorcia nos espasmos de sua agonia, o altar começou a estremecer junto com ela – pedras se movendo, seus cantos desmoronando.

Immanuelle inclinou a cabeça para cima, olhou para as janelas da catedral, mas para seu horror a escuridão permaneceu intacta. Ela procurou no céu distante por sinais do amanhecer - um vislumbre de sol, um raio de luar, o início azul do amanhecer - mas a noite não mudou. O sigilo não funcionou. Ela falhou.

A catedral estremeceu violentamente. Os escombros ricochetearam no passos e deslizou para os corredores. As tábuas do piso se dobraram e as vidraças chacoalharam em seus caixilhos. Acima, as vigas se moveram. Poeira e detritos choveram. O rebanho entrou em pânico. Gritos ecoaram pela catedral e crianças gritaram por suas mães. Alguns homens fugiram para as portas, mas o resto se encolheu em seus bancos, fazendo o pouco que podiam para proteger a si mesmos e suas famílias dos destroços que caíam.

Immanuelle olhou para seu braço sangrando, desejando que o poder de o sigilo para funcionar, tentando chamar as pragas de volta para ela. Mas sem sucesso. Betel estava perdido.

O Profeta cambaleou para trás, pálido e de queixo caído, tropeçando em suas vestes enquanto fugia para trás do altar. As paredes começaram a estremecer mais violentamente, ameaçando desabar, e uma única palavra ecoou na mente de Immanuelle: **Matança**.

Como se na hora certa, as janelas da catedral se estilhaçaram, as vidraças explodiram para dentro em uma tempestade de cacos de vitrais brilhantes. Um rio de escuridão invadiu o santuário.

E com a noite veio a legião.

A primeira das feras voou para dentro da catedral, enxameando seus beirais enquanto o rebanho gritava e se acovardava abaixo. Morcegos com presas empoleirados nas vigas; uma esteira de abutres circulava violentamente acima. Tempestades de gafanhotos zumbiram pelas janelas quebradas e corvos correram por uma rachadura no telhado, grassando e guinchando ao entrar no santuário.

A congregação caiu em gritos e caos. Alguns avançaram em direção às portas; outros se abrigaram nas sombras sob os bancos, desesperados para escapar da horda que fervilhava no alto.

Alguns dos guardas do Profeta ergueram suas armas, defendendo o rebanho com balas e parafusos. Mas seus esforços foram inúteis. A investida continuou.

As criaturas terrestres seguiram a legião alada, avançando por portas abertas e janelas quebradas. Havia mulheres lideradas com cabeças de cães de caça, aranhas do tamanho de cordeiros que corriam sob os bancos. As legiões de mortos — a praga atingida, as almas perdidas, as vítimas mutiladas pelas chamas dos expurgos passados — cambalearam pelos corredores.

Após a sua chegada, o verdadeiro tumulto começou. As mães fugiram com seus crianças; homens correram pelas janelas e portas quebradas apenas para serem barrados pela horda fervilhante que circundava as paredes e forçava o rebanho de volta aos seus bancos com presas à mostra e garras em forma de gancho.

Então as bruxas entraram.

Primeiro vieram os Amantes, Mercy e Jael, andando de mãos dadas pelo corredor central, a multidão infernal abrindo caminho para eles. Então Delilah, que escapou de uma fenda no chão abaixo deles, emergindo lodo escorregadio e de olhos arregalados, as tábuas do piso apodrecendo sob seus pés enquanto ela se levantava.

A catedral começou a tremer de novo, desta vez tão violentamente que Immanuelle temeu que o teto desabasse. Ela vasculhou a multidão em movimento, desesperada para localizar Vera ou os Moore, mas não conseguiu encontrá-los em meio ao caos. O tremor continuou. Homens adultos foram jogados fora de seus pés quando os bancos tombaram. A Espada do Cruzado caiu da parede atrás do altar e se estilhaçou, a poucos centímetros do local onde o Profeta estava encolhido. Immanuelle tentou se agarrar ao altar, mas não conseguiu segurar a pedra escorregadia de sangue, e caiu no corredor abaixo.

Um menino tropeçou nela. Uma mulher esmagou a mão sob os pés. Ela quase foi pisoteada por um apóstolo fugindo de um lobo rosnando, quando sentiu uma mão em seu braço, arrastando-a para trás em segurança.

Esdra.

Immanuelle ouviu um rugido ensurdecido, e uma viga desmoronou, caindo no chão onde ela estava deitada momentos antes. Esmagou o apóstolo infeliz e o lobo que o perseguia. A força da queda do raio enviou Immanuelle e Ezra para trás em uma nuvem de escombros. Ezra ficou de pé em um instante, arrastando-a pelo cotovelo para a segurança da sombra do altar.

A catedral parou de tremer e a legião ficou imóvel. Ezra puxou Immanuelle para mais perto, e os dois assistiram horrorizados enquanto as portas da frente da catedral se abriam lentamente.

Das sombras da noite eterna, Lilith apareceu.

Ela ficou sozinha na soleira. O nevoeiro penetrou pelas rachaduras em seu crânio e rolou do preto de suas órbitas oculares. Seus chifres arqueados acima, um diadema de osso branqueado. Houve gritos quando ela entrou na catedral. Homens crescidos se encolheram de joelhos, implorando ao Pai enquanto a rainha das bruxas passava por eles.

Descalça e de braços abertos, Lilith caminhou pelo corredor central, abrindo caminho entre a multidão de bestas e ghouls até o altar, onde Immanuelle e Ezra estavam sentados, congelados. As outras bruxas se moveram para flanqueá-la: os Amantes à sua esquerda, Delilah à sua direita.

Ezra avançou para proteger Immanuelle, mas ela o pegou pelo ombro, parando-o. "Eu tenho que fazer isso sozinha", disse ela.

Ele não recuou. "Emanuelle—"

"Confie em mim. Você prometeu que faria."

Ezra trabalhou sua mandíbula, a mão de Immanuelle ainda em seu ombro. Então ele assentiu, e ela o soltou.

Immanuelle se levantou do chão e ficou de joelhos fracos, enfrentando as bruxas na íntegra. Por um momento, todos se examinaram em silêncio. Então Lilith estendeu a mão.

Immanuelle entendeu o que ela queria dizer imediatamente: ***Junte-se a nós ou morra com eles.***

Era uma oferta simples, até generosa. Mais gentil do que o destino que sua mãe tinha encontrado, certamente. Talvez Immanuelle fosse tola em não aceitar. Afinal, o rebanho do Profeta foi tão rápido em vê-la em seu túmulo. . . Seria tão errado salvar a si mesma e deixá-los com o mesmo destino ao qual a teriam condenado?

O olhar de Immanuelle percorreu os bancos, e ela viu os rostos das pessoas ali reunidas – Anna com Honra em seu quadril e Glória chorando, Abrão e Marta, Vera de pé resoluta e destemida, pessoas das Clareiras e dos Solos Sagrados e dos Subúrbios. parecido. Alguns deles eram inocentes, outros cúmplices; ainda mais foram pegos no cinza entre o certo e o errado. Poucos eram totalmente inocentes, e nenhum estava livre do pecado. Mas não havia uma única alma naquele santuário que ela condenaria à ruína que agora estava diante deles.

Resignada ao seu destino, Immanuelle voltou-se para enfrentar as bruxas. “Se este é o fim, então eu morro com eles.”

Houve uma mudança no ar. A catedral estremeceu um pouco e uma brisa fria passou pelas janelas quebradas, levantando nuvens de poeira. A escuridão engrossou, e as poucas tochas que ainda estavam acesas bruxulearam fracamente, fazendo pouco para dispersar as sombras da noite. Lilith não abaixou a mão.

Em vez disso, em um gesto amplo, a bruxa virou-se para o rebanho, examinando as massas com aqueles olhos negros mortos, observando a sala. Seu olhar passou pelo Profeta encolhido atrás do altar, os destroços e os escombros, os cadáveres que cobriam os corredores da catedral.

Então seu olhar caiu para os Moore. Sua mão se torceu em uma garra.

Anna soltou um gritinho, agarrando Honor com uma mão e puxando Glory para dentro de suas saias. Martha estendeu um braço para protegê-los quando a bruxa se aproximou, lágrimas rolando por suas bochechas, embora sua expressão fosse estóica. Mas foi Abram quem começou a avançar, mancando até o corredor central para se colocar entre a rainha das bruxas e sua família. Ele ficou ali, em silêncio e

indefeso, apoiando-se com força em sua bengala. Então, sob o comando de Lilith, um grande cão com cara de osso vagou das fileiras da legião.

Aconteceu tão rápido que Immanuelle não teve chance de gritar.

Em um momento, Abrão estava sozinho no corredor central; no próximo, ele estava preso ao chão, as mandíbulas da fera se fechando em volta de seu pescoço com um ***estalo feio e de revirar o estômago.***

Um grande rugido encheu os ouvidos de Immanuelle. A escuridão penetrou nas bordas de sua visão, até que ela não viu nada além do corpo sem vida de Abram esparramado no chão. De repente, ela estava de volta à cabana, cercada por paredes esculpidas com pragas e promessas. Ela podia ver a sombra de sua mãe, trabalhando as maldições, esculpindo seu destino linha por linha.

Algo se agitou profundamente dentro dela. O sigilo esculpido em seu braço começou a queimar, sangrando tão profusamente que o sangue escorreu de seus dedos e formou uma poça no chão a seus pés. Um grande tremor sacudiu a catedral. Immanuelle ergueu as mãos ensanguentadas e, com um grito áspero, convocou o poder das pragas.

Dalila foi a primeira a cair.

Uma lágrima vermelha vazou do canto do olho direito da bruxa, depois do esquerdo. O sangue se acumulou nas cavidades de suas orelhas, gotas penduradas em seus lóbulos como pequenas jóias. Delilah cuspiu, tossiu, então começou a engasgar, vomitando bocados de grosso sangue negro a cada convulsão. Ela caiu de joelhos, se contorceu duas vezes, então caiu imóvel no chão.

Sangue.

Immanuelle virou-se para Mercy em seguida. A bruxa parou de repente na poça crescente de sangue de Delilah, balançou um pouco em seus pés, então caiu sobre suas mãos e joelhos, como se empurrada por alguma força invisível. Ela inclinou a cabeça para olhar para as vigas, suas costas arqueando em um ângulo quase de quebrar a espinha. Com um grito estrangulado, a bruxa atirou-se para a frente, e sua testa estalou contra os ladrilhos com um rangido doentio que ecoou pela catedral. Ela levantou a cabeça sangrando, recostou-se e bateu no chão de novo, e de novo, e de novo.

Praga.

Jael deu um passo à frente e Immanuelle se virou para ela. A bruxa parou ao lado de seu amante, parecendo pronta para atacar. Mas antes que ela tivesse a chance, o poder da maldição se moveu através de Immanuelle novamente. Com um passe de sua mão, uma maré de sombras

varreu o chão da catedral, amarrando os tornozelos da bruxa e arranhando suas pernas, seu peito, suas bochechas.

Jael conseguiu dar um único grito antes que a escuridão contorcida a devorasse.

Escuridão.

Immanuelle deu um passo à frente para pegar a lâmina eviscerada de onde estava a poucos metros da escada do altar. Ela se virou para Lilith por último e ergueu a lâmina escorregadia de sangue, cortando o ar entre eles.

"O suficiente."

Lilith não lhe deu atenção. Implacável, a rainha das bruxas caminhou pelo corredor central, passando pelos cadáveres de seu clã caído.

Ela parou bem perto de Immanuelle, tão perto que a ponta da lâmina quase perfurou sua barriga.

Mas Lilith não vacilou.

Em vez disso, ela segurou o rosto de Immanuelle em sua mão fria e pálida e pressionou ainda mais perto, a faca cravando profundamente em seu estômago enquanto ela inclinava sua testa para a de Immanuelle. Ela estremeceu violentamente.

Emitiu um gemido baixo de dor.

A garota espiou no escuro das órbitas oculares de Lilith e sentiu a escuridão da floresta arrastando-a para a insensatez. Os sons da matança morreram no silvo do vento nas copas das árvores. Sombras se aproximaram dos cantos de sua visão e Immanuelle ouviu o chamado da floresta dentro dela, o som como sangue correndo em seus ouvidos. A rainha das bruxas passou o polegar para frente e para trás ao longo do pulso de Immanuelle como se medisse o ritmo de seu batimento cardíaco, o gesto terno. . . mesmo maternal. Immanuelle quase podia imaginar o tipo de líder que ela poderia ter sido em um tempo, muito tempo atrás, antes que a aflição de sua vingança e sede de sangue a transformasse no monstro que ela agora se tornara.

Lilith traçou um dedo ao longo dos lábios de Immanuelle, então a pegou pelo pescoço.

Um grito emaranhado na garganta de Immanuelle quando Lilith a arrancou de seus pés. Sufocando, ela agarrou os dedos da bruxa, balançando acima do chão enquanto Lilith a levantava cada vez mais alto.

Em pânico, Immanuelle ergueu a faca de evisceração, cortando cegamente.

A lâmina acertou primeiro o osso, depois a carne, perfurando profundamente o ombro de Lilith.

A rainha das bruxas soltou um grito que abalou a igreja. Fissuras corriam ao longo das paredes e o teto desabou para dentro. Rebanho e legião

igualmente fugiram para as portas quando a catedral desabou em torno deles. Através do caos, Immanuelle ouviu Ezra gritar seu nome, e então sua voz se perdeu no tumulto como todo o resto.

A visão de Immanuelle ficou embaçada. Ela tentou ficar consciente, agarrando desesperadamente por um último pedaço de força. Com um rosnado, ela arrancou a lâmina do ombro de Lilith e a ergueu bem acima de sua cabeça.

Desta vez, seu golpe foi verdadeiro.

A lâmina se alojou até o punho no peito de Lilith. A bruxa tropeçou para frente, colidiu com um banco próximo e caiu no chão. Mas, para horror de Immanuelle, assim que ela caiu no chão, a bruxa estava de pé novamente. Ela se apoiou em um banco próximo, pegou a lâmina eviscerada pelo cabo, arrancou-a do peito e atirou-a pelo corredor central.

Por um momento, eles ficaram num impasse, ali no corredor central da Catedral. Ambos sangrando e feridos, mal conseguindo ficar de pé. E Immanuelle soube então que o fim havia chegado e apenas um dos dois sairia daquela catedral.

Lilith levantou ambas as mãos.

O piso de madeira começou a dobrar e ondular; raízes se soltam do fundação da catedral e deslizou — serpentina — pelos corredores centrais. Mudanças pressionavam as tábuas do piso, crescendo até a maturidade em questão de momentos, seus galhos se espalhando pelas vigas. As raízes rastejantes se enrolaram nos tornozelos de Immanuelle, enrolando-se com tanta força que ela gritou de dor. Ela cambaleou para frente, lutando para se libertar, mas não conseguia se mexer.

O sigilo cortado em seu antebraço gritava de dor, como se ela estivesse sendo marcada. Ela fechou os olhos contra isso, alcançou as profundezas de si mesma e liberou tudo o que tinha para dar.

As raízes deslizaram em torno de seus tornozelos, recuando em direção às rachaduras nas tábuas do piso de onde haviam emergido. As árvores que se estendiam no alto dobravam-se ao meio, sacudidas por algum vento fantasma que varria a catedral como o início de uma tempestade de verão.

Lilith cambaleou para trás, presa ao altar, quando um vento poderoso a envolveu tão violentamente que a pele de sua mão estendida começou a se soltar do músculo, e o músculo do osso. A bruxa atacou com um grito.

A força do poder de Lilith arrancou Immanuelle de seus pés. Ela despencou no ar e caiu em um pouso brutal em uma pilha de

raízes e tábuas viradas para cima. Suas costelas deram um estalo nauseante com o impacto, e ela engasgou e lutou, agarrando-se ao limite de sua consciência.

O vento morreu em um chiado baixo quando Lilith empurrou para fora do altar e foi em direção a ela, atravessando as árvores do jeito que ela fez na noite em que se conheceram. Agora havia luz em suas órbitas oculares — duas partículas brilhantes que se moviam como pupilas e se dirigiam a Immanuelle. A raiva dela era palpável — esfriava o ar e fazia as árvores estremecerem. Cada passo da bruxa parecia abalar a catedral até as pedras em ruínas de sua fundação.

Immanuelle tentou e não conseguiu recuar; Lilith era muito rápida. A bruxa a nivelou com um único tapa com as costas da mão, e Immanuelle bateu no chão novamente. As luzes nos olhos de Lilith começaram a dançar e se multiplicar, espalhando-se pelo preto de suas órbitas como brasas de uma fogueira soprada pelo vento. Ela deu um chute cruel nas costelas de Immanuelle, e ela gritou de dor, arranhando as tábuas do chão para se apoiar.

Houve um clique suave, o som de uma bala deslizando em sua câmara. Então a voz de Ezra. "Deixa a em paz."

A bruxa virou-se de Immanuelle e encarou Ezra por completo. Ele ficou em o espaço entre dois pinheiros, espiando pelo cano de uma arma, um dedo curvado sobre o gatilho.

Lilith foi em direção a ele, uma mão levantada.

O chão sob os pés de Ezra começou a ondular, árvores e raízes brotando pelos vãos entre as tábuas quebradas do piso, enrolando-se em torno de suas pernas do jeito que tinham feito naquele dia no lago. Ele atirou em Lilith, mas com as raízes arrastando em seus braços, nenhuma das balas atingiu seu alvo.

Implacável, a bruxa caminhou em direção a ele. Quando ela se aproximou, uma das raízes se enrolou no pescoço de Ezra e o rasgou para trás, de modo que o topo de sua cabeça quase tocou sua coluna. Ele tentou atirar novamente, mas uma videira se enrolou no cano da arma e a forçou ao chão.

Immanuelle lutou para se levantar. A lâmina de evisceração estava a poucos metros de distância. Se ela pudesse alcançá-lo, ela poderia colocar a bruxa no chão e acabar com isso de uma vez por todas.

Ezra lutou para falar. "Emanuela. . . corre-"

Um lobo com cara de osso rondava atrás dele, o mesmo que derrubou Abram, sua boca ainda escorregadia com seu sangue. Ele perseguiu

em direção a Ezra, mandíbulas frouxas, prontas para atacar, quando Immanuelle estendeu a mão.

O chão sob o lobo se abriu, as tábuas do piso se soltaram, um deslizamento de detritos caindo em um sumidouro escancarado.

O lobo ganiu, escorregou, suas garras arranhando as tábuas do piso, e caiu no vazio.

Immanuelle ficou de pé. Cada respiração enviava uma pontada de dor através de suas costelas, mas ela conseguiu falar de qualquer maneira: "Deixe-o ir."

Ao seu comando, as vinhas deslizaram de Ezra, e ele meio rastejou, meio saltou para longe da borda do sumidouro, agarrando seu rifle. Ele a ergueu até o ombro e atirou em Lilith novamente, assim que ela se virou para Immanuelle. A bala perfurou diretamente a dobra de sua clavícula. Lili parou. . . então cambaleou para uma árvore próxima. Seus joelhos se dobraram.

“Emanuela!” Vera estava no centro do corredor, a faca de evisceração na mão. Ela cambaleou para frente, mancando no que parecia ser uma perna quebrada, e a jogou.

A faca despencou no ar, girando várias vezes enquanto fazia um arco sobre a cabeça. Immanuelle atacou e agarrou-o pelo cabo uma fração de segundo antes de cair no chão. Então, com um grito estrangulado, ela se virou para Lilith e atacou.

A lâmina se alojou, até o punho, no centro do crânio da bruxa. Uma grande rachadura partiu o osso, e então, com o gemido mais suave, a rainha das bruxas desmoronou.

Exausta, Immanuelle caiu no chão ao lado dela, ofegando e sangrando, tão fraca que ela sentiu que nunca mais se levantaria. Com o que restava de suas forças, ela pressionou a mão na cabeça da bruxa, manchando o osso com seu sangue.

Lilith olhou para ela, o peito arfando. Fios de sombra surgiram das rachaduras em seu crânio, pairando no ar como fumaça. Um de seus chifres estalou e caiu no chão. Por fim, com um estremecimento que sacudiu a catedral até as pedras de sua fundação, a bruxa ficou sem vida.

Abate.



CAPÍTULO QUARENTA

E naquele dia, quando a escuridão passar e o sol nascer novamente, os pecados dos enganadores serão trazidos à luz e a verdade emergirá das sombras.

— A ÚLTIMA PROFECIA DE DAVID FORD

† AQUI ESTAVA A LUZ DO SOL nas bochechas de Immanuelle quando ela acordou. Ela abriu os olhos e sentou-se, tonta e apertando os olhos, lutando para processar a cena diante dela.

A catedral estava em ruínas. Metade do telhado desmoronou, e vigas caídas e detritos cobriam o chão. Árvores cresciam de grandes cortes na fundação, seus galhos se agitando quando o vento soprava.

Sobreviventes vagaram pelos destroços de bancos tombados e janelas quebradas, procurando os feridos e presos. Espalhados pelos escombros estavam os cadáveres de animais, guardas e fiéis.

Entre eles estava o corpo de Lilith, deitado inerte na sombra do altar.

"Fácil." Ezra estava ao lado de Immanuelle, apoiando a mão em suas costas enquanto ela tentava se levantar. "Você esta bem. Você está seguro agora."

Ela fechou os olhos contra a visão da carnificina, sentindo-se fraca e doente. As memórias da batalha voltaram para ela: as legiões entrando pelas janelas quebradas, bestas e demônios rondando os corredores da igreja, crianças gritando, mulheres fugindo, Abrão preso ao chão. . .

Abram. **Abram.**

"Onde ele está?" Immanuelle exigiu, virando-se para Ezra. "Quero ver Abrão."

"Imanual—"

"Eu tenho que vê-lo. Agora."

A multidão se separou diante deles, membros do rebanho se afastando para dar a ela uma visão clara. Ali, deitado imóvel entre os destroços, estava Abrão. Glory estava enfiada em sua cintura do jeito que ela tinha quando bebê, Honor perto dela, chorando. Ao lado de Honor estava sentada Anna, soluçando nas dobras de suas saias. De pé sobre os dois, impassível e imóvel, estava Martha. Quando seu olhar

mudou para Immanuelle, ela não ofereceu nada além de um lento aceno de cabeça.

Immanuelle tentou se levantar. Ela poderia ter caído se Ezra não estivesse lá para pegá-la pelo braço. Ela se livrou dele, caiu de quatro e se arrastou pelos destroços até o lugar onde estava o corpo de Abram.

Ela não queria tocá-lo, por medo de liberar o poder de as maldições novamente. Então ela simplesmente se sentou ao lado dele, uma mão sobre a boca para abafar os soluços.

“Só agora você vê o preço do pecado. Só agora você entende.” Immanuelle levantou a cabeça para ver o Profeta cambaleando por trás do altar em ruínas, onde se escondera durante o auge do massacre. Ele ergueu a voz, chamando a multidão: “Você vê o mal que essa garota trouxe sobre nós? Ela convocou esta escuridão, chamou o coven aqui. Mesmo agora, vejo a sombra da Mãe em seus olhos.”

Com isso, os sobreviventes do massacre murmuraram entre si. Alguns tropeçaram de volta para as paredes; outros se esconderam atrás de bancos quebrados e montes de escombros. Todos eles pareciam temer quaisquer maldições que Immanuelle conjuraria em seguida.

“Veja o que essa garota fez”, continuou o Profeta, gesticulando para a carnificina ao redor deles. “Olhe para a ruína que ela trouxe sobre nós.”

“Por que você não morde sua língua mentirosa?” Ezra estalou, dando um passo à frente. “Você não pode ver que ela está de luto?”

“Aquela garota não lamenta nada além de sua própria morte. Ela é uma bruxa.”

“Talvez,” disse Ezra, e ele parecia pronto para rasgar a lâmina do crânio de Lilith e girá-lo em seu pai. “Mas enquanto você estava encolhido atrás do altar, implorando por sua vida miserável, Emanuelle lutou por Betel. Ela dominou as pragas e as trevas da Mãe, o que é mais do que qualquer profeta ou santo foi capaz de fazer. Ela salvou a todos nós.”

“Ela não nos salvou”, cuspiu o Profeta. “Ela trouxe esse mal aqui em primeiro lugar. Ela confessou isso para mim dias atrás: Essas pragas nasceram de sua carne e sangue. Tudo isso é por causa dela.”

Ele estava certo. Immanuelle não podia negar. Tudo - o sangue e a praga, a escuridão e a matança, a morte de Lia e a de Abrão — tudo isso aconteceu por causa dela. Míriam morreu

para lhe dar o poder de revidar, mas tudo o que ela conseguiu fazer foi ferir as mesmas pessoas que ela queria salvar.

Immanuelle olhou novamente para o avô, sufocando um soluço. Ela começou a alcançá-lo, então se deteve, fechando as mãos em punhos tão apertados que as unhas cortaram as palmas das mãos. "Sinto muito", ela sussurrou, não para o Profeta, ou para o rebanho, mas para Abrão. "Eu sinto muito."

"Não é sua culpa." Ezra caiu ao lado dela. "Você nos salvou, Emanuelle. Todos nós estamos aqui por sua causa."

"Nem todos nós", disse ela, seu olhar varrendo as ruínas do catedral. Os Moores não eram os únicos de luto. Havia mais mortos entre os escombros e escombros. Um guarda estava caído sobre um banco quebrado, cercado pelos cadáveres de animais caídos. O corpo de um velho que ela reconheceu como o vendedor de velas estava preso sob uma viga caída. A poucos metros do mascate, uma das noivas do Profeta estava sentada entre os destroços, cantando baixinho uma canção de ninar para a criança sem vida aninhada em seus braços.

Estas foram as baixas de uma guerra que nunca poderia ser vencida. Emmanuelle sabia disso agora. A violência continuaria. Um novo homem reivindicaria o título de Profeta. A catedral seria reconstruída e os covens dos mortos um dia ressuscitariam. A guerra entre bruxa e profeta, Igreja e coven, escuridão e luz, continuaria até o dia em que não haveria nada e ninguém para lamentar.

Era esse o destino que o Pai queria? Foi isso que a Mãe ordenou? Eles enviaram Seus filhos voluntariamente para o matadouro?
Esta poderia ser a vontade deles?

Não.

Olhando ao redor da catedral - para os cadáveres lotando os corredores, com Glória soluçando no peito de Abrão, com todo o sofrimento e insensatez — Emanuelle tinha certeza de uma coisa: não havia divindade nessa violência. Não há justiça. Nenhuma santidade. Toda aquela ruína e dor foram feitas não das trevas da Mãe ou da luz do Pai, mas dos pecados do homem.

Eles trouxeram esse destino sobre si mesmos. Eles foram cúmplices de sua própria condenação.

Eles fizeram isso.

Não a Mãe. Não o Pai.

Eles.

“Você deveria queimar por isso”, disse o Profeta, sussurrando agora, embora estivesse tão quieto na igreja que todos podiam ouvi-lo.

“Leve-a para a pira.”

Ao seu comando, o que restava da Guarda do Profeta avançou, seus rifles erguidos. Mas Immanuelle e Ezra estavam prontos. Enquanto os homens do Profeta os empurravam em direção ao altar, Immanuelle saltou para o cadáver de Lilith e arrancou a lâmina de seu crânio. Ezra pegou um dos rifles dos guardas caídos e o ergueu — espiando pelo cano com um olho fechado, o dedo curvado sobre o gatilho.

“Não nos obrigue a fazer isso,” disse Immanuelle, erguendo a lâmina de evisceração. “Houve derramamento de sangue suficiente hoje.”

Houve um coro de vaias e gritos. Uma multidão de sobreviventes se espremeu no corredor central. Immanuelle deu um passo para mais perto de Ezra, a lâmina eviscerada levantada e preparada. Ela abria caminho até as portas da catedral se precisasse. Ela não tinha chegado tão longe só para morrer nas mãos de uma multidão. Mas quando a multidão se aproximou, Immanuelle percebeu que eles não estavam gritando com ela e Ezra.

Não. Seus olhos estavam em seu Profeta.

Vera foi a primeira a passar pela Guarda do Profeta, mancando entre eles e Immanuelle. Ela foi ferida no ataque; sua perna parecia quebrada, havia um corte profundo na linha do cabelo e o lado esquerdo do rosto estava escorregadio de sangue. Mas apesar da gravidade de seus ferimentos, sua postura era a de um soldado. “Para chegar até ela, você terá que me derrubar primeiro.”

Mais mulheres se seguiram, quase todas da periferia, colocando-se como escudos entre Emanuelle e a Guarda do Profeta. Glory se juntou a eles, acotovelando-se ao lado de Immanuelle com um grito feroz, e Anna seguiu atrás com Honor em seu quadril.

Martha deu um passo à frente, para grande choque de Immanuelle. “Estou com eles.”

Esther cambaleou em direção ao filho e, encorajada pela matriarca, algumas das noivas do Profeta seguiram o exemplo. Mais se juntaram às fileiras. Homens da periferia. A mãe de Leah e as irmãs mais velhas, e depois outras mulheres da Igreja — meninhas não mais velhas que Glory, matriarcas que mal conseguiam andar sem a ajuda de suas bengalas. Todos eles avançaram em uníssono, inundando o corredor, forçando-se entre Immanuelle e o Profeta.

A Guarda vacilou, e alguns baixaram seus rifles, incapazes de apontar suas armas em suas esposas e mães. . . suas irmãs e tias.

Lentamente, mais e mais mulheres, e alguns homens, deram um passo à frente para se juntar à multidão.

Um canto começou. A princípio era pouco mais que um murmúrio, como o som de um trovão distante. Mas então o coro se espalhou pela multidão, subindo até as vigas e explodindo pela catedral: **“Sangue por sangue. Sangue por sangue. Sangue por sangue.”**

O Profeta se encolheu nas sombras do altar, assistindo horrorizado enquanto seu rebanho levantava suas vozes contra ele. Eles deixaram seus bancos para trás e se espalharam pelo corredor, subindo para a frente da igreja. **“Sangue por sangue. Cinza em cinza. Pó ao pó.”**

Ezra ergueu a mão e eles pararam, como cães de caça treinados para seguir os pés de seu mestre. Ele se virou para Emanuelle.

“Dê-me a lâmina.”

Ninguém se mexeu.

Ninguém pronunciou uma única palavra. Não uma maldição. Não uma oração. Não é um protesto. O rebanho inteiro olhava em silêncio.

O olhar de Immanuelle mudou dele para o Profeta. De pai para filho. Ela não se moveu.

Ezra estendeu a mão novamente. “Para o seu pai”, ele sussurrou.

“Para sua mãe. Para Lia. Para Abrão. Para nós. Que acabe. Que seja feito”.

Immanuelle olhou para o Profeta, encolhido no chão, implorando por sua vida. Então ela ergueu o olhar para Ezra. “É isso que voce realmente quer? É isso que você quer ser?”

Ezra se aproximou um pouco mais, pisando com cuidado como se estivesse com medo de assustá-la. “O que eu quero é garantir que isso nunca aconteça novamente. Eu quero um mundo onde os pecados sejam expiados. Um mundo onde os homens maus sofrem por seus erros.”

“Assim como Lilith,” Immanuelle sussurrou. — Minha mãe também.

Ezra estremeceu um pouco com isso, como se as palavras dela o cortassem. “Ele merece morrer pelo que fez. Ele teria colocado uma lâmina em seu coração. Ele matou seu pai. Ele atacou sua mãe e inúmeras outras garotas. Não podemos deixá-lo andar livre. Sangue gera sangue.”

“O menino está certo, Emanuelle.” Vera foi para a frente da multidão, mancando muito. “Pense em seu pai queimando na pira.

Pense nas pessoas da periferia, resignadas a uma vida de miséria e sofrimento por causa da ganância desse homem e de todos os outros que vieram antes dele. Você tem a chance de buscar recompensa por seu sofrimento. Então levante a faca e pegue.”

A mão de Immanuelle apertou o punho. De repente, ela sabia o que tinha que fazer.

“O mundo que você quer não pode ser comprado com sangue. Você constrói com as escolhas que você faz, com as coisas que você faz. Ou podemos continuar purgando, manter as piras acesas, continuar esperando que nossas orações sejam suficientes para nos salvar – ou podemos construir algo melhor. Um mundo sem matança.” Immanuelle estendeu a lâmina para Ezra.

“É a sua escolha. Eu não tenho o direito de tirar isso de você.”

Ezra estudou a lâmina em sua mão, pegou-a e parou.

“Não. Você tem o único direito. A escolha é sua, e somente sua.”

Immanuelle fez uma pausa, demorando-se na sombra do altar. O Profeta arranhava seus pés, implorando por misericórdia.

“Por favor.” Ele chiou e cortou como se tivesse que lutar por cada respiração.
“Por favor. Por favor.”

Immanuelle virou-se para estudar os rostos na multidão — Anna e Honor, Martha e Glória, Vera e Ezra, pessoas das Clareiras e dos Solos Sagrados e dos Subúrbios. O que ela fez, ela fez por eles, por toda Betel, pelo sonho de tornar seu lar algo melhor do que era, para que aqueles que seguissem seus passos jamais conhecessem o calor de uma pira, ou a dor de suas chamas. .

Um mundo sem assassinatos ou crueldade: esse era o destino que ela queria. E era o destino que ela teria.

Virando-se para os bancos completos, Immanuelle largou a lâmina, e atingiu o chão com um estrondo que ecoou pela catedral. “Hoje, escolhemos a misericórdia.”

O rebanho respondeu-lhe como um. ***“Agora e para sempre.”***



EPÍLOGO

IMMANUELLE Sentado nas escadas do Haven e viu o sol nascer Eu através das árvores. Nos dias que se seguiram ao ataque à catedral, ela passou muitas manhãs naqueles degraus, embalando uma xícara de chá ou um livro de poesia, esperando o sol subir acima das copas das árvores, só para ter certeza de que subiria. Às vezes, quando estava sozinha, ela puxava a manga do vestido para trás, traçando a cicatriz enrugada do sigilo que havia esculpido em seu braço todas aquelas semanas atrás.

Em seus momentos mais sombrios, ela esperava – até rezava – que sua recompensa fosse apressada, apenas para que ela não fosse obrigada a esperar em um estado de pavor perpétuo, sob a ameaça de alguma aflição sem rosto que ela ainda não conhecia. Melhor resolver o assunto rapidamente, encarar seus acertos de contas para que ela pudesse deixar toda a luta para trás de uma vez por todas. Porque se ela não fizesse isso, quem ela seria? Que honra havia em uma garota que podia lutar para salvar todos, exceto ela mesma?

“Você está à deriva de novo,” Ezra disse, seus olhos no horizonte. Ele se sentou perto dela, como sempre fazia quando tinha tempo. “O que está em sua mente?”

Immanuelle juntou os joelhos ao peito e olhou para o planícies banhadas pelo sol, observando a luz inundar entre as árvores. Ela agarrou seu antebraço, dedos pressionando dolorosamente na cicatriz do sigilo. Tanta coisa havia mudado no espaço de poucas semanas. A condição do Profeta havia piorado e os preparativos para sua morte estavam sendo feitos. Alguns do rebanho permaneceram leais a ele, mas outros olhavam para Ezra como o novo líder da Igreja e da fé.

Immanuelle esperava que as tensões entre os grupos opostos não implodissem em um cisma — ou pior ainda, em uma guerra santa —, mas sussurros vindos dos bastiões da velha Igreja sugeriam que a questão da sucessão do Profeta só seria resolvida por meio de derramamento de sangue.

Mas Immanuelle tentou não pensar nisso. Ezra havia dito a ela, uma e outra vez, que aqueles problemas não eram mais dela. Ela tinha feito sua parte. Ela salvou Betel das pragas e de todo o mal feito em seu nome. Agora era hora de ela se soltar. “Eu estou apenas

pensando em como tantas coisas podem mudar e ainda permanecer inteiramente as mesmas.”

Ezra franziu a testa. "Isso é sobre o cisma?"

“O cisma, as sentenças, a ameaça de guerra santa. Às vezes eu parece que estamos apenas revivendo o passado novamente. Odeio sentir que chegamos tão longe apenas para nos tornarmos o que os outros já foram antes de nós.”

“Não estamos repetindo o passado,” disse Ezra, “e estamos nos certificando de que ninguém mais o fará. Você não pode perder isso de vista.”

O olhar de Immanuelle se deslocou para o oeste, para as ruínas distantes da catedral. Às vezes, quando fechava os olhos, podia imaginar a matança — os corpos espalhados pelos escombros, o sangue espalhado pelos ladrilhos, Vera com a lâmina de evisceração na mão, Abram morto. “É um pouco tarde para isso. Parece que não consigo mais ver nada que importa. Então aqui estou eu tentando pegar os pedaços de quem eu costumava ser e quem eu sou agora, depois de tudo isso.”

Ezra levantou a mão para a bochecha dela, seu polegar traçando sobre o lábio inferior. “Vou pegar esses pedaços. Qualquer dia, sobre qualquer coisa. E quando estivermos mais fortes, transformaremos esses pedaços em algo mais.”

Immanuelle olhou para ele e sorriu. Era uma coisa pequena – um pequeno sorriso tão rápido quanto o lampejo de uma chama – mas era alguma coisa. Foi um começo.

Inclinando-se na mão de Ezra, ela o beijou. Primeiro a ponta de seu polegar, então seus lábios, movendo-se para ele enquanto ele se aproximava, agarrando sua cintura. Immanuelle poderia ter ficado assim com ele até o sol se erguer acima da linha do horizonte e afundar na sombra novamente. Mas depois de um minuto, ela recuou.

Afastando-se dos braços de Ezra, ela se pôs de pé e desceu as escadas com os pés descalços e saiu para as planícies banhadas pela fumaça. O vento agitou seus cachos e rasgou suas saias. No horizonte distante, as últimas piras da purga fumegavam e morriam.

"Eu pensei em um nome para o próximo ano", disse ela, apertando os olhos para a luz vermelha do sol nascente. Por um momento, ela pensou ter visto Lilith de pé à beira do Darkwood, os dentes de seus chifres emaranhados nos galhos de uma bétula. Mas era apenas um truque das sombras. Os mortos estavam adormecidos e a floresta estava quieta.

Immanuelle estreitou os olhos e viu o sol nascer no topo das árvores. “Acho que devemos chamá-lo de Ano do Amanhecer.”



AGRADECIMENTOS

QUANDO folheio as páginas deste livro, vejo as impressões digitais das pessoas que me incentivaram e apoiaram. Devo-lhes minha gratidão.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu agente, Brooks Sherman. Desde o início, sua visão para este livro era maior e mais ambiciosa do que a minha, e sou eternamente grato por isso. Sinto-me imensamente sortudo por ter um colaborador tão brilhante, amigo de brainstorming e defensor leal.

À minha editora, Jessica Wade, que viu o coração deste livro e me mostrou como aprimorá-lo. Eu não poderia ter pedido um parceiro criativo melhor. Sou eternamente grato por suas edições brilhantes, sua paixão e todo o trabalho duro que você colocou neste livro. Mal posso esperar para criar o próximo com você.

Gostaria de agradecer a Ashley Hearn, madrinha do meu filho fictício e uma das pessoas mais brilhantes que conheço. Você foi a primeira pessoa no mercado editorial a dar uma chance a mim, e nada disso teria sido possível se você não tivesse tirado meu livro da pilha de envios de Pitch Wars.

Sou muito grato à equipe da Penguin Random House por defender este livro. Agradecimentos especiais a Alexis Nixon, Brittanie Black, Fareeda Bullert e Miranda Hill. A Simon Taylor e ao resto da minha equipe na Penguin Random House UK, obrigado. Sou imensamente afortunado por ter tantas pessoas apaixonadas e trabalhadoras ao meu lado.

Obrigado a Eileen G. Chetti pelas incríveis edições, Wendi Gu pelo feedback inteligente, e Katie Anderson e Larry Rostant por me darem a capa do livro dos meus sonhos. Obrigado também a Stephanie Koven e à equipe da Janklow & Nesbit.

À família que apoiou e incentivou a minha escrita, obrigado. Ao meu pai por acreditar em mim mais do que eu acredito em mim mesma. À minha destemida irmãzinha, Alana, que faz questão de me manter muito, **muito** humilde. Para minha mãe - minha melhor amiga e minha primeira (e favorita) professora que, sozinha, incutiu meu amor pela escrita ao longo da vida. Dedicar este livro a você foi o mínimo que pude fazer para expressar minha gratidão pelos sacrifícios que você fez para me apoiar, mas devo muito mais a você.

Já que estou agradecendo à família, seria negligente não mencionar minha gatinha do lixo, Luna, que está sentada no meu colo enquanto digito isso. Eu te perdôo por aquela vez que você tirou os livros da minha estante e fez xixi neles. Você é o melhor familiar que uma garota poderia pedir, e você tem todo o meu coração. E para meus gatos de Halloween, Midnight e Jet: eu adoro vocês dois.

À minha amiga de viagem ou morte, Rena Barron, que é uma das pessoas mais leais e trabalhadoras que conheço. Sua criatividade, ética de trabalho incomparável e incentivo constante me inspiram todos os dias. Não sei o que faria sem você.

Jacob Woelke, obrigado pelas risadas, pelos memes, pelos filmes e pelos lanches dos postos de gasolina. Você é um dos melhores amigos que eu já tive, e mal posso esperar para conversar com panquecas quando eu te ver da próxima vez.

Também gostaria de agradecer ao meu amigo e primeiro parceiro crítico, Jean Thomas. Sou muito grato por suas edições, honestidade e incentivo. Você esteve ao meu lado em todas as etapas da minha jornada de escrita, e eu não faria isso de outra maneira.

Para uma das minhas amigas mais próximas e mais antigas, Nicole Schaut. Eu aprendi com as histórias que contávamos juntos quando crianças, e sempre as valorizarei.

Devo um enorme obrigado à comunidade de escritores. Se eu fosse liste todos vocês pelo nome, esses agradecimentos teriam vinte páginas. Mas gostaria de agradecer a Ronni Davis (a encarnação viva de um raio de sol), à equipe Pitch Wars, Hannah Whitten, Patrice Caldwell, Sierra Elmore, June CL Tan, Deborah F. Savoy, Ciannon Smart, Victoria Lee, Kristin Lambert, Tracy Deonn, Sasha Peyton Smith, Christine Lynn Herman, Mel Howard, SA Chakraborty, Roseanne A. Brown, Dhonielle Clayton, Peyton Thomas, Emily A.

Duncan e minha equipe de magia negra.

Sou muito grato ao incomparável corpo docente da University of South Carolina Beaufort, com agradecimentos especiais à Dra. Ellen Malphrus

por sua orientação, bem como agradecimentos ao Dr. Robert Kilgore, Dr. Lauren Hoffer, Dra. Mollie Barnes e Dra. Erin McCoy. À minha brilhante Society of Creative Writers, ex-alunos ingleses e coorte do Fiction Workshop — obrigado. Você foi um dos primeiros a ler esta história, e se não fosse pelo seu entusiasmo naquele estágio inicial, não tenho certeza se teria continuado. Sou especialmente grato aos meus colegas Katie Hart e Bill Lisbon por sua amizade e apoio.

E, finalmente, aos sobreviventes, aos oprimidos, às pessoas que fale a verdade quando o mundo tenta silenciá-los: obrigado.

SOBRE O AUTOR

Alexis Henderson é um escritor de ficção especulativa com uma propensão para fantasia sombria, feitiçaria e horror cósmico. Ela cresceu em uma das cidades mais assombradas da América, Savannah, Geórgia, que incutiu nela um amor ao longo da vida por histórias de fantasmas. Atualmente, Alexis reside no pântano ensolarado de Charleston, Carolina do Sul.